

2018

REFLEXÕES

Livro XXVI

REFLEXÕES XXVI



LUIZ ALBERTO BANCİ
luiz.banci@hotmail.com.br
banciblog.wordpress.com

Índice

- 6- ‘Manu militari’, ou o trio elétrico macabro-** Eugênio Bucci
- 10- Um Ministério sem sentido-** Jornal O Estado de S. Paulo
- 13- 80% do que se aprende nas aulas de matemática não servem para nada-** Conrad Wolfram
- 18- Diploma não é questão de *status*-** Olgária Matos
- 28- Leonardo de todos os instrumentos-** José Tadeu Arantes
- 38- Rembrandt 400 anos-** Robert Hughes
- 55- A arte da guerra ou o oceano de dor e morte da Guernica de Picasso-** Colm Tóibín
- 62- A liberdade de ver os outros-** David Foster Wallace
- 69- A Peste-** Dorrit Harazin
- 77- Quantos minutos eu preciso correr, no mínimo, para começar a emagrecer?-** Mayte Martínez Guerrero
- 81- Este é o efeito que um beijo de língua produz no cérebro-** Olga Fernández Castro
- 85- O cérebro corrupto-** Facundo Manes
- 90- O lugar do cérebro que faz as dietas fracassarem-** Daniel Mediavilla

94- Como usar conhecimentos científicos para fugir da dieta- Daniel Mediavilla

98- Por que os simpáticos comem mais?- Abgail Campos Díez

102- Os micróbios de seu estômago afetam sua saúde mental- Daniel Mediavilla

107- O pão integral prolonga a vida, mas o que você compra não é realmente integral- Eva Carnero

111- As cinco substâncias mais viciantes e seus efeitos no cérebro- Eric Bowman

114- Como reagir com alguém que grita e permanecer com muita dignidade- Francisco Gavilán

117- Sangue bom é sangue novo- Giulia Vidale

121- Estudo mostra que os homens são “imbecis”- Nuño Domínguez

124- Especialistas alertam para os perigos desconhecidos das tatuagens- Javier Salas

128- Os evangelhos proibidos- Reinaldo José Lopes

133- Rússia, etapas históricas- Voltaire Schilling

162- Histórias da Rússia- Karl Ove Knausgard

199- Santo Agostinho, inventor do sexo- Maria Lopes

REFLEXÕES XXVI

- 214- Cristianismo antigo e a rejeição ao sexo-** [Voltaire Schilling](#)
- 219- Quem foi Martinho Lutero?-** [Terra.com.br](#)
- 223- O Natal de Martinho Lutero-** [Voltaire Schilling](#)
- 227- Templários, os cavaleiros de Cristo-** [Voltaire Schilling](#)
- 232- Como casamento 'sem noivo' e princesa incomum mudaram os rumos do Brasil-** [bbcbrasil.com](#)
- 238- Constituição Americana de 1787: crítica de um historiador-** [Voltaire Schilling](#)
- 243- Em defesa do romance-** [Mario Vargas Llosa](#)
- 259- A consciência da morte-** [Julian Barnes](#)
- 270- Em busca do cadáver-** [Roberto Kaz](#)
- 282- Pérolas aos poucos-** [Gene Weingarten](#)
- 306- Um trabalho de pontos, vírgulas e interrogações-** [Maria Lopes](#)
- 319- Darwin e o significado das flores-** [Oliver Sacks](#)
- 339- Atletas, dopai-vos!-** [Dorrit Harazin](#)
- 354- Sexo e outras distrações-** [Bill Bryson](#)
- 366- Pelada no palco-** [Diablo Cody](#)
- 385- Uma breve história do sexo-** [Marcia Kedouk](#)

LUIZ BIANCI

“Manu militari”, ou o trio elétrico macabro

Eugênio Bucci



Quando o governo patrocina a truculência e dela se envaidece, algo vai muito mal

No país das infâmias, sejamos infames nós também. Ao menos sejamos infames nos trocadilhos e reconheçamos logo: em política, a partir de agora, a propaganda é a arma do negócio. A recíproca é verdadeira: a arma é a propaganda política da vez. Michel Temer mandou plantar coturnos na Cidade Maravilhosa com o único propósito de fazer propaganda de si mesmo.

A prova é documental. Tão logo despachou as tropas para o Rio de Janeiro, o Planalto mandou publicar anúncios para se gabar do seu improviso armado. Eis a chamada de uma peça publicitária: “O governo, que está tirando o país da maior recessão da sua história, agora vai tirar o Rio de Janeiro das mãos da violência”. (Anotar-se: esses anúncios são pagos, muito bem pagos, com dinheiro público).

Os termos da propaganda não deixam dúvida: não se trata de uma publicidade para explicar como funcionaria a intervenção federal (a explicação, aliás, não veio até agora); trata-se, isso sim, de armas e fardas nas ruas para dar consistência material à propaganda. A campanha não serve para orientar as pessoas, serve somente para que o governo se vanglorie das tropas que mandou para o Rio.

Como a reforma da Previdência malogrou – ela mesma baseada numa estratégia publicitária que vilipendiou o quanto pôde a imagem do servidor público para enaltecer o inexistente civismo governamental –, os marqueteiros palacianos partiram em busca de um novo pretexto para falar

REFLEXÕES XXVI

bem do chefe e só conseguiram encontrá-lo na violência, que, graças à corrupção e à irresponsabilidade de autoridades públicas, municipais, estaduais e federais, se instalou nos domínios do Cristo Redentor.

Para o governo, portanto, a tragédia carioca não passa de pretexto oportunista. Os objetivos essenciais da atribulada, destrambelhada e atrapalhada intervenção federal – que o leigo vem chamando, não sem alguma dose de razão, de intervenção “militar” – não têm nada que ver com tráfico de drogas, com comércio ilegal de armamentos ou rajadas de metralhadora aleatórias; os objetivos essenciais são de natureza propagandística, estão a serviço da obsessão de fabricar um ou dois pontos de popularidade para um presidente impopular. O governo aproveitou-se da dor das famílias desmembradas pelos tiroteios, aproveitou-se do medo generalizado para tentar tirar daí uma casquinha eleitoreira. A propaganda oficial não respeita ninguém. A propaganda oficial é a arma do negócio.

Mais ainda. Por ser uma estratégia publicitária, a intervenção deixará seus saldos negativos não apenas nos cadáveres, mas, principalmente, no imaginário político do brasileiro. Qualquer propaganda de governo, já sabemos disso, faz mal à saúde (o ministério da Saúde, se não fosse cúmplice, bem que poderia lançar uma advertência). Nesse caso em particular, a propaganda de governo fará muito mal à saúde dos valores democráticos.

A venda de uma solução brucutu para problemas de ordem pública estimula a crença de que a força bruta resolve as mazelas de democracia. A nova campanha de imagem do governo joga lenha na fogueira dos discursos odientos, como o de Jair Bolsonaro, e convida o cidadão a acreditar que a lei do mais forte, que é a lei do crime, serve como critério para uma política de Estado. Não surpreende que altas patentes do Exército, durante o início da intervenção, se tenham queixado da Comissão da Verdade. Não surpreende que ajam para dificultar a identificação dos soldados nas ruas. Não

surpreende que, para revistar Deus e o mundo, exijam os mandados coletivos – sobre os quais um editorial do Estado, Ideias Perigosas, de 21 de fevereiro, alertou: *“O desejo de acabar com o crime não pode atropelar os direitos e garantias dos cidadãos – a não ser que se esteja a falar de estado de defesa ou de estado de sítio, quando alguns desses direitos são parcialmente suspensos, o que obviamente não é o caso do Rio de Janeiro. O combate à criminalidade jamais será bem-sucedido se estiver assentado na violação da lei”*.

Em plena Quaresma, desfila no Rio um trio elétrico macabro, cujo enredo é o medo e cujo fim é gerar dividendos de imagem em favor da Presidência da República. Desse desfile, repita-se, vão sair feridos de morte não apenas as vítimas desorientadas e desprotegidas que são baleadas na Cidade Maravilhosa, mas, principalmente, as garantias democráticas. Até mesmo a urbanidade e a boa educação sairão perdendo.

No sábado, 24 de fevereiro, na primeira página do Estado uma foto mostra militares fotografando moradores de comunidades da zona oeste do Rio, a pretexto de checar antecedentes criminais, como se fossem todos suspeitos. “É muita humilhação”, reclamou um deles. “Quero ver fazer isso na zona sul”. A Defensoria Pública declarou que as medidas são abusivas, mas, indiferente às queixas, o trio elétrico da Quaresma passa.

Michel Temer pode não ser candidato a sucessor de si mesmo, mas é, sim, candidato a Capitão Nascimento, o herói dos filmes Tropa De Elite. Ou a Rambo. Ou a Conde Drácula, desde que fardado. É candidato a se alistar no serviço militar. Tanto é que, para coroar sua investida – não contra o crime, mas contra a sua impopularidade férrea –, nomeou um general para o Ministério da Defesa. É a primeira vez – desde que a pasta foi criada, no governo Fernando Henrique – que um militar assume esse ministério como seu titular. Dizer que isso é um “retrocesso” (como afirmou o editorial de ontem do Estado) é dizer pouco. O que está em curso é uma escalada de militarização da política – e do Estado – cujas

REFLEXÕES XXVI

consequências para a democracia são imprevisíveis. Quando o governo patrocina a truculência e dela se envaidece, publicamente, algo vai muito mal.

Com velocidade, apetite e fúria, Temer promove a ideia de que as armas podem substituir a política. Ele, que nunca se deu bem em cima de palanques, agora parece pleitear uma segunda chance em cima de tanques. ●

Eugênio Bucci: jornalista e professor da ECA-USP

Artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo no dia 1º de março de 2018

Um Ministério sem sentido

Jornal O Estado de S. Paulo



Por que havia necessidade de se criar um Ministério para a segurança pública se já havia uma pasta, a da Justiça?

O Ministério Extraordinário da Segurança Pública terá como principal missão *“coordenar e promover a integração da segurança pública em todo o território nacional em cooperação com os demais entes*

federativos”, diz o texto da medida provisória que o criou, assinada no dia 26 pelo presidente Michel Temer. Com isso, o governo pretende conjugar esforços para estabelecer *“uma política efetiva de segurança nacional”*, nas palavras de Raul Jungmann, ministro designado para a nova pasta. Na mesma linha de raciocínio, o presidente Temer argumentou que *“o crime só se fortalece com a fragmentação dos esforços do poder público”*. Entende-se, portanto, quais são os objetivos gerais do Ministério — capitanear o combate ao crime organizado, que naturalmente desconhece divisas estaduais —, mas nenhuma das explicações a respeito da novidade foi capaz de dirimir as principais dúvidas que cercam a iniciativa.

A primeira delas é óbvia: por que havia necessidade de criar um Ministério para atuar na área de segurança pública se já havia uma pasta, a da Justiça, que poderia realizar a mesma tarefa, pois dispunha dos poderes e dos órgãos necessários para essa função, inclusive uma Secretaria Nacional de Segurança Pública? Agora, toda essa estrutura, que inclui a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária e o Departamento Penitenciário Nacional, foi transferida para o novo Ministério, resultando no esvaziamento do Ministério da Justiça. Amplia-se a máquina do Estado — pois é claro que a criação de um Ministério pressupõe a contratação de funcionários e mais

despesas de custeio — na expectativa de que a simples iniciativa de criar outra instância burocrática gere as condições para a resolução de um problema tão grave e complexo como é o da segurança pública.

Há escassas razões para acreditar que a constituição de um Ministério que alude nominalmente à segurança pública será capaz de fazer, nessa seara, mais do que vinha fazendo o Ministério da Justiça, com estrutura muito semelhante. Se assim fosse, com o perdão do chiste, bastaria criar um Ministério da Prosperidade Econômica para colocar o País no rumo da felicidade.

A segunda dúvida diz respeito ao raio de atuação do novo Ministério. Como se sabe, a Constituição atribui aos estados a responsabilidade pela segurança pública direta, isto é, o combate ao crime, por meio das Polícias Civil e Militar. A intenção do constituinte era voltar ao tradicional modelo federativo, rompendo o modelo do regime militar, que imbricava (**Imbricar** = colocar em camadas) a segurança pública na segurança nacional. Agora, a julgar pelas palavras do ministro Jungmann, a pretensão do governo é voltar a tratar a questão da segurança pública como um problema nacional, sob o argumento de que o crime organizado sofisticou a bandidagem, isto é, não basta reprimir bandidos neste ou naquele estado se as organizações mafiosas atuam de forma integrada em todo o território brasileiro e também em países vizinhos.

Segundo Jungmann, essa divisão entre União e estados no que diz respeito à segurança pública “não dá mais conta”. Para o ministro, o fato de que a maior parte dos recursos orçamentários reservados para segurança pública tenha sido destinada aos estados gera uma situação que “*não atende à realidade atual da expansão do crime organizado*”.

Além disso, o presidente Temer argumentou que “*a segurança pública é hoje algo solicitado por todo o País*”, referindo-se aos constantes pedidos de socorro de governadores à União

REFLEXÕES XXVI

para combater o crime organizado, por meio das Forças Armadas e de reforço orçamentário.

Para o governo, portanto, sua medida é necessária porque o crime mudou de patamar, a ponto de tornar obsoletas as determinações constitucionais nessa área. Pode até ser verdade, mas isso não muda o fato de que qualquer medida destinada a enfrentar essa realidade teria necessariamente de ser precedida de uma revisão do pacto federativo previsto na atual Constituição. Sem isso, o que se tem é mais um episódio destes tempos esquisitos em que a vontade substitui a lei. ●

Jornal O Estado de S. Paulo

Editorial do jornal O Estado de S.Paulo do dia 1º de março de 2018

80% do que se aprende nas aulas de matemática não servem para nada

Conrad Wolfram



Conrad Wolfram: físico, que ficou conhecido após palestra na TED viralizar e que está mudando o ensino de matemática, aposta no fim dos cálculos à mão

Conrad Wolfram (Oxford, 1970) avalia que nós temos um problema com a matemática. Ninguém está satisfeito: os estudantes acham que é uma matéria difícil e desinteressante, os professores se sentem frustrados com os resultados de seus alunos e os governos sabem que ela é importante para a economia, mas não sabem como atualizar os currículos escolares. *“Vivemos em um mundo cada vez mais matemático, mas o seu ensino está estancado”*, avalia Wolfram, físico e matemático formado pela Universidade de Cambridge e fundador da Computer Based Math, uma empresa focada na revisão do ensino da matemática que lançou há dois anos o seu programa piloto numa parceria com o Governo da Estônia.

Em 2010, Wolfram chamou a atenção de educadores e especialistas em educação de várias partes do mundo com sua palestra na TED intitulada *Como Ensinar a Matemática do Mundo Real Às Crianças*, que teve mais de 1,5 milhão de reproduções e na qual analisa os motivos pelos quais os estudantes perderam o interesse pela disciplina, que está por trás das *“mais emocionantes criações da humanidade”*, desde os foguetes até as bolsas de valores.

Um excesso de horas dedicadas a aprender a calcular grandes equações e fazer contas em geral. Essa é a grande falha, segundo Wolfram, que aposta na introdução da computação

nas salas de aula, deixando que as máquinas façam os cálculos.

Pergunta. Se as crianças não aprenderem a calcular, fazendo as operações com o computador, como irão entender o que estão fazendo?

Resposta. Os matemáticos vão me odiar por dizer isto, mas antes da existência dos computadores a matemática não era muito útil no dia a dia, para a vida em geral. Como em qualquer campo em que se utilizam muitos dados, como a física, a biologia ou a saúde, a computação elevou a matemática a um novo patamar. Os problemas reais do século XXI só podem ser solucionados com o uso do computador, por isso ele deve entrar no sistema educacional como uma parte fundamental da disciplina de matemática. Não tem mais sentido as crianças fazerem cálculos de equações de segundo grau em sala de aula; é preciso ensiná-las a interpretar os dados e a explorar a matemática em toda a sua utilidade. Tudo bem em ensinar o seu funcionamento básico, mas complicar isso tudo até o esgotamento é uma estratégia equivocada que distancia o aluno da disciplina para o resto da vida. Basta dar o exemplo da condução: não é preciso entender o funcionamento do motor para dirigir um carro.

Alguns especialistas dizem que o cálculo ajuda a apreender o sentido dos números e constitui uma boa ferramenta para treinar a tomada de decisões.

Quando foi a última vez que você multiplicou $3/17$ por $2/15$? Provavelmente aprendeu a fazer isso na escola, mas nunca mais voltou a fazer essa conta. Muitos especialistas dirão que ao multiplicar frações você aprende, mas, na verdade, está apenas relembrando um determinado procedimento. Na verdade, não entende para o que faz isso, nem para que isso serve. Um exemplo bastante simples: na equação $x+2=4$, lhe ensinaram que se você passar o 2 para a direita, o sinal muda e se transforma em menos 2. Nesse caso você também não entende o que está fazendo. A matemática tradicional já não

faz sentido e provavelmente 80% do conteúdo das aulas não são útil e você jamais utilizará fora da escola.

Alguém poderia objetar que deixar que o computador faça os cálculos na idade de aprendizado é coisa de preguiçoso.

Tentar saber como é que o computador funciona não requer menos trabalho para o cérebro. Muito pelo contrário. Os problemas a serem resolvidos são muito mais complexos, e é aí que as crianças deveriam ser treinadas. A programação é algo que hoje equivaleria ao cálculo à mão. Saber dizer ao computador de forma muito precisa, com códigos e números, o que ele tem de fazer. Matemática, programação e raciocínio computacional devem fazer parte de uma mesma disciplina.

Poderia dar um exemplo de uma situação da vida real do que o senhor está falando?

Se eu lhe mostro os dados de dois *sites* e pergunto qual dos dois funciona melhor, a primeira pergunta que você deve fazer é o que significa melhor. Pode ser o tempo que os usuários passam em cada um deles ou as vezes que têm de *clicar* em algumas das abas... No mundo real, você pode usar a *machine learning* ou a análise estatística para medir e analisar resultados.

Escolher qual opção funciona melhor em cada caso é complicado, e esse tipo de conhecimento não é ensinado na escola. A matemática é muito mais do que cálculos, embora seja compreensível que durante centenas de anos tenhamos dado tanta importância a isso, pois só havia uma forma de fazê-lo: à mão. Acontece que a matemática se libertou do cálculo, mas essa libertação ainda não chegou ao ensino.

Sua empresa reinventou a disciplina da matemática, introduzindo a computação e novas habilidades a ser avaliadas, como a comunicação matemática. Como foi que conseguiu convencer o Governo da Estônia a implantar essa concepção nas escolas públicas?

Com 1,3 milhão de habitantes, a Estônia é considerada o país mais digitalizado da Europa. Seus habitantes podem votar, pagar impostos, acessar arquivos médicos ou registrar uma empresa a partir de seus computadores caseiros em poucos minutos. No último relatório PISA, o país ultrapassou os finlandeses em ciências e matemática e se tornou a nova referência em termos de inovação educacional na Europa. Há três anos, eu conheci em um colóquio o seu Ministro da Educação, que é físico. Dois anos depois, lançamos o primeiro projeto piloto, que está sendo adotado em 10% das escolas públicas do país. Focamos a disciplina, no caso dos estudantes do ensino médio, em probabilidade e estatística e mudamos o sistema de avaliação. Os alunos aprendem a resolver questões reais, como, por exemplo: as meninas são melhores em matemática? Minha estatura está na média? Estamos conversando também com a Irlanda e com a Austrália.

Já tentou oferecer o seu programa a escolas inovadoras do Reino Unido?

O colégio frequentado pela minha filha, que tem 13 anos, modernizou a disciplina de história. Na nossa época, costumávamos decorar datas e fatos históricos. Agora, o foco está em como pesquisar. O seu primeiro trabalho foi analisar a história da própria escola. O currículo de matemática, porém, continua intocado e estancado. A barreira fundamental, para as escolas, é o diploma; atingir os padrões de conhecimento predeterminados para poder entrar na faculdade. Um fato chama atenção: temos detectado que os países que ocupam as melhores posições no PISA são aqueles que estão mais abertos às mudanças, enquanto os outros, como no caso da Espanha, que está estagnada há 15 anos na mesma posição, são mais resistentes a elas.

A palestra na TED de 2010 marcou uma virada em sua carreira?

Trabalhei durante mais de 30 anos com o meu irmão em nossa empresa de software Wolfram Research, que tem sede em

Illinois, nos Estados Unidos, e conta com cerca de 500 funcionários. No mesmo ano da palestra na TED, eu montei um pequeno departamento em Oxford, com umas 30 pessoas, dedicado exclusivamente a repensar a disciplina da matemática. Nosso lema é redesenhar a matemática reconhecendo a existência dos computadores. A ideia surgiu a partir de um serviço que oferecíamos para a Apple, especificamente para a Siri, o seu sistema de busca por meio de reconhecimento da voz. Se você questiona esse sistema a respeito de qualquer operação matemática complexa, em segundos ele o remete para nós. Foi então que me perguntei por que obrigamos os estudantes a dedicarem tantos anos de suas vidas a aprender o que um telefone resolve em poucos segundos.

Acredita que os governos dariam mais atenção às reformas que o senhor propõe se ela partisse de uma grande universidade, como Cambridge, por exemplo?

Hoje em dia Cambridge, Oxford, Harvard ou o MIT são organizações comerciais, que buscam o lucro tanto quanto qualquer empresa. Os governos precisam refletir sobre isso e não retirar credibilidade de uma iniciativa determinada só porque ela não vem de uma universidade. O que os paralisa é a falta de evidências, e eles acham que não fazer nada é menos arriscado do que experimentar novos métodos. O sistema educacional está em falta cada vez mais com os estudantes, e isso se explica pela falta de perfis STEM (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática). Os jovens precisam ver alguma utilidade neles: ter habilidade para diferenciar uma boa hipoteca ou o ceticismo suficiente para questionar as estatísticas divulgadas pelo Governo. A falta de motivação é uma das grandes tragédias da matemática. ●

Conrad Wolfram

Artigo publicado no jornal El País no dia 3 de novembro de 2017

Diploma não é questão de status

Olgária Matos



Para a filósofa, a nova reitora da USP deveria demolir a ideia de que cursar universidade é ascender na vida. Formação é coisa bem diferente

Quando o governador Geraldo Alckmin anunciou o nome daquela que entrou para a história como primeira reitora da Universidade de São Paulo, veio abaixo um velho preconceito. Afinal, não são poucas as mulheres que, ao longo dos 71 anos de USP, foram preteridas em encarniçadas disputas acadêmicas nesta que é a maior universidade brasileira e uma das 200 melhores do mundo. Como são inúmeras as histórias de professoras que perderam a possibilidade de chefiar departamentos ou de alçar cargos proeminentes na estrutura da instituição pelo simples fato de ser mulheres.

Mas a doutora Suely Vilela, 51 anos, farmacêutica de formação, chegou lá — ainda que digam que eleita pelo “baixo clero” uspiano. Animada com a indicação, a pioneira não ganhou medalha na primeira entrevista que concedeu já no novo cargo. Externou preferências, digamos, um tanto convencionais no gosto musical (é fã confessa de Julio Iglesias), nas escolhas literárias (citou livros de autoajuda), no interesse cinematográfico (Titanic e Uma Linda Mulher figuram entre as fitas de que mais gostou) e nos hábitos cotidianos de embelezamento (faz escova nos cabelos todos os dias). Mas essas características pessoais estão muito longe de alimentar qualquer tipo de prejulgamento por parte da filósofa Olgária Matos, professora aposentada da Faculdade



de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, escritora, respeitada intelectual dentro e fora do Brasil.

Nesta entrevista exclusiva para o *Aliás*, Olgária reconhece que se lavrou um tento com a eleição de uma mulher para a reitoria. Por que demorou tanto? Na tentativa de responder a essa pergunta, chega a vislumbrar certo conservadorismo no ato de fundação da USP, que teria retardado a escalada feminina. Mas também admite que a universidade, instituição permeável às demandas sociais, acaba mesmo tendo de se envolver com políticas de afirmação da condição feminina, de participação dos negros e de respeito aos homossexuais. “Não nos espantemos se, no futuro, for eleito um *gay* para a reitoria”, prevê. O desafio maior de Suely Vilela, avalia Olgária, não será comandar uma instituição de 46 mil alunos de graduação, 202 cursos e orçamento de R\$ 1,7 bilhão, sendo mulher. O desafio da reitora, garante, será provocar uma revolução das mentalidades. Como? Começando por disseminar a consciência de que diploma universitário não pode ser encarado como símbolo de *status*. Não será fácil.

Outras universidades brasileiras já foram comandadas por mulheres. Na USP, é a primeira vez.

Temos de inscrever a USP na cultura paulistana. A cidade de São Paulo, até por sua geografia, demorou a se abrir para o mundo. O que se dirá, então, da abertura aos interesses internacionais? Esta é uma cidade que se fez hospitaleira, muito antes de ser cosmopolita. Ao passo que o Rio e mesmo Salvador tiveram durante bom tempo uma relação mais ampla com o “de fora”, com o “distante”. É evidente que quando São Paulo se torna cosmopolita fica cravejada de questões culturais relevantes e passa a ser um polo irradiador não só para o Brasil, mas também para outros países.

A USP não foi um dos fatores desse processo?

Nos anos 1930, quando da fundação da USP, chegaram por aqui as missões francesa, depois a italiana e a alemã, professores que vieram constituir a Faculdade de Filosofia,

depois as escolas Politécnica e de Medicina, enfim, essas missões foram importantes para fundar um espírito universitário que não havia. Mas certa austeridade se fez presente no ato fundador da USP. O cruzamento de uma cultura europeia com a cultura local fez com que a universidade, já no seu nascimento, tivesse alguma predisposição a fechar-se em si mesma. Ou melhor, do enlace do iluminismo francês trazido pelas missões europeias, com a cultura local forjada a partir de uma aristocracia cafeeira, mais as reverberações do governo Vargas, com aquele *ethos* masculino que funda todas as ditaduras, dessa estranha mescla nasce a USP, com o projeto político-cultural de formar uma classe dominante. Para governar o país queria-se uma elite, de onde saíam os “pedagogos da prosperidade”, como dizia Sérgio Buarque de Hollanda. Como também queria-se constituir uma classe média, de onde saíam os professores do ensino público. De acordo com o projeto paulista, a classe média era peça muito importante por não ser nem submissa nem arrogante. Ela constituiria a coletividade.

Essa tendência de fechar-se em si mesma, como diz a senhora, responde à primeira pergunta: por que demorou tanto para a USP ter uma reitora?

Sim, isso em parte explica a demora, porque as elites fundadoras da USP eram, ao mesmo tempo, austeras e modernizadoras. Há também uma misoginia conhecida na universidade. Esse fenômeno, que deveria ser estudado a fundo, manifesta-se nas disputas por chefias de departamento. Ainda hoje, o que se vê são professores passando com tudo por cima de suas colegas — e, por uma questão de elegância, não me peça para citar nomes. Mesmo a Faculdade de Filosofia, que é, dentre as humanidades, a que mais contribuiu para constituir a espinha dorsal da USP e até hoje continua sendo a mais aberta às questões políticas e de cunho radical, ela nunca foi dirigida por uma mulher. Já houve vice-diretora, mas diretora, não.

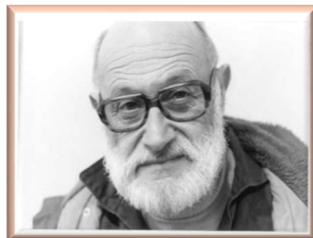
Por que a primeira reitora vem de uma área

biomédica, a Faculdade de Farmácia, e não de uma faculdade como a de Filosofia, que integrou tantos campos do conhecimento?

Na USP, as áreas médicas, biomédicas e as ciências exatas têm hoje pouca relação com as humanidades. Como a Faculdade de Filosofia sempre se interessou pelo campo social e pela cultura como quintessência (**Quintessência** = a parte mais pura de um todo. O que se é) da cidadania, é natural que ela tenha representado certa vanguarda do pensamento. Hoje a sociedade reage a pressões modernizadoras, e a afirmação da mulher é uma delas. Assim, a universidade reflete essas situações como uma caixa de ressonância do próprio meio. Posso dar outro exemplo: a discussão das cotas universitárias para negros. Ela decorre de um movimento que está posto na sociedade. Os direitos dos homossexuais também são outro tema do momento, e não nos espantemos se, dentro de algum tempo, houver um reitor homossexual. Agora, todos nós sabemos que as mulheres têm um peso imenso na vida universitária brasileira, sejam elas pesquisadoras, cientistas, intelectuais. Assim, a escolha de Suely Vilela tem a ver com essa realidade. Fora isso, a professora vem de uma faculdade, Farmácia, que transita bem nas grandes áreas da USP. Do ponto de vista diplomático e burocrático, é mais compreensível ter uma reitora farmacêutica do que uma filósofa ou uma politécnica.

Por que as grandes áreas do conhecimento são tão apartadas na USP? Esse não era o modelo original?

Sim, havia a integração. Era o que pretendiam os fundadores. E era o que se via até meados dos anos 1960. Só para citar um exemplo, o curso de Filosofia para os estudantes da Politécnica era dado por um intelectual do calibre de Vilém Flusser. Na formação dos médicos havia a cadeira de História da Medicina. Hoje não há mais. O regime militar minou



esses contatos, propiciando o descrédito nas humanidades em favor de um direcionamento precoce para a especialidade. Apostou-se no modelo que gera o tecnocrata. Lembremo-nos da transferência de várias unidades da USP para a Cidade Universitária, naquela época, e como isso aprofundou a compartimentação, em vez de integrar saberes. Quando a Filosofia funcionava na Rua Maria Antônia, na Vila Buarque, a USP inteira passava por ali num criativo sistema de conexões que não tolhia a liberdade de cada escola.

Como assim?

Eram conexões criativas, integradoras. Mas o regime não queria aquilo, daí a exoneração dos professores, a perseguição aos alunos, a vigilância sobre funcionários da USP...

A senhora mencionou a política de cotas universitárias para negros. Essa demanda não avança na USP. Qual é a sua opinião?

O Brasil tem uma maneira peculiar de lidar com as diferenças — não é exatamente como os americanos fazem. Nossa forma de exclusão social, a meu ver, passa muito mais pela desigualdade econômica do que pela discriminação racial. Sei que a concentração de renda castiga muito mais a população negra do que a branca, mas o grande desafio é acabar com a pobreza. O preconceito existe, sim, porém ele pode ser combatido com educação. Isso é possível.

Mas, afinal, quanto às cotas para estudantes negros, a senhora é contra ou favor?

Acho que ações afirmativas, como a política de cotas, se compreendessem mudanças no sistema educacional como um todo, e não apenas na ponta, fariam todo o sentido. Há que mexer desde a pré-escola até a universidade. Não dá para ficar só na medida emergencial. Como não se pode ser contra a bolsa-família, por exemplo. Ou o vale-transporte. Ou o vale-refeição.

A política de cotas é medida emergencial?

Do jeito que está sendo encaminhada, mais parece medida emergencial do que política de reparação. O Brasil precisa recuperar todo o sistema de ensino já! Que se comprometa boa parte do PIB com isso, como fizeram países que saíram da situação de penúria para a de desenvolvimento intelectual, como o Japão, por exemplo. Ou a Coreia. O problema é que a educação jamais foi prioridade no Brasil. E continua não sendo mesmo sob o atual governo, que se dizia de esquerda. Ao contrário, o governo que temos hoje propaga uma visão anti-intelectual que está impregnando todo o sistema. Dissemina-se que universidade é lugar de rico, não se separa cultura de elite de cultura de massas, adotam-se, sem nenhum questionamento, valores neoliberais para aplicá-los em modelos de ensino a distância. Enfim, tudo muito confuso.

Isso vindo de um governo supostamente mais comprometido com o social.

Exato. Funciona mais ou menos assim: já que construir sala de aula é caro, já que professor é caro, já que aluno é caro, já que tudo hoje tem preço, e não mais dignidade, então vamos ensinar a toque de caixa. Essa é a visão que se dissemina. O tempo de formação do aluno foi para as calendas. Eu sempre digo: a sala de aula não é um espaço físico no qual o aluno ouve o professor falar. Não! A sala de aula é um local de sociabilidade e de formação da consciência comum. Ora, se essa consciência não se forma, então não me venha perguntar por que há tanta violência nas ruas, por que as pessoas se matam em vez de conversar, por que tanta alienação... O sistema educacional está acabando com essa coisa preciosa que é a convivência.

Investe-se mal em educação superior no Brasil?

Não acho que se invista mal, não. Investe-se pouco, pouquíssimo. E não gosto de ficar citando valores encontrados em diferentes partes do mundo porque só é possível compará-los quando tratamos de países com PIBs semelhantes, com renda semelhante. Comparar o incomparável, para omitir as

diferenças, não serve. Hoje há uma crise mundial na educação. Nos países da Europa já tomados pelas políticas neoliberais, os distúrbios sociais estão aí, explodindo a cada dia. Até pouco tempo atrás, países da Europa ocidental e mesmo do Leste, tinham, digamos, certo padrão de escolaridade. O filho do operário francês recebia uma educação de qualidade tanto quanto o filho do executivo, fosse no interior da França, fosse na capital. Esses meninos estudavam seus clássicos, Corneille, Racine, Victor Hugo, história colonial, história universal, enfim, havia um patamar comum a todos. Assim também era o modelo italiano, alemão, inglês. Essa coisa comum é a diretriz, é a certeza de que algo fortalecedor do ponto de vista espiritual tem de ser dado antes do curso superior. Por isso, não se firmou na Europa a ideologia da universidade como uma necessidade do indivíduo.

E o que acontece no Brasil?

Aqui se fortaleceu a ideia de que todo mundo tem de ir parar numa faculdade, ainda que ela seja de péssima qualidade, visando só ao lucro, e não à formação. Constitui o imaginário do luxo a ideia de que todo indivíduo deve ter um diploma universitário, não importa como. O diploma universitário tornou-se um valor agregado para o brasileiro aspirar à ascensão social. Essa mentalidade vem daquele período de que já tratamos. A ditadura criou as condições para a privatização do ensino no Brasil, cedendo aos interesses de fora. Assim foi também com a saúde. Então eu pergunto: faculdades particulares que se multiplicam pelo País, transformando a educação em mercadoria, preservam o espírito universitário?

Certamente não.

Há faculdades hoje que parecem *shopping centers*, é chocante. Mistura-se comida com sala de aula, com venda de roupa, enfim, algo totalmente divorciado da ideia de um espaço comum, compartilhado e livre da mercantilização. A tendência é essa, infelizmente. Hoje ficou muito mais difícil fechar do que abrir uma faculdade particular. Porque fechar

implica perder investimento, desfazer laços políticos, etc. E o que dizer das graduações rápidas, graduações de dois anos com planos especiais de pagamento? É horrível até a linguagem usada nessas “promoções” do ensino. Faculdades assim vendem a ilusão do diploma como símbolo de *status* e de participação no mundo da cultura. Conversa... Os alunos não estão participando de absolutamente nada.

A senhora poderá ser interpretada como alguém contrária à democratização do ensino...

Que democratização? Essa a que estamos assistindo transforma-se, cada vez mais, no segredo de uma elite.

Por quê?

Décadas atrás, você tinha inglês, francês, latim, grego no ginásio. Depois, perguntou-se: por que grego? Por que latim, uma língua morta? E sumiram com isso. Em seguida, eliminaram o francês. Decretou-se que a massa não mais saberia grego, não mais saberia latim, não mais estudaria os clássicos, etc. Agora, há pessoas que vão continuar lendo Homero, Dante ou Sartre no original, não vão? Então, o que era saber de todos tornou-se saber de poucos. Houve democratização de ensino? Ou houve um tremendo processo de seleção?

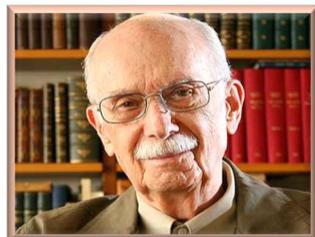
Ainda hoje a USP é vista como a universidade dos alunos que puderam estudar em boas escolas privadas ou pagar cursinhos caros. A senhora acha que o Brasil tem adiado uma discussão séria sobre o ensino público em todos os seus níveis?

Sim, essa discussão continua adiada porque não atende a interesses imediatistas. Formação cultural é processo em longo prazo. E o Estado tem uma temporalidade diferente da do mercado. Se colocarmos a vida das pessoas nas mãos do mercado, como pretender dar formação em longo prazo? Não se tem tempo para nada e as crianças aprendem absolutamente estressadas... Mas quero fazer uma ressalva:

essa conversa da elitização da USP não se aplica à minha faculdade. A Filosofia da USP é a herdeira combatida daquela boa escola pública brasileira, que tinha a virtude de propiciar certa igualdade de formação. Ainda hoje o *baccalauréat*, na França, exame de conclusão do ensino médio, é unificado. Aqui no Brasil, o que temos? Temos um Enem feito para dar uma ajudazinha na pontuação da Fuvest. Isso não é sério. Se você não começar a estimular a sensibilidade do indivíduo desde que ele tem cinco anos de idade, pode não dar certo. A USP forma em torno de 20% dos professores da rede de ensino médio. Os 80% restantes vêm, em boa parte, das faculdades particulares. É espantosa a quantidade de professores que “não sabem que não sabem”. Que não conseguem sequer ter dúvidas, pois até para ter dúvida você precisa de boas referências. E isso começa lá atrás, no ensino fundamental.

Hoje uma universidade brasileira teria condição de formar um intelectual do porte de Antonio Candido?

Acho que sim... Muito embora, para formar um intelectual com a abertura para as humanidades que o professor Antonio Candido tem, seja preciso contar com certas características pessoais, com uma vocação pulsante e até mesmo certo autodidatismo. Pelo sistema, ninguém está sendo levado a ser um Antonio Candido. Ao contrário.



Muitos acreditam que, na USP, alunos que pudessem pagar pelos cursos deveriam fazê-lo. O que a senhora acha disso?

Esse debate remete-me à mentalidade privatizante. Seria uma maneira de ir progressivamente transformando a USP numa universidade paga. Sei que essa discussão existe e há mesmo

uma parte dos professores que pensa assim. Contudo, argumentar que os que podem deveriam pagar pelos que não podem significa tentar resolver problemas sociais dentro da universidade, com uma justificativa que não se sustenta. Universidade alguma do mundo se mantém com o recebimento das mensalidades. É preciso mais, muito mais. Imagine quanto custa comprar um  daqueles supercomputadores da Politécnica. De algum lugar tem de vir dinheiro grosso. Não é à toa que as universidades americanas se engalfinham para patentear produtos, e assim garantir fontes adicionais de recursos. Essa conversa de fazer com que alunos que podem paguem pelos que não podem significa, no Brasil, culpabilizar a classe média. Quem é que paga imposto em nosso país? Os pobres não pagam. Os responsáveis pelo grande capital financeiro, também não. Quem paga?

A classe média?

Exato. Imaginemos então que o aluno de classe média pague a USP: é como se ele fosse tributado outra vez. Isso não vai resolver as carências da universidade nem daquele estudante que não tem condições de chegar a ser um uspiano. A essência do problema não é econômica. Ela é filosófica. Quando um dia tomarmos consciência do que significa um país espiritualmente fortalecido, então começaremos a derrubar obstáculos. ●

Olgária Matos

Artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo no dia 27 de novembro de 2005

Leonardo de todos os instrumentos

José Tadeu Arantes



Ele não falava grego nem latim. Jamais frequentou uma universidade e por isso era desprezado nas rodas intelectuais de Florença, no Renascimento. Mas suas pinturas e projetos de engenharia o fizeram famoso e cortejado pelos poderosos da época. Muito tempo depois, o mundo viria a conhecer o lado secreto desse gênio superlativo

Leonardo da Vinci

“De tempos em tempos, o Céu nos envia alguém que não é apenas humano, mas também divino, de modo que, por meio de seu espírito e da superioridade de sua inteligência, possamos atingir o Céu.”

Com estas palavras, Vasari, o célebre biógrafo do século XVI, inicia o seu relato sobre a vida de Leonardo da Vinci. Apenas 30 anos após a morte desse gênio superlativo, sua figura já estava totalmente envolvida pela aura do mito. Nascido na cidadezinha de Vinci, próxima a Florença, no dia 15 de abril de 1452, Leonardo seria considerado, em pouco tempo, o maior pintor de sua época, protegido e adulado em algumas das principais cortes europeias. Seu enorme prestígio, no entanto, não se restringiu à pintura. Escultor, músico, arquiteto, engenheiro civil e militar e extraordinário inventor, ele foi a versão suprema do homem dos sete instrumentos. Seu talento versátil se expressou até mesmo em atividades mundanas e tipicamente cortesãs, como a organização de festas e diversões para a nobreza: desde a invenção de um palco giratório para apresentações teatrais até o desenho de trajes de luxo; de entretenimentos musicais à arte da conversação e aos jogos de palavras.

REFLEXÕES XXVI

Vasari diz que ele “foi o melhor improvisador de rimas de seu tempo”. Mas, coexistindo com esse Leonardo público, celeberrimo (**Celeberrimo** = muito célebre) e celebrado, houve outro, talvez ainda mais assombroso: um Leonardo solitário e secreto, que permaneceria desconhecido durante muito tempo.

Numa atividade recolhida, sigilosa, escrevendo da direita para a esquerda para que seu texto não pudesse ser lido — o que lhe era facilitado pelo fato de ser ambidestro —, encheu páginas e páginas com a mais eclética massa de conhecimentos, produzindo, com anotações e desenhos, uma gigantesca colcha de retalhos do saber universal. Os primeiros manuscritos de que temos notícias datam de 1478, quando Leonardo, então em Florença, contava ainda 26 anos. Os últimos são de 1518, de poucos meses antes de sua morte, ocorrida na França, em 2 de maio de 1519. Em cerca de seis mil páginas que nos restam dessa prodigiosa obsessão há praticamente de tudo: Geometria e Anatomia; Geologia e Botânica Astronomia e Ótica; Mecânica dos Sólidos ; Mecânica dos Fluidos; Balística e Hidráulica; magníficos desenhos preparatórios e exaustivos estudos de perspectivas; considerações teóricas sobre a arte e anotações técnicas muito precisas sobre como fundir uma estátua equestre em bronze; o plano arquitetônico para a construção da catedral de Milão e um projeto de desvio do curso do rio Arno para ligar Florença ao mar; mapas e planos urbanísticos; projetos de pontes e fortificações. Há, principalmente, a mais fantástica coleção de invenções e soluções de engenharia já imaginadas por um único homem: esboços de helicópteros, submarinos, paraquedas, veículos e embarcações automotores, máquinas voadoras; projetos minuciosos de tornos máquinas perfuratrizes, turbinas, teares, máquinas hidráulicas para limpeza e dragagem de canais, canhões, metralhadoras, espingardas, bombas, carro de combate, pontes móveis, etc. Mas esse Leonardo, que escreveu praticamente sobre tudo, escreveu muito pouco sobre si mesmo. Sabemos que no seu comportamento cotidiano se refletia a mesma ambiguidade presente em sua produção

intelectual. Gostava de se cercar de luxo, tratava amigos e criados com opulência e generosidade, mas tinha hábitos frugais: era vegetariano e preferia a água ao vinho. Muitas de suas noites foram consumidas na dissecação de cadáveres, em meio aos odores da morte e da decomposição. O quanto ele era habilidoso nessas técnicas o mostram seus desenhos anatômicos, considerados superiores aos do célebre Andreas Vesalius, o grande anatomista do Renascimento. Sua infância não foi fácil — o que talvez explique o gosto pelo luxo na idade adulta. Filho ilegítimo de um tabelião florentino e uma camponesa, ele foi criado longe da mãe, na casa do avô paterno, ao lado do pai e de uma madrasta.

Pelo menos até a idade de 20 anos, foi filho único e só teria irmãos no terceiro ou quarto casamento do pai. Depois de afastado do convívio com a mãe, a morte da primeira madrasta, quando Leonardo estava em torno dos 13 anos, parece ter representado para ele uma segunda grande perda afetiva. Logo haveria uma terceira, aos 16 anos, com a morte do avô, a quem era muito ligado. Desse complexo quadro de vida, Freud, o fundador da psicanálise, derivou sua interpretação da trajetória de Leonardo. Ela seria movida por uma repressão da pulsão sexual e por uma inibição afetiva, em que a pulsão do conhecimento acabaria submergindo, pouco a pouco, qualquer outro fator emocional.

Peça chave da explicação freudiana é a hipótese, que hoje parece indiscutível, da homossexualidade de Leonardo. Seja como for, aos 17 anos ele já havia dado provas de seu talento excepcional. O pai o inscreveu, então, como aprendiz no grande ateliê de Andrea Verrochio, em Florença. Não se tinha lá uma formação erudita; o ensino era todo voltado para a prática; mas era incrível a massa de conhecimentos que se podia adquirir: cálculo, perspectiva, desenho, pintura, escultura em pedra e metal, arquitetura, construção civil e militar, etc. É ao ateliê de Verrochio que Leonardo deve toda a sua formação básica. A partir daí ele será um autodidata.

Muitas coisas Leonardo aprenderá por ouvir dizer, numa

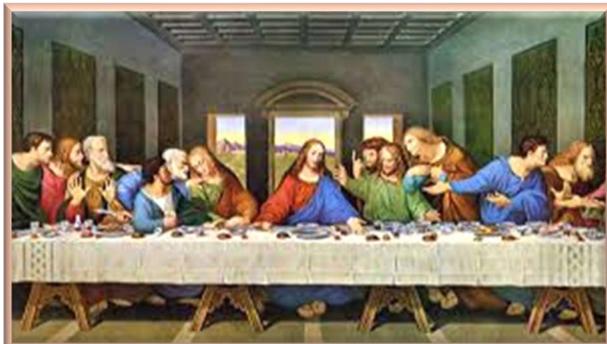
REFLEXÕES XXVI

época em que grande parte do conhecimento ainda era adquirida de ouvido. Outras, porém, lhe custam um enorme esforço de leitura e sistematização de que os manuscritos por ele deixados são testemunhos. Aos 40 anos, copia nos cadernos palavras eruditas — retiradas dos livros — que possam enriquecer seu vocabulário rústico. Aos 50, está envolvido ainda com um estudo por conta própria, não só do latim, mas também da geometria de Euclides, que será uma paixão e um modelo até o fim da vida.

Ele era, então, o que alguns de seus pedantes contemporâneos classificaram como um *uomo senza lettere* (homem sem letras), isto é, alguém que não possuía uma formação humanística: de fato jamais frequentara a universidade e, durante muito tempo, esteve impedido de ter acesso direto à grande cultura pela barreira do idioma, já que não dominava o latim e muito menos o grego. Esse menosprezo dos meios sofisticados, a que Leonardo respondia com afetado desdém, não deixou de magoá-lo, reabrindo feridas mal curadas de sua infância traumática. Os biógrafos são unânimes em apontar como uma das principais causas de sua primeira saída de Florença, por volta dos 30 anos, uma dificuldade de adaptação ao culto e refinado ambiente florentino.

A mudança para Milão, em 1482, representou uma virada decisiva em sua trajetória intelectual. Nos dezessete anos que passou a serviço do duque Ludovico Sforza, seu gênio floresceu plenamente.

Não só em pinturas soberbas, como A Última Ceia e a primeira versão de A Virgem Dos Rochedos, mas também na



REFLEXÕES XXVI

afirmação definitiva de sua vocação para a ciência e a tecnologia. A queda de Ludovico com a ocupação de Milão pelos franceses, em 1499, pôs fim a esse período brilhante e relativamente tranquilo. A partir daí, Leonardo, já uma celebridade, iria trocar de domicílio e patrão ao sabor da instável conjuntura política italiana: novamente Florença, com rápidas passagens por Mântua e Veneza; Urbino, como arquiteto militar e engenheiro chefe de Cesare Borgia, em cuja corte encontrou-se com Maquiavel, fundador da ciência política moderna; outra vez Milão, a convite do governador francês Charles d'Amboise; Roma, na corte papal.



Essas mudanças constantes não lhe bloquearam, porém, a criatividade. É do segundo período florentino, por exemplo, seu quadro mais famoso — na verdade, o mais famoso de toda a história da pintura, a Mona Lisa, enigmático retrato da esposa do rico comerciante Francesco del Giocondo. Já a estada em Roma, novamente a serviço dos Medici, seria certamente a fase mais desgostosa de sua vida. Giovanni de Medici, filho de Lourenço, o Magnífico, havia sido eleito papa, com o nome de Leão X, e saudou sua eleição com uma frase que ficou célebre: “Já que Deus nos deu o papado, gozemo-lo”. Amante dos prazeres, da pompa e do luxo, protetor das artes na medida em que satisfizessem sua vaidade, tratou logo de atrair para sua corte os artistas mais brilhantes. Lá se reuniram os três maiores nomes do renascimento italiano: Leonardo, Michelangelo e Raffaello.



Deveria ser um momento privilegiado na história da arte, mas não foi um momento feliz para Leonardo. Contava então 60 anos — era uma geração mais velha do que

REFLEXÕES XXVI

a de Michelangelo e duas mais do que Raffaello. Seu contato com Michelangelo foi francamente hostil. Típico produto do ambiente patrocinado pelos Medici, Michelangelo nada tinha em comum com a formação científico-experimental leonardiana. Além do mais, trabalhava rápido, num ritmo alucinante, enquanto Leonardo, dispersivo e perfeccionista, projetando sua transbordante genialidade em inúmeras direções, mas sem paciência de levar nenhum projeto até o fim, trabalhava devagar e adia sempre.

A preferência dos romanos por Michelangelo e Raffaello e ao ambiente hostil da corte papal, Leonardo respondeu com retraimento e um de seus desenhos mais perturbadores, O Dilúvio, uma visão apocalíptica de destruição e aniquilamento. Ele escapou desse tormento graças à subida de Francisco I ao trono da França. Convidado a assumir o cargo de “primeiro pintor, engenheiro e arquiteto do rei”, foi instalado no palácio de Cloux, a apenas algumas centenas de metros do palácio real de Amboise, no condado do Loire, França, recebendo tratamento principesco. Lá viveria, de 1516 até o ano de sua morte, em companhia de seus discípulos prediletos, entre eles Francesco Melzi e Salai. Ambos haviam-se unido a Leonardo ainda em seu primeiro período milanês.



Melzi herdaria praticamente todos os seus bens. Salai, um garoto de apenas 10 anos quando entrou a serviço do mestre, já no segundo dia roubou-lhe algum dinheiro, o que continuaria, a fazer com certa regularidade ao longo dos anos.

Leonardo anotou que ele era “*ladro, bugiardo, ostinato, ghiotto*” (ladrão, mentiroso, obstinado, glutão), mas nem por isso deixou de mimá-lo. Com uma ponta de malícia Vasari o descreve como belíssimo gracioso, com vastos cabelos encaracolados, de que Leonardo “*si diletò molto*” (se agradou

REFLEXÕES XXVI

muito) — referência que, evidentemente, não escapou à atenção de Freud.

A julgar por seus últimos autorretratos e pelo testemunho dos visitantes, Leonardo parecia sofrer de alguma doença degenerativa, que lhe dava uma aparência envelhecida. Sua mão direita estava semiparalisada, talvez em decorrência de um derrame cerebral. Nos aposentos, guardava algumas de suas maiores



preciosidades: três magníficas pinturas — Sant'Ana, a Virgem e o Menino, a Mona Lisa e São João Batista — e os manuscritos que carregara consigo em suas muitas viagens e a vida inteira teimou em manter inéditos.

Herdados pelo discípulo Mezi, esses, manuscritos acabariam se espalhando da maneira mais tortuosa e só começaram a ser redescobertos a partir do final do século passado. A impressão inicial causada pelas seis mil páginas



sobreviventes é de um caos desconcertante. Os assuntos se misturam sem nenhuma ordem aparente: na mesma página, a anotação mais instantânea e trivial da vida cotidiana pode estar lado a lado com o enunciado de um teorema ou com a observação acurada de um fenômeno natural.

O método de trabalho de Leonardo talvez explique em parte essa incrível dispersão. Sabemos hoje que ele carregava sempre consigo cadernos de notas em que podia registrar uma frase ou esboçar rapidamente um desenho. Ao lado desses, havia outros cadernos, mais ordenados e homogêneos, preenchidos com calma no silêncio de seus aposentos. Neles, numa escrita elegante e em desenhos de acabamento impecável, procurava dar a suas ideias uma forma definitiva. Mesmo nesses cadernos, porém, os assuntos muitas vezes se

atropelam: não é raro que uma demonstração, começada com preciso enunciado de premissas, acabe indo parar bem longe do ponto de partida. Mas o caos é apenas aparente. Como observa Anna Maria Brizio, uma das maiores estudiosas leonardianas da atualidade, pouco a pouco se percebe que *“a múltipla disparidade de argumento emana de um único centro e contém uma formidável unidade de processo mental”*.

Arte, ciência e tecnologia se encontram aí de tal modo amalgamadas, que se passa de um domínio a outro praticamente sem perceber. A ciência de Leonardo é toda baseada no primado da visão sobre os demais sentidos e da geometria sobre as demais disciplinas. Em geometria, ele realizou descobertas teóricas importantes, como a determinação dos centros de gravidade dos sólidos geométricos e a transformação de um sólido em outro, como a do volume. Em estática, foi o primeiro a compreender a possibilidade de se decompor uma força segundo duas direções, o que lhe permitiu resolver um grande número de problemas práticos. Em cinemática, ciência que só seria precisamente formulada quase 150 anos mais tarde, com os trabalhos de Galileu, ele intuiu as leis que regem os choques entre dois sólidos iguais como duas bolas de bilhar.

A curiosidade de Leonardo o empurra mesmo a terrenos ainda não desbravados, como a mecânica dos fluidos, disciplina praticamente ignorada pelos gregos, a grande fonte das ciências medieval e renascentista. Uma de suas investigações nessa área — explicada em detalhes pelo estudioso Carlo Zammatio — pode ser considerada um caso exemplar de seu procedimento científico.

Ele parte de questões práticas relacionadas com a irrigação e o aproveitamento da força hidráulica na região do rio Pó. E procura determinar a energia com que chega ao solo cada um de uma série de jatos d'água, que saem de orifício de dimensões idênticas, mas de alturas diferentes, de um recipiente com água em nível constante. Verifica que a

velocidade de saída da água é inversamente proporcional à altura do orifício. Isto é, cresce de cima para baixo. E explica isso mostrando que, enquanto cada porção de água que sai do orifício mais alto é posta em movimento apenas pela ação de seu próprio peso, as porções que saem dos orifícios inferiores são postas em movimento tanto por seu peso como pelo peso da coluna d'água situada acima delas. A conclusão é que todos os jatos chegam ao solo com a mesma energia, pois, se o jato mais alto é o que sai do recipiente com menor velocidade, ele é também o que tem uma maior distância a percorrer e, portanto, o que mais ganha velocidade durante a queda. Em outras palavras, onde a energia cinética inicial do jato (que depende da velocidade) é menor, a energia potencial (que depende da altura) é maior e vice-versa. A soma desses dois termos é sempre a mesma.

Evidentemente, Leonardo não formula suas ideias desta maneira. A física levaria ainda muito tempo para chegar a esse grau de concisão, rigor conceitual e vocabulário. Leonardo trabalha com as palavras que tem a mão — ou improvisa. O importante é que, por trás de seu vocabulário tosco, ele de maneira admirável explicita o teorema básico da hidrodinâmica formulado apenas em 1738, pelo físico e matemático suíço Daniel Bernouilli. Mais importante ainda: intuiu uma ideia capital na física, a da interconversão de energia potencial em energia cinética — questão que ficaria perfeitamente esclarecida a partir das experiências de Galileu Torricelli sobre a queda dos corpos, realizadas em 1642.

Mas foi no domínio da tecnologia que se deram algumas de suas mais espantosas realizações. Uma delas — só descoberta muito recentemente, a partir de um trabalho de restauração num dos cadernos leonardianos — é uma bicicleta muitíssimo superior, em termos de solução de engenharia, às primeiras bicicletas que seriam fabricadas por volta de 1817. Na verdade, o sistema proposto por Leonardo — com pedal ligado a uma roda dentada que transmite a força à roda traseira por meio de correia — só adotado no começo deste século. Sua bicicleta

REFLEXÕES XXVI

jamais foi construída. O mesmo se pode dizer, quase com certeza, de todos os seus outros inventos, geralmente avançados demais para as possibilidades técnicas da época. Além disso, a mistura contraditória de dispersão e perfeccionismo fez com que, também em outros domínios, sua criação ficasse incompleta.

Em ciência, suas geniais antevistas jamais receberiam uma sistematização final, permanecendo secretas em nada influenciando o desenvolvimento científico da humanidade. Leonardo era extremamente suscetível ao julgamento público e essa deve ter sido uma das causas da ocultação dos manuscritos. Porque, para escrever para o mundo culto, era preciso rigor sistematizado, refinamento de expressão e, principalmente, um domínio perfeito da língua latina, características dificilmente encontráveis num *uomo senza lettere*. Ironicamente, esses manuscritos fragmentários — redigidos em língua vulgar — permaneceriam como um dos mais maravilhosos legados de um homem à posteridade. ●

José Tadeu Arantes

Artigo publicado na Revista Superinteressante no dia 30 de setembro de 1987

Rembrandt 400 anos

Robert Hughes



Rembrandt

Há alguns grandes artistas cujas realizações admiramos, por assim dizer, de fora. Eles não provocam um sentimento de empatia: não, ao menos, de alguma maneira pessoal. Pode-se sentir-se transportado pela beleza serena da *Madona del Parto* de Piero ou pela grandiosidade heroica e um tanto abstrata das figuras que povoam os *Sete Sacramentos* de Poussin; ou pela realeza acachapante do retrato de Carlos V por Ticiano. Mas o que provavelmente não se poderá sentir é um sentimento de comunhão com esses magníficos produtos da imaginação e do pensamento humanos. Havia, de fato, pessoas com essas aparências que pudessem ser vistas andando pelas ruas de Roma, Arezzo ou Paris? Com quem se poderia falar? Parece implausível. Nós as olhamos por razões diferentes. Admiramos sua diferença, e sua distância, de nós.

Mas há artistas cuja obra não é assim. São os que reconhecem a imperfeição e a mortalidade humanas, e não só as reconhecem, como as glorificam, tornando-as o tema principal de sua arte. Pois se os homens e mulheres fossem perfeitos, mentalmente, fisicamente, moralmente, espiritualmente, para que precisariam da arte? Rembrandt van Rijn, nascido em julho de 1606, certamente não sentia a obrigação de tornar seus temas humanos nobres, quanto mais perfeitos. É por isso que, embora nem sempre fosse um realista, ele é o primeiro deus do realismo depois de Caravaggio; e por isso tantos o amam, pois ele raramente foi rivalizado como um topógrafo do barro humano. Entretanto, apesar de tudo que foi escrito

REFLEXÕES XXVI

sobre Rembrandt, temos uma certeza curiosamente pequena do que ele pensava sobre o domínio de seu gênio, a arte de pintar. Ele não teorizou. Ou se o fez, suas ideias sobre a arte em si se perderam — exceto por seis palavras cujos significados ainda são disputados por historiadores da arte. Em seu trabalho ele pretendia, conforme escreveu para um de seus patrões, o Stadtholder, produzir *die meeste ende die natureelste beweechlickheyt* — o maior e mais natural movimento.



Lição de anatomia do Dr. Tulp

Mas movimento do quê? O movimento visível dos corpos dos “atores”, as figuras representadas, ou a excitação das emoções do espectador? Não sabemos, embora pareça mais sensato, dada a aparência teatral de tantas de suas

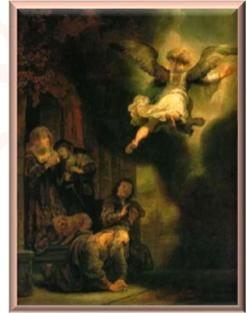
pinturas, supor a segunda hipótese.

Ele veio da baixa classe média holandesa. Seu pai, Harmen Gerritszoon, van Rijn (1568-1630), possuía a metade de um moinho de farinha em Leiden, e sua mãe, Cornelia van Zuytbrouk (1568-1640), era filha de um padeiro. Ele foi o segundo mais jovem de dez filhos, e embora famílias grandes fossem mais comuns do que hoje, o esforço para criar essa prole deve ter exercido uma tensão esgotante sobre seus pais; isso está escrito na face sulcada e franzida de sua mãe, cuja velhice ele retratou com frequência. No entanto, eles conseguiram enviar Rembrandt à escola em Leiden, onde ele teria estudado latim, literatura clássica e história. Na sua maturidade, ele não mostraria um grande entusiasmo pela pintura de temas da mitologia clássica, mas isso certamente não se deveu à sua ignorância.

EXPRESSÕES DRAMÁTICAS. Ele era um singular conhecedor da vida cotidiana. E alguns de seus autorretratos são prova eloquente disso. Seu primeiro autorretrato em

particular: é o artista como um cachorro novo, uma gravura dele rosnando para o espelho, rejeitando o olhar do espectador (e, por implicação, da sociedade). Vemos o mesmo rosnar, rebarbativo em outros autorretratos e (mais expressivamente) numa gravura que não é identificada como sendo de Rembrandt, a imagem de um camponês sentado, não identificada como o próprio artista, mas olhando para qualquer um que pudesse ser suficientemente presunçoso para se apiedar dele. As expressões dramáticas — atuando para a câmara que era ele próprio.

Anjo Rafael voando da família Tobit



Tampouco tratou alguma vez a forma humana como um meio de fuga da desordem e episódica feiura do mundo real. A realidade estava constantemente invadindo acontecimentos celestiais. Quantos outros pintores de sua época mostrariam as solas dos pés nus de um anjo enquanto ele se afasta voando para o alto da família de Tobit? Rembrandt não seguia os ridículos refinamentos do corpo feminino que se veem no Maneirismo tardio — o afilamento suave, os pescoços de cisne, os alongamentos absurdos de torso e coxa. Os corpos de mulheres nas pinturas maneiristas tinham a mesma relação, ou falta dela, com a realidade quanto os corpos esguios das *top models* de hoje: isto é, elas são deusas hiperestilizadas, absurdas, que não têm nada a ver com a experiência real. A própria falta de interesse de Rembrandt no refinamento e suavidade do modo italiano — sua rejeição, em suma, do abstrato — lhe custaria a lealdade de alguns entendidos, como o “Vasari alemão” Joachim von Sandrart, que se queixava de que, apesar de todo o seu talento, Rembrandt não havia compreendido “nossas regras de arte, como a anatomia e as proporções do corpo humano”, em parte porque ele “sempre se associava às ordens inferiores, com o que prejudicava seu trabalho”. Esse holandês simplesmente

REFLEXÕES XXVI

não era “chapa-branca”, e não fazia parte da mesa dos oficiais, menos ainda da corte. E quando se vê alguns dos corpos de mulheres plebeias e envelhecidas que Rembrandt pintou, e depois designou como deusas ou heroínas bíblicas, percebe-se imediatamente o que Von Sandrart queria dizer. No entanto, esses eram os corpos que geralmente lhe estavam disponíveis. E tinham uma verdade documental.

Evitava as mesas oficiais, sua obra tinha verdade documental

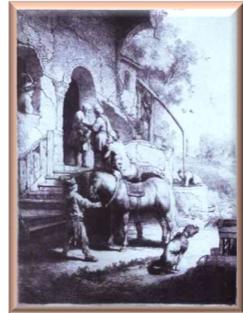
Mas, claro, essa não é a história toda. Basta olhar aquela imorredoura obra-prima no Louvre, O Banho de Betsabá, retrato de sua esposa Hendrickje Stoffels nua, exceto por um fragmento de pano escondendo o púbis. Uma doméstica está lavando e perfumando seus pés porque ela acaba de receber uma carta do libidinoso Rei Davi, convocando-a para o seu leito. Ela não está completamente desadornada: está usando um colar, há um bracelete no seu braço direito; e, descendo por sua clavícula, aparece uma fita avermelhada, mera carícia visual.



Se Rembrandt tivesse tentado transformá-la numa moça glamorosa ao estilo italiano, a imagem não teria funcionado. Mas ela funciona porque ele retratou uma mulher pensando enquanto está nua – uma realização quase inaudita (**Inaudito** = espantoso; extraordinário) na arte do nu. Betsabá possui claramente uma vida interna, não uma mera beleza exterior. Ela está empenhada numa reflexão moral – o fato de que não está mais lendo a carta deixa isso claro – e sua expressão pensativa tem uma gravidade maior que a de qualquer outra Betsabá. Ela irá? Não irá? Será que ela o quer? Se quer, quanto? As perguntas são deixadas no ar, mas ficamos plenamente conscientes delas – da ambiguidade que paira sobre toda beleza, sobre todo desejo. Mas aí, sua beleza é de uma ordem diferente da convencional; aquelas ancas grandes,

REFLEXÕES XXVI

aquelas mãos robustas a conectam ao mundo real em que vivemos e sentimos. E o que empresta outra dimensão ao tema é que nós sabemos, se formos biblicamente letrados, algo que Betsabá, no relato da Bíblia, não sabe: que o amoral Rei Davi a deseja tanto que vai assassinar seu marido, tirá-lo do caminho colocando-o na linha de frente da batalha.



O Bom Samaritano

Um inspirado intérprete da angústia e imperfeição humanas

Às vezes, os sujeitos de Rembrandt são conectados demais ao mundo cotidiano para agradar a todos. Há um lado extremamente vulgar em Rembrandt. Isto em si não é uma surpresa, dada a obscenidade que notabilizou a Holanda do século XVII. É perfeitamente possível que, ao dar razão a ela, Rembrandt fizesse uma compensação à obsessão com limpeza e nitidez que caracterizavam a vida doméstica holandesa. Ele fez gravuras de um homem urinando e de uma mulher defecando.



O Rapto de Ganymedes

Um cachorro, expelindo com esforço um grande cocô aparece no primeiro plano de **O Bom Samaritano**. E sua grande pintura do infante Ganymedes arrebatado para o céu por Zeus na forma de uma águia mostra a criança urinando descontroladamente de terror, o que deve ser a representação mais anticlássica de uma cena dos clássicos já oferecida por um grande artista, embora seja certamente o que se esperaria que um bebê fizesse nas circunstâncias.

Aparentada com isso é a capacidade de Rembrandt de transmitir a dor de uma maneira inédita, sem enfeites. Nisto

REFLEXÕES XXVI

ele teve algo em comum com o grande espanhol Jusepe de Ribera (1591-1652), seu contemporâneo. Provavelmente o exemplo mais temerário na obra de Rembrandt é aquela enorme tela, Sansão Cegado pelos Filisteus, um monumento de fúria sádica que o pintor mandou de



presente para seu amigo e patrão Huygens, secretário do Stadholder e autor da primeira memória a cumular elogios ao ainda jovem pintor. É um perfeito *show* de horror numa pintura, inteiramente de acordo com o gosto jacobino. “Arranque seus lábios”, grita um vilão em uma das tragédias de vingança inglesas. “E deixa que seus olhos qual cometas por meio de sangue brilhem — Quando o mau sangra, será o bem da tragédia”. É esse o espírito de Sansão Cegado pelos Filisteus, exceto que os bons, ou ao menos os não ruins, é que estão cegando. Há soldados imobilizando o homenzarrão; há Dalila escapando com a tesoura numa mão e a cabeleira de Sansão na outra; e há outro soldado, como um inseto reluzente e maligno em sua armadura no emaranhado confuso de membros e armas, enterrando o punhal no olho de Sansão. Não há registro sobre Huygens ter gostado ou não desse presente enorme e repulsivo, ou se o pendurou em sua casa; ele permanece sendo um exemplo marcante da inépcia diplomática que, combinada com a extravagância pessoal de Rembrandt e sua incompetência financeira geral, o acabariam levando à bancarrota.

Rembrandt tinha uma maneira estranha de agir, às vezes, como se estivesse sozinho no mundo, mas a ideia popular do artista como um gênio solitário não combina absolutamente com ele: na verdade, é o oposto da maneira como ele trabalhava. Ele se identificava com “o povo”, sabia muito bem de onde viera. Em nenhum momento parece ter compartilhado o desejo de nobreza que foi um tema na carreira de artistas como Diego Velázquez ou Peter Paul Rubens. Sua vida foi cercada de gente em vez de pacificamente

isolada, e certamente nunca um isolamento olímpico, apesar de ele ter sido capaz de gestos bastante insanos de extravagância exibicionista — como comprar uma casa enorme, mais própria de um banqueiro que de um pintor, na elegante St. Antiesbreestraat, por 13 mil florins, uma quantia que ele devia saber que jamais poderia pagar, por mais retratos triviais que fizesse.

ALUNOS E FLORINS. Seus dias de trabalho eram cheios de gente, repletos de alunos e assistentes, não porque ele quisesse desinteressadamente doar seu tempo para os jovens, mas porque precisava terrivelmente de seu tempo e seu dinheiro. No auge da carreira, ele ensinava 25, pelo preço relativamente alto de 100 florins por ano, o que lhe garantia 2.500 florins anuais. Ele inclusive precisou alugar uma casa na Bleomgracht em 1637, para ter espaço suficiente para todos eles. O que os alunos faziam? Aprendiam o bê-á-bá do negócio: triturar cores, esticar e preparar telas e até desenhar o rosto e o corpo de modelos. E tinham o benefício de sua profusa coleção de objetos de arte, curiosidades, roupas e adereços de estúdio. O inventário de suas posses feito em 1656 lista dezenas de pinturas alheias, álbuns de gravuras, livros de recortes, dezenas de bustos de imperadores romanos, montes de “espécimes de criaturas terrestres e marinhas”, peças de armadura, armas velhas, instrumentos musicais (inclusive uma “trombeta de madeira” — como raios soava aquilo?) e, muito tocante, “dois cachorrinhos copiados do natural por Titus van Rijn”, seu filho. Essas coisas ele colecionava, em quantidade, para ser usadas como fontes para citações e exemplos numa época em que a reprodução fotográfica ainda não era conhecida.

E isso era tremendamente valioso para jovens talentos, assim como os modelos vivos que ele contratava. Basta pensar na dificuldade que um estudante encontraria para desenhar uma mulher nua: os jovens pintores holandeses em geral não eram casados por razões óbvias de pobreza. E garotas solteiras respeitáveis não posavam nuas, uma atividade que, na

Amsterdã do século XVII, era considerada própria de prostitutas somente.

Junte-se a isso o prestígio óbvio de trabalhar, mesmo como um ajudante de estúdio, para um pintor com a reputação de Rembrandt e pode-se ver por que nunca faltaram ajudantes ao mestre e por que eles pagavam caro para trabalhar com ele. Eles vinham de toda a Holanda: Samuel van Hoogstraten, Govert Flinck, Gerard Dou, Gerbrand van den Eeckhout, Gerrit Willemsz Horst, Ferdinand Bol, Carel Fabritius, Nicolaes Maes, Aert de Gelder e talvez uma dezena de outros. Alguns desses não tiveram nenhuma relação clara com Rembrandt exceto por adquirir algum profissionalismo em seu estúdio — Dou é o exemplo mais claro, pois não parece haver ligação possível entre seu realismo ultradetalhado de miniaturista e as pinceladas mais amplas e ousadas de Rembrandt. Alguns eram medíocres, mas outros eram notavelmente bons, em parte, sem dúvida, pelo que o próprio Rembrandt arrancava deles. Além disso, Rembrandt dificilmente teria aceitado pessoas estúpidas, pois ele lucrava com o seu trabalho e tinha padrões a manter. Se um aluno fazia uma pintura de que ele gostava, ele era bem capaz de assiná-la com o próprio nome, guardando-a e vendendo-a como uma obra autografada por “Rembrandt”. Os critérios de originalidade e autoria eram bem mais frouxos no século XVII do que hoje. Se o poderoso Rubens podia retocar trabalhos de alunos, não havia razão no mundo para Rembrandt não o fazer.

RABISCOS E PINCELADAS. Mas isso, claro, coloca problemas para o moderno amante de pintura. A começar pela suposta supremacia da “assinatura” como teste de autenticidade. A partir do pseudocientífico fisionomista Giovanni Morelli, em cuja obra Bernard Berenson baseou seus critérios para identificar artistas italianos do passado distante, supôs-se — muitas vezes corretamente — que um pintor revelará quem é de verdade naquelas partes da pintura sobre as quais tem menor controle consciente: a “assinatura”, os

REFLEXÕES XXVI

rabiscos e pinceladas com que desenha semiautomaticamente um lóbulo de orelha, uma narina, um olho.



Isso vale e é útil na maioria das vezes, mas o curioso sobre os discípulos de Rembrandt é que eles, com muita frequência, conseguiam reproduzir os arabescos do traço de seu mestre com uma fidelidade espantosa, e assim parece, de maneira inconsciente. Daí o caráter duro e até exasperado das disputas sobre a atribuição das obras a Rembrandt. São poucas as pessoas que acreditam hoje que ele tenha pintado O Homem com o Elmo Dourado, já aceito sem objeção e reverenciado com uma pedra de toque da obra de Rembrandt por autoridades de outrora como Jakob Rosenberg, WR Valentiner e o muito temido Wilhelm Bode. Hoje, o foco da insegurança sobre Rembrandt é o Cavaleiro Polonês, na Frick Collection, que tem sido “questionado” (este é o termo fatal) pelo muito temido Rembrandt Research Projeto (RRP), um grupo independente de especialistas, cuja missão é construir um *corpus* inatacável de rembrandts genuínos em oposição ao caos de atribuições herdadas de tempos passados.



Pessoalmente, eu amo O Cavaleiro Polonês e certamente não sou o único. Mas ele é, sob certos aspectos, diferente de outros rembrandts. A começar pelo fato de que pinturas equestres de Rembrandt são raras; em todo o corpo de sua obra, há apenas outro retrato de um homem montado a cavalo, o de Frederick Rihel (1663) na National Gallery de Londres. É



este soldado cívico de aparência próspera montado em seu cavalo de balanço barroco está a um mundo de distância, tanto na aparência como no sentimento, do ossudo cavalo tipo Rocinante que carrega seu jovem cavaleiro pela terra em sua errância urgente e inescrutável. A pintura foi encontrada num castelo da Polônia, daí seu título absolutamente gratuito. Mas ninguém sabe quem era o cavaleiro, ou se ele era, de fato, polonês; ele provavelmente está vestindo aquelas roupas porque Rembrandt as tinha na miscelânea de roupas em seu estúdio.

Os historiadores da arte, de Julius Held a Kenneth Clark, que têm defendido que o ponto de partida do quadro foi realmente (ou “possivelmente”, ou “provavelmente”, ou “muito provavelmente”, ou “quase certamente”) um esqueleto humano montado num esqueleto de cavalo que Rembrandt viu e desenhou na sala de dissecação da Universidade de Leiden podem estar perfeitamente certos. Ou não.

Pode haver algumas pinturas de qualidade comparável das quais se sabe menos do que de O Cavaleiro Polonês. Mas as dúvidas lançadas sobre ela pelo RRP também são especulativas. Os esforços para atribuí-lo a um dos alunos de Rembrandt, Willem Drost, sobre cuja vida e obra se conhece muito pouco, são muito inconclusivas. Lembram as tentativas de “provar” que Hamlet foi realmente escrito por outro que não William Shakespeare —, mas alguém que era tão bom escritor quanto Shakespeare, de cuja existência não existem evidências reais. Até tal fantasma aparecer, imaginar Rembrandt sem O Cavaleiro Polonês é como tentar imaginar Wagner sem Parsifal (**Parsifal** = ópera de três atos com a música e libreto do compositor alemão Richard Wagner. Estreou no Bayreuth Festspielhaus em Bayreuth no mês de julho de 1882).

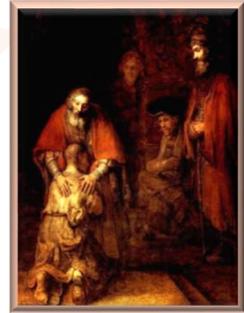
Mas têm surgido outras dúvidas sobre a autenticidade de rembrandts — não só sobre quadros falsos ou menores, mas sobre obras que já foram (e talvez, dada as mudanças de fortuna que a reatribuição traz, deveriam de novo ser) colocadas entre o melhor de sua obra. David Tocando Harpa

REFLEXÕES XXVI

diante de Saul é, para mim, a pintura mais comovente, com aquele olhar de remorso do rei e seu jovem harpista concentrado, de aparência não ideal, mas lindamente realista. Por que o historiador de arte Horst Gerson o tirou de Rembrandt em 1968? Porque achou o gesto de Saul derramando lágrimas em seu manto (ou talvez escondendo o rosto de Davi, a quem planejava assassinar) teatral demais. Rembrandt é frequentemente teatral. Na verdade, sua proximidade frequente do teatro é implícita em sua iluminação e na eloquência concentrada com que suas figuras posam e gesticulam.



A teatralidade não diminui Rembrandt: é uma das coisas que fazem dele um grande artista barroco, bem como um grande realista. Afinal, poucos gestos poderiam ser mais teatrais que o maravilhoso da reconciliação em A Volta do Filho Pródigo, em que o filho delinquente se ajoelha, enterrando o rosto no regaço do pai, enquanto as mãos do velho descansam nas costas do rapaz com tão extraordinária ternura. E a teatralidade é acentuada pelo fato de que o pródigo caiu de joelhos diante do pai com tal ímpeto emocional que seu sapato esquerdo saiu do pé, como poderia ter acontecido na vida real, de forma que a sola de seu pé está tão nua quanto qualquer pé feito por Caravaggio — imagem nunca sublimar demais de despojamento do espírito, de humildade e de arrependimento, que é do que trata a parábola do filho pródigo. Na verdade, pode-se, naturalmente, ver na junção de pé e sapato vazio uma pequena representação da alma humilde se desfazendo das capas e coberturas do mundo material.



Rembrandt frequentemente usava modelos judeus, o que não

REFLEXÕES XXVI

surpreende, já que ele ilustrava muitas cenas bíblicas. Pessoalmente, porém, ele não parece ter mergulhado na comunidade judaica (principalmente sefardita) de Amsterdam; como observa o historiador da arte Gary Schwartz, seus contatos judeus “se limitavam a algumas das figuras que se aventuravam mais longe no mundo cristão”, especialmente o estudioso Rabi Menassah bem Israel (1604-1657), que tocava a principal imprensa judaica no norte da Europa e deve, assim se presume, ter mostrado a Rembrandt como escrever corretamente a inscrição aramaica “*Mene, mene, tekel, upharsin*” (Teu reino foi dividido e entregue aos Medos e aos Persas) em sua pintura do Banquete de Baltazar. É difícil imaginar quais podem ter sido os sentimentos particulares de Rembrandt sobre os judeus. Com certeza, porém — já que nada parecido com o “judeu ignóbil” foi detectado em sua obra — ele não era antissemita, e não fez nenhum esforço para dissimular o fato óbvio de que os heróis do Velho Testamento, apóstolos e profetas que com tanta frequência ele convocou para suas pinturas, eram judeus.



Mais ainda, como é nitidamente claro em sua obra que ele via o artista como um estranho, pode-se justamente supor que o judeu como estranho nas comunidades solidamente cristãs de Leiden e Amsterdã teria angariado sua simpatia também.

Rembrandt nunca teve a segurança institucional de Rubens, por exemplo. Ele não era totalmente confiável no que diz respeito a produzir grandes pinturas oficiais e satisfazer as necessidades e a vaidade de grandes patrões, embora certamente pudesse se desempenhar de maneira impressionante quando requisitado: uma peça de evidência marcante disso é sua obra-prima A Ronda Noturna, aquela revisão



REFLEXÕES XXVI

extraordinária do gênero em que os pintores holandeses eram exímios, o retrato de grupo de membros de um conselho, um clube e uma profissão.

A ronda noturna não acontece como frequentemente se observou à noite — ela adquiriu o nome no século XVIII quando estava escurecida pela sujeira. Atualmente ela está clareada de maneira uniforme, pela boa razão de que todos os retratados nela se sentiam intitulados a serem bem vistos e reconhecíveis. O que ela retrata é uma das milícias que, na Amsterdam do século XVII, haviam perdido a maioria de suas funções militares, mas conservavam seu papel de clubes sociais semimilitares, com cerca de 200 membros. Havia cerca de 20 dessas companhias, divididas em três tipos: arqueiros, besteiros (**Besta** = antiga arma portátil que consiste em um arco de madeira, chifre ou aço, montado em uma coronha, cujas extremidades são ligadas por uma corda que se retesa por meio de mola e que, ao ser solta, arremessa setas curtas, pelouros, etc.; balesta, balestra) e os mosqueteiros ou kloveniers. Cada uma tinha seu quartel-general, o doelen — um clube, com estande de tiro e armamentos.

Rembrandt pintou os homens de um desses clubes de mosquetaria, cujo oficial-chefe era um homem rico de 37 anos, chamado Frans Banning Cocq, marchando de um lado para o outro, desfraldando seus estandartes, lanças e alabaras e disparando suas armas, apenas para exibição. É uma cena curiosamente desordenada — historiadores da arte mostraram que nem mesmo os uniformes e costumes dos milicianos são consistentes, alguns datando aparentemente do século XVI, sugerindo que eles vieram não dos vestiários do doelen, mas de algum armário de costumes do próprio Rembrandt. Rosados, bem nutridos, satisfeitos, vestidos com couros, plumas, aço e empáfia — os kloveniers não parecem nem um pouco perigosos, mas Rembrandt fez um maravilhoso trabalho ao registrar sua pretensão à importância, o que pode ter sido a motivação da pintura.

ROSTO HUMANO. Pensamos nele, principalmente, como um grande topógrafo do rosto humano, o seu próprio e os alheios, judeu e gentil, masculino e feminino, jovem e (especialmente) velho. Em nenhum outro momento da arte do século XVII há um retrato mais belo e respeitoso de uma mulher idosa do que a Margarethe de Rembrandt, com aquele rufo branco engomado como um marco imaculado rodeando o pescoço. Em nenhum outro lugar se verá um casal amoroso tão decoroso, mas íntimo, do que na pintura convencionalmente chamada de A Noiva Judia, ainda que não saibamos seus nomes. Tampouco seria fácil encontrar um sábio mais sábio e mais imerso em pensamento do que em Aristóteles Contemplando o Busto de Homero. (Por que Aristóteles estaria fazendo aquilo? A resposta aponta para a familiaridade de Rembrandt, às vezes subestimada, com a literatura clássica; ele sabia, como a maioria dos homens comuns certamente não, que Aristóteles de fato pensou muito e profundamente sobre a Iliada e a Odisseia, e compôs um comentário perdido sobre elas).



Depois, há os numerosos autorretratos. Rembrandt já seria lembrado como um extraordinário autorretratista se tivesse morrido jovem, aos 45 anos, por exemplo. Mas viveu muito mais e é a obra de sua velhice que hoje mais se admira: aquele escrutínio íntimo e implacável de seu próprio envelhecimento, feições enrugadas e borradas, com a luz sobre o nariz abatado e a pincelada grossa: o



REFLEXÕES XXVI

rosto de um mestre, o rosto de um fracasso e de uma bancarrota. A vida e seus próprios descaminhos o maltrataram, mas ninguém poderia dizer que ele foi derrotado.

Esta é a mensagem de uma obra como o tardio autorretrato de 1661-1662 hoje em Kenwood House. Aqui Rembrandt era o pintor supremo da interioridade, do pensamento humano, fosse ele a autorreflexão de Betsabá ou a meditação de Aristóteles. Ele havia feito pinturas de si próprio que irradiavam francamente um sucesso jactancioso, mas o mais profundo foi guardado para a última década de sua vida, quando ele se retratou como um pintor no trabalho, segurando pincéis, paletas e tento. Ele está de costas para uma parede, ou, talvez, uma grande tela.

Na tela há dois grandes arcos, círculos incompletos. O que essas formas abstratas estão fazendo ali? Elas vêm da leitura de Rembrandt de uma história bem conhecida e na verdade exemplar de Plínio. O grande pintor grego, Apeles, assim conta a narrativa de Plínio, foi visitar um antigo mestre igualmente famoso, Protógenes, na ilha de Rhodes. Mas Protógenes estava fora, e Apeles, em vez de lhe deixar um recado, traçou numa parede de seu estúdio um círculo perfeito, à mão livre. Protógenes perceberia que somente um artista com as habilidades de Apeles poderia ter feito aquilo. Assim, Rembrandt se coloca diante da mensagem que o compara com Apeles, rei e ancestral de sua arte. A velhice finalmente o libertou para dar uma prova incontroversa, absolutamente simples, de maestria. O círculo se fechara. ●

Robert Hughes: historiador da arte, autor, entre outros livros de *The Shock of the New*, sobre as vanguardas do modernismo.

Artigo publicado no jornal *The Guardian* e no Estado de S. Paulo no dia 19 de março de 2016

REFLEXÕES XXVI



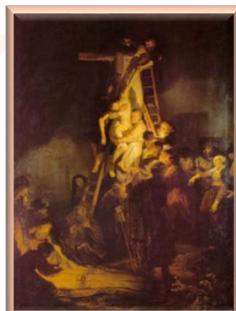
Os Síndicos do Grêmio de
Tecidos de Amsterdam



Mar da Galileia



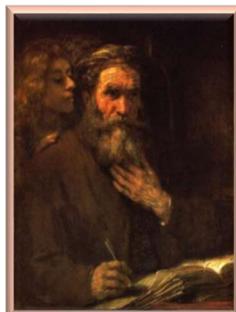
Filósofo em Meditação



A Descida da Cruz



Titus Vestido de
Monie

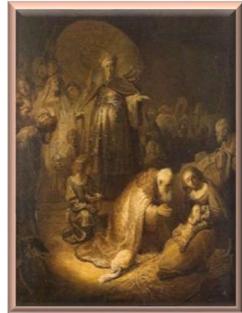


São Mateus e o Anjo

REFLEXÕES XXVI



São Paulo



Adoração



Moinho



O Rico Insensato

A arte da guerra ou o oceano de dor e morte da Guernica de Picasso

Colm Tóibín



Picasso estava em Paris quando Guernica foi bombardeada. O ataque aéreo devastador sobre a cidade basca em 26 de abril de 1937 foi amplamente noticiado. No dia seguinte, George Lowther Steer escrevia no jornal *The Times*: “*Guernica, a mais antiga cidade dos bascos e o centro de sua tradição cultural, foi ontem completamente destruída por incursões aéreas rebeldes. O bombardeio da cidade desprotegida muito atrás das linhas durou precisamente três horas e um quarto durante as quais a poderosa frota de aviões não cessou de descarregar sobre a cidade bombas pesando de 1.000 libras para baixo e calcula-se que mais de 3.000 projéteis incendiários de alumínio de duas libras. Enquanto isso, os caças mergulhavam sobre o centro da cidade para metralhar a população civil que tentava se refugiar nos campos*”. Na manhã seguinte, as manchetes de *L’Humanité*, o jornal matinal que Picasso costumava comprar, diziam: “*Mil bombas incendiárias lançadas pelos aviões de Hitler e Mussolini*”. Ela vinha acompanhada por ilustrações vívidas da cidade devastada e fotografias das baixas.



Para os bascos, foi um ataque à alma de sua nação ancestral; para o mundo, um crime contra a humanidade. Com o passar do tempo, quando o nome Guernica passou a se associar mais a um quadro que a um lugar, muitos bascos adotaram uma atitude negativa sobre uma pintura feita a grande distância por alguém sem nenhuma afinidade especial com a cultura basca. Nos últimos anos, porém, à medida que essa cultura foi se tornando mais aberta, pessoas no País Basco deram de especular por que a pintura de Picasso devia ficar pendurada somente em Madri, por que ela jamais havia cruzado suas fronteiras para ser pendurada no lugar onde o crime fora cometido. Elas, e muitas outras na Espanha, queriam ver esse grande ícone exposto em Bilbao ou na própria Guernica.

Na época do bombardeio Picasso havia sido contratado pelo governo republicano espanhol, junto com outros artistas como Joan Miró e Julio González, para desenhar uma obra para o Pavilhão Espanhol da exposição internacional de 1937 em Paris. Ele havia visitado o local do pavilhão, projetado por Josep Lluís Sert e Luis Lacasa, e ali observado o grande espaço reservado para seu mural.

A essa altura, ele já havia produzido duas da série de seis gravuras grotescas intituladas **Sonho e Mentira de Franco**. Mas corriam rumores de que ele apoiava os fascistas, ou que era indiferente ao que estava acontecendo na Espanha, tanto que ele emitiu uma declaração enquanto trabalhava em **Guernica**: *“A luta espanhola é a luta da reação contra o povo, contra a liberdade. Toda minha vida de artista tem sido uma luta contínua contra a reação e a morte da arte. Como alguém poderia pensar, por um instante que fosse, que eu poderia estar de acordo com a reação e a morte?”... No painel em que estou trabalhando, ao qual chamarei de **Guernica** e em todas as minhas obras de arte recentes, expresso claramente a minha abominação pela casta militar que mergulhou a Espanha num oceano de dor e morte.*” Nesse período, Picasso havia encontrado um grande estúdio em Paris onde poderia trabalhar em seu mural. O estúdio

ficava na rue des Grands-Augustins, sobre a qual Balzac escrevera, e num prédio que fora usado mais recentemente pelo surrealista George Bataille para reuniões que Dora Maar havia frequentado. O prédio possuía um sótão imenso.

Picasso não tinha nenhuma desculpa para não trabalhar, mas nas semanas precedentes à sua leitura sobre os ataques aéreos a Guernica, não há evidências de que, apesar de alguns esforços, ele tivesse alguma grande ideia sobre a encomenda. As notícias sobre o bombardeio, que havia deixado 1.645 mortos e 889 feridos, deixaram claro que ele havia sido um ataque indiscriminado contra uma população civil. O Times noticiou: *“Na forma de sua execução e na escala de destruição que ele causou, não menos do que na escolha de seu objetivo, o ataque a Guernica não tem paralelo na história militar.”* Picasso, além do sentimento de ultraje, tinha o destino de sua família e seus amigos em Barcelona com que se preocupar.

Em maio, ele fez seu primeiro esboço. O processo de produção do mural foi registrado por Maar. Dois anos antes, Picasso havia brincado: *“Seria mais interessante preservar fotograficamente, não os estágios, mas as metamorfoses de uma pintura... Mas tem uma coisa muito curiosa – notar que basicamente uma pintura não muda, que a primeira versão permanece quase intacta, apesar das aparências.”* Esse primeiro esboço num pedaço de papel azul tinha o touro, o pássaro, o cavalo morto com as pernas traseiras levantadas e a mulher.

LABAREDAS. Gijs van Hensbergen, em seu livro definitivo *Guernica: The Biography of a 20th Century Icon*, escreve sobre o trabalho daquele primeiro dia: *“Não há nada no primeiro esboço preparatório para **Guernica** que descreva especificamente Gernika (a grafia basca para o nome da cidade), o bombardeio, os aviões, o efeito das bombas incendiárias, as labaredas, ou as explosões estrondosas e os corpos espalhados. Do esboço 2 ao esboço 6, todos produzidos no primeiro dia, Picasso... reposiciona seus atores*

e descarta os estranhos ao enredo, lentamente, refinando-os e emparelhando-os de novo... Na noite de 1º de maio, ele havia chegado notavelmente perto da pintura final.” Durante todos os dias daquele mês de maio, Picasso trabalhou na pintura permitindo que Maar fotografasse o processo, e, nos fins de semana, ele ia para o campo ficar com Mariel Thérèse Walter. No fim do mês, convidou amigos e artistas, entre eles Alberto Giacometti, Roland Pensore e Henry Moore, para ver a obra em progresso.

Moore recordou: *“Sobre a mulher que sai correndo da pequena casinha à direita com uma mão estendida para Frente? Bem, Picasso nos disse que estava faltando alguma coisa ali, e pegou um rolo de papel e o pregou na mão da mulher, como se para dizer que ela havia sido surpreendida no banheiro quando as bombas chegaram.”* Em 11 de julho, o dia anterior à abertura do pavilhão, o escritor Max Aub falou aos que haviam trabalhado em sua construção: *“Na entrada, à direita, a grande pintura de Picasso salta à vista. Falarão dela por muito tempo Picasso representou a tragédia da Gernika. É possível que esta arte seja acusada de ser abstrata ou difícil demais para um pavilhão como o nosso que procura, acima de tudo, e antes de mais nada, a manifestação popular”.*

REAL DEMAIS. *“Aos que protestam dizendo que as coisas não são assim, devemos responder perguntando se eles não têm dois olhos para ver a realidade terrível da Espanha. Se a pintura de Picasso tem algum defeito é que ela é real demais, terrivelmente verdadeira demais, atrocemente verdadeira.”* Assim começaram as polêmicas sobre o quadro. Era um pôster ou uma pintura? Representava o horror da guerra ou algumas obsessões muito pessoais do pintor combinadas com uma história da arte? O que significava o touro? Era um novo começo da arte pública, do espaço pictórico, da descrição do horror?

O mural foi instalado na parte mais central do pavilhão. A controvérsia sobre seu valor começou imediatamente, com o

presidente do País Basco, bem pouco entusiasmado com a obra, declinando a oferenda do quadro, feita por Picasso, “ao povo basco”. O muralista basco José María Ucelay também adotou uma visão sombria sobre ela. *“Como obra de arte”,* disse, *“é uma das coisas mais pobres já produzidas no mundo... É apenas sete por três metros de pornografia, cagando em Gernika, em Euskadi (o País Basco), em tudo”.* Essas observações estão entre as muitas feitas naqueles anos por espanhóis de todos os tipos, e que precisam, à luz da opinião corrente, ser rapidamente esquecidas.

Depois de sua exposição em Paris, a pintura foi levada para Londres, chegando ali em 30 de setembro de 1938, o dia do Pacto de Munique. Em janeiro de 1939, tanto a pintura como os esboços preparatórios foram exibidos na Whitechapel Art Gallery, onde 15 mil pessoas foram vê-la no fim de semana. Depois, ela foi deslocada para os Estados Unidos onde foi mostrada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e, subseqüentemente, em todo o país, seguindo depois, nos anos 1950, para o Brasil e para várias cidades europeias. Mas essas excursões não combinavam com a fragilidade da obra. Picasso decidiu então que ela devia ficar em Nova York onde “ela regrediu lentamente”, escreve Van Hensbergen, *“da condição de testemunha e profecia, aos reinos mais seguros do artefato”.* Entretanto, como Picasso também havia afirmado que a pintura só poderia ser levada à Espanha quando acabasse o fascismo, ela se tornou um símbolo da esperança de que, depois da morte de Franco, a Espanha se tornaria uma República. A chegada de Guernica à Espanha significaria o fim do pesadelo que Franco havia criado. Quando o regime franquista abrandou, inaugurou-se um museu Picasso em Barcelona e houve sugestões de que a pintura poderia retornar, mas Picasso ficou irredutível e o mesmo aconteceu com sua família depois de sua morte. A pintura só viria ao país com a democracia.

Assim, ela só chegou ao solo espanhol em 10 de setembro de 1981, quase seis anos depois da morte de Franco, e foi

colocada em exposição atrás de um vidro à prova de balas e de bombas. Então, em 1992, depois de muita controvérsia, a pintura e os esboços foram transferidos para o novo Museu Reina Sofia em Madri. Os pedidos para a exibição da obra na própria Guernica, ou durante os Jogos Olímpicos em Barcelona foram recusados por causa de seu estado frágil.

Em 1992, os bascos não tinham um espaço para a pintura no novo Museu Guggenheim em Bilbao. Mas, assim como Guernica se tornara um símbolo da resistência a Franco, este assombroso edifício, projetado por Frank Gehry e inaugurado em 1997, se tornou um símbolo de uma nova confiança basca, tanto cultural como política. O legado cultural basco é complexo. De um lado, trata-se de uma cultura profundamente nacionalista que preservou uma língua ancestral e um senso de identidade; de outro, por sua prosperidade, sua abertura para a França e para o mar, ela tem sido, desde há muito, uma sociedade altamente cosmopolita. Não é por acaso que o vistoso novo museu construído para abrigar o melhor da arte internacional foi projetado por um estrangeiro, ou que a maravilhosa nova ponte em Bilbao tenha sido projetada por Santiago Calatrava, também um forasteiro.

No fim do ano passado, viajei pelo país pela BBC Radio 3 para observar a herança musical basca. Como toda região montanhosa, ela é rica em canções folclóricas e, como uma sociedade que tem sido profundamente católica, sua herança religiosa e coral é forte. Mas muitos compositores clássicos bascos, inclusive Juan Crisóstomo Arriaga, chamado o Mozart espanhol, se embeberam em influências francesas e alemãs. É possível ouvir a música de muitos compositores bascos, tanto clássicos como contemporâneos, e sentir que a influência do mundo exterior tem sido marcante. De todas as características do País Basco, essa tradição é a mais oculta e, de certa forma a mais típica.

CESSAR-FOGO. Era difícil, talvez, divulgar tesouros culturais como Arriaga, Pablo Sarasate, Jesús Guridi, Jesús

REFLEXÕES XXVI

Arámbarri, Luís de Pablo ou até Maurice Ravel no mundo musical enquanto a campanha do ETA (Pátria Basca e Liberdade) ocupava as manchetes. Desde que o ETA declarou o cessar-fogo, as mudanças na sociedade, visíveis há muito tempo para os moradores locais, poderão ficar claras para o mundo exterior. Como na Irlanda o vácuo deixado pela violência política pode ser preenchido de maneira mais proveitosa pela cultura.

O pedido basco para Guernica de Picasso ser exposta em seu museu-vitrine, ou em algum outro local adequado, é, portanto, inteligente e interessante. Nos últimos anos, os catalães fizeram uma campanha soberbamente orquestrada pela volta dos arquivos que foram levados pelas tropas de Franco da Catalunha para Salamanca no fim da guerra civil. Foi a oposição ao governo de Madri que deu o fôlego principal à campanha. No começo deste ano, o retorno dos arquivos a Barcelona foi motivo de grande orgulho e alegria para os nacionalistas catalães.

Também no País Basco o principal partido nacionalista e o principal partido conservador uniram forças com outros políticos espanhóis no apelo para que Guernica, tão desprezada por alguns bascos em 1937, seja tirada de Madri. Seria uma grande tolice dos que controlam a pintura – seja qual for a fragilidade do seu estado – permitir que ela se torne um símbolo do centralismo espanhol enquanto durar a campanha para entregá-la por qualquer tempo breve, provavelmente vai se tornar uma grande causa de mobilização basca. ●

Colm Tóibín: escritor, autor de *História da Noite*, *A Luz do Farol*, *O Sul*, *Amor em Tempos Sombrios* e *O mestre*, selecionado para o Booker Prize de 2004.

Artigo publicado no *The Guardian* e jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 14 de maio de 2006

A liberdade de ver os outros

David Foster Wallace



Um dos escritores mais admirados de sua geração, o americano David Foster Wallace se suicidou no mês passado, aos 46 anos, enforcando-se. Este texto foi tirado de seu discurso de paraninfo para formandos do Kenyon College, há três anos

Dois peixinhos estão nadando juntos e cruzam com um peixe mais velho, nadando em sentido contrário. Ele os cumprimenta e diz:

– Bom dia, meninos. Como está a água?

Os dois peixinhos nadam mais um pouco, até que um deles olha para o outro e pergunta:

– Água? Que diabo é isso?

Não se preocupem, não pretendo me apresentar a vocês como o peixe mais velho e sábio que explica o que é água ao peixe mais novo. Não sou um peixe velho e sábio. O ponto central da história dos peixes é que a realidade mais óbvia, ubíqua (**Ubíquo** — onipresente, universal, geral) e vital costuma ser a mais difícil de ser reconhecida. Enunciada dessa forma, a frase soa como uma platitude — mas é fato que, nas trincheiras do dia a dia da existência adulta, lugares comuns banais podem adquirir uma importância de vida ou morte.

Boa parte das certezas que carrego comigo acabam se revelando totalmente equivocadas e ilusórias. Vou dar como exemplo uma de minhas convicções automáticas: tudo à minha volta respalda a crença profunda de que eu sou o centro absoluto do universo, de que sou a pessoa mais real, mais vital e essencial a viver hoje. Raramente mencionamos esse egocentrismo natural e básico, pois parece socialmente

repulsivo, mas no fundo ele é familiar a todos nós. Ele faz parte de nossa configuração padrão, vem impresso em nossos circuitos ao nascermos.

Querem ver? Todas as experiências pelas quais vocês passaram tiveram, sempre, um ponto central absoluto: vocês mesmos. O mundo que se apresenta para ser experimentado está diante de vocês, ou atrás, à esquerda ou à direita, na sua tevê, no seu monitor, ou onde for. Os pensamentos e sentimentos dos outros precisam achar um caminho para ser captados, enquanto o que vocês sentem e pensam é imediato, urgente, real. Não pensem que estou me preparando para fazer um sermão sobre compaixão, desprendimento ou outras “virtudes”. Essa não é uma questão de virtude — trata-se de optar por tentar alterar minha configuração padrão original, impressa nos meus circuitos. Significa optar por me libertar desse egocentrismo profundo e literal que me faz ver e interpretar absolutamente tudo pelas lentes do meu ser.

Num ambiente de excelência acadêmica, cabe a pergunta: quanto do esforço em adequar a nossa configuração padrão exige de sabedoria ou de intelecto? A pergunta é capciosa. O risco maior de uma formação acadêmica — pelo menos no meu caso — é que ela reforça a tendência a intelectualizar demais as questões, a se perder em argumentos abstratos, em vez de simplesmente prestar atenção ao que está ocorrendo bem na minha frente.

Estou certo de que vocês já perceberam o quanto é difícil permanecer alerta e atento, em vez de hipnotizado pelo constante monólogo que travamos em nossas cabeças. Só vinte anos depois da minha formatura vim a entender que o surrado clichê de “ensinar os alunos como pensar” é, na verdade, uma simplificação de uma ideia bem mais profunda e séria. “Aprender a pensar” significa aprender como exercer algum controle sobre como e o que cada um pensa. Significa ter plena consciência do que escolher como alvo de atenção e pensamento. Se vocês não conseguirem fazer esse tipo de escolha na vida adulta, estarão totalmente à deriva.

REFLEXÕES XXVI

Lembrem o velho clichê: “A mente é um excelente servo, mas um senhorio terrível.” Como tantos clichês, também esse soa inconvincente e sem graça. Mas ele expressa uma grande e terrível verdade. Não é coincidência que adultos que se suicidam com armas de fogo quase sempre o façam com um tiro na cabeça. Só que, no fundo, a maioria desses suicidas já estava morta muito antes de apertar o gatilho. Acredito que a essência de uma educação na área de humanas, eliminadas todas as bobagens e patacoadas que vem junto, deveria contemplar o seguinte ensinamento: como percorrer uma confortável, próspera e respeitável vida adulta sem já estar morto, inconsciente, escravizado pela nossa configuração padrão — a de sermos singularmente, completamente, imperialmente sós.

Isso também parece outra hipérbole, mais uma abstração oca. Sejamos concretos então. O fato cru é que vocês, graduandos, ainda não têm a mais vaga ideia do significado real do que seja viver um dia após o outro. Existem grandes nacos da vida adulta sobre os quais ninguém fala em discursos de formatura. Um desses nacos envolve tédio, rotina e frustração mesquinha.

Vou dar um exemplo prosaico imaginando um dia qualquer do futuro. Você acordou de manhã, foi para seu prestigiado emprego, suou a camisa por nove ou dez horas e, ao final do dia, está cansado, estressado, e tudo que deseja é chegar a casa, comer um bom prato de comida, talvez relaxar por umas horas, e depois ir para cama, porque terá de acordar cedo e fazer tudo de novo. Mas aí lembra que não tem comida na geladeira. Você não teve tempo de fazer compras naquela semana, e agora precisa entrar no carro e ir ao supermercado. Nesse fim de dia, o trânsito está uma lástima.

Quando você finalmente chega lá, o supermercado está lotado, horrivelmente iluminado com lâmpadas fluorescentes e impregnado de uma música ambiente de matar. É o último lugar do mundo onde você gostaria de estar, mas não dá para entrar e sair rapidinho: é preciso percorrer todos aqueles

REFLEXÕES XXVI

corredores superiluminados para encontrar o que procura, e manobrar seu carrinho de compras de rodinhas emperradas entre todas aquelas outras pessoas cansadas e apressadas com seus próprios carrinhos de compras. E, claro, há também aqueles idosos que não saem da frente, e as pessoas desnorteadas, e os adolescentes hiperativos que bloqueiam o corredor, e você tem que ranger os dentes, tentar ser educado, e pedir licença para que o deixem passar. Por fim, com todos os suprimentos no carrinho, percebe que, como não há caixas suficientes funcionando, a fila é imensa, o que é absurdo e irritante, mas você não pode descarregar toda a fúria na pobre da caixa que está à beira de um ataque de nervos.

De qualquer modo, você acaba chegando à caixa, paga por sua comida e espera até que o cheque ou o cartão seja autenticado pela máquina, e depois ouve um “boa noite, volte sempre” numa voz que tem o som absoluto da morte. Na volta para casa, o trânsito está lento, pesado, etc. e tal.

É num momento corriqueiro e desprezível como esse que emerge a questão fundamental da escolha. O engarrafamento, os corredores lotados e as longas filas no supermercado me dão tempo de pensar. Se eu não tomar uma decisão consciente sobre como pensar a situação, ficarei irritado cada vez que for comprar comida, porque minha configuração padrão me leva a pensar que situações assim dizem respeito a mim, à minha fome, minha fadiga, meu desejo de chegar logo a casa. Parecerá sempre que as outras pessoas não passam de estorvos. E quem são elas, aliás? Quão repulsiva é a maioria, quão bovinas, e inexpressivas e desumanas parecem ser as da fila da caixa, quão enervantes e rudes as que falam alto nos celulares.

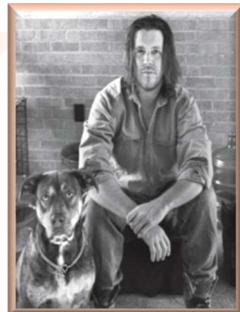
Também posso passar o tempo no congestionamento zangado e indignado com todas essas vans, e utilitários e caminhões enormes e estúpidos, bloqueando as pistas, queimando seus imensos tanques de gasolina, egoístas e perdulários. Posso me aborrecer com os adesivos patrióticos ou religiosos, que sempre parecem estar nos automóveis mais potentes,

REFLEXÕES XXVI

dirigidos pelos motoristas mais feios, desatenciosos e agressivos, que costumam falar ao celular enquanto fecham os outros, só para avançar uns 20 metros idiotas no engarrafamento. Ou posso me deter sobre como os filhos dos nossos filhos nos desprezarão por desperdiçarmos todo o combustível do futuro, e provavelmente estragarmos o clima, e quão mal-acostumados e estúpidos e repugnantes todos nós somos, e como tudo isso é simplesmente pavoroso, etc. e tal.

Se opto conscientemente por seguir essa linha de pensamento, ótimo, muitos de nós somos assim — só que pensar dessa maneira tende a ser tão automático que sequer precisa ser uma opção. Ela deriva da minha configuração padrão.

Mas existem outras formas de pensar. Posso, por exemplo, me forçar a aceitar a possibilidade de que os outros na fila do supermercado estão tão entediados e frustrados quanto eu, e, no cômputo geral, algumas dessas pessoas provavelmente têm vidas bem mais difíceis, tediosas ou dolorosas do que eu.



Fazer isso é difícil, requer força de vontade e empenho mental. Se vocês forem como eu, alguns dias não conseguirão fazê-lo, ou simplesmente não estarão afim. Mas, na maioria dos dias, se estiverem atentos o bastante para escolher, poderão preferir olhar melhor para essa mulher gorducha, inexpressiva e estressada que acabou de berrar com a filhinha na fila da caixa. Talvez ela não seja habitualmente assim. Talvez ela tenha passado as três últimas noites em claro, segurando a mão do marido que está morrendo. Ou talvez essa mulher seja a funcionária mal remunerada do Departamento de Trânsito que, ontem mesmo, por meio de um pequeno gesto de bondade burocrática, ajudou algum conhecido seu a resolver um problema insolúvel de documentação.

Claro que nada disso é provável, mas tampouco é impossível.

REFLEXÕES XXVI

Tudo depende do que vocês queiram levar em conta. Se estiverem automaticamente convictos de conhecerem toda a realidade, vocês, assim como eu, não levarão em conta possibilidades que não sejam inúteis e irritantes. Mas, se vocês aprenderam como pensar, saberão que têm outras opções. Está ao alcance de vocês vivenciarem uma situação “inferno do consumidor” não apenas como significativa, mas como iluminada pela mesma força que acendeu as estrelas.

Relevem o tom aparentemente místico. A única coisa verdadeira, com V maiúsculo, é que vocês precisam decidir conscientemente o que, na vida, tem significado e o que não tem. Na trincheira do dia a dia, não há lugar para o ateísmo. Não existe algo como “não venerar”. Todo mundo venera. A única opção que temos é decidir o que venerar. E o motivo para escolhermos algum tipo de Deus ou ente espiritual para venerar — seja Jesus Cristo, Alá ou Jeová, ou algum conjunto inviolável de princípios éticos — é que todo outro objeto de veneração te engolirá vivo. Quem venerar o dinheiro e extrair dos bens materiais o sentido de sua vida nunca achará que tem o suficiente. Aquele que venerar seu próprio corpo e beleza, e o fato de ser sexy, sempre se sentirá feio — e quando o tempo e a idade começarem a se manifestar, morrerá um milhão de mortes antes de ser efetivamente enterrado.

No fundo, sabemos de tudo isso, que está no coração de mitos, provérbios, clichês, epigramas e parábolas. Ao venerar o poder, você se sentirá fraco e amedrontado, e precisará de ainda mais poder sobre os outros para afastar o medo. Venerando o intelecto, sendo visto como inteligente, acabará se sentindo burro, um farsante na iminência de ser desmascarado. E assim por diante.

O insidioso dessas formas de veneração não está em serem pecaminosas — e sim em serem inconscientes. É o tipo de veneração em direção à qual você vai se acomodando quase que por gravidade, dia após dia. Você se torna mais seletivo em relação ao que quer ver, ao que valorizar, sem ter plena consciência de que está fazendo uma escolha.

REFLEXÕES XXVI

O mundo jamais o desencorajará de operar na configuração-padrão, porque o mundo dos homens, do dinheiro e do poder segue sua marcha alimentado pelo medo, pelo desprezo e pela veneração que cada um faz de si mesmo. A nossa cultura consegue canalizar essas forças de modo a produzir riqueza, conforto e liberdade pessoal. Ela nos dá a liberdade de ser senhores de minúsculos reinados individuais, do tamanho de nossas caveiras, onde reinamos sozinhos.

Esse tipo de liberdade tem méritos. Mas existem outros tipos de liberdade. Sobre a liberdade mais preciosa, vocês pouco ouvirão no grande mundo adulto movido a sucesso e exibicionismo. A liberdade verdadeira envolve atenção, consciência, disciplina, esforço e capacidade de efetivamente se importar com os outros — no cotidiano, de forma trivial, talvez medíocre, e certamente pouco excitante. Essa é a liberdade real. A alternativa é a torturante sensação de ter tido e perdido alguma coisa infinita.

Pensem de tudo isso o que quiserem. Mas não descartem o que ouviram como um sermão cheio de certezas. Nada disso envolve moralidade, religião ou dogma. Nem questões grandiosas sobre a vida depois da morte. A verdade com V maiúsculo diz respeito à vida antes da morte. Diz respeito a chegar aos 30 anos, ou talvez aos 50, sem querer dar um tiro na própria cabeça. Diz respeito à consciência — consciência de que o real e o essencial estão escondidos na obviedade ao nosso redor — daquilo que devemos lembrar, repetindo sempre: “Isto é água, isto é água”.

É extremamente difícil lembrar-se disso, e permanecer consciente e vivo, um dia depois do outro. ●

David Foster Wallace: (1962–2008), romancista e ensaísta americano. Autor do livro *Graça Infinita*, lançado pela Companhia das Letras.

Artigo publicado na *Revista PIAUÍ*, edição 25, outubro de 2008

A peste

Dorrit Harazim



Um célebre experimento científico de 35 anos atrás mostra sua face atual na América em guerra: a tortura está de volta

Enfurnado numa prisão de laboratório, construída no subsolo de uma das universidades mais prestigiosas dos Estados Unidos, o decano da cadeira de Psicologia de Stanford, professor Philip Zimbardo, observa alunos colocarem sacos nas cabeças de prisioneiros, submetê-los a humilhações sexuais, acorrentá-los e lançá-los num abismo emocional. Em poucos dias, a curiosidade científica de Zimbardo se transformou em espanto. Depois em alarme. Por fim, em horror. O que fora minuciosamente concebido como uma experiência para aprofundar o conhecimento da dinâmica que rege a psicologia prisional teve de ser abortado às pressas. O experimento construído para durar duas semanas não pôde prosseguir além do sexto dia — as cobaias humanas tinham atropelado a teoria e instituído o reino do terror, do medo, da tortura real.

Eram os idos do verão de 1971. Dois jornais da cidade californiana de Palo Alto (até hoje um pedaço do sonho americano, com seus 60 mil moradores e 11 mil universitários) tinham publicado um anúncio, convocando voluntários para desempenhar o papel de guardas e presos numa experiência organizada pelo Departamento de Psicologia de Stanford. Como era a época das férias escolares, a oportunidade de embolsar um *per diem* de 15 dólares, mais três refeições diárias, cama e chuveiro, atraíram quase 100 candidatos. Desses, 24 se enquadraram na criteriosa seleção: universitários, saudáveis, de classe média, sem qualquer problema emocional ou pendência judicial. Ficha limpa, em

suma. Para evitar eventuais distorções, eram semelhantes até na estatura e na capacidade intelectual.

Os voluntários podiam escolher entre participar do teste na condição de agentes penitenciários ou prisioneiros. Como boa parte da juventude, à época, se opunha à guerra contra o Vietnã, todos optaram pelo papel de presos. A unanimidade obrigou Zimbardo a sortear quais seriam os doze jovens a assumirem o papel de guardas. Esses foram divididos em três turnos de oito horas de trabalho, ao passo que o grupo de presos ficaria encarcerado o tempo todo, até o final da experiência.

Além do uniforme, os guardas receberam óculos escuros espelhados, algemas, cassetete e uma orientação genérica: evitar fugas a qualquer custo e manter a lei e a ordem, sem recorrer à violência. “A prisão é de vocês”, eles ouviram. Os presos, por sua vez, foram conduzidos de olhos vendados até a pequena prisão de três celas, sem janelas, e iluminação indireta. O regulamento, de dezessete itens, era severo. Aos indisciplinados estava reservada uma tranca solitária — na verdade, um armário da faculdade, adaptado para a ocasião, sem qualquer luz, e no qual o preso só poderia ficar de pé, de cócoras ou agachado.

Os presos receberam um guarda-pó sem cinto, que despersonalizava suas características físicas individuais, e um pedaço de meia de seda feminina, para domesticar as rebeldes cabeleiras da época. Pelo regulamento, todo participante poderia abandonar a experiência quando quisesse.

A equipe de Zimbardo a tudo acompanhava, por meio de câmeras e microfones ocultos. As risadinhas iniciais dos presos, diante da pose dos guardas de mentirinha, sumiram rápido. O cenário deixou de ser ficcional. Em menos de 36 horas, o primeiro estudante-prisioneiro saudável teve de ser libertado, devido a um colapso emocional. No quinto dia, a investigação tinha adquirido grau tão intenso de autocombustão que uma das pesquisadoras irrompeu numa

saleta, aos prantos, e pediu para se dissociar da insânia. Já tinha ocorrido uma rebelião de verdade, as humilhações aos presos haviam entrado na esfera do sadismo, e a disputa pelo poder e controle do cárcere, por parte dos guardas, mostrara todo o seu potencial. “No sexto dia, o experimento tinha escapado ao nosso controle e o interrompemos. Não havia mais como controlar os guardas”, contou Zimbardo.

A prisão construída em laboratório, e, sobretudo, a volumosa análise comportamental que dela resultou, tornou-se um marco da psicologia social. Ela passou a ser mundialmente conhecida por suas iniciais, SPE — Stanford Prison Experiment. Philip Zimbardo, o idealizador da pesquisa, é, desde então, referência maior para quem quer entender a metamorfose de cidadãos tidos como bons e “normais” em carrascos sem amarras.

PASSAM-SE 35 ANOS. O professor estava num quarto de hotel, em Washington, no intervalo de uma reunião do Conselho de Presidentes de Sociedades Científicas. Ligou a televisão e deparou com as imagens saídas dos porões iraquianos de Abu Ghraib. Ficou chocado com o “homem-espantalho”, a “pirâmide humana” de corpos nus, o rastejar do preso puxado por uma coleira, o escárnio da soldado que o atormenta. Mas não ficou surpreso — as semelhanças com o seu experimento eram inequívocas, gritantes. Convidado a servir de testemunha especializada no processo de um dos acusados — o sargento Chip Frederick, chefe do turno da noite em Abu Ghraib —, Philip Zimbardo mergulhou pela segunda vez nas profundezas do comportamento humano. Dedicou os anos seguintes a escrever um estudo comparativo das duas situações.

The Lucifer effect — Understanding how good people turn evil (em tradução literal, “O efeito Lúcifer — Compreendendo como pessoas boas se tornam más”) acaba de chegar às livrarias dos Estados Unidos. Nele, o autor demole cada pedaço de argumento que leva à teoria das maçãs podres, segundo a qual os soldados flagrados teriam agido devido a

um desvio individual. Eles não eram, também, aberrações num cenário da guerra. “Os militares implicados com Abu Ghraib não desembarcaram no Iraque trazendo na bagagem tendências sádicas. Não eram torturadores natos nem assassinos experimentados. Transformaram-se em perpetradores do mal pelas condições que ali encontraram”, sustenta Zimbardo. Segundo a sua análise, os acusados são culpados do crime de tortura. Mas a responsabilidade ulterior se estende ao comando militar e ao governo Bush, aos arquitetos do sistema que permitiu a corrupção da condução da guerra.

De fato, como se sabe hoje, a comporta foi aberta enquanto ainda ardiam os destroços das Torres Gêmeas, em Wall Street. De acordo com relato feito por Richard Clarke, ex-conselheiro em contraterrorismo do Conselho de Segurança Nacional de Bush, o tom foi dado na própria noite do 11 de setembro de 2001. Imediatamente após sua fala televisionada à nação em choque, o presidente se trancou com Clarke e o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, no *bunker* situado abaixo da ala leste da Casa Branca. Clarke conta em seu livro de memórias que Bush se mostrou confiante, determinado e duro. O presidente avisou: *“Quero que fique claro que estamos em guerra. Vocês podem derrubar qualquer obstáculo que encontrarem pela frente. Não me importo com o que os advogados internacionais venham a dizer, nós vamos acabar com esses caras”*.

A partir daí, criou-se uma linguagem oficial cada vez mais oblíqua (**Oblíqua** = enviesada), orwelliana, para elidir a palavra tortura e embaralhar parâmetros e condutas na chamada guerra contra o terror. Cofer Black, à época chefe de contraterrorismo da CIA, estreou com “flexibilidade operacional”. Novos manuais passaram a ensinar “Técnicas de Interrogatório Reforçadas”. A própria CIA passou a frequentar memorandos sob outra sigla, OGA (“other government agency”, ou outra agência do governo). E Rumsfeld não admitia o uso do termo “insurgente” para designar os

iraquianos em armas contra a ocupação americana — tentou emplacar o barroco *“Enemies of the Legally Elected Iraqi Government”*, ou EOLEIGs (Inimigos do Governo Iraquiano Legalmente Eleito). Em épocas de pouca matança, chegou a designá-los como um punhado de *“Dead-Enders”* (DEs), algo como uns “sem-chance”, posteriormente rebatizados de “Combatentes Terroristas Estrangeiros”.

Tudo isso, e mais, derivava do parágrafo 3º do célebre memorando de 7 de fevereiro de 2002, elaborado pela assessoria jurídica da Casa Branca, que passou a reger a condução da guerra: “Como norma política, as Forças Armadas dos Estados Unidos continuarão a tratar os detentos humanamente e, na medida em que for apropriado e consistente com a necessidade militar, de acordo com os princípios da Convenção de Genebra”. Tradução feita pelo vice-presidente Dick Cheney, numa entrevista à televisão: *“Muito precisará ser feito em surdina, sem debates. Será vital para nós recorrer a todos os meios ao nosso alcance”*.

Com a anuência do Congresso dos Estados Unidos, o assentimento da maioria da opinião pública e a cobertura (ao menos inicialmente) favorável da imprensa, estava lançada a guerra nas sombras. Quando o país foi despertado pelas grotescas imagens de Abu Ghraib, o dano já era irreparável. Hoje, passados três anos, mais de 450 investigações militares apuram denúncias de torturas, abusos e homicídios por parte de forças americanas no Iraque e Afeganistão. Segundo um levantamento da Associated Press, foram feitos mais de 83 mil prisioneiros desde o início da guerra contra o terror. Somente em Abu Ghraib, a população carcerária chegou ao patamar de 11 mil almas, equivalente a um Carandiru dos tempos da chacina de 1992.

O relato publicado à página 23 traz o retrato do dia a dia naquele pântano. Um dos protagonistas da história, Ali Al-Shalal, pretendeu ser o homem-ícone das fotos, por ter sido encapuzado, amarrado a fios elétricos e colocado em posição de Cristo, em cima de um caixote. A revista *Vanity Fair*, os

jornais The New York Times e The Guardian, a emissora de TV pública PBS, o semanário Der Spiegel, todos o entrevistaram como sendo o homem-espantalho. Até que a revista eletrônica Salon desfez o equívoco. Ali Al-Shalal não é a figura que entrará para a História. Ele é apenas um torturado a mais, numa guerra em tudo regressiva: deflagrada com base em mentiras, em desrespeito à legislação internacional, de objetivo colonial. A foto dele pode estar entre as mais de 1.325 imagens e 93 videoteipes de Abu Ghraib ainda não liberados pelas autoridades americanas.

Banalizada, a tortura passou a ocupar cada vez mais espaço no imaginário da indústria cultural. Somente agora, em sua sexta temporada, os produtores do seriado 24 Horas prometem conter os ímpetus mais aberrantes do implacável e invencível agente-torturador Jack Bauer, o Capitão Marvel da América de George Bush, interpretado pelo ator Kiefer Sutherland. Mais por motivo de eficácia criativa: “Começou a ficar repetitivo”, explicou o produtor-executivo Howard Gordon, numa recente visita ao Brasil. De fato, a trivialidade da questão na vida americana pós-11 de Setembro pode ser ilustrada pela escolha da fantasia de um nova-iorquino para uma festa do Dia das Bruxas: vestiu-se de Charles Graner, o saliente e truculento líder do turno da noite do Pavilhão 1A/B, de Abu Ghraib.

“Poucas coisas injetam tanta adrenalina em nossas vísceras quanto o exercício do poder ilimitado sobre outro ser humano”, sustenta Darius Rejali, professor de Ciência Política no Reed College, de Portland, Oregon, e autor do esperado *Torture and Democracy* (no prelo, pela Princeton University Press). Pelo depoimento de um soldado francês envolvido com tortura nos tempos da Guerra da Argélia, o primeiro sinal dessa erupção física é sentido na boca — a saliva se torna pastosa e um gosto estranho começa a se esparramar pela língua do torturador. Rejali estuda a questão e seus desdobramentos burocráticos há vinte anos. Ele tem poucas dúvidas quanto à ineficácia da tortura como

ferramenta de interrogatório para obter informações confiáveis. Acredita que ela funciona para intimidar prisioneiros e para produzir confissões — ora falsas, ora verdadeiras. Mas, se a questão é saber se a tortura pode ser exercida de forma profissional e científica, a resposta é não. Primeiro, porque qualquer pessoa que tortura é forçosamente corrompida pela experiência. Segundo, porque pesquisas médicas já demonstraram que a aplicação de dor física para estimular a obediência produz resultados tão erráticos quanto a diversidade humana. Sabidamente, cada pessoa sente dor de forma e intensidade variadas.

Especialistas em tortura da época colonial concordam que alguns insurgentes são capazes de suportar dores inimagináveis. O que coloca em marcha um ciclo vicioso: à medida que a vítima for menos vulnerável à dor, mais o interrogador se sentirá compelido a atropelar o manual e ultrapassar esse nível de tolerância. Em março passado, quando o terrorista Khalid Mohammed confessou um amplo leque de crimes e envolvimento nos atentados mais notórios da Al Qaeda, logo surgiram dúvidas quanto à confiabilidade do seu depoimento. Teria confessado por vaidade, despiste, ou para fazer parar a tortura? Os agentes encarregados de obter sua confissão haviam se submetido a simulações de afogamento que duraram até 115 segundos, em média. Mohammed obteve a admiração da equipe por aguentar dois minutos e meio debaixo d'água. Ademais, corpos exauridos e massacrados são mais propensos a fornecer dados falhos, mesmo quando se dispõem a confessar. Ou, inversamente, interrogadores que não confiam nas informações ouvidas aumentam o sofrimento infligido a suas vítimas, em busca de confirmações impossíveis.

Quanto à clássica justificativa da tortura por meio do cenário da “bomba-relógio ativada” — arrancar a informação para impedir a explosão de uma bomba num avião lotado de crianças — o cientista político Rejali demonstra ser falaciosa. “Ao contrário dos seriados de televisão, a tortura, para ser

eficaz, demora dias, semanas, e não minutos. Pressionado pelo tempo, o interrogador tenderá a intensificar a tortura. E, como se sabe, homens mortos, ou inconscientes, não falam.”

A História registra uma exceção à regra. Na Batalha de Argel, torturadores profissionais obtiveram informações confiáveis e consistentes num espaço exíguo de tempo. Foi uma fulminante vitória militar contra o terrorismo, por parte de um Estado democrático, a França, com recurso à tortura. A eficácia francesa na Argélia pode ser explicada pelo mapeamento prévio feito pelos seus serviços de inteligência: cada morador da casbah argelina, onde se concentravam os terroristas, havia sido identificado pelos órgãos de segurança do general Jacques Massu. Mesmo assim, a tortura teve um custo alto, e eficácia momentânea. Custo alto porque a ilegalidade da tortura contaminou a estrutura do exército francês, a ponto de militares que serviram na Argélia terem aderido ao terrorismo para derrubar o governo de De Gaulle. E eficácia momentânea porque, cinco anos depois de vencer a Batalha de Argel, a França perdia a Guerra da Argélia, que conquistou sua independência em 1962. ●

Dorrit Harazim: jornalista. Foi editora de Piauí de 2006 a 2012
Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 8, maio de 2007

Quantos minutos eu preciso correr, no mínimo, para começar a emagrecer?

Mayte Martínez Guerrero



Estudos mostram o que é preciso ser feito para diminuir a cintura queimando a sola

Mais uma vez a corrida volta à pauta. A abundância da literatura sobre os prós e contras desse esporte, que satura os meios de comunicação, já é cansativa por si só. Mas não se desespere: as notícias mais recentes dizem que, para entrar em forma, não é preciso se cansar tanto. Em contrapartida, porém, novos estudos reforçam a importância de combinar o exercício a uma dieta saudável se o objetivo é emagrecer. É o que aponta uma ampla pesquisa da Universidade de Copenhague (Dinamarca), publicada agora no *The Journal of Sports Medicine*. Segundo esse trabalho, correr cinco quilômetros por semana, combinando-os com um cardápio saudável, é um método eficaz para perder em torno de cinco quilos de gordura. Os voluntários que praticaram essa mesma quantidade de exercício sem alterar os seus hábitos alimentares perderam, em média, 3,81 quilos no mesmo intervalo de tempo.

O treinador e diretor técnico da rede espanhola de academias Bodyon, Javier González, pondera: *“O ideal seria correr 3 ou 4 dias por semana, somando, no total, de 8 a 12 quilômetros. De tal maneira que o trabalho diário dure sempre mais de 45 minutos. Assim é possível queimar gordura”*. Ele concorda com o estudo quanto à importância da alimentação. *“A base de todo treinamento sempre será a dieta. A combinação das duas coisas é fundamental para se atingir os objetivos”*.

Para Ángel Merchán, diretor da empresa de treinamento

pessoal Homewellness, se o que se busca é perder peso ou gordura, *“é preciso gerar um déficit calórico, quer dizer, o corpo tem de queimar mais calorias do que aquelas que ingere. Inicialmente, pode dar resultado combinar uma dieta hipocalórica (baixa em calorias) com corridas de 30 ou 40 minutos três ou quatro vezes por semana. Mas, em pouco tempo, essa estratégia deixará de ter efeito, pois o corpo tende a reduzir seu metabolismo para economizar no gasto”*.

Pode acontecer, até, de registrarmos uma melhora em nossa condição física sem mudar nosso cardápio, *“mas sentiremos mais fome. Normalmente, dessa maneira não iremos emagrecer, mas apenas manter o peso”*, explica González, que tem opinião semelhante à de Daniel Moreno, diretor da área de desenvolvimento de Treinamento Pessoal do Beper Sports Club, que acrescenta: *“Podemos gerar o déficit calórico correndo, mas é preciso considerar que se abusamos do treinamento entram em jogo outros riscos físicos, como as lesões ou dores nas articulações e as sobrecargas; ou até mesmo psicológicos, como a desmotivação”*.

Em quanto tempo verei os resultados?

Todos os especialistas concordam em que os benefícios são maiores quando a perda de peso é lenta. Como explica Merchán, *“emagrecer rápido demais pode levar a recaídas. O ideal é diminuir 1% do peso por semana, para evitar o efeito ioiô [voltar a ganhar peso de forma acelerada]”*. *“Dependerá do nível de exigência que coloquemos para nós mesmos. Ele não será o mesmo para quem está com 20 quilos a mais do que para quem precisa perder quatro quilos. Com um regime alimentar e um treinamento perfeito, podemos perder de um a dois quilos por semana”*, garante o diretor da Bodyon. Moreno é mais conservador: *“O saudável é perder entre meio e um quilo”*.

Entendido: para emagrecer, é preciso correr 3 ou 4 vezes por semana, por pelo menos meia hora. Mas, a qual velocidade? E os dias de treino precisam ser seguidos ou alternados? Para

REFLEXÕES XXVI

González, a resposta depende do objetivo de cada um. *“Para eliminar gordura, é melhor correr em ritmo lento, mas durante um período maior de tempo, privilegiando a distância em vez da velocidade. Já para fortalecer a musculatura, é melhor um trabalho mais explosivo, numa distância menor e mais acelerado”*.

Janet Hamilton, técnica de corridas de longa distância, aconselha a treinar cada vez de uma forma diferente. *“Um dia você corre rápido, de 20 a 30 minutos. Em outro, faça uma distância maior, de forma mais lenta, durante mais ou menos uma hora”*. Merchán acrescenta que é eficaz introduzir mudanças de ritmo inclusive em uma mesma sessão, com uma técnica chamada *fartlek* ou HIIT (intervalos de alta intensidade). *“Além de queimarmos mais calorias, a intensidade faz com que o metabolismo se acelere”*.

Adianta alguma coisa correr 20 minutos isoladamente?

Se depois de comer um hambúrguer você decide correr uns 20 minutos para diminuir o peso da consciência, lamentamos dizer que esse sistema não tem nenhuma eficácia para reduzir peso. *“O exercício ajuda a compensar a ingestão de açúcares simples e gorduras saturadas, mas emagrecer é um processo mais global e complexo: depende da quantidade total de calorias ingeridas e consumidas pelo corpo, de quais alimentos elas proveem e do impacto metabólico gerado pela atividade que realizamos”*, afirma Ángel Merchán.

Ou seja: se o seu treino se resume a arrancadas repentinas e breves, talvez esse ato ajude a lhe dar ânimo, mas se ficar nisso você não conseguirá diminuir sua cintura nem um centímetro.

Em pesquisa publicada pela *Medicine & Science in Sports & Exercise*, as mulheres participantes que corriam em alta velocidade durante dois minutos e depois diminuía a intensidade por outros três queimavam mais calorias no dia seguinte ao da sessão do que as que faziam um percurso de forma lenta e constante. Com efeito, as primeiras perderam

REFLEXÕES XXVI

cerca de 4% de gordura corporal em algumas semanas, enquanto o grupo que trabalhou em baixa intensidade não mostrou variações significativas. Aposte no contraste.

Os benefícios da adoção de variações na atividade esportiva são consenso entre os especialistas. *“Os treinos de força e com alta intensidade geram um gasto de energia pós-treinamento bastante elevado, e a fonte de consumo dessa energia são os depósitos de gordura”*, afirma Daniel Moreno. *“Na corrida, realizamos apenas uma atividade aeróbica, com a qual, se queimamos gordura, temos também de tonificar as demais áreas do corpo com outros exercícios, para que não fiquem flácidas”*, acrescenta Javier González. *“É essencial fazer HIIT e trabalho de força para compensar a perda de massa muscular”*, conclui Ángel Merchán. ●

Mayte Martínez Guerrero

Artigo publicado no jornal El País, no dia 30 de maio de 2016

Este é o efeito que um beijo de língua produz no cérebro

Olga Fernández Castro



Ato íntimo desperta neurotransmissores que levam ao otimismo, mas também à raiva

O beijo erótico, esse que provoca sensações conflitantes (calafrios–calor) e acelera o coração, esconde um complexo mecanismo. Um processo que começa nos lábios, a região do corpo que, apesar de suas dimensões reduzidas, é, junto com a ponta dos dedos, a de maior densidade de terminações nervosas, ou seja, em seu interior há múltiplos receptores com grande capacidade para perceber, explorar e transmitir informações para o cérebro. “Nos lábios se nota com muita precisão a temperatura corporal da outra pessoa, o tônus muscular e até o estado de seu sistema imunológico por meio dos anticorpos e outras proteínas desse sistema. Além disso, durante o beijo, especialmente o de língua, há um importante intercâmbio de saliva, que faz o homem passar testosterona para a mulher e aja como uma espécie de afrodisíaco que ativa a receptividade sexual da mulher. Quando toda a informação chega ao cérebro, ele avalia se lhe agrada ou não, se o rejeita ou o aceita”, explica David Bueno i Torrens, biólogo e pesquisador de genética na Universidade de Barcelona.

ATRAÇÃO PELO OLFATO. Os feromônios são hormônios liberados pela pele e influem na atração sexual e, como consequência, no acasalamento. Sua presença nos humanos já foi discutida. Há estudos que dizem que sim, existem. Um deles, publicado na revista **SCIENCE**, mostra que os homens que sentem o cheiro das lágrimas de uma mulher têm redução do apetite sexual. E outro mais recente, publicado na revista **CURRENT BIOLOGY**, mostra que o nariz consegue detectar

essas emanções corporais até quando pensamos que não estamos cheirando nada no nível consciente. *"Atualmente há a concordância majoritária de que existem receptores na parte mais interna do nariz que as detecta, embora a pessoa não saiba"*, afirma o biólogo David Bueno i Torrens, da Universidade de Barcelona.

O beijo serve então como um primeiro exame do outro, um exame do qual não somos conscientes. Isso é confirmado por pesquisa da Universidade de Oxford, realizada por Rafael Wlodarski e Robin Dunbar, que sugere que ele ajuda a analisar a adequação do casal. Também a cientista Sheril Kirshenbaum, da Universidade do Texas, uma das maiores especialistas no tema e autora do livro *A Ciência do Beijo*, junta dados interessantes, como, por exemplo, que as mulheres se sentem atraídas pelo cheiro dos homens com código genético diferente do seu, porque, dessa forma, asseguram melhor prole.

Mas nem tudo é química. A experiência da pessoa ocupa lugar relevante no processo: *"As interações de hormônios no cérebro dependem também da experiência da pessoa em suas relações sociais, mesmo que não perceba. Há estudos com ratos que comprovam que quando um macho é recusado pelas fêmeas, imprime mais trabalho para se reaproximar delas. Outro exemplo da importância da experiência é que quando se beija uma pessoa conhecida, as reações químicas são diferentes de quando o sujeito é desconhecido"*, diz o biólogo.

Quando o cérebro, depois de analisar toda essa informação delicada, diz sim, em décimos de segundo começa a segregar uma série de neurotransmissores (substâncias químicas que fazem a comunicação entre neurônios), e os protagonistas do beijo começam a perceber seus efeitos. *"O que notamos de todas estas reações químicas depende do tipo de neurotransmissor, da porcentagem ou balanço entre eles e dos neurônios sobre os quais atuam"*, indica David Bueno. Quer dizer, dependendo de qual deles predomine, sentiremos

alguns efeitos ou outros. O especialista descreve quatro neurotransmissores básicos despertados pelo beijo: dopamina, que nos faz sentir prazer e bem-estar; serotonina, com a qual sentimos excitação e otimismo, embora também possa ter um efeito de raiva e agressão (“nesse caso, há a rejeição ao par”, salienta Bueno); epinefrina, que aumenta a frequência cardíaca, o tônus muscular e o suor, por isso nós sentimos calor e a aceleração do coração; e a oxitocina, que gera afeto e confiança.

Mas, além disso, outras substâncias são liberadas, como o óxido nítrico, que relaxa os vasos sanguíneos, provocando um aumento no fluxo sanguíneo no pênis e, portanto, a ereção. Ou a feniletilamina, *“uma anfetamina potente e rápida que estimula o sentimento de prazer, por isso o primeiro beijo dos adolescentes costuma ser mais intenso e apaixonado”*, explica Jesús de la Gándara, chefe de Psiquiatria do Hospital Universitário de Burgos e autor do livro *EL PLANETA DE LOS BESOS* (o planeta dos beijos). O psiquiatra destaca que não acontece somente com os adolescentes. Segundo Gándara, também pode ocorrer em adultos. *“A chave está em encontrar a pessoa que desperte esse neurotransmissor”*.

Só que a paixão não é eterna. A química do beijo parece mudar com o passar do tempo dentro de uma mesma relação. Com isso, o amor inicial, em que tudo é energia e vitalidade, vai se desvanecendo paulatinamente e dá lugar a uma segunda etapa, mais tranquila. Para o biólogo David Bueno, a razão dessa mudança reside na saturação dos receptores do cérebro. *“Passa-se para outra etapa na qual não se sente a paixão inicial, mas se está bem com essa pessoa. Embora nem todos os casais façam a passagem do primeiro estágio para o segundo”*, esclarece. O psiquiatra Jesús de la Gándara destaca inclusive que há uma mudança na química cerebral: *“no início da relação há grande estimulação hormonal com predomínio dos andrógenos (testosterona) e da dopamina, mas com o passar do tempo muda, com mais estímulo à vasopressina e à oxitocina; beijam-se com menos frequência e intensidade,*

REFLEXÕES XXVI

mas de maneira mais carinhosa e estável". Algo que parece confirmar estudo realizado na Universidade Bar Ilán, em Israel, que mostrou o importante papel da oxitocina, o hormônio que gera afeto, nas relações estáveis.

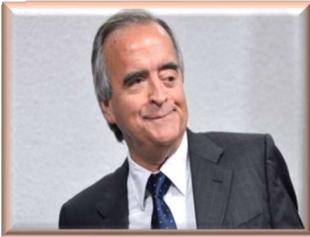
Não se pode esquecer que pelo beijo também dividimos enfermidades, por exemplo, a mononucleose (também conhecida como doença do beijo, muito comum em adolescentes). De fato, em cada beijo de 10 segundos intercambiamos 80 milhões de bactérias, segundo pesquisa feita na Holanda. Isso significa que é ruim beijar? *“Não, beijar é bom. Há estudos que mostram que as pessoas que beijam mais vivem mais, porque tudo que há à sua volta é positivo (companhia, ajuda, apoio emocional). Não fazê-lo significa que não se tem boa relação com seres humanos”*, afirma o psiquiatra, que conclui que o difícil não é que beijem você, e sim ter alguém que se deixe beijar. ●

Olga Fernández Castro

Artigo publicado no jornal El País, no dia 11 de outubro de 2015

O cérebro corrupto

Facundo Manes



A corrupção não é exclusiva da espécie humana, do poder político e empresarial. Mas também da sociedade que de certa forma a exerce ou, pelo menos, a tolera

Nestor Cerveró, preso na Lava Jato e condenado em 2015 por corrupção na Petrobrás.

A corrupção pode ser definida, em um sentido social, como uma crença compartilhada, expandida e tolerada de que o uso da função pública é feito para o benefício de si mesmo, da própria família e de amigos. Mas não é uma novidade moderna. Como bem descreve o World Development Report de 2015, a corrupção foi a norma social por excelência na maior parte da história. O princípio de que todas as pessoas são iguais perante a lei surgiu progressivamente na história e em muitos países ainda é uma tarefa pendente. A corrupção não é exclusiva da espécie humana (foram observadas condutas corruptas em chimpanzés, abelhas e formigas). Entre os seres humanos, não é exclusividade do poder público (mas existe) e de empresários agiotas (mas existem), mas também da sociedade que de certa forma a exerce ou, pelo menos, a tolera.

O tema da corrupção foi estudado pela sociologia e as ciências políticas, pela história e o direito. Mas é importante levar em consideração que o comportamento humano pode ter causas ao mesmo tempo biológicas, psicológicas, culturais e sociais, que interagem para influenciar e não são necessariamente disjuntivas (**Disjuntivo** = usado para separar, desunir).

Em 2014, a revista científica *Frontiers in Behavioral Neuroscience* publicou o resultado de uma experiência na qual

foi medida a condutividade da pele, que é uma medida de variação emocional geral, ao se oferecer um suborno, recebê-lo e esperar para ver se foi descoberta a trama corrupta na qual a pessoa estava envolvida. Um leilão foi simulado e as pessoas tiveram a possibilidade de subornar o leiloeiro para obter benefícios. Nas primeiras vezes, podiam subornar livremente, mas depois o perdedor podia exigir que a operação fosse inspecionada. Entre os resultados viu-se que tanto leiloeiros quanto corruptores eram menos corruptos quando sabiam que poderiam ser observados. Além disso, a atividade eletro-dérmica aumentou quando a pessoa decidiu de forma positiva, honesta e pró-social. O olhar do outro (ou o possível olhar do outro) é o que sanciona o oportunismo.

É isso que também causa nos participantes da experiência o medo de ser descobertos e a ansiedade. É certo que existe o olhar do outro possível: um olhar cúmplice e complacente, de uma pessoa e de uma sociedade que justificam a ação. Se não existe sanção social; se perdemos o mecanismo de prêmios e punições, o crime fica naturalizado.

Mediante o estudo de nosso comportamento evolutivo e a resolução de dilemas morais, foi observado que não importam a cultura, idade, classe social e religião. O homem é corrupto por natureza: pensa primeiro no bem próprio e depois considera regras morais e sociais; suas punições e suas percepções. Não realizar atos de corrupção implica uma atitude pró-social frente a uma atitude que visa exclusivamente ao bem individual. A lei e o olhar social influem positivamente em nossa conduta.

A corrupção é uma condição já que, se é uma decisão individual cometer atos desse tipo, na realidade não se trata somente de uma conduta singular desviada. Em outras palavras, não existem seres humanos corruptos, mas uma sociedade corrupta na qual os seres humanos (dispostos à corrupção) agem.

Em um estudo realizado pelo pesquisador Dan Ariely, foi

observado que um pequeno suborno pode ter uma influência dramática no comportamento moral de um indivíduo. Nessa experiência, os participantes que receberam um pequeno suborno passaram depois a enganar e roubar em tarefas posteriores. Essa descoberta pode ter consequências importantes para a compreensão das normas sociais que conduzem à corrupção generalizada nos governos, nas instituições e na sociedade. Todos os países têm corrupção e seres humanos corruptos. A diferença, em parte, está em quanto a corrupção é tolerada nessa sociedade. Entrevistas qualitativas realizadas com especialistas em corrupção e em diversas áreas (política, comércio exterior, indústria farmacêutica e da construção, esporte), podem mostrar uma tendência comum das organizações corruptas. Dois psicólogos realizaram isso e concluíram que as organizações corruptas costumam se autoperceber como tal em situações como durante uma guerra, o que as faz manter a atitude de que os fins justificam os meios. Isso tem implicações nos valores gerais da organização: racionalizar a falta de ética e punir os que não são corruptos. Mas não, essa “guerra” é somente um pretexto do corrupto.

O relatório *Mente, Sociedade e Conduta* elaborado pelo Banco Mundial menciona que nesses países nos quais a corrupção é uma norma aceita e não existe punição e sanção social para tal conduta, é possível se chegar ao extremo de que parte da sociedade não respeite e até mesmo caçoe do funcionário honesto. Por sua parte, muitas dessas pessoas que no privado criticam a corrupção não se rebelam contra o sistema para não ficar isoladas e tachadas como “diferentes”.

Existem situações nas quais até mesmo policiais foram punidos (por seus colegas e por seu entorno social) por não aceitar subornos, ser honestos e violar a norma estabelecida. O mesmo relatório descreve como pessoas de países com alto índice de corrupção que têm imunidade diplomática em Nova York e, por conta disso, não precisam pagar por multas de trânsito, têm mais infrações do que diplomatas que vêm de

países com menor índice. Isso traz evidências à ideia de que a corrupção, em parte, é influenciada por normas sociais internalizadas.

O homem é corrupto por natureza: pensa primeiro no bem próprio e depois considera regras morais e sociais; suas punições e suas percepções

Foram feitas diversas experiências para mostrar sob quais circunstâncias as pessoas se mostram mais predispostas a agir em benefício do bem comum (como, por exemplo, quando pagam os impostos) e sob quais circunstâncias agem de modo mais egoísta. Um tipo de tarefa experimental utilizada é o “jogo dos bens públicos”. Um exemplo desse jogo seria pessoas em um grupo receberem 400 reais cada e poderem decidir quanto colocarão secretamente em um fundo comum que será duplicado pelo administrador. Ou seja, se uma pessoa não coloca nada no fundo comum e o restante coloca seus 400, essa pessoa receberá mais dinheiro (seus 400 originais somados à partilha do dobro do colocado pelo restante). Quando se joga mais de uma rodada, os jogadores começam a ver que nem todos estão colocando o que poderiam colocar e estão se beneficiando à custa dos outros (já que a partilha final poderia ser maior). Portanto, eles mesmos diminuem sua contribuição.

O resultado é que a atitude egoísta de poucos contagia os que originalmente mais cooperavam. A cooperação costuma ocorrer quando as pessoas sentem que, se ajudarem, receberão algo em troca, mesmo que seja em um futuro distante (conceito essencial para o pagamento de impostos em relação aos benefícios em saúde, educação, segurança, etc.). Também se dá quando as pessoas se sentem observadas. Isso acontece até mesmo com uma foto de um par de olhos, que em uma praça faz com que se aumente a quantidade de coleta das fezes dos cachorros; em um escritório, faz aumentar a quantidade de doações para o café de todos; em um laboratório, reduz a quantidade de más ações. Nosso cérebro responde automaticamente ao olhar do outro, seja real ou

REFLEXÕES XXVI

artificial, produto da evolução. Ser reconhecidos por uma atitude altruísta (**Altruísmo** = atitude que visa ao bem-estar do próximo) nos faz sentir bem com nós mesmos, mas também traz benefícios a todos.

A corrupção não é um detalhe e um desvio que causa impacto somente na moral social. Afeta também a vida das pessoas. Em um texto da prestigiosa revista científica Nature em 2011, foram publicadas estatísticas que calculavam que 83% de todas as mortes pelo desmoronamento de edifícios nos últimos trinta anos ocorreram em países que possuem, segundo os indicadores, os sistemas mais corruptos. Tudo isso não é inevitável e os seres humanos não são fatalmente dessa forma. Mas sem punição, exemplos e sanção social a corrupção pode se transformar em norma estabelecida. Não existem desculpas e tempo que a apague. Devemos estar convencidos e convencer de que a corrupção também é um crime. ●

Facundo Manes

Artigo publicado no jornal El País, no dia 10 de junho de 2016

O lugar do cérebro que faz as dietas fracassarem

Daniel Mediavilla



Experiências com ratos conseguem aliviar a fome manipulando um grupo de neurônios

A energia acumulada nos doces é muito atraente para o cérebro.

“Se perguntar pela rua qual é o motivo da obesidade, a maioria das pessoas responderá que é por comer demais, e têm razão. Mas a pergunta importante é: por que come demais?”. A pergunta foi feita por Jeffrey Friedman em uma entrevista ao EL PAÍS. Em 1994, este cientista norte-americano identificou o hormônio que nos diz quando devemos comer e quando é o momento de parar. Esse tipo de trabalho mostrou que o peso é uma característica regulada pelos genes, de um modo semelhante à estatura, e que pensar em manipulá-lo de maneira significativa a partir de dietas pode ser algo mais complicado do que uma questão de vontade e bons hábitos.

Milhões de anos de evolução nos legaram uma herança genética que busca um equilíbrio entre os riscos de morrer de fome e os inconvenientes de estar muito gordo para caçar ou fugir dos predadores. O centro do controle desse mecanismo encontra-se no cérebro, encarregado de gerir os sinais enviados pelo organismo e o entorno para nos manter com vida o maior tempo possível. Um dos mecanismos fundamentais desse sistema é a fome, um incentivo necessário para enfrentar a caça de um mamute, mas inimigo mortal em um mundo com comida por todos os lados.

Na segunda semana de maio, duas equipes independentes de cientistas publicaram dois trabalhos que tentam descobrir as

redes de neurônios que geram a informação e os impulsos relacionados ao alimento.

Um dos grupos, liderado por Bradford Lowell, pesquisador da Escola de Medicina de Harvard é um dos descobridores dos neurônios AgRP, células nervosas que detectam a falta de calorias e desencadeiam uma série de sinais que nos fazem precisar de comida. Essas moléculas têm níveis mais elevados entre as pessoas obesas e mais baixos entre as magras.

Agora, em um artigo publicado na revista *Nature Neuroscience*, explicam o descobrimento de um circuito que inibe e controla a vontade de comer. Esse mecanismo, regulado por uma proteína batizada como MC4R, pode ser o alvo para a criação de um remédio que ajude a controlar o apetite e a obesidade, ao reduzir o sofrimento da fome associada à dieta.

Uma vez identificados os neurônios que controlam a saciedade, situadas no hipotálamo, a região do cérebro que regula nossos mecanismos básicos de sobrevivência, os pesquisadores observaram que os sinais dessa área se comunicam com outra na parte de trás do cérebro conhecida como núcleo lateral parabraquial. Depois, os pesquisadores criaram um experimento para identificar como essas ordens são transmitidas. Realizaram isso por meio de um sistema que, empregando ratos modificados geneticamente, permitiu a ativação de neurônios por intermédio de um laser azul que agiu sobre um implante de fibra óptica em seu cérebro.

Com esse sistema, introduziram ratos famintos em um espaço com duas câmaras, uma normal e uma com uma luz azul que ativou o implante dos ratos modificados. Além disso, utilizaram ratos não modificados. Estes últimos não demonstraram preferência por nenhuma das duas câmaras, mas os manipulados preferiram claramente a azul, onde o laser ativou a região do cérebro relacionada com a fome e aliviou a necessidade de comer.

Os neurônios da fome são ativados quando são perdidos entre 5%

e 10% do peso corporal

Agora, Lowell e sua equipe trabalham para aplicar o aprendido com essas experiências à saúde humana, ainda que reconheça que implantar fibras ópticas em humanos pode não ser a melhor solução para a obesidade. *“Idealmente, esses neurônios seriam estimulados com um remédio. Agora estamos trabalhando para identificar todos os genes que manifestem os neurônios de saciedade e esperamos que manifestem algo que possa ser usado como um alvo terapêutico”*, explica Lowell à Materia.

Em um trabalho que pretendia comprovar uma parte relacionada desse mecanismo, Scott Sternson, pesquisador do Instituto Médico Howard Hughes, também analisou a função dos neurônios AgRP. Segundo o pesquisador, esses interruptores da fome são ativados quando a perda de peso atinge entre 5% e 10% da massa corporal, e explicaria em parte por que no começo uma dieta pode funcionar para depois fracassar por conta de um apetite permanente que pretende nos devolver ao que considera nosso peso normal.

“Estamos estudando diferentes formas de o cérebro controlar o apetite”, afirma Sternson, que publicou seu estudo na Nature. *“Durante mais de 60 anos, todos os estudos neurobiológicos consentiram que a fome faz a comida ficar mais gostosa, e isso sem dúvida é certo. Identificamos, entretanto, um grupo de neurônios diferentes que provoca a fome por outro mecanismo: produzem um sinal que causa um sentimento desagradável e os animais aprendem a comer, em parte, para acabar com esse sinal”*, acrescenta. *“Portanto, esses neurônios contribuem com os aspectos emocionais negativos de perder peso, seja devido à inanição, que tais neurônios evoluíram para prevenir, ou devido a uma dieta para perder peso”*, conclui.

Até agora, Sternson e sua equipe, que como Lowell desenvolveram suas experiências com ratos, manipularam os neurônios da saciedade por meio de um vírus, de uma forma

REFLEXÕES XXVI

semelhante à maneira como novos genes são inseridos na terapia genética. *“Isso pode ser uma forma de realizar em pessoas, mas também podemos compreender muito sobre os receptores e as enzimas manifestadas nos neurônios AgRP para desenvolver remédios que os modifiquem no futuro”*, comenta.

Os dois enfoques apresentados na segunda semana de maio servirão, se puderem ser utilizados com segurança em humanos, para reduzir a ingestão excessiva de comida e, ao mesmo tempo, evitar os efeitos desagradáveis da fome causados pela dieta e que, como explicou Friedman, parece nos lembrar de que nosso peso, como nossa estatura, está inscrito nos genes e não há muito que possamos fazer para mudá-lo em longo prazo. ●

Daniel Mediavilla

Artigo publicado no jornal El País, no dia 11 de maio de 2015

Como usar conhecimentos científicos para fugir da dieta

Daniel Mediavilla



Álcool não engorda, gorduras não são tão ruins e emagrecer é impossível são algumas das justificativas

O consumo de álcool moderado não foi relacionado com o aumento de peso.

Quando se faz dieta, como quando se tenta parar de fumar ou começar a correr quatro vezes por semana, surge em nossa consciência de maneira automática uma voz que tenta boicotar os bons propósitos. Os argumentos do diabinho variam em termos de eloquência, mas se estamos dispostos a nos deixar vencer pelo cansaço, a ciência, caso se coloque o foco sobre os estudos adequados, pode oferecer argumentos que tornem a derrota mais digna.

Esta técnica, que entre os cientistas é conhecida como *cherry picking*, algo como puxar a brasa para a sua sardinha, é utilizada com certa frequência para justificar as conclusões mais convenientes. Muito difícil de evitar no trabalho dos pesquisadores, essa postura é a que podemos usar para justificar que, no fundo, cair em tentação não é tão grave. Aqui vão alguns exemplos.

É POSSÍVEL QUE O ÁLCOOL NÃO ENGORDE. O álcool faz mal para a saúde, praticamente em qualquer quantidade. O consenso científico é quase total sobre esse ponto, mas o mesmo não acontece com seus efeitos sobre o peso. Com frequência, o álcool é uma das substâncias eliminadas nas dietas que não têm a saúde como objetivo prioritário. A razão, principalmente, é que contém muitas calorias (7,1 kcal por grama). No entanto, sabe-se que o organismo não consome nem assimila as calorias como se fosse um forno industrial,

então a lógica mais simples nem sempre funciona quando se quer entender a relação entre calorias e engordar.

Em longo prazo, o peso depende quase tanto da genética como da estatura.

Foi isso o que observou um grupo de pesquisadoras da Universidade de Navarra em uma revisão de 31 publicações científicas entre 1984 e 2010 sobre a relação entre álcool e aumento de peso. Esse trabalho não observou que as descobertas desses estudos mostravam uma tendência clara, apesar de contemplarem a possibilidade de que as pessoas que bebem grandes quantidades de álcool tenham mais risco de ganhar peso do que aqueles que o consomem de forma moderada. No outro extremo, afirmam que tomar pequenas quantidades de álcool, especialmente vinho, pode até proteger contra o aumento de peso.

A GORDURA NÃO É TÃO RUIM. Durante décadas, as gorduras saturadas, que encontramos na carne dos animais ou nos produtos lácteos, foram o grande inimigo de toda dieta saudável. Esses alimentos estavam relacionados às doenças cardiovasculares ou o diabetes e, devido a seu elevado teor calórico, ao aumento de peso. A redução no consumo dessas gorduras era compensada com carboidratos como massas, ou com produtos sem gordura que, por sua vez, incorporavam uma grande quantidade de açúcar, como alguns iogurtes desnatados. O resultado é que os problemas cardíacos ou de obesidade pioraram em vez de melhorar.

As dietas baixas em carboidrato são melhores do que as que reduzem gorduras

Essa mudança, tendência nos trabalhos científicos, passou da demonização da gordura e colocou o açúcar e alguns carboidratos como culpados de todos os males. Em outra demonstração de que o cálculo de calorias não é tão fácil quanto aparenta, alguns estudos tentaram comparar dietas com a mesma quantidade de calorias, mas com um conteúdo baixo em gorduras ou em carboidratos. Resultados como

o publicado em 2014 por pesquisadores da Universidade de Tulane em *Annals of Internal Medicine* sugerem que a dieta baixa em carboidratos é melhor do que a baixa em gorduras para reduzir a obesidade ou o risco de enfermidades como o diabetes.

Em uma linha similar, no dia 26 de abril passado, Juan Revenga contou na seção *El Comidista* como mudou a percepção sobre o leite integral e o desnatado. Os estudos mais recentes mostram que, se compararmos pessoas que tomam leite com gordura e sem ela, no primeiro grupo o risco de sofrer de sobrepeso ou obesidade é 8% menor.

Mudar de peso é quase impossível

A melhor desculpa para quem quer furar a dieta é que não é simples mudar nosso peso natural. Jeffrey Friedman, o biólogo que descobriu a leptina, a molécula que regula a saciedade, explicou na seção *Materia*: “Nosso peso é regulado por genes, da mesma forma que a estatura. Você não pediria a alguém que mede 1,90 m que medisse 1,80 m, porque as pessoas são como são. Há genes que tornam algumas pessoas mais pesadas e outras mais leves. Quando há traços regulados por genes é porque há uma pressão evolutiva sobre essa característica. Antes que houvesse civilização, para sobreviver era preciso oscilar entre dois riscos. De um lado, estava o perigo de morrer de fome, porque a disponibilidade de comida era escassa. Nesse contexto, estar magro demais podia ser ruim, porque você não tinha energia suficiente armazenada para sobreviver, mas estar obeso também seria ruim, porque não poderia caçar bem nem escapar dos predadores. Nosso sistema biológico evoluiu para nos mantermos entre esses dois pontos”.

Estudos com gêmeos criados juntos ou separados ao nascer concluíram que em torno de 70% das variações de peso entre pessoas dependem dos genes, em torno de 80% atribuídos às variações de estatura. Essa ideia, pouco intuitiva, funciona quando se pensa em perder peso, mas também quando se quer

REFLEXÕES XXVI

acumular quilos.

Em 1967, o pesquisador Ethan Sims conduziu uma experiência extrema em uma prisão no Estado de Vermont, nos EUA. Ali, ofereceu aos reclusos reduções de pena se conseguissem ganhar 25% de peso. Muitos voluntários não conseguiram o objetivo apesar de terem ingerido 10.000 calorias diárias, quatro vezes mais do que a média norte-americana. Além disso, uma vez que tinham ganhado peso, era muito complicado mantê-lo. ●

Daniel Mediavilla

Artigo publicado no jornal El País, no dia 3 de maio de 2016

Por que os simpáticos comem mais?

Abgail Campos Díez



As pessoas extrovertidas ingerem mais doces, carne e alimentos calóricos

Woody Allen não come o mesmo que Julia Roberts. Nem você o mesmo que seu colega de quarto. E não só por uma preocupação com a silhueta. As pessoas se alimentam de uma coisa ou de outra em função de sua capacidade de abrir-se a novas experiências, sua responsabilidade, extroversão, amabilidade ou instabilidade emocional (as cinco grandes personalidades estudadas pela psicologia). É a conclusão de um estudo do Swiss Federal Institute of Technology publicado em janeiro passado na revista *Appetite*.

Os autores do ensaio citam os seguintes exemplos. As pessoas emocionalmente instáveis ou neuróticas tendem a consumir alimentos pouco saudáveis ou a comer demais. Os responsáveis ingerem mais frutas e rejeitam os alimentos pouco favoráveis para controlar a dieta. Os extrovertidos comem mais doces, carne e alimentos calóricos porque saem muito em consequência de suas intensas relações sociais. As pessoas afáveis comem menos carne. E os abertos a novas experiências gostam de provar comidas com frutas, alimentos salgados e verduras.

Isso é verdade? Será que não gostar da macarronada de domingo é algo que vem “de fábrica”? “*Não há dúvida de que o tipo de caráter e a personalidade influem na escolha dos alimentos*”, responde Javier Aranceta, professor associado de Nutrição da Universidade de Navarra e presidente da Sociedade Espanhola de Nutrição Comunitária, órgão que está finalizando uma revisão da Pirâmide da Alimentação

Saudável para acrescentar uma nova base, que inclui um campo específico para o equilíbrio emocional como elemento determinante em nossa dieta (os outros são a atividade física diária, o equilíbrio energético, as técnicas culinárias saudáveis e a ingestão de quatro a seis copos de água por dia). O documento de consenso faz recomendações alimentares para os próximos cinco anos.

“A escolha dos alimentos está sujeita a fatores econômicos, ao nível cultural e ao nível de conhecimento em nutrição, mas os fatores psicológico e emocional têm muita importância. Atrevo-me a dizer que poderia responder por 25% do peso de nossa alimentação. Um bom exemplo é o perfil de uma pessoa idosa, viúva, que vive sozinha e ganha uma pequena aposentadoria. Não tem ânimo para manter uma alimentação equilibrada, exceto no dia em que vem a família e ela prepara uma comida espetacular. É óbvio que saberia fazê-la todos os dias, mas não tem ânimo”, acrescenta Aranceta.

“A escolha dos alimentos está sujeita a fatores econômicos, ao nível cultural e ao nível de conhecimento em nutrição, mas os fatores psicológico e emocional têm muita importância”, diz Javier Aranceta

O equilíbrio emocional é importante para o que gostamos de comer, o que compramos, como preparamos e a maneira como vamos comer. *“Quando estamos muito estressados, procuramos essa sensação compensatória em alimentos com determinados sabores e aromas: chocolate, açúcar e também alimentos crunch, que são os crocantes. Mas os chokolatras devem saber que o chocolate gera picos de glicemia que desaparecem em 30 minutos, produzindo um efeito rebote”. Ou seja, seu consumo acalma, “mas em pouco tempo dá vontade de comer mais”.*

Outro estudo do Institute of Food Technologists de Chicago constatou que a preferência por comida picante ou insípida também é uma questão de personalidade. Quem não

teme a busca de sensações gosta de pimenta muito mais do que as pessoas de natureza mais calma. *“Concordo que somos o que comemos e como comemos. Sem dúvida, podemos saber muito de uma pessoa por sua maneira de comer (a rapidez, por exemplo), assim como pelo tipo de alimentos que consome. E até averiguar o momento emocional que está atravessando. A alimentação é uma das formas de canalização das emoções, por isso quando não são adequadamente controladas acabam gerando um problema, como ocorre com a obesidade e os transtornos de conduta alimentar”*, aponta María del Mar González Muñoz, psicóloga clínica e diretora do departamento clínico da USTA (Unidade de Transtornos de Conduta Alimentar de Salamanca).

É fato que a comida está presente em todo evento social. Ficamos para comemorar em torno de uma mesa ou para conversar em um balcão de bar. Isso explica por que as pessoas mais sociáveis e extrovertidas comem mais e em maior variedade. *“E as pessoas mais rígidas, vão plasmar sua firmeza na alimentação, cuidando (às vezes excessivamente) do que consomem, as calorias, a qualidade dos alimentos, etc.”*, acrescenta González Muñoz.

No entanto, embora a personalidade pareça determinante para o que ingerimos, não se trata de algo imutável. Essas condutas podem ser modificadas com educação nutricional. Se não comermos bem, nossa saúde psicológica não será tão boa, e isso será um fator de distorção que nos fará sentir pior (e nos alimentarmos de acordo). *“Há uma aprendizagem que acaba se transformando em um processo automático no qual não questionamos o que fazemos. Trata-se de reverter algo que fazemos sem pensar: estou deprimido e como chocolate; estou entediado e como biscoitos; estou nervoso por causa de uma prova e passa a tarde beliscando. Nenhuma destas emoções se resolve comendo, mas é o que vimos e aprendemos, e funcionou em curto prazo”*, conclui a psicóloga.

Dicas para evitar uma comilança emocional. A maioria

REFLEXÕES XXVI

já passou por isso. Depois de um ‘dia de cão’ no trabalho, você volta para casa tarde, com um cansaço enorme e... assalta a geladeira. Os especialistas nos dão dicas para que isso não volte a acontecer.

- 1.** Atrase (ainda mais) a volta à casa. Aproveite para fazer alguma tarefa, com o objetivo de adiar seu encontro com a despensa. Chegue um pouco antes da hora do jantar e troque de roupa, planejando, enquanto isso, um jantar saudável.
- 2.** Não armazene alimentos excessivamente calóricos. Procure não ter em casa todas aquelas coisas a que nos lançamos no momento da gula e que costumam ser pães doces, batatas fritas, etc.
- 3.** Tenha comida pronta. Mesmo que sua cara-metade tenha ido embora e você chegue à casa com vontade de se entupir de chocolate, ter uma vasilha com comida saudável na geladeira facilitará as coisas.
- 4.** Faça exercícios. Isto distrairá o corpo do motivo de sua ansiedade. É preciso manter baixo o nível de cortisol, que é o hormônio que dispara como resposta ao estresse. Corra, vá à academia ou, simplesmente, passeie.
- 5.** Elabore listas. Se comer compulsivamente é da sua personalidade, faça uma lista do que comeu ao longo do dia. Quando se surpreender com a magna quantidade, talvez fique mais fácil controlar a comilança. ●

Abgail Campos Díez

Artigo publicado no jornal *El País*, no dia 11 de maio de 2015

Os micróbios de seu estômago afetam sua saúde mental

Daniel Mediavilla



Estudos recentes mostram a relação entre a diversidade de bactérias que vivem no intestino humano e doenças como a depressão e a ansiedade.

O consumo de iogurte está relacionado com uma maior diversidade bacteriana no intestino.

Até pouco menos de uma década atrás, mudar o comportamento de uma pessoa com um transplante de fezes pareceria uma loucura. E não é algo que ocorrerá amanhã, mas as pesquisas com animais sugerem que talvez não seja uma ideia tão descabida. O que é averiguado nos laboratórios sobre a influência das bactérias que vivem em nosso intestino indica que elas não desempenham somente tarefas fundamentais para a saúde de nosso estômago. Influem também no estado do cérebro. Essas bactérias já foram transplantadas experimentalmente em humanos para combater infecções intestinais e da mesma forma, por meio da dieta e alimentos probióticos (**Probiótico** = diz-se de ou organismo que, administrado vivo e em quantidades adequadas, traz benefício à saúde do hospedeiro) que incluem microrganismos, serviriam para tratar doenças psiquiátricas e neurológicas.

Várias experiências com animais, principalmente ratos de laboratório criados em condições muito controladas, mostraram que os microrganismos do intestino podem afetar seu comportamento e modificar o equilíbrio químico de seu cérebro. Foi comprovado, por exemplo, que quando são introduzidas fezes de humanos com depressão em ratos estes desenvolvem sintomas próprios dessa doença. Em nossa espécie, também foram observados vínculos entre doenças

gastrointestinais e patologias psiquiátricas como o autismo, a ansiedade e a depressão.

Transplantar fezes de pessoas depressivas a ratos induz a doença nos animais

“Já foram realizados estudos em humanos nos quais se compara a microbiota de pessoas sãs com a de outras que têm determinada doença e foi visto que modificando o ecossistema intestinal e suas funções é possível reduzir os estados de ansiedade”, explica Yolanda Sanz, pesquisadora do CSIC e coordenadora do projeto europeu MyNewGut, iniciativa financiada com 9 milhões de euros (35,6 milhões de reais) pela União Europeia para o estudo das bactérias intestinais. Mas acrescenta que “não existem evidências de causa e efeito em doenças mais graves”.

Sanz menciona também o interesse de algo que quase todo mundo já experimentou, a relação entre estados emocionais alterados e o mal-estar intestinal. *“Em pessoas com alterações gastrointestinais, como síndrome de intestino irritável, foram observados problemas como a ansiedade e até mesmo depressão”, diz Sanz. “Nesses pacientes com esses transtornos mentais, foi observado que metade tinha problemas no sistema digestivo”, continua.*

Agora, afirma a cientista do CSIC, resta o desafio de compreender o que é causa e o que é efeito nas relações entre problemas intestinais e mentais. Uma das formas de conseguir isso consistirá em realizar intervenções nos pacientes, *“por meio de alimentos e bactérias prebióticas (**Prebióticos:** são substratos ou componentes alimentares que não são digeridos e que são utilizados pelas bactérias que colonizam o intestino e conferem uma série de benefícios para a saúde. Ter uma dieta equilibrada e balanceada tem papel fundamental no equilíbrio e manutenção da microbiota intestinal. A dieta rica em vegetais com alto teor de fibras solúveis e insolúveis auxiliam na diversidade e no ecossistema das bactérias intestinais.) e probióticas”* que modifiquem os equilíbrios entre micróbios que marcam a diferença entre a doença e a saúde. Sanz reconhece,

entretanto, que o conhecimento ainda é escasso para se pensar em intervir com sucesso no ecossistema microbiano: *“Existem algumas publicações que mostram que alguns probióticos podem reduzir a ansiedade, mas são estudos pequenos que em sua maioria não foram reproduzidos”*. *“É cedo para podermos fazer recomendações generalizadas, porque a complexidade do ecossistema intestinal é muito alta e é simplista pensar que com somente uma bactéria vamos solucionar o problema. Precisaremos pensar em modificar o ecossistema com intervenções mais integrais”*, conclui.

Alguns probióticos conseguiram reduzir a ansiedade, mas em experimentos não replicados

Pesquisadores de todo o mundo começam a identificar os mecanismos por meio dos quais as bactérias do intestino, mediante a produção de hormônios e as moléculas que geram ao se alimentarem, modificam a química de nosso cérebro. Mas por enquanto o conhecimento sobre a influência do microbioma veio mais por intermédio do estudo de correlações do que pela análise dos processos concretos que as produzem. Uma série de estudos publicada recentemente na revista *Science* mostrou que uma diversidade bacteriana maior no intestino estava relacionada com uma saúde melhor. Além disso, vinculou essa diversidade ao consumo de iogurte e café, e indicou alguns fármacos como os ansiolíticos e os antibióticos e comer demais como culpados na queda na variedade microbiana.

A complexidade do problema pode ser entendida por meio dos números sobre a flora intestinal. Cada pessoa tem em seu estômago mais de um quilo de microrganismos, a maioria bactérias, de 1.200 espécies diferentes. Não será fácil manipular essa engrenagem para ajustá-la às nossas necessidades sem produzir efeitos indesejados.

“Estamos diante de um campo promissor, mas ainda incipiente”, diz Vicent Balanzá, pesquisador do Centro de Pesquisa Biomédica em Rede de Saúde Mental na

Universidade de Valência. *“A maior parte dos estudos é feita com ratos e temos o problema de replicá-los em humanos, e os estudos em humanos são transversais, de modo que temos problemas para identificar a causalidade”*, prossegue. *“Outra pergunta que ainda está no ar é qual a composição que consideramos normal e saudável da microbiota humana”*, acrescenta.

Cada pessoa tem em seu estômago mais de um quilo de microrganismos de 1.200 espécies diferentes

Já existem ensaios clínicos com probióticos para tratar a depressão que melhoram os sintomas, mas são resultados que precisam ser confirmados. Além desses produtos que incluem micróbios benéficos, Balanzá destaca as possibilidades da dieta para reparar a microbiota humana danificada associada à doença mental. *“Temos dados científicos de que uma boa dieta, como a mediterrânea, aumenta a diversidade da microbiota intestinal e tem efeitos anti-inflamatórios”*, diz. O psiquiatra da **UV** afirma que essas intervenções *“são consideradas junto com psicofármacos e outros tratamentos”*.

Dada a heterogeneidade dos transtornos psiquiátricos, que são definidos por sintomas que podem ter bases fisiológicas diversas, não é possível realizar um tratamento único. Balanzá indica que será preciso distinguir condições particulares dentro de doenças que têm o mesmo nome. No caso da depressão, por exemplo, o pesquisador explica que *“graças aos estudos de Michael Maes, sabemos que um terço dos pacientes com depressão apresenta a síndrome de intestino permeável”*. *“Não encontramos essa síndrome em todas as pessoas com depressão, de modo que as intervenções com a intenção de modular a microbiota intestinal não seriam úteis a todos os pacientes, seria preciso identificar aqueles que podem se beneficiar das intervenções”*, afirma.

O estudo do microbioma pode ser um caminho para compreender as conexões entre o estado de ânimo e a saúde

REFLEXÕES XXVI

física que seriam produto de processos comuns. A inflamação é um nexos comum que une o diabetes, doenças autoimunes e o câncer e poderia ajudar a explicar o fato de aparecerem com certa frequência com algumas doenças mentais como a depressão associadas a outras inflamatórias como a síndrome do intestino irritável. Entender o papel dos micróbios que vivem em nosso intestino na inflamação ajudaria a fornecer uma visão mais ampla sobre um conjunto de doenças que, mesmo parecendo isoladas, poderiam ser tratadas com maior possibilidade de sucesso com uma visão mais ampla. Assim, conclui Balanzá, poderão ser feitas intervenções em psiquiatria *“com tratamentos que habitualmente são vistos como medicina alternativa, como a dieta, o exercício e padrões de sono adequados”* sabendo por que afetam a saúde. ●

Daniel Mediavilla

Artigo publicado no jornal El País, no dia 21 de maio de 2016

O pão integral prolonga a vida, mas o que você compra não é realmente integral

Eva Carnero



Novos estudos vinculam o grão integral à longevidade. A má notícia é que não sabemos onde ele está

Os alimentos elaborados com o grão inteiro do cereal, isto é, os nutricionalmente conhecidos como “integrais” (pão, massas e arroz são os mais populares), são facilmente

associados a dietas de emagrecimento, mas seus benefícios vão além da perda de peso. Seus benefícios foram constatados por dois novos estudos científicos. Ambos concluem, categoricamente, que a ingestão de tais produtos está associada a uma significativa diminuição da incidência de morte prematura.

Um deles, publicado na prestigiada revista *British Medical Journal*, concluiu que o consumo reduz em 17% o risco de doenças cardiovasculares, respiratórias ou infecciosas, diabetes e até mesmo câncer de cólon. Essa porcentagem difere em apenas um ponto da média (16%) do estudo publicado pela revista *Circulation*, para a qual a redução é de 18% quando são considerados apenas os riscos cardiovasculares. Além disso, os pesquisadores destacam que, a cada 16 gramas desses cereais adicionados à nossa dieta diária, nós afastamos as probabilidades de morte prematura por algumas dessas causas em 7%. Mas por que os produtos integrais são tão especiais?

Mais vitaminas, minerais e fibras. Laura Esquiús, professora de Ciências da Saúde da Universidade Aberta da Catalunha (UOC, na sigla em catalão), explica: “*Em comparação com seus homólogos refinados, são 80% mais*

ricos em nutrientes, como vitaminas e minerais, fibras e muitos outros fitoquímicos e compostos bioativos. Um alimento integral foi elaborado a partir de cereais inteiros, por isso conserva todas as partes do grão: o endosperma, rico em carboidratos e proteínas, o germe, rico em gorduras poliinsaturadas, vitaminas A, B e E, e minerais, tais como cálcio, magnésio, fósforo, zinco, ou selênio; o farelo de trigo, com fibras e compostos fenólicos e minerais como o ferro, zinco, magnésio e fósforo”.

“As pessoas que ingerem três ou mais porções de grãos integrais por dia apresentam menor risco de desenvolver doenças cardiovasculares” (Laura Esquiús, professora de Ciências da Saúde)

Segundo María Garriga, graduada em Tecnologia dos Alimentos do Serviço de Endocrinologia e Nutrição do Hospital Universitário Ramón y Cajal, “a fibra dos alimentos integrais é insolúvel, não fermentável. Isso significa que são capazes de regular o trânsito intestinal, aumentar o volume fecal e reduzir a prisão de ventre. Outra função importante é a formação de ácidos graxos de cadeia curta (AGCC), produzidos pela fermentação bacteriana da fibra. Estes são necessários para o bom funcionamento do intestino, ou seja, para a formação e manutenção de uma flora microbiana saudável”.

Quanto aos benefícios para o sistema cardiovascular, “seus componentes, entre os quais estão a fibra solúvel, o betaglucano e o alfa-tocotrienol, colaboram para reduzir o colesterol no sangue”, diz Esquiús, que continua: “As pessoas que ingerem três ou mais porções de grãos integrais por dia apresentam menor risco (entre 20% e 30%) de desenvolver essas doenças do que aquelas que não o fazem”. Além disso, seu consumo “ajuda a regulação do ritmo intestinal, e as ingestões da fibra atuam como antioxidantes e reduzem a ação de radicais livres, que danificam os tecidos celulares”, acrescenta Garriga.

Será que isso significa que trocar o pão branco das torradas pelo pão integral vai fazer você viver mais tempo? Más notícias. *“Embora nutricionalmente grãos inteiros e ‘produto integral’ deveriam ser a mesma coisa, a verdade é que não são. Os alimentos integrais deveriam ser elaborados com o grão inteiro moído, mas há produtos desse tipo cuja fabricação inclui o trigo moído, 25% de farelo e 75% de farinha refinada. Essa mistura é permitida, mas nutricionalmente não tem nada a ver com os benefícios que são atribuídos aos produtos realmente integrais [feitos apenas com grãos inteiros], porque naquela pequena parte do farelo não é incluído o germe, que abriga os fitoquímicos e outros compostos bioquímicos benéficos à saúde”,* diz Giuseppe Russolillo, presidente da Fundação Espanhola de Dieta e Nutrição (FEDN).

A Universidade Aberta da Catalunha aponta diretamente o pão de forma integral como parte desses produtos que não utilizam o grão inteiro. E a nutricionista Lucía Martínez, em seu *blog Dime qué comes*, fornece orientações para que não compremos o produto errado, como procurar na embalagem do macarrão a informação “elaborado com sêmola de trigo duro integral”, olhar no rótulo do pão a porcentagem de farinha integral (se for inferior a 75%, não compre), perguntar diretamente ao comerciante sobre os pães não embalados e esquecer dos cereais matinais e biscoitos. *“O arroz, sendo um ingrediente puro, é uma aposta segura.”*

E, claro, por mais que os benefícios dos grãos inteiros tenham sido estudados, María Garriga lembra o seguinte: *“Não é necessário ingerir só alimentos integrais se adotarmos uma dieta variada com frutas, verduras e legumes, que nos forneçam suficiente quantidade de fibras por dia. De fato, o excesso de fibra insolúvel pode dificultar a absorção de alguns nutrientes, por aumentar a velocidade de trânsito dos conteúdos intestinais”.* A 8ª edição do Dietary Guidelines for American (2015-2020) recomenda o consumo mínimo diário de 25 gramas de fibra para mulheres entre 31 e 50 anos, e 30

REFLEXÕES XXVI

gramas no caso dos homens na mesma faixa etária, quantidade encontrada em 100 gramas de alcachofra, 80 gramas de arroz integral, 80 gramas de quinoa, 4 fatias de pão integral e uma porção de muesli. ●

Eva Carnero

Artigo publicado no jornal *El País*, no dia 29 de junho de 2016

LUIZ BIANCHI

As cinco substâncias mais viciantes e seus efeitos no cérebro

Eric Bowman



A capacidade de viciar depende de fatores como a ativação do sistema da dopamina do cérebro

Agricultores plantam papoula para a produção de heroína na província de Jalalabad (Afeganistão).

Quais são as drogas mais viciantes? A pergunta parece simples, mas a resposta depende de para quem se pergunta. Segundo diferentes especialistas, o potencial de vício de uma droga pode ser avaliado em função do dano que ela causa, de seu valor na rua, de quanto ativa o sistema da dopamina do cérebro, do prazer que dizem causar, dos sintomas de abstinência que provoca e da facilidade com que pegará quem a experimenta.

Existem outros aspectos para medir o potencial de vício de uma droga, e até há pesquisadores que afirmam que nenhuma é viciante sempre. Dada a diversidade de opiniões, uma maneira de classificar as substâncias causadores de vício é consultar grupos de especialistas. Em 2007, David Nutt e sua equipe pediram a diversos especialistas que fizessem uma classificação, e descobriram várias coisas interessantes.

1. **Heroína.** Os especialistas consultados por Nutt e sua equipe situaram a heroína como a droga mais viciante e lhe deram uma pontuação de 3 em 3. A heroína é um opiáceo que faz o nível de dopamina do sistema de recompensa do cérebro aumentar até 200% em animais de laboratório. Além de ser provavelmente a droga mais viciante, a heroína também é perigosa porque a dose que pode causar a morte é só cinco vezes maior que a necessária para ficar chapado.

A heroína foi classificada como a segunda droga mais nociva considerando o dano que causa tanto aos consumidores como à sociedade. Segundo estimativas, o mercado de opiáceos ilegais, incluída a heroína, movimentou 68 bilhões de dólares no mundo inteiro em 2009.

2. **Cocaína.** A cocaína interfere diretamente no uso que o cérebro faz da dopamina para transmitir mensagens de um neurônio a outro. Basicamente, ela impede que os neurônios desativem o sinal da dopamina, causando uma ativação anormal do circuito de recompensa do cérebro. Em experimentos com animais, a cocaína fez os níveis de dopamina elevarem-se mais de três vezes acima do normal. Calcula-se que existam entre 14 e 20 milhões de usuários de cocaína no mundo e que, em 2009, o mercado dessa droga movimentou cerca de 75 bilhões de dólares.

Os especialistas classificaram o *crack* como a terceira droga mais prejudicial, e a cocaína em pó, que produz um efeito mais suave, como a quinta. Em torno de 21% das pessoas que experimentam a cocaína se tornarão dependentes em algum momento da vida. Essa droga é parecida com outros estimulantes capazes de viciar, como a metanfetamina – que representa um problema cada vez maior à medida que se torna mais acessível – e a anfetamina.

3. **Nicotina.** A nicotina é a principal substância viciante do tabaco. Quando se fuma um cigarro, ela é absorvida rapidamente pelos pulmões e transmitida ao cérebro. Segundo o grupo de especialistas consultado por Nutt e sua equipe, a nicotina (o tabaco) é a terceira substância mais viciante.

Mais de dois terços dos norte-americanos que já fumaram dizem ter se tornado dependentes ao longo da vida. Em 2002, a Organização Mundial da Saúde calculou que havia mais de 1 bilhão de fumantes e, até 2030, a previsão é que o tabaco acabe com a vida de mais de oito milhões de pessoas por ano. Os animais de laboratório têm a sensatez de não fumar. As cobaias, no entanto, podem apertar um botão para receber

nicotina diretamente na corrente sanguínea, o que faz os níveis de dopamina do sistema de recompensa do cérebro aumentar entre 25% e 40%.

4. **Barbitúricos (“calmantes”)**. Os barbitúricos são drogas inicialmente utilizadas para tratar ansiedade e induzir o sono. Interferem nos sinais químicos do cérebro, fazendo diversas regiões cerebrais parar de funcionar. Em doses baixas produzem euforia, mas em doses mais elevadas podem ser letais porque inibem a respiração. A dependência dos barbitúricos era frequente quando esses medicamentos podiam ser facilmente adquiridos com receita, mas diminuiu de forma drástica desde que foram substituídos por outros. Isso evidencia o papel que o contexto desempenha no vício: se não for facilmente acessível, uma droga viciante não pode causar muito dano. Os especialistas situaram os barbitúricos como a quarta substância mais viciante.

5. **Álcool**. Apesar de ser legal na maior parte dos países ocidentais, os especialistas consultados pela equipe de Nutt o pontuaram com 1,9 de 3. O álcool causa múltiplos efeitos no cérebro. Em experimentos de laboratório, animais aumentavam os níveis de dopamina no sistema de recompensa cerebral entre 40% e 360%. Além disso, quanto mais os animais bebiam, mais os níveis subiam.

Em torno de 22% das pessoas que bebem desenvolverão dependência do álcool em algum momento da vida. A Organização Mundial da Saúde calcula que, em 2002, 2 bilhões de pessoas consumiram álcool, e três milhões morreram em 2012 por danos causados pela bebida em seu organismo. Outros especialistas classificaram o álcool como a droga mais prejudicial. ●

Eric Bowman: professor colaborador de Psicologia e Neurociência na Universidade de St Andrews.

Artigo publicado no jornal El País, no dia 29 de junho de 2016

Como reagir com alguém que grita e permanecer com muita dignidade

Francisco Gavilán



Cada vez que você perde a calma, deteriora sua saúde e afeta seu círculo de amigos

A maioria das pessoas vai lidar, pelo menos, com uma “pessoa irracional” em sua vida. Ou seja, alguém que com frequência age de forma ilógica ou estúpida. Se essa pessoa for um chefe irritadiço, um amigo fanático ou um adolescente emocionalmente volúvel, *“não é difícil que sua conduta nos leve*

nós mesmos a perder o controle”. Essa é a opinião de Mark Goulston, psiquiatra e professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA, EUA) durante 25 anos. Dessa forma, para preservar nossa saúde, é preciso saber como tratar ou enfrentar essas condutas detestáveis que podem alterar o nosso equilíbrio emocional. (A paciência nunca é tão importante como quando se está a ponto de perdê-la).

São muitas as vítimas que sofrem essas nocivas relações pessoais e que acreditam ser possível controlar as condutas irracionais. Quando têm de enfrentar essas situações, reagem de forma automática colocando-se na defensiva ou sendo agressivas. E, em muitos casos, inclusive pretendem mudar os comportamentos irracionais de tais pessoas tentando fazê-las entrar na razão. Buscam fazê-las ver que suas opiniões ou pontos de vista são errôneos ou absurdos. Mas essa estratégia piora ainda mais as coisas. Nas palavras de Goulston, *“em vez de aceitar nossa lógica, a pessoa irracional reage ainda mais irracionalmente e a situação pode encrespar-se de ambas as partes, até uma discussão louca que não leva a lugar algum”*.

Essa maneira de lidar com o problema é realmente frustrante,

estressante e improdutiva. Nenhuma dessas relações produz resultados satisfatórios. Mas a maioria das pessoas não conhece outra opção. No entanto, tentar convencer com argumentos uma pessoa de conduta irracional não tem sentido porque, do seu ponto de vista, sua conduta é racional. Esse tipo de pessoa tem padrões de pensamento profundamente arraigados em sua (in)consciência. E sua conduta é uma resposta à ameaça que percebe quando alguém põe em dúvida ou discute sua forma de raciocinar.

Render-se não é uma derrota...

Uma forma eficaz de tratar a pessoa irracional é a que propõe a psicóloga clínica Judith Orloff, também professora da UCLA: *“Renunciar à necessidade de controlar essas situações difíceis e desistir de obrigar alguém a mudar. Ou seja, aceitar a pessoa irracional tal como ela é, especialmente se já se tentou reverter sua conduta e não se conseguiu nada de positivo”*.

...é ser mais tolerante.

A atitude de renunciar a mudar comportamentos irracionais pode parecer para muitas pessoas um sintoma de rendição ou fraqueza. Mas, ao contrário do que se pode pensar, a rendição é uma escolha ativa que a vida nos oferece. Uma opção para ser mais flexível e tolerante. Ver além daquilo que nos incomoda ou irrita para descobrir que o que nos convém é desdramatizar as condutas irracionais dos demais para não perdermos nós mesmos a calma. Como apontava a escritora britânica George Eliot, *“a maior força para crescer é nossa capacidade de escolher”*.

No mesmo sentido se expressa Lauren Zander, professora do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT, EUA): *“Se alguém decidiu que uma pessoa lhe faz mal, então também é capaz de renunciar à aversão que sente com relação a essa pessoa”*. Não necessariamente tem que transformá-la em sua melhor amiga, mas flexibilizando nosso ponto de vista podemos aprender a tolerar essa pessoa de conduta irracional sem que tenhamos que sofrer um ataque de nervos. Isso

REFLEXÕES XXVI

significa ignorar seus aspectos negativos e pensar em algo positivo que ela possa ter.

Como controlar as condutas irracionais. As pessoas que agem frequentemente de forma irracional na verdade não querem te prejudicar ou complicar a sua vida. Nem te deixar louco. Só estão preocupadas por suas frustrações e necessidades. Portanto, para enfrentar suas condutas, evitar a escalada do conflito e se manter calmo, o melhor é seguir as orientações dos psicoterapeutas:

Parar: Se está tenso e incomodado ante uma conduta irracional, não diga nada. Você não é obrigado a reagir imediatamente. Respire fundo. Inale e expulse o ar devagar. Isso contraria o impulso a reagir que provoca a irritação e o estresse. Repita para si mesmo: essa é uma oportunidade para aprender a ficar tranquilo.

Escutar sem interromper: Ante uma conduta verbal irracional, o primeiro impulso é cortar o discurso para gritar que a razão está do nosso lado. Mas interromper só intensifica a hostilidade. Não discuta nem tente fazer seu interlocutor entrar na razão. Sua interrupção não mudará a mente de ninguém e só alimenta o conflito. É muito mais fácil o outro mudar sua maneira de agir do que de pensar.

Usar a imaginação: Imagine a água de um rio. Observe como a água não para na mesma pedra, mas sim flui ao redor dos obstáculos que encontra. Da mesma forma, não resista à força irracional de seu interlocutor. Deixe que flua por seu corpo e mente sem que te provoque feridas. *“Aquele que não imagina é como quem não sua, armazena veneno”*, disse Truman Capote.

Respirar para se acalmar: Pense na primeira coisa que gostaria de dizer ou fazer perante uma pessoa irracional, mas não o faça. Respire e exale o ar devagar. Concentre-se nisso. ●

Francisco Gavilán

Artigo publicado no jornal El País, no dia 31 de julho de 2016

Sangue bom é sangue novo

Giulia Vidale



Americanos acima dos 35 anos pagam 8.000 dólares para receber transfusão sanguínea de jovens. É mais um capítulo da busca pela juventude eterna

Na ficção - A ideia inspirou episódio da popular série Silicon Valley, no capítulo The Blood Boy

No século XV, revelam os livros de história, o papa Inocêncio VIII, muito debilitado, teria recebido sangue de três meninos de 10 anos de idade para ter sua vitalidade restaurada. A transfusão foi oral. O caso teve um desfecho trágico: todos os envolvidos morreram alguns dias depois do procedimento. O pontífice acatou a drástica solução sob influência do Deuterônômio, livro do Antigo Testamento, segundo o qual “sangue é vida”. A rigor, a ideia do líquido vermelho como algo rejuvenescedor nunca abandonou o imaginário da humanidade.

Cortemos para 2018, no coração do Vale do Silício, o reduto californiano das mentes mais cartesianas do planeta. Ali, quarentões, cinqüentões e sessentões milionários estão recorrendo a uma *startup* de biotecnologia para fazer como o papa Inocêncio: receber sangue de jovens por meio de transfusão com o objetivo de recuperar a sensação de juventude.

O procedimento é oferecido por uma clínica privada que investiga os efeitos do plasma de jovens no combate a doenças do envelhecimento. Atrai homens e mulheres com mais de 35 anos dispostos a pagar 8 000 dólares para receber o material. Como o estudo é privado, sem participação de dinheiro público, não há empecilho ético para cobrar dos que desejam participar da experiência. “Das 100 pessoas já atendidas, todas afirmaram se sentir com mais energia depois

do procedimento”, disse a VEJA o médico Jesse Karmazin, criador da Ambrosia, a empresa que oferece o serviço.

O que começou restrito ao campo da investigação de um único laboratório ultrapassou os muros e chegou à televisão. A ideia inspirou um episódio da série *Silicon Valley*, popular nos Estados Unidos (transmitida no Brasil pela HBO), que satiriza a indústria de tecnologia. No capítulo *The Blood Boy* (“O garoto do sangue”), o empresário Gavin Belson, interpretado por Matt Ross, recebe uma transfusão de sangue do jovem Bryce (Graham Rogers) para restaurar seu ânimo. Soa estranho, tem jeitão de recurso medieval, mas atenção: o mecanismo pode fazer sentido.

O voluntário recebe seis bolsas de sangue, quantidade equivalente a 1 litro e meio. A porção transfundida é o plasma, constituído por água, proteínas e anticorpos. O material é comprado pela *startup* do Vale do Silício em bancos de sangue, que coletam o líquido de jovens de 16 a 25 anos. Mais de 100 marcadores sanguíneos são avaliados pela empresa, mas a lógica da sensação de rejuvenescimento estaria — o estudo ainda não tem conclusões — na redução de níveis inflamatórios no sangue e na ação de substâncias abundantes no corpo jovem. Entre as mais estudadas estão a proteína GDF-11, associada ao crescimento e à formação das veias, e a TIMP-2, envolvida na manutenção da estrutura celular e dos tecidos. Ao entrarem na corrente sanguínea do organismo mais velho, produziriam os efeitos de rejuvenescimento.

Na história - O papa Inocêncio VIII, no século XV: sangue de meninos de 10 anos para se revitalizar.

Entre animais, a ação rejuvenescedora do sangue jovem transfundido está consolidada. O primeiro trabalho data de 1956. Naquela experiência, setenta duplas de roedores, formadas por um bicho recém-nascido e um já avançado na idade, compartilharam o mesmo fluxo sanguíneo. O resultado impressionou a



comunidade científica. Em 2008, pesquisadores da Universidade Stanford descobriram que os ratos envelhecidos que se submetiam ao procedimento adquiriam células no hipocampo, área cerebral crucial para a memória e o aprendizado, uma das primeiras regiões do cérebro a se deteriorar com a idade.

Diz a geneticista Lygia Pereira, chefe do Laboratório Nacional de Células-Tronco Embrionárias da Universidade de São Paulo: *“Há, sem dúvida, um caminho entusiasmante, mas é preciso fazer mais avaliações para que os benefícios se comprovem reais também em seres humanos”*. Nove em cada dez experiências científicas são feitas com ratos antes de ser aplicadas em humanos.

Um dos motivos é a semelhança genética. Ainda assim, para efeito de comparação em uma das áreas mais ricas em pesquisas clínicas, a oncologia, apenas 8% dos resultados com animais se comprovam em humanos. Além da iniciativa da *startup* americana, um dos poucos trabalhos com o uso de sangue jovem em pessoas mais velhas, conduzido pela faculdade de medicina de Stanford, começou a avaliar recentemente os efeitos da transfusão em portadores de Alzheimer, para medir o impacto das proteínas no sistema cognitivo dos doentes. Também não há conclusões, ainda.

Por mais seguro e controlado que seja o procedimento de transfusão, sempre haverá riscos. *“Não existe a possibilidade de um produto biológico ser totalmente inócuo”*, diz a hematologista Melca Barros, médica da disciplina de hematologia e hemoterapia da Universidade Federal de São Paulo. O sangue é um tecido vivo e, portanto, sua transfusão aumenta a probabilidade de alergia a componentes do material do doador e de infecções. O líquido jovem, repleto de fatores de crescimento, pode ainda deflagrar cânceres no receptor. São obstáculos reais, mas nada que reduza o ímpeto da turma californiana em busca do sonho da eterna juventude — até que apareça a próxima aposta. Antes foram os coquetéis

REFLEXÕES XXVI

de vitaminas, os alimentos com ômega-3 e as injeções de hormônios. ●

Giulia Vidale

Publicado em VEJA de 28 de fevereiro de 2018, edição nº 2571

LUIZ BIANCHI

Estudo mostra que os homens são “imbecis”

Nuño Domínguez



*Especial natalino da **British Medical Journal** publica as pesquisas mais curiosas do ano*

Wendy Northcutt, a criadora dos Prêmios Darwin.

Muitos estudos sustentam que os homens são mais propensos a comportamentos arriscados que as mulheres. O que não fica tão claro é que pratiquem também mais atos temerários e estúpidos que não lhes tragam nenhum benefício. Um estudo publicado nesta sexta-feira traz uma das primeiras provas a favor dessa hipótese, que os autores batizaram de teoria da imbecilidade masculina, ou MIT, na sigla em inglês. O trabalho, assinado por vários médicos do Reino Unido, foi publicado nesta sexta-feira no número especial de Natal da prestigiosa revista *British Medical Journal*, que contém estudos que seguem os padrões de qualidade científica e revisão por pares, mas com um enfoque mais livre.

Os autores buscaram provas de imbecilidade nos arquivos do prêmio Darwin. Essa sardônica distinção é dada a indivíduos que deram uma contribuição à humanidade ao morrer de forma absurda, o que em princípio evita que seus genes passem para gerações posteriores. Para dar ideia do que seja um prêmio Darwin, seu *site* destaca a história de um terrorista que enviou uma carta bomba sem os selos suficientes para chegar ao destinatário. Quando a carta foi devolvida, o terrorista a abriu e morreu despedaçado.

É provável que a história seja falsa, mas o prêmio coleta há anos demonstrações similares de estupidez no mundo real.

Uma delas é de três homens no Camboja que jogavam num bar uma espécie de roleta russa. Eles tomavam um gole e pisavam uma mina antitanque colocada embaixo da mesa. Os três foram pelos ares, junto com o resto do bar, relata o estudo, que não informa se eles tinham tido filhos. O *site* do prêmio também lista dez agraciados no Brasil.

O estudo, encabeçado por John Isaacs, diretor do Instituto de Medicina Celular da Universidade de Newcastle (Reino Unido), analisou todos os premiados entre 1995 e 2014, separando-os por sexo. Dos 318 casos confirmados e válidos para a análise estatística, 282 eram homens e 36 mulheres. Os homens protagonizaram mais de 88% dos casos, o que, dizem os autores, é um resultado "estatisticamente muito significativo".

"Esses resultados são totalmente consistentes com a teoria da imbecilidade masculina e fundamentam a hipótese de que os homens são imbecis, e os imbecis fazem idiotices", concluem os autores. Só que eles identificam muitas ressalvas. O prêmio Darwin é dado por votação anônima, e é possível que as mulheres votem mais em homens que em mulheres. Talvez também haja influência do sexo da criadora e coordenadora do prêmio, a bióloga molecular Wendy Northcutt, e parte da diferença pode ser explicada pelo maior consumo de álcool por homens que por mulheres. Em todo caso, especulam os autores, os homens premiados com um Darwin podem ter uma vantagem evolutiva sobre os outros, caso consigam sobreviver a seus atos estúpidos, embora isso ainda precise ser comprovado.

Por que nos consultórios médicos só há revistas velhas? Essa é a queixa recebida de seus pacientes pelo médico Bruce Arroll, da Universidade de Auckland (Nova Zelândia). Um dia resolveu lhes dar a resposta com base em dados científicos. Seu estudo na *British Medical Journal* demonstra que as revistas de fofoca têm 14 vezes mais probabilidade de desaparecer que as outras. As publicações mais sisudas, como *The Economist* e *Time* sobrevivem o mês todo. A média

REFLEXÕES XXVI

de furto é de uma revista por dia, e a maioria das revistas levadas são as mais recentes, o que explica a queixa dos pacientes.

Extrapolado para um país como o Reino Unido, esse desaparecimento de revistas é calculado em perda mensal de mais de 12 milhões de libras (50 milhões de reais), dinheiro, dizem os autores, que poderia ter melhor uso no sistema de saúde. Como paliativo, Arroll sugere que os consultórios médicos invistam em números velhos da *The Economist* e da *Time*. ●

Nuño Domínguez

Artigo publicado no jornal *El País*, no dia 12 de dezembro de 2014

Especialistas alertam para os perigos desconhecidos das tatuagens

Javier Salas



Muitos tatuados sofrem reações adversas sem saber o motivo devido à falta de estudos sobre o nível tóxico das novas tintas

A arte da tatuagem evoluiu muito desde que Ötzi, o homem do gelo, se tatuou há 5.000 anos. Infelizmente, o conhecimento sobre as tintas utilizadas não avançou tanto quanto a sofisticação dos desenhos. Na verdade, pode-se dizer que nos tatuamos cegamente, sem conhecer os ingredientes que são injetados ou por que causam rejeição e reações adversas de todos os tipos nos tatuados. O alerta foi feito por um grupo internacional de especialistas na revista médica *The Lancet*, chamando a atenção das autoridades, tatuadores e dos cidadãos sobre o risco para a saúde, representado por não se saber exatamente o que está causando esses efeitos colaterais na população e, principalmente, o que pode acontecer em longo prazo.

Entre 1% e 5% de todas as tatuagens que são feitas hoje têm provocado infecções bacterianas, embora existam muitos outros problemas: desde úlceras localizadas no desenho até casos graves que afetam todo o organismo, além de reações alérgicas e inflamações. Um estudo da Alemanha publicado em 2010 constatou que 67,5% das pessoas tatuadas revelaram ter experimentado alguma complicação e, em 6% dos casos, o problema havia se tornado permanente. No entanto, apenas os casos mais graves acabam no consultório médico, por isso o perigo continua oculto.

Por exemplo, sabe-se que as tatuagens que usam tintas coloridas provocam mais problemas, especialmente o

vermelho, que gera mais reações alérgicas que as outras cores. No entanto, os especialistas desconhecem as razões. "A ausência de testes de alergia confiáveis para as cores das tatuagens continua sendo um problema premente. Principalmente porque essas alergias causam não apenas sérias complicações, mas também uma sensibilidade a corantes têxteis", dizem os autores da pesquisa, coordenada por Andreas Luch, do Instituto Federal da Alemanha para a Avaliação de Riscos.

"[As] tintas e pigmentos utilizados tradicionalmente estão sendo substituídos por corantes que nunca foram usados antes. Essa evolução coincide com o aumento de relatos de reações adversas", alertam os especialistas, "e, portanto, representa um desafio para a avaliação e regulamentação do risco das tintas de tatuagem em todo o mundo". Os autores do artigo alertam que as tintas utilizadas atualmente não têm nada a ver com as do passado e que "nenhuma" foi avaliada do ponto de vista toxicológico para sua aplicação sob a pele humana. "Os pigmentos foram elaborados principalmente para uso industrial, não para aplicá-los nas pessoas", afirmam.

Até alguns anos atrás, os problemas de saúde relacionados com as tatuagens tinham mais a ver com a higiene e as infecções por causa das condições precárias dos estabelecimentos e práticas comuns como umedecer a agulha com saliva. Com a popularização dessa prática e a introdução de rígidas normas de higiene e de saúde, esse problema foi resolvido. Mas a falta de regulamentação dos produtos usados nos desenhos sob a pele está causando novos problemas. Os especialistas alertam que o maior problema pode surgir em longo prazo, já que não se sabe ao certo como as tintas interagem com o organismo e, em muitos casos, tem-se observado que as reações demoram meses para surgir ou mesmo anos. "Embora as razões exatas ainda não tenham sido elucidadas, essas complicações tardias são um exemplo de um problema muito maior: o depósito intradérmico dos pigmentos da tatuagem representa uma exposição para toda a

vida", dizem os especialistas.

Um estudo realizado por autoridades suíças entre 2008 e 2013 sobre tintas de tatuagem encontrou 39 corantes orgânicos diferentes, sendo que nenhum tinha sido testado para uso em contato com a pele humana, embora o uso desses produtos tivesse se generalizado no período. As novas tintas, juntamente com os corantes, contêm metais pesados, e o estudo dessa composição revelou titânio, alumínio, cobre, cobalto, chumbo e cádmio, entre outros. Além disso, as nanopartículas de óxidos de alumínio e de titânio são usadas, por exemplo, para criar efeitos e brilho nas tatuagens. Ainda não existem estudos de como esses coquetéis atuam sob a pele.

Esses desenhos podem gerar várias reações alérgicas, que geralmente se desenvolvem lentamente. Por isso, a impressão dos especialistas é que essas reações nem sempre resultam dos elementos do corante, mas que os alérgenos são formados no interior da pele ao metabolizá-lo. O vermelho é o corante que provoca mais alergias, mas nenhum dos estudos realizados conseguiu identificar o motivo. Outros estudos revelam que até 20% das amostras de tinta estavam contaminadas com bactérias, quer no processo de fabricação ou pela utilização de água contaminada ao serem diluídas.

Na Europa, pelo menos 100 milhões de pessoas têm uma tatuagem, mas as autoridades não regulamentam os corantes utilizados. Vários países pediram que a Comissão Europeia tome medidas, já que atualmente esses produtos não são considerados nem cosméticos nem medicamentos para que possam ser regulamentados. A Comissão destaca que, desde 2010, os países da UE têm adotado uma série de medidas contra essas tintas por apresentarem riscos graves para os consumidores: a Dinamarca e a Áustria já proibiram a importação de algumas tintas com elementos tóxicos, segundo o *site* Chemical Watch; 70% dos corantes utilizados na UE são provenientes dos EUA, onde esses produtos tampouco são analisados.

REFLEXÕES XXVI

"São necessárias medidas internacionais urgentes para a proteção dos consumidores", alerta o estudo. E os especialistas acrescentam: "Embora a indústria necessite obedecer a regulamentação existente e adotar uma postura mais proativa sobre a segurança das tatuagens, reguladores e cientistas têm a responsabilidade de avaliar os possíveis riscos das tatuagens. O ideal seria que essas avaliações dessem lugar à aprovação de substâncias que são seguras para a aplicação intradérmica até uma dose definida". ●

Javier Salas

Artigo publicado no jornal *El País*, no dia 15 de setembro de 2015

Os evangelhos proibidos

Reinaldo José Lopes



Os apócrifos são confiáveis como documentos históricos? Ou não passam de ficção?

Ninguém discute a enorme importância dos evangelhos apócrifos para entender as origens do cristianismo.

Como vimos na reportagem que abre esta edição, esses textos deixam claro que, nos primeiros séculos cristãos, a diversidade era a norma, com a coexistência (não exatamente pacífica) das mais variadas crenças sobre a natureza de Jesus, o papel de Deus e a relação entre judaísmo e cristianismo, por exemplo.

A coisa fica mais incerta, no entanto, quando mudamos a pergunta: será que, além de retratar a diversidade de pensamento da(s) Igreja(s) primitiva(s), os apócrifos também trazem informações confiáveis sobre a vida de Jesus?

É claro que, em linhas gerais, a resposta é “depende”, justamente por causa da variedade de perspectivas representada pelas dezenas de narrativas não canônicas. Cada um desses textos foi composto em épocas e lugares diferentes, com públicos distintos em mente e mensagens teológicas próprias – o que também vale, obviamente, para os evangelhos do Novo Testamento “oficial”.

Mesmo assim, é possível apontar o que é consenso entre os especialistas no estudo do chamado “Jesus histórico” – ou seja, nos dados sobre a vida de Jesus que podemos extrair com segurança dos documentos antigos usando exclusivamente o método da pesquisa histórica, deixando de lado a fé.

Em primeiro lugar, quase todos os historiadores usam um critério meio óbvio, mas importante: quanto mais antigo o

REFLEXÕES XXVI

evangelho, mais confiável ele é, em linhas gerais. As histórias sobre Jesus tendiam a ficar mais espetaculares e fantasiosas com o passar do tempo. E, como muitos apócrifos foram escritos entre cem anos e vários séculos depois dos eventos que narram, essa nota de corte inicial, digamos, já elimina muitos deles.

Por isso, como você talvez já tenha imaginado, ninguém leva muito a sério os textos apócrifos sobre a infância de Jesus e a vida de Maria e José. E não é apenas pela grande quantidade de eventos miraculosos e assustadores no Evangelho da Infância de Tomé, por exemplo – embora, de brincadeira, o historiador John Meier, professor da Universidade Notre Dame (EUA) e autor da série de livros *Um Judeu Marginal*, compare o menino Jesus desse apócrifo a um personagem de filme de terror.

A questão é que o conteúdo dos evangelhos apócrifos da infância indica que seus autores conheciam tanto o Evangelho de Mateus quanto o Evangelho de Lucas (os dois falam da infância de Jesus, cada um usando informações bem diferentes) e misturaram os dados presentes nesses textos canônicos, às vezes até copiando e colando trechos, para criar sua narrativa. Isso muito provavelmente quer dizer que eles não possuíam nenhuma informação independente sobre o menino Jesus.

Dá para repetir mais ou menos o mesmo argumento para os apócrifos que versam sobre a morte e ressurreição de Cristo. Para o historiador irlandês John Dominic Crossan, professor aposentado da Universidade DePaul (EUA), uma exceção é o Evangelho de Pedro, que teria preservado boa parte do relato original sobre a Paixão de Cristo, o qual teria sido usado e modificado, mais tarde, pelos evangelistas canônicos.

Para Crossan, uma das pistas disso é



que o Evangelho de Pedro retrata o povo judaico se arrependendo de ter instigado a morte de Jesus, o que seria um sinal de que a narrativa da Paixão contida nele teria sido escrita quando os cristãos, quase todos judeus nessa época, ainda tinham esperança de converter os outros israelitas. Pouca gente concorda com Crossan, no entanto – e é bom lembrar que, mesmo para ele, há poucos fatos históricos em qualquer uma das narrativas da Paixão, pois os apóstolos teriam fugido quando Jesus foi preso, impedindo que eles presenciassem o julgamento e a própria crucificação.

Hoje, o Evangelho de Tomé é o principal texto apócrifo que, para uma quantidade considerável de pesquisadores, tem potencial para trazer informações relevantes sobre o Jesus histórico, em especial a respeito da forma original de seus ensinamentos, já que Tomé é um texto formado quase exclusivamente pelos chamados *lôgia* (singular: *lôgion*), os “ditos” ou “declarações” de Jesus.

Aliás, foi essa estrutura de ditos que chamou, a princípio, a atenção dos especialistas, porque ela pareceu corroborar uma hipótese importante dos estudos bíblicos, a de que, nos primórdios do cristianismo, os *lôgia* de Cristo teriam sido reunidos num texto hoje perdido, o chamado documento **Q** (da palavra alemã *Quelle*, “fonte”). Esse documento teria servido de base para uma série de ditos de Jesus compartilhados pelo Evangelho de Mateus e pelo Evangelho de Lucas, explica Luiz Felipe Coimbra Ribeiro, professor de pós-graduação em história do cristianismo antigo da Universidade de Brasília (UnB) – ambos teriam usado **Q** como fonte.

Ninguém acha que o Evangelho de Tomé seja o documento perdido. Mas, para uma série de pesquisadores, a estrutura parecida com a de **Q** é um primeiro indício de que se trata de um texto bastante antigo, talvez do período em torno do ano 50, quando os cristãos ainda não tinham tido a ideia de escrever uma narrativa com começo, meio e fim sobre a morte de Jesus (o Evangelho de Marcos, considerado o canônico

mais velho, teria sido escrito por volta do ano 65, para a maioria dos especialistas).

Além disso, pesquisadores como John Dominic Crossan afirmam que a comparação entre a forma dos ditos no Evangelho de Tomé e a que se vê nos textos canônicos sugere que Tomé é o texto mais “primitivo” – os lógia são mais simples, mais fáceis de lembrar e menos ligados a interpretações teológicas complicadas, o que indicaria que estão mais próximos da pregação oral de Jesus (o Nazareno, é bom lembrar, não deixou nada escrito).

Crossan e outros historiadores, partindo desse pressuposto, afirmam que as características originais dos ensinamentos originais de Cristo podem ser vistas no Evangelho de Tomé – e elas seriam bem diferentes do que se lê nos textos canônicos.

Em vez de estar preocupado com a chegada do Reino de Deus, com a ressurreição dos mortos e o Juízo Final, Jesus teria pregado um reino divino que já estaria presente caso os que o ouviam colocassem em prática sua defesa da justiça e da misericórdia.

“Se vossos chefes vos disserem `Eis que o Reino está no céu, então as aves do céu hão de vos preceder no Reino. Se vos disserem `Está no mar, então os peixes do mar hão de vos preceder. Mas o Reino está dentro de vós e fora de vós. Quando conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos, e entenderéis que sois filhos do Pai vivente”, afirma Jesus num dos trechos desse evangelho.

O americano John Meier é um dos grandes opositores dessa interpretação. Segundo ele, na passagem acima e em outras parecidas, a importância que Jesus dá ao autoconhecimento é sinal de que o Evangelho de Tomé é uma obra ligada ao gnosticismo, na qual a salvação depende da busca pelo conhecimento secreto e esotérico. Como as correntes gnósticas do cristianismo, para ele, só apareceram tardiamente, a partir do século II, não faz sentido enxergar um texto com essa orientação como primitivo. É o tipo de discussão que deve

REFLEXÕES XXVI

continuar por um bom tempo antes que surja um consenso. ●

Reinaldo José Lopes

Artigo publicado na revista *Superinteressante*, janeiro de 2018

LUIZ BIANCHI

Rússia, etapas históricas

Voltaire Schilling



Parte I: o país soviético

Comentários. Por pouco mais de 70 anos a Rússia passou pela maior experiência de engenharia social que se tem notícia na história da humanidade. Tratava-se não só de dotar o país com uma macroestrutura energético-industrial para fazer dela uma potência, como insistir numa sociedade da mais absoluta igualdade e forjar um “homem novo”, livre das influências religiosas e de qualquer sistema conhecido de exploração (feudal ou semifeudal, capitalista, colonialista). Era um projeto assombroso entre outros motivos por não haver nenhum exemplo que servisse como modelo a ser copiado. Ninguém, nem bolcheviques nem os outros partidos da esquerda europeia, sabia como implantar uma comunidade baseada na solidariedade, fraternidade e na abolição da propriedade. Nem Marx deixou qualquer pista para que seus discípulos russos chegassem a ela (ele sempre se negou “a dar receitas para o futuro”).

Pôster revolucionário que retrata manifestações na Praça Voskresenskaya de Moscou

O único rasgo sugerido por ele na sua Crítica ao Programa de Gotha (Kritik des Gothaer Programms, de 1875) era o da “ditadura do proletariado”, período de transição que, superando o capitalismo pela revolução social, garantiria a implantação do tão almejado socialismo, que terrível consequência causou.



Sem dar margem a erros, pode-se afirmar que o governo

comunista instaurado em 1917 andou às cegas para cumprir o programa idealizado (abolição da propriedade privada, estatização das indústrias, nacionalização das propriedades estrangeiras, comércio e bancos, alfabetização em massa, etc.). Após o Decreto do Poder Soviético sobre a expropriação das terras anunciado um dia após a tomada do poder por Lenin (26.10.1917), erros colossais foram cometidos pelos expoentes do regime, particularmente os promovidos por Stalin durante a sua longa ditadura (1924-1953). A URSS durante algum tempo assemelhou-se a um navio sem bússola que navegava sob impulso do improvisado, sujeito às mais diversas intempéries, internas ou externas.

De um modo sintético, podemos determinar as fases pelas quais o regime soviético-bolchevique passou nos seus 70 anos de existência na seguinte ordem:

Cartaz bolchevique exaltando o soldado vermelho

Revolução de outubro de 1917.

Sustentado pelas brigadas de operários armados, a Guarda Vermelha, e regimentos de soldados e marinheiros que não queriam mais a continuidade da guerra, Lenin neles se apoiou para dar o golpe de 25 de outubro (7 de novembro pelo calendário gregoriano atual). Fechou a assembleia constituinte e proclamou o governo dos trabalhadores e camponeses. Um grande êxodo então se deu. Pessoas talentosas, cientistas, médicos, administradores, gerentes, intelectuais liberais e da esquerda moderada (mencheviques) tiveram que percorrer a triste estrada do exílio. Para muitos, uma condenação perpétua.

Decretos do Poder Soviético deram a dimensão da transformação concebida pelo comitê central bolchevique, o Politburo. O que era privado desapareceu e as propriedades e os investimentos estrangeiros foram expropriados. O novo



regime negou-se a pagar as dívidas do czar, o que colou o país na lista dos caloteiros, posição da qual foi removido somente na década de 1960 durante o governo de Nikita Krushev (1956-1963). Aos nobres e demais proprietários de terra – as ‘classes espoliadoras’ – só restou a fuga ou o “exílio interno”.

Por negociar a paz a qualquer preço com o II Reich, Lenin, acusado pelos mencheviques e social-revolucionários, se viu alvo de um atentado na saída de uma fábrica em Moscou (levou dois tiros, mas sobreviveu com dificuldades até sua morte em janeiro de 1924). Outros bolcheviques por igual sofreram ataques fatais.

Ao colocar o Terror Vermelho, imposto por Félix Dzerjinski, chefe da Tcheka (a polícia de combate à contrarrevolução) na ordem do dia, o radicalismo da ação chocou o mundo de então. A revolução russa de 1917 ultrapassava em muito o extremismo da revolução francesa de 1789. Alguns meses depois, a partir de março de 1918, o país se incendiou assolado pela extensão e violência da guerra civil.

Muitos socialistas ocidentais, especialmente para os sociais-democratas alemães (Karl Kautsky e Rosa Luxemburg), criticaram Lenin apontando-o como introdutor de uma outra forma de opressão substituta do Czarado. O líder bolchevique os repudiou como “renegados”. Já o pensador italiano, o marxista Antonio Gramsci (artigo no *Avanti*, em abril de 1917) assinalou que a Revolução Russa se fazia “contra o Capital”, no sentido que ela não estava seguindo o processo histórico determinado por Karl Marx: primeiro era preciso haver o desenvolvimento capitalista, em seguida à formação do proletariado industrial e da consciência da luta de classes resultante. O embate entre burgueses e proletários culminaria na tão esperada revolução redentora de toda a humanidade.

Tal exposição da trajetória dos acontecimentos pode ser considerada como “ortodoxa”, ligada estreitamente ao pensamento “convencional” extraído de Marx. Os bolcheviques não respeitaram isto. Portaram-se como uma

seita não ortodoxa, abrindo o caminho de acordo com as circunstâncias que os cercavam naquele momento de rejeição à Grande Guerra (1914-18).

Lenin tinha ciência de que a Rússia não apresentava um desenvolvimento capitalista como havia nos países ocidentais, nem a classe trabalhadora era preponderante (os camponeses é quem compunham 80% da população em 1918, os operários mal perfaziam 3%). Ainda assim acreditava que aquele era o momento. O desespero das massas contra a guerra, o colapso do exército russo e o desaparecimento do Czarado (Nicolau II e sua família foram mortos a tiros em Ekaterinburgo, em julho de 1918, para que não caíssem nas mãos dos “brancos” que lutavam pela restauração imperial) e a fragilidade da economia mundial, criaram as possibilidades para inédita ascensão ao poder de um regime do “proletariado urbano e rural”.

Ainda que durasse pouco, o seu gesto atrevido de empalmar o antigo trono dos Romanov serviria como um exemplo para o proletariado internacional nas futuras revoluções que inevitavelmente seguiriam a russa.

“Novo homem/liberta-te e volta/do espaço da morada universal” - Maiakovski

Comunismo de guerra (1918-1921). Envolvido numa guerra civil generalizada entre vermelhos e brancos que geograficamente abarcou grandes partes do país (Sibéria, Cáucaso, Ucrânia, Crimeia, Rússia Ocidental), a situação do Governo Revolucionário agravou-se mais com a intervenção estrangeira. Tropas de 14 nações (entre elas as da Grã-Bretanha, EUA, França, Japão, etc.), num total aproximado de 80 mil homens, ocuparam, entre 1918 e 1920, as bordas ocidentais e orientais do império russo para agir ao lado dos brancos que terminaram derrotados.

Para manter o esforço de guerra tanto os bolcheviques como os monarquistas saquearam a produção rural. O que fosse aproveitável e servisse como alimento foi requisitado. O

resultado desta praga bíblica de gafanhotos não tardou. Os mujiques (camponeses), nos dois anos seguintes, entre 1920-1921, cientes que nada receberiam das cidades, passaram a plantar sementes apenas para o seu sustento e dos seus próximos. As vastas extensões da Rússia ficaram reduzidas ao silêncio e os arados trancados nos celeiros ou em paióis aguardando um melhor momento para voltar à ativa. Como registrou o lírico Alexander Blok, *"Todos os sons pararam. Você não pode ouvir que já não há nenhum som?"*.

A fome e seu infeliz complemento de doenças e pestes atingiram o país em cheio provocando mais de três milhões de vítimas. A situação de penúria geral resultava do fato de que nada se encontrava para comer nas cidades e menos ainda de manufaturas havia para comprar na área rural. Exemplo infeliz desta situação apavorante foi a morte do já citado lírico Alexander Blok, a quem Gorki considerava o maior poeta vivo da Rússia, por inanição, em 1921, enquanto o canibalismo era praticado nos lugares mais distantes da estepe e da tundra por habitantes reduzidos à loucura. O tifo teve então seu momento de devastação, levando consigo, além de milhares de gente do povo, o jornalista americano John Reed, um entusiasta da revolução (autor do hoje clássico "Os dez dias que abalaram o Mundo", 1919).

Ao tempo em que tal ocorria, a Rússia revolucionária viu-se isolada do mundo pela política de quarentena idealizada pelo presidente Clemenceau da França. Nem prego, nem grão, nem um modesto empréstimo, poderia afluir para o país dos soviets. Para culminar com a desgraça, os marinheiros da base naval de Kronstadt, em Petrogrado, um dos pilares do levante de 1917, tidos por Trotski como "a flor da revolução", insurgiram-se em março de 1921 contra a situação de privação e pavor submisso em que os russos se encontravam. Exigiram eleições, liberdade de imprensa e de organização. Foram batidos, rendidos e fuzilados. Lenin entendeu o recado, ainda que os vermelhos fossem vitoriosos, havia que afrouxar o terrível garrote imposto pela guerra civil.

Nestes três anos, a Rússia, nomeada a partir de 1922 como URSS (União das repúblicas socialistas soviéticas), que passara por três guerras sucessivas – a Grande Guerra, a Intervenção Estrangeira, a Guerra Civil – culminando na epidemia de tifo e outras pragas, estava exaurida. Esforço algum a mais podia ser solicitado ou exigido pelos governantes num quadro de depressão e pauperismo geral. Como observou Isaac Deutscher *“o país estava cansado do heroísmo, das grandes visões, das altas esperanças e dos gestos amplos”*. A revolução deixara de encantar a milhões, russos e estrangeiros simpatizantes que desembarcaram no país para participar do grande evento. Quando os críticos ocidentais afirmavam que a Rússia implantara “a socialização da miséria” não estavam longe da verdade. Ponto expressivo do desencanto encontra-se no livro da anarquista báltico-americana Emma Goldman intitulado *Minha desilusão com a Rússia* («My Disillusionment in Russia», 1923).

Nada mais longe das idealizações de um paraíso dos trabalhadores dos socialistas do século XIX frente à situação concreta apresentada pela URSS no final da guerra civil. Em vez da opulência alimentar, grassava a carência de grãos e carnes, o despotismo partidário, em vez da democracia, impunha-se em todas suas formas, nem liberdade de palavra, imprensa ou sindical eram permitidas, milhares de órfãos reduzidos ao abandono e ao banditismo selvagem perambulavam pelas estepes e matas. O feito de retirar a “nação dos soviets” do sangrento lamaçal era o grande desafio que aguardava as gerações seguintes.

Num resumo desta época observa-se o desaparecimento do Czarado e da sua máquina administrativa, militar, política e cultural. A seu lado, afundando junto, deu-se o sumiço da Igreja Russa Ortodoxa, a mais antiga instituição da Rússia, ocorrendo o saque dos templos por todo o país e a prisão de padres e freiras despojados de tudo. Não foi diferente o destino dos partidos, tanto os socialistas (mencheviques, esseristas, etc.), como dos liberais (cadetes), dissolvidos ou

colocados na ilegalidade. O Partido Bolchevique desde então se assegurou por 70 anos como o único a ter o Monopólio do Poder.

“Um passo atrás para dar dois à frente” (Lenin sobe a NEP)

NEP (novaya ekonomiceskaya politika, a nova economia política) 1921-29. Para acalmar o campo, aquele oceano de 20 milhões de pequenas e médias propriedades lavradas pelo mujique (camponês) e pelo kulak (fazendeiro médio), os comunistas se viram, a partir de 1922, na obrigação de liberar, ainda que parcialmente, a produção rural da camisa de força anterior. O efeito logo se fez sentir visto o aumento da área lavrada e da multiplicação dos grãos e carnes. Um ano antes, em 1921, a colheita apontou apenas 50% do que a safra de uns anos anteriores. Para muitos partidários, Lenin recuara para um capitalismo tosco, não havendo nenhuma outra solução que equilibrasse a vida econômica no momento. A carência de alimentos chegou com força às cidades e logo um mercado negro floresceu, para desespero dos bolcheviques. Era aceitar a NEP ou o imenso império de 20 milhões de km² e com 150 milhões de habitantes estagnaria na mais profunda miséria. Somente Lenin, liderança incontestável poderia levar adiante esta política, ainda que estivesse se recuperando do atentado de agosto de 1918, no qual levou dois tiros e sobreviveu sabe-se lá como.

Lenin e os camponeses

A assim denominada Crise das Tesouras foi apresentada ao Politburo em 1923 por Trotski. O gráfico demonstrou a gravidade da nova crise que se avizinhava. Os preços agrícolas baixaram, mas isto não aconteceu com os da pequena e média indústria, devastada em todas as regiões. As lâminas da tesoura não se aproximavam, ao contrário, uma se afastava cada vez mais da outra. A solução seria importar manufaturados da Europa para atender



o mercado agrícola mujique-kulak.

Exatamente para evitar isso, o Politburo (**Politburo** = órgão central do governo, com 7 integrantes) aprovou a estatização do Comércio Exterior, fechando a porta à demanda camponesa. Do mesmo modo os comerciantes e atacadistas europeus não estavam dispostos a ajudar um regime comunista, menos ainda os grandes investidores – a URSS se transformara num país pária, e como tal teria que seguir as aventuras do barão de Münchhausen, personagem que saiu dos atoleiros puxando seus próprios cabelos.

Entrementes, foi durante os primeiros anos da NEP que Lenin apresentou sinais mais graves de doença. Deixou um esboço – o Testamento de Lenin – aos seus camaradas advertindo-os da índole brutal de Stalin, não indicando nenhum sucessor, fato que os temperamentos de Trotski e Stalin acirraram ainda mais o problema da nova liderança. Trotski apoiava-se na ideia de que a revolução de 1917 somente poderia ficar em pé se houvesse uma revolução similar no Ocidente. Os bolcheviques, particularmente Lenin, emparelhava-se com Trotski nesta questão. Ocorreu que as iniciativas revolucionárias em Budapeste (Bela Kuhn), Munique (Kurt Eisner) e Berlim (Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo) fracassaram, esvaziando a posição de Trotski em favor de uma revolução permanente que, espalhando-se pelo mundo, soterraria o capitalismo e o colonialismo. Os fatos desmentiram os prognósticos otimistas, e, pior, o insucesso do “outubro alemão” somente gerou a reação e revolta da extrema-direita com o surgimento dos “Capacetes de aço” e dos nazistas de Hitler.

O vazio deixado pela morte de Lenin, em janeiro de 1924, foi ocupado pela troika: o triunvirato composto por Stalin, Zinoviev e Kamenev. Trotski foi hostilizado por boa parte do partido em razão de temerem que ele, o ex-comandante supremo do vitorioso Exército Vermelho, virasse num Napoleão, num ditador ou coisa pior. Havia ainda um outro imperativo que afastava Trotski do poder central: era judeu.

Ele sabia perfeitamente que um país com antiga tradição de antissemitismo como na Rússia, preconceito arraigado por séculos, não desapareceria com alguns anos de revolução, jamais o aceitaria como chefe supremo. Era um “cosmopolita” como denunciaram seus adversários, enquanto Stalin, tido como medíocre, era percebido por sua simplicidade como mais próximo ao povo, um “russificador” do marxismo adaptando-o às condições da realidade do país, projetando-se como o defensor do “socialismo num só país” (o que era uma heresia, pois os marxistas sempre afirmaram o internacionalismo do movimento).

Se bem que Zinoviev e Kamenev eram igualmente judeus (Gregory Radomilski e Lev Rosenfeld, respectivamente), nunca chegaram a ser cogitados como líderes nacionais. Stalin, nascido na província da Geórgia, rapidamente vestiu o manto do burocrata grã-russo, autoritário e impiedoso, palatável para a maioria da população exaurida e faminta que aos poucos saía do caos. Trotski isolado foi expulso do Partido Comunista, desterrado para a Ásia Central e, mais tarde, em 1929, para a Europa Ocidental. Terminou seus dias assassinado no México por um agente soviético, em 1940.

No decorrer da estabilização do regime comunista, a ditadura do proletariado transformou-se na ditadura do partido bolchevique, o próximo passo a ser dado era o que Stalin, afastando seus dois parceiros, deu: o ditador submeteu o proletariado, o partido e à nação como um todo.

Parte II: a segunda revolução

O socialismo num só país e o planejamento econômico. A situação de isolamento da URSS, sendo que o único país com quem assinou um tratado foi a Alemanha de Weimar, o Tratado de Rapallo, em 1922 (o mentor deste acordo Walther Rathenau, ministro das relações exteriores, pagou com a vida por isto), acelerou a decisão de Stalin de lançar-se num vasto programa de crescimento (“soviets + eletrificação = socialismo” era um bordão de Lenin) sem haver

nenhum capital externo. Como o economista E. Preobrazhenski registrou no seu ensaio *A Nova Economia*, 1926, que a 'acumulação socialista primitiva', na total ausência de capital externo, teria que ser feita com recursos nacionais sacrificando o próprio povo russo no empreendimento. A existência de um estado socialista devia se sobrepor ao mercado existente na época do Czarado e do novo mercado surgido, produto da economia camponesa semiliberalizada. Era impossível haver conciliação entre ambos. Sem que ele desejasse, esta tese serviu como uma sentença de morte à propriedade dos mujiques e dos kulaks, especialmente destes últimos (considerados inimigos inconciliáveis do regime).

A URSS estava fadada a dar seguimento à revolução industrial incipiente na Rússia que começara nas derradeiras décadas do século XIX – registrada na famosa obra de Lenin sobre *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, escrito no degredo siberiano em 1899. Ocorre que não havia nada na história que fizesse menção à transição do capitalismo para o socialismo,

A Segunda Revolução

especialmente numa sociedade pobre, ignorante, predominantemente agrária e com baixíssima presença da tecnologia moderna. Simbolicamente, era como se um carroção atrelado a animais fosse bruscamente adaptado a andar com motor.

Entre os teóricos europeus falava-se em “Planificação Econômica” como resultado lógico do avanço do socialismo. Não é de estranhar que os bolcheviques se inspirassem, num primeiro momento, no capitalismo autoritário vigente na Alemanha durante a I Guerra Mundial. Particularmente, a partir de 1916, os comandantes supremos do exército do Reich, os generais Hindenburg e Ludendorff atuaram intervindo na economia, sendo que o último se tornou ditador



não oficial, modelando a produção geral no sentido de vencer a guerra, subordinando o restante dos agentes econômicos a uma rígida programação e controle. Alguns críticos observaram tratar-se de um “socialismo prussiano”, uma emergência de um país desesperado e em vésperas da derrota, nada aproximado do idealizado socialismo que ainda não tinha vingado em lugar algum.

A segunda revolução. Para tanto, a fim de desencadear o que denominaram de Segunda Revolução, um órgão de planejamento – o GOSPLAN – existente desde 1921, entrou em atividade efetiva a partir de 1923, assumindo sua plenitude em 1928, época do Pilatileka, o Primeiro Plano Quinquenal (1928-1932).

Ambicioso, o Gosplan com um dos seus braços determinou a coletivização das áreas camponesas e com o outro investir na Indústria Pesada. Os mujiques e os kulaks que ocuparam as propriedades nos começos da revolução viram-se num



Planejando a indústria

repente forçados a abandonar tudo. Em represália à usurpação do Estado Soviético, decidiram matar os animais domésticos e queimar as isbás (**Isbá** = casa característica dos camponeses do Norte da Europa e da Ásia e mais particularmente da Rússia, construída ger. com madeira de pinheiro) onde moravam.

Deu-se um massacre bíblico, contabilizando mais de 70 milhões de cabeças de gado variado liquidado e instrumentos destruídos. O “enxugamento” fez com que apenas 2 milhões de propriedades, resultassem da anterior, calculada em 20 milhões de pequenas e médias propriedades. A propaganda do regime lançou enorme campanha para demonstrar a racionalidade e o aumento da produtividade que certamente surgiriam da nova forma de trabalho coletivo no campo: os colcozes (cooperativas nas mãos das famílias camponesas) e

REFLEXÕES XXVI

os solvcozes (fazendas estatais com trabalhadores assalariados). Provocaria a liberação da mão de obra para as fábricas nascentes enquanto os colcozes atrairiam tecnologia (tratores, ceifadeiras, colheitadeiras, etc.) A revolta dos rústicos foi terrível, porém inútil.



Stalin, o timoneiro do comunismo

Destacamentos da GPU/NKVD, a polícia política, e pelotões do exército, varriam os campos impondo temor recorrendo à violência como modo usual de operação.

O Cáucaso do Norte, o Cazaquistão e a Ucrânia, esta na Rússia Ocidental, com suas férteis terras negras, celeiro dos cereais e do gado, foi a mais atingida. Os ucranianos denominaram a destruição dos seus homens do campo e a miséria que se seguiu como “A Grande Fome” (Holodomor). Os kulaks, os fazendeiros remediados, tidos como “inimigos de classe”, ou *vragi narod* (inimigos do povo) foram desterrados. Dois milhões deles foram transportados por comboios de trens para outras regiões do país entre 1933-1934. O Estado Soviético exterminou com a economia camponesa russa antiga em mais de mil anos, enquanto a sociedade perdeu justamente aqueles que tinham iniciativa e eram os empreendedores mais bem-sucedidos.

Evidentemente que o pacto entre camponeses e trabalhadores – a smytcha – foi definitivamente rompido em favor da política de industrialização e eletrificação. Bukharin, o mais ardoroso defensor dos mujiques, célebre pelo dito blasfêmico “Camponeses, enriquecei!” viu sua imagem obscurecer-se frente a Stalin. Sobreviveu marginalizado do poder central, entre idas e vindas, até ser executado durante o Grande Terror, em 1936.

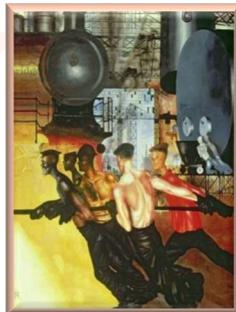
O impressionante dos planos quinquenais que se sucederam até 1939 é que eles mudaram radicalmente o perfil econômico

e social da velha Rússia para sempre. O partido comunista agiu como um furioso messias conduzindo a chicotadas o povo russo, pobre, analfabeto e ligado à terra, para um outro país, o dos técnicos, dos engenheiros, dos administradores e dos cientistas, um tanto como imaginou o filósofo positivista Auguste Comte, saltando de um primitivo Estado Metafísico para o moderno Estado Positivo. Stalin, o mais inexpressivo líder de 1917, revelou-se hábil em mesclar o medo com a esperança no progresso material do país.

O preço humano disto foi terrível em razão do processo ter usado meios contrários ao que podemos identificar como propósito ou 'ética socialista'. Métodos desumanos empanaram a imagem da URSS stalinista no Ocidente. A hipercentralização colocou nas mãos de Stalin um poder nunca visto nem na longa história despótica e autocrática da Rússia.

Incrementando a produção, Yuri Pimenov.

Nem Ivan, o Terrível (1530-1584), refundador do Czarado russo, nem Pedro, o Grande (1672-1725), que revirou o reino de ponta-cabeça, amealharam tal poder sobre a sociedade quanto ao do secretário-geral do PC soviético (que se inspirou nos dois). O que levou a historiadores ocidentais concluírem que somente a bárbara Rússia poderia sofrer aquele flagelo. Para outros, ele assemelhou-se a um moderno Gengis-Khan com linguagem marxista, misturando o despotismo asiático com o ideário do 'socialismo científico'.



Parte III: O Grande Terror

O grande terror (1936-1938). Dois fatores principais conduziram a URSS à política do terrorismo de Estado.

Stalin como generalíssimo



REFLEXÕES XXVI

O primeiro deles foi a ascensão de Adolf Hitler, na Alemanha, em janeiro de 1933, com sua determinação abertamente anticomunista; o segundo deu-se com o assassinato de Kirov, o líder stalinista de Leningrado, em 1934. O impacto da morte dele foi a espoleta que deflagrou o expurgo e extermínio de grande parte da liderança comunista, acusada de todo o tipo de impropriedade.

A URSS deste tempo havia se instituído como um Estado paranoico. Stalin aproveitou a fatídica agressão ao seu lugar-tenente como um sinal que levaria seus adversários ao assassinato de outros integrantes do regime. O ato solitário de Nicolaievski, um comunista decepcionado, o sujeito que atirou em Kirov, como a ponta de uma grande conspiração que uniu os maiores absurdos. Comunistas de origem judaica foram apontados como colaboradores do nazismo, militantes fidelíssimos foram acusados de ser agentes ingleses, alemães ou japoneses, de acordo com a conveniência dos promotores. Um tribunal similar ao inquisitorial, aberto em Moscou, em 1936, sob a magistratura de Vischinski, para satisfazer o desejo de punição da Bolchaya tchistka (a Grande Purga), sentenciou à morte a maioria dos réus. Na relação dos banidos e executados encontravam-se ‘os velhos bolcheviques’, como Kamenev, Zinoviev, Bukharin, etc.

Os cinco marechais soviéticos, só dois sobreviveram



A campanha de extermínio da oposição, fosse ela qual fosse, atingiu não só os altos quadros da burocracia soviética (Piatakov), como os mais graduados oficiais das forças armadas (o marechal Tukhachevski) e a própria polícia política, a NKVD (Yezhov) que até então coordenara as prisões, as acusações falsas, e o extermínio dos caídos em desgraça.

Poetas, artistas e literatos tiveram a sua cota de perdas que atingiu dois mil deles (Isaac Babel, Ósip Mandelstam, e

muitos outros). Este último caíra em desgraça ao saber da sua epigrama contra o secretário-geral

“Estamos vivendo, mas não podemos sentir a terra onde estamos, /A dez passos você não pode ouvir o que dizemos/ Mas se as pessoas querem falar /Elas devem mencionar o Caucasiano do Kremlin.”

O braço assassino do regime alcançou inclusive os comunistas estrangeiros que, desde os anos de 1920-1930, haviam procurado asilo na URSS. Foram denunciados como ‘quinta coluna’, comungados com inimigos, traidores em potencial da causa soviética. Não deixa de ser menos absurda a perseguição aos oficiais soviéticos exatamente no momento em que a Alemanha Nazista, inimiga mortal do comunismo, se projetava para o Leste, com a absorção dos Sudetos (cadeia de montanhas) na Tchecoslováquia, e acelerava ainda mais seus preparativos de restauração da indústria bélica e do serviço militar obrigatório (o desterro ou extermínio de milhares de militares, estimados em 35 mil, serviu como um estímulo para Hitler invadir a URSS em 1941).

O ditador comunista explicava a seus próximos a estranha doutrina que apontava que a reação crescentemente hostil aumentava conforme o ‘socialismo avançava’. A resistência de amplos setores somente poderia ser quebrada com violência épica neutralizadora de qualquer insatisfação. A cada ano aprofundava a luta de classes e a tensão social daí decorrente.

No final do macroexpurgo, Stalin enfeixou por inteiro o poder soviético. Os que podiam lhe fazer oposição – ‘velhos bolcheviques’, burocratas do partido e militares – estavam presos ou mortos. Grupo ou facção alguma se interpôs frente às políticas por ele adotadas. Certamente que nenhum outro chefe de Estado historicamente conhecido sequer empatou a autoridade do vojd (o chefe) soviético.

Nos levantamentos investigados pela ação da NKVD (GUGB NKVD), de outubro 1936 a novembro de 1938, pelo menos

REFLEXÕES XXVI

1.710.000 pessoas foram presas e 724.000 pessoas executadas.

Todavia, historiadores ocidentais como Robert Conquest, Robert Service, Annie Kriegel e outros, sobrelevaram as vítimas em 20 ou mais milhões de aprisionados ou mortos. Cifras que trazem um problema. Como numa população de um tanto mais do que 150 milhões de habitantes poderiam as perdas a chegar a tão elevado número? Praticamente a parte masculina teria sido desfalcada em quase sua metade.

O arquipélago gulag, a administração geral de colônias de trabalho coletivo (gulag), no ano de 1940, era composta por 53 campos, 425 colônias e 50 colônias juvenis tendo em cativeiro 1.668.200 presos, outros pesquisadores apontam para 3,5 milhões (Alec Nove) e 2,3 milhões (V.N.Zeroskov).

As quatro torrentes de violência (de 1917 a 1944). De 1917-18: ataque aos brancos contrarrevolucionários e aos esquerdistas não bolcheviques: mencheviques, social-revolucionários e anarquistas.

De 1929-32: coletivização da terra. Perseguição aos kulaks e camponeses que resistiam à perda das propriedades em função dos colcozes e solfkozes.

De 1936-38: processos de Moscou. Altos funcionários do partido, burocratas, militares e integrantes da GPU (polícia política) foram expurgados, responderam como réus nos tribunais de Moscou.

Sentenciados ao desterro ou à morte.

O camponês Malevich

V. Maiakovski

De 1944-46: abrangueu os povos minoritários acusados de colaboracionismo com



os nazistas durante a invasão da URSS: tártaros, calmuços, tchetchenos e outros. Os prisioneiros soviéticos que retornaram da Alemanha foram acusados de covardia e falta de resistência ao inimigo invasor e condenados aos campos de concentração.

Parte IV: o futurismo

Marinetti, o poeta ideólogo do Futurismo, foi convidado pela Sociedade da Liberdade Estética de Moscou a realizar um espetáculo nos começos de 1914. O seu desempenho angariou críticas dos que já posavam como os futuristas russos: Vladmir Maiakovski, David Burlyuk, Vasily Kamensky, Velimir Khlebnikov e Aleksey Kruchenykh (inventor do Zaum, experimentos linguísticos baseados em neologismos, assonâncias, combinações ilógicas e combinações de palavras e sons, denominados transracional e transmental, aplicados à fala russa um tanto como Marinetti o fez com o italiano).

Integrantes do grupo Hylaens, atrevidos, todos eles já haviam cerrado fileiras atrás do poema-manifesto de Maiakovski, escrito em 1912, intitulado uma 'Bofetada na cara do público' que, provocador, lançado para escandalizar os russos, os conclamava 'a jogar para fora do convés do navio a vapor da modernidade', Pushkin, Dostoievski, Tolstoi, e outros nomes das letras nacionais... Para Maiakovski a arte era um instrumento de guerra, um martelo para forjar o futuro, sendo o poeta uma estrela a alumiar o caminho:

"Brilhar para sempre, / brilhar como um farol, /brilhar com brilho eterno, /gente é para brilhar/, que tudo mais vá para o inferno/, este é o meu slogan do sol."

Os futuristas russos, autodenominados *budietliánie*, irmanavam-se deste modo ao italiano na guerra aberta contra o que era passado e no desprezo à solenidade e ao acadêmico. Ainda que oposto ideologicamente a Marinetti (que mais tarde se tornou um entusiasta do fascismo), Maiakovski se parecia a ele no gosto pelo espetacular, pelo recurso à modulação da voz e pela presença eletrizante com que

dominava inteiramente o público durante suas apresentações. E, por certo, a mesma intenção de chocar a todos, como com o seu famoso poema *A nuvem de calças* (1915).

Desde os 19 anos o poeta realizava apresentações sensacionais pelos teatros, cabarés artísticos e porões enfumaçados de Moscou onde, costumeiramente, vestindo uma escandalosa camisa amarela, além de ser maltratado pela crítica, era apupado e vaiado pelo público, a quem não tinha travas em ofender.

Arrogante, o colega dele David Burliuk, anunciava:

"Somos pessoas da nova e moderna humanidade, somos os mensageiros da verdade, os pombos da arca do futuro; somos obrigados a abrir uma nova vida à faca no ventre do burguês e do pequeno burguês. Somos os revolucionários da arte, temos que entrar na vida das ruas e das praças, devemos levar protestos por toda parte..." (in 'Maiakovski, poeta da revolução', pag. 107/8).

A eles aderiu o pintor cubofuturista Kasimir Malevitch que, logo em seguida, em 1915, se inclinou pelo Suprematismo ('eu apenas sinto a noite dentro de mim, e foi então que eu concebi uma nova arte a qual denominei de Suprematismo'). Do mesmo modo que Maiakovski assumiu a liderança dos Poetas Futuristas, Malevitch viu-se o chefe das escola de pintores, que consagrou nomes como os de Olga Rozanova, Aleksandra Ekster, Liubov Popova, Ksenia Boguslavskaya, Ivan Kliun e Ivan Puni. Todos envolvidos pelos mesmos princípios estéticos e na missão de 'superar a velharia'.

Bofetada no gosto do público. Somente nós somos o rosto do nosso tempo. (...)

Ordenamos que se respeite o direito dos poetas:

- 1 - A ampliar o volume do vocabulário com palavras arbitrárias e derivadas;
- 2 - A odiar sem remissão a língua que existiu antes de nós;

REFLEXÕES XXVI

3 - A repelir com horror da própria frente altaneira a coroa daquela glória barata que fabricastes com as escovas de banho;

4 - A estar fortes sobre o escolho da palavra 'nós' num mar de assobios e de indignações.

E se em nossos rabiscos ainda restam rastros do vosso 'bom sentido' e do vosso 'bom gosto', nestas, todavia, já palpitam, pela primeira vez, as lâmpadas de nossa futura beleza da palavra autônoma.

O sucesso do futurismo. Chama a atenção o fato de o Futurismo ter angariado sucesso justamente em países periféricos aos centros mais desenvolvidos como era o caso da Itália e da Rússia. E a explicação sociológica disto é relativamente fácil. O discurso pró-modernidade somente poderia ter ressonância em países atrasados, fortemente marcados pela sobrevivência do feudal.



Autorretrato de Kasimir Malevitch

A um norte-americano, por exemplo, nascido e criado em meio aos arranha-céus de Chicago ou de Nova York, vendo desde criança as ruas apinhadas de automóveis e outros veículos a motor, não tinha nenhum sentido fazer uma exaltação específica à modernidade. Eles já a viviam. Convencer um americano das conquistas do modernismo era jogar tempo fora (o que, entretanto, não impediu que exposições do gênero viessem da Europa para serem vistas em Nova York).

Somente artistas e intelectuais de países onde a antiguidade e o medievo ainda se faziam pesadamente presentes e o atraso era geral é que poderia haver entusiasmo com os engenhos recém inventados e assombro com as inovações tecnológicas.

Entre eles, italianos e russos, é que o radicalismo contra o que

era antigo tomou vulto. As sagradas catedrais, os museus, as galerias, as famosas academias, os nomes ilustres das artes clássicas e das letras nacionais, tudo isso, tal “retórica passadista”, foi entendido pelos Futuristas como opressiva e merecedora de ser descartada.

Era como se suas nações estivessem enredadas por enormes teias de aranhas e bolor impedindo-as de alcançar os novos tempos dominados pelas máquinas, pela volúpia da aceleração e euforia pela tecnologia. Que tudo aquilo do passado fosse destruído, que tocassem fogo naqueles prédios vetustos e tumulares, que se esquecessem dos quadros famosos e que se apagasse a literatura conhecida ou que toda ela fosse arremetida para a lixeira da história.

De certo modo, tanto Filippo Marinetti como Vladmir Maiakóvski eram intelectuais fáusticos (**Fáustico** = suntuoso pomposo luxuoso) que procuravam romper com as limitações dos espaços estreitos, os ‘abafados covis’ em que viviam, ‘cercados pelo resíduo imundo’, tentando ‘fugir para a luz’. Queriam era abrir-se para o mundo dando sua alma em troca das ofertas dos Mefistófeles ideológicos que lhes surgiram em seguida pela frente.

Nada mais próximo a eles do que o dito do agente satânico descrito por Goethe que afirmou: ‘Eu sou o espírito que tudo nega! E assim é, pois tudo o que existe merece perecer miseravelmente’. (Goethe – Fausto I)

A inclinação dos Futuristas italianos pelo fascismo e dos seus congêneres russos pelo bolchevismo foi consequência lógica deste posicionamento simultaneamente destrutivo e revolucionário. Aliaram-se com o movimento político-ideológico que, no entender deles, tinha as proposições mais extremistas e eficazes em liquidar com o passado e assumir a Era Moderna na sua totalidade. Lenin e Mussolini eram os tiranos da modernidade.

Parte V: literatura soviética e o realismo socialista

Lenin na usina Putilov

Nos anos 30 do século XX, o período de relativa tolerância criativa e da independência dos autores e artistas encerrou-se na Rússia Comunista.



Adestrada pelo partido, a literatura soviética e as demais artes deveriam seguir a doutrina oficial. A ordem era engajar-se com ardor na tarefa de construir a sociedade igualitária futura sob orientação infalível do camarada Stalin, pai provedor e guia espiritual da nação.

A nova fase artística seria orientada pelos cânones proletários do Realismo Socialista (expressão certamente criada por Stalin). Foi este o sumário do discurso pronunciado pelo comissário Andrei Zhdanov na abertura do 1º Congresso dos Escritores Soviéticos, realizado em 1934, com trágicas consequências para a história das letras do país. Pode-se afirmar que as exigências do partido foram o tiro de misericórdia na grande literatura russa que tanto encantou e espantou o Ocidente, sepultando junto as experiências dos modernistas.

O realismo socialista. “Eu inventei um novo gênero...o gênero do silêncio.” (Isaac Babel - 1934)

Após quase duas décadas, de 1910 a 1930, as vanguardas artísticas e estéticas europeias estavam por chegar a um fim. O ocaso resultou de um conjunto de fatores que iam desde a exaustão do experimentalismo, até a

Lenin e Gork, o líder e o escritor

ascensão de regimes ditatoriais na década de 1930 indispostos à tolerá-las. A devastadora Crise de 1929 no Ocidente, responsável pela ascensão dos ditadores fascistas, e os Planos



Quinquenais na União Soviética de Stalin, abalaram profundamente a liberdade imaginativa até então alcançada.

Durante o 1º Congresso da União dos Escritores Soviéticos, realizado entre 17 de agosto e 1º de setembro de 1934, o comissário Andrei Zhdanov, com apoio de Josef Stalin, Nicolau Bukharin e Máximo Górkii, determinou que todos aqueles dedicados às artes & letras do país deveriam dali em diante orientar-se somente pela linha adotada pelo Partido Comunista.

Em anos anteriores, nos começos da Revolução, quando a batuta do comissariado da cultura estava com Anatoly Lunacharsky, um bolchevique ilustrado e de temperamento liberal, todos os tipos de espetáculos dramáticos representados frente às multidões foram estimulados pelas autoridades. A teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin, que testemunhou estes espetáculos públicos em Petrogrado no período pós-revolução, deriva daí. Deu-se então o império dos vanguardistas. Além da ousadia na composição de cartazes de propaganda do regime, eles foram convocados a decorar com seus desenhos abstratos e figuras geométricas os vagões dos trens que partiam para a guerra civil de 1918-1921.

Não que a tolerância predominasse. Eugeni Zamiatin (autor da novela “Nós”, fundador da moderna distopia, inspiradora do “1984” de George Orwell), mesmo quando era integrante do partido comunista já denunciara a chegada de uma “A Idade do Gelo”, assegurando que a “verdadeira literatura não pode fluir da pena de obedientes e rotineiros burocratas, mas terá que ser produzida por loucos, eremitas, heréticos, sonhadores, rebeldes e céticos.” (“Tenho Medo”, *Jornal Dom Iskusstv*, 1921).

O inferno do morticínio entre vermelhos e brancos, prosseguiu Zhdanov, já fazia parte do passado, a reconstrução do país se completara, agora, expurgados os elementos da economia capitalista que ainda restavam, era o momento do salto em direção ao socialismo. Hora de dar um basta na iconoclastia e

irreverência dos tempos anteriores e dedicar-se a forjar uma nova cultura: uma contrafação saudável à decadência literária da burguesia ocidental, atolada na pornografia, niilismo e misticismo. Soara a vez do Realismo Socialista.

Estavam eles obrigados, pois, a idealizar romances, peças e novelas que estivessem a par com o povo russo em geral, sabidamente muito baixo, e que não abrigassem truques experimentais ou personagem complicado que confundissem ou embaralhassem os leitores. Além disso, havia uma arraigada crença de que os experimentos dos modernistas não passavam de importação, de estrangeirismos que pouco tinha com o sentimento ou a estética russa.

Deviam ser aliados do partido na luta contra o atraso, o analfabetismo, e a ignorância das massas, fazendo modelar um cenário de entusiasmo somado ao trabalho duro, ajudando na radiante construção do futuro utópico – evidentemente que sob a paternal orientação de Stalin [Dobrenko & Naiman (ed.) *The Landscape of Stalinism: the art and ideology on Soviet space*, 2005].

Como observou Katerine Clark, o velho mito da Mãe Rússia reaparecia pelas artes do aparelho ideológico comunista na forma da Pátria Socialista, espaço sagrado no qual o povo soviético, como “povo eleito”, escolhido pela dinâmica da história, estava destinado a implantar o comunismo, etapa superior do desenvolvimento social e redenção da humanidade na Terra.

Enquadrando a arte. Para aplinar o caminho do novo dogma, dois anos antes, em 1932, todas as associações e organizações das artes & letras que existiam na União Soviética foram abolidas. Ou se pertencia a União dos Escritores, controlada pelo regime, ou ninguém poderia publicar fosse o que fosse. Os que incomodassem seriam expulsos ou banidos, além de denunciados como “antipovo”, particularmente os que incorriam no pecado do “formalismo”, expressão corrente na época para classificar tudo o que não

correspondia às determinações estéticas do partido.

A imposição do Realismo Socialista ao mundo das artes foi a conclusão lógica da estratégia stalinista de centralização total que vinha num crescendo desde a década de 1920, pois se o Comitê Central executava a planificação econômica, exercia o monopólio absoluto da política, controlava o Exército Vermelho e a NKVD, a polícia secreta, como esperar que o frágil universo da estética pudesse ficar de fora dos olhos vigilantes do partido?

Por igual, a desabusada intromissão nas artes decorreu da concepção que Lenin tinha do papel delas como instrumento a ser explorado ideológica e partidariamente para fins educacionais e de mobilização das massas. Isto já se refletira nas medidas preliminares tomadas pelos bolcheviques nos meses seguintes à revolução de 1917 no sentido do controle total da mídia (gráficas, edições de livros, jornais e revistas, livrarias e bibliotecas), banindo dela os não conformistas ou os opositoristas.

Portanto, aqueles dedicados às artes & letras viram-se convocados a servir como agentes de propaganda aos projetos do Estado Soviético na sua faina gigantesca da “construção do Comunismo”. Como escrevera Gorki no Pravda (4/12/1934), *“a honra, a glória e o heroico, tornaram-se tão familiares aos soviéticos que nem mesmo era percebida pela imprensa”*. Era tarefa para décadas, algo que transcendia gerações. E é ainda do mesmo escritor a “receita” a ser seguida pelos seus colegas: como essência, a nova arte deveria ser: a) Proletária acessível ao trabalhador; b) Típica voltada para o dia a dia deles; c) Realista figurativa e verdadeira, sem recursos verbais ininteligíveis; c) Partidária, sempre se colocando na linha determinada pelo partido comunista.

Exílio, prisão ou execução. Eugeni Zamiatin, resoluto, corajoso, não desejando de modo algum seguir ativo naquelas condições, enviou uma carta pessoal a Stalin pedindo para sair do país. Milagrosamente o tirano concordou. Logo, seguiu-o

Victor Serge que já estava preso, mas graças ao clamor no Ocidente terminou sendo deportado em 1936.

Isaac Babel, o notável autor de *A Cavalaria Vermelha*, obra de 1926, e alto quadro do partido, não mais quis se dedicar ao *métier*. Mesmo sendo considerado como um dos mais famosos contistas soviéticos, disse a André Malraux, o escritor francês que estava presente no Congresso, que além de ser “mestre no gênero do silêncio” iria viver como vendedor de roupas. Não cumpriu totalmente o que disse.

No ano seguinte ao Congresso, encontrando-se com o jornalista e escritor Ilya Ehrenburg, em Moscou (1935), ponderou que tudo aquilo nada mais era do que uma preparatória da mobilização para a guerra (Hitler havia ascendido ao poder na Alemanha, em 1933). Na época do Grande Expurgo, Babel foi detido e fuzilado na prisão de Lubyanka, em Moscou, em 15 de janeiro de 1940. Um pouco antes chegara a comentar que “certas coisas somente poderiam ser ditas à esposa e embaixo dos lençóis”.

Destino tristemente igual teve o diretor do teatro experimental soviético Svevolod Meyerhold, que apesar de ter 66 anos, levou também um tiro na nuca nos porões daquela mesma prisão. O reservado ao poeta Osip Mandelstam, autor do *A Esperança Abandonada*, foi um tanto diferente. Encarceraram-no a primeira vez em 1934 por ter escrito uma epigrama contra Stalin:

“Ele trata os crimes como negócio/ o brutamontes da Ossétia (região da Geórgia onde Stalin nasceu)”.

Todavia o ditador não o puniu com o rigor dos campos de trabalho e sim com desterro. Em 1937, todavia, detiveram-no novamente e no outro ano ele morreu de exaustão num campo de forçados próximo a Vladivostok, porto na Sibéria Oriental, em 27 de dezembro de 1938.

Um pouco antes deixara escrito:

“Tu debes mandar-me/ e eu estou obrigado a ser serviçal ao

desdenhar o nome e a honra/cresci enfermiço e tornei-me débil.”

Os que tiveram mais sorte haviam conseguido ser expulsos ainda nos começos da década de 1920. Em setembro de 1922, quando Genrik Iagoda, braço direito de Dzerzinky da TCHEKA, então rebatizada como OGPU, a polícia política dos bolcheviques, organizou uma lista de 130 cientistas e intelectuais russos que, por incompatibilidade ideológica, não podiam mais trabalhar nem viver em solo soviético. Providenciaram então o fretamento de dois navios que, partindo das docas de Leningrado, os levou em exílio forçado para a Stettin, na Alemanha, tendo a bordo linguistas do porte de N. Trubetzkoj e R. Jakobson (que iriam fundar a Escola de Praga) e o famoso filósofo cristão Nikolai Berdiaiev. Deportações que foram catastróficas para o país, mas que enriqueceram os países que os acolheram.

*Stalin num colóquio com soldados,
marinheiros e trabalhadores*



A mesmice literária. O enquadramento dos escritores soviéticos e a imposta adesão deles ao projeto de stalinização, que fez deles gancho, alavanca ou manivela dos Planos Quinquenais aplicados às letras – algo que até então jamais se vira na história do país – aviltou enormemente as letras russas. Aliás, se tal exigência houvesse no tempo do czar, seguramente não se conheceria nomes como o de Gogol, Tolstoi, Dostoievski ou Tchekov, admirados pelo mundo inteiro.

Jovens metalúrgicos

Desde então, leu-se, em tiragens de milhões de exemplares, um sem-fim de histórias banais, escritas em má prosa russa, tratando do sucesso da coletivização das terras, dos



magníficos episódios da implantação de uma metalurgia ou siderurgia, da bravura dos líderes proletários na solidificação da nova sociedade, da alegria dos colcozianos durante a colheita, e da sempiterna (**Sempiterno** = eterno, perpétuo) sabedoria do comissário ou do membro do partido no local onde a narrativa transcorria, instrumento da clarividência do Guia Genial dos Povos, o camarada Stalin.

Enredos banais. A complexidade psicológica dos personagens, as idiosincrasias de cada um, as nuances do relacionamento amoroso, os lados amargos da vida, e de tudo mais desapareceu frente ao predomínio de uma narrativa heroica centrada nas ações épicas dos proletários, operários ou camponeses, na “construção da sociedade futura”, na qual os episódios eram entremeados por longas digressões, espaço no qual o autor, como se fora um arauto, repetia as palavras de ordem emitidas pelo partido naquele momento. Cada uma daquelas páginas abrigava não seres humanos de carne e osso, mas titãs soviéticos esculpidos em mármore ou forjados no bronze. Um tédio e uma chatice só.

Era uma literatura de locomotivas e trilhos, de tratores e ceifeiras, de tornos mecânicos e bombas hidráulicas, de construção de barragens e hidrelétricas, de memoráveis escavações nas profundezas da terra, de onde emergia o mineiro stakanovita, coberto de pó negro, alardeando um novo recorde de produção, pronto a receber uma medalha e um diploma de louvor do representante do partido.

O “diabo” se fazia presente na figura do sabotador, na vilania do agente estrangeiro infiltrado (cuja duplicidade sempre terminava desmascarada pela vigilância e proficiência do comissário local), ou simplesmente no comportamento do indiferente, do cético, o tipo que não se deixava empolgar pela “construção do Comunismo”, mas que no fim se convertia à causa. Era um mundo maniqueísta, do preto e branco, de aliados contra inimigos, no qual a figura central observou mais tarde Ylia Ehrenburg, *“era retratada com o pincel de um medíocre pintor de ícones.”*

O começo do degelo. Parece não haver até nos nossos dias um levantamento mais detalhado do total de escritores, artistas e pensadores que foram aprisionados, levados a cumprir pena no Gulag (o sistema de campos de concentração soviético), ou simplesmente executados à bala. A perseguição e extermínio da *intelligentsia* russa determinada pelos bolcheviques começaram no ano de 1921, ainda sob Lênin. A primeira foçada atingiu nomes expressivos da poesia, tal como Nikolai Gumilev, o marido da célebre poetisa Ana Akhmatova e cofundador da União pan-russa de escritores, e mais 61 outros, todos assassinados pela CHEKA de Petrogrado (acusados de conspiração contrarrevolucionária, numa das primeiras cabalas inventadas pela polícia secreta soviética).

Outros se anteciparam ao triste fim. “Sergei Esenin, por exemplo, “o filho pródigo” da literatura russa”, o poeta-camponês, desiludido com os acontecimentos expressos no poema A Estrela de Outubro me enganou, matou-se em 27 de dezembro de 1925. “O mesmo fez o futurista Vladimir Maiakovski, ele que dissera aprender “o alfabeto nos letreiros folheando páginas de estanho e ferro”, disparou chumbo no seu peito no dia 14 de abril de 1930, atendendo assim a sua famosa estrofe: “o coração suspira por uma bala”!

Número de mortos que aumentou espantosamente à época da yezhovchnina, o Grande Expurgo dirigido por Nikolai Yezhov, diretor da NKVD, o Comissariado dos Assuntos Internos, entre 1936 e 1938, época de paranoia coletiva que serviu para Stalin colocar uma pá de cal sobre a tumba da *intelligentsia* e sobre os seus antigos companheiros de partido.

Os que conseguiram ainda manterem-se vivos depois daquilo tudo, escritores & artistas, tiveram seus cérebros como que congelados, robôs controlados por uma poderosa burocracia que adquirira horror à mudança ou à inventividade. Nomes como os de Ilya Ehrenburg e Boris Pasternak sobreviveram apenas por um capricho do ditador, que pessoalmente os apreciava. Excepcional também foi o de Michail Aleksandrovich Sholokhov, um alto quadro do partido, autor

REFLEXÕES XXVI

de O Don Silencioso, tido como um “clássico do Realismo Socialista”, talvez o livro mais lido na URSS e que o habilitou a receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1965.

Entende-se assim o enorme impacto que a morte de Stalin, ocorrida em 5 de março de 1953, causou sobre o país e nas suas artes como um todo. O gigantesco tirano, “a Montanha Magnética”, como indiretamente o designou Stephen Kotkin, que enregelara a alma da nação, tinha um lado humano: era mortal. O cadáver embalsamado dele, colocado inicialmente ao lado do de Lenin no mausoléu da Praça Vermelha em Moscou, foi um estímulo ao degelo geral que se seguiu. ●

Voltaire Schilling: historiador

Artigo publicado em terra.com.br no mês de dezembro de 2017

Histórias da Rússia

Karl Ove Knausgard



Uma viagem pelo país da revolução bolchevique, cem anos depois

A Rússia é uma terra de histórias. Histórias do czar e de seu povo, de Lênin, da revolução e da Grande Guerra Patriótica; da transformação de um país retrógrado num Estado industrial poderoso e moderno; do Sputnik, de Laika e de Gagarin; depois, do reino de terror de Stálin, de um país que se calcificou,

estagnou e acabou sucumbindo; e de Vladimir Putin, o oficial da KGB que chegou ao poder em meio ao caos e restabeleceu a ordem. E como ele fez isso? Por meio de histórias do passado recontadas de modo a oferecer uma justificativa à Rússia de hoje.

Por quase toda a minha vida, essas histórias exerceram uma poderosa atração sobre mim. Na minha infância, a Rússia era não apenas um país fechado e, portanto, misterioso, mas também uma antítese do que éramos: nós éramos livres, os russos, oprimidos; nós éramos bons, os russos, maus. À medida que eu crescia e começava a ler, a situação se tornava mais complicada, porque era da Rússia que provinha a melhor literatura e a mais intensa: Crime e Castigo, de Dostoiévski; Guerra e Paz, de Tolstói; Diário de um Louco, de Gógol. Que país era aquele em que as almas eram tão profundas e o espírito tão indômito? E por que foi lá que a noção de injustiça profunda inerente à sociedade de classes se transformou em ação, primeiramente na Revolução de 1917 e, depois, nos setenta anos da ditadura do proletariado? Por que a bela história da igualdade entre os homens acabou em horror, brutalidade e infelicidade?

Para mim, a Rússia continua sendo um país enigmático. Todo dia chegam notícias – elas falam de Putin, de dissidentes que ele mandou prender e de seu envolvimento nas eleições de países rivais –, todas contribuindo para a ideia de que a “Rússia” é uma entidade singular, compreensível e bem delimitada. Mas o que pensam as pessoas que vivem dentro dessa entidade? O que é a Rússia para elas e que histórias elas contam a si mesmas, 100 anos após a revolução e mais de 25 anos depois da queda do comunismo?

Eu sempre quis ver a Rússia com meus próprios olhos, conhecer as pessoas que moram nessa entidade e descobrir o que é ser russo para elas. Foi por essa razão que, numa manhã de outubro, bem cedo, me vi dirigindo um carro de Moscou até a propriedade de Turguêniev, no campo, acompanhado de uma fotógrafa e de uma intérprete. Se eu queria ver como era a vida na Rússia, não poderia pensar num ponto de partida melhor do que o mundo de Turguêniev, a zona rural que forneceu o cenário para seu segundo livro: *Memórias de um Caçador*.

Publicado em 1852, esse livro é uma coletânea de histórias simples sobre um caçador que perambula pelos bosques. Nele não há nada da ferocidade e da profundidade emocional e psicológica de Dostoiévski, nem da complexidade épica de Tolstói ou de sua capacidade de abarcar uma sociedade inteira com poucas pinceladas. Essas histórias de Turguêniev são, em todos os aspectos, modestas e até mesmo desprovidas de propósito. Um homem vaga pela floresta com uma espingarda no ombro, troca algumas palavras com quem encontra, eventualmente mata um ou dois passarinhos ou, a caminho de casa, passa a noite num celeiro – e é só isso, essa é a história toda. Não obstante, o livro figura entre as maiores obras da literatura universal, em grande parte pelo fato de seu autor se aproximar tanto do mundo que descreve: a sociedade russa da década de 1840. Suas personagens e descrições não conduzem a nada que esteja além delas próprias, não são, em si, parte de uma sequência maior de acontecimentos, encontram-se

REFLEXÕES XXVI

apartadas de tudo – menos de seu tempo e de seu lugar específicos. E é a partir daí que experimentamos o mundo.

A paisagem que atravessávamos era plana e monótona; o céu, cinza pálido. Às vezes passávamos por um posto de gasolina decaído, às vezes surgia uma cidadezinha ou a floresta desembocava em campo aberto. Então, em meio à profusão de árvores, de repente um parquezinho surgiu à direita. Vi uma parede preta e uma chama que ardia.

“O que era aquilo?”, perguntei.

“Só um monumento à guerra”, a intérprete respondeu. O nome dela era Oksana Brown, uma jovem produtora de telejornal que às vezes trabalha para jornalistas estrangeiros.

“Não, espere aí, é perfeito. Eu quero ver”, disse.

“Mas quase toda cidade russa tem um monumento como esse”, ela retrucou, aparentemente sem entender por que eu queria parar justo ali.

A fotógrafa, Lynsey Addario, caminhava pelo parque fazendo fotos por conta própria, enquanto Brown e eu nos detínhamos diante da parede de mármore preto e observávamos a chama oscilando com a brisa. À nossa direita, outra parede, com retratos de soldados ao lado de um canhão pintado de verde, a boca apontando para o céu cinza.

“O que diz a inscrição?”, eu quis saber.

“Seu nome é desconhecido, mas seu feito heroico é imortal”, Brown traduziu. “Honra eterna aos heróis que perderam a vida na luta pela liberdade e pela independência da pátria durante a Grande Guerra Patriótica.”

Ela explicou que só os ocidentais chamam a Grande Guerra Patriótica de Segunda Guerra Mundial.

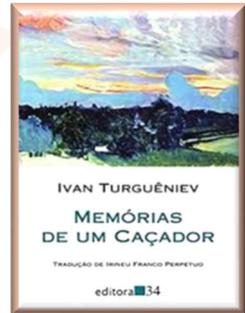
De volta à estrada, eu pensava na poderosa eficácia daquela

chama simples no monumento, que conferia antiguidade à floresta e certa imortalidade aos soldados, inserindo-os nas

fileiras eternas dos tombados. Na realidade, a morte era pequena e suja, nada que se devesse almejar ou celebrar. Aquele monumento, porém, ajudava a alçá-la do mundo real ao ideal. A chama era o agente dessa elevação; presa à materialidade encardida, erguia-se em direção ao éter puro; movia-se como se estivesse viva, mas estava morta.

Pouco a pouco a paisagem rural foi se tornando mais suave e, de repente, ao atingirmos o topo de uma colina, ela mudou por completo: a floresta, que durante horas erguera uma cerca dos dois lados da estrada, abriu-se numa planície vasta e bela; mais à frente, paredes de árvores com todas as tonalidades do outono marchavam rumo ao horizonte; o céu parecia mais alto, inundando de luz o cenário.

Então Turguêniev não exagerou as belezas do mundo de sua infância, pensei. Porque aquele mundo ao qual havíamos chegado era, definitivamente, o dele, aquele era o campo que ele atravessara a cavalo e descrevera em *Memórias de um Caçador*. Meia hora depois saímos da autoestrada e pegamos uma sacolejante estradinha que nos conduziu, em primeiro lugar, a uma aldeia e, depois, a uma propriedade particular, com estacionamento e vários pequenos escritórios.



Não havia ninguém por perto, estava tudo muito quieto. As nuvens pendiam baixas, a umidade pesava no ar e parecia deter todo e qualquer som em pleno voo. A um canto, erguia-se uma capela de pedra, com o rodapé forrado de mofo e, cerca de 100 metros adiante, o que só podia ser a sede. Eu esperava encontrar algo grande, monumental, como uma velha mansão inglesa, porque os Turguêniev eram uma família nobre, mas aquilo era uma casa baixa de



madeira, pintada de roxo e coberta de intrincados entalhes. Não despertava nenhum sentimento, nem um pingão de história.

Tentei imaginar Turguêniev saindo pela porta e caminhando em nossa direção, mas era impossível associá-lo conosco e, depois, com o presente.

Seguimos um guia jovem, barbado e de óculos, que nos explicou que a maioria das construções originais havia sido destruída: aquelas eram réplicas exatas. Alguns objetos da casa, porém, estavam em exposição nas salas da casa vizinha. Havia mesas e cadeiras, retratos e quinquilharias, estantes com livros. Contudo, embora os objetos fossem autênticos, eles não falavam: simplesmente estavam ali, mudos, apresentando o passado.

As únicas peças de algum interesse eram a arma, a cartucheira e o embornal que Turguêniev levava em suas expedições de caça. Elas me fizeram pensar em Hemingway, que se inspirou nas histórias de caçadas do autor russo ao escrever seus Contos de Nick Adams, e em como ele se empenhou para atingir aquela mesma intensidade sem esforço, e pode até ter tentado, mas sua receptividade para o mundo nunca chegou perto da de Turguêniev, até porque ele a impediu. E havia um sofá em que Tolstói se sentara; os dois grandes escritores russos foram não só contemporâneos, mas moravam a poucas horas de distância. De início, foram grandes amigos, mas pouco a pouco Tolstói passou a odiar Turguêniev e chegou mesmo a desafiá-lo para um duelo. Turguêniev observava os camponeses, mas não se envolveu tão diretamente em suas vidas como Tolstói, que mergulhou cada vez mais fundo na busca da essência da alma russa, não apenas praticando os princípios da simplicidade e da pobreza, mas também os defendendo como um ideal para todos.

Caminhamos pelo grande parque, onde árvores se enfileiravam longa e ordenadamente até encontrar a desordem da floresta. Além de nós, não havia ninguém. O ar úmido e frio pairava imóvel entre os troncos das árvores.

REFLEXÕES XXVI

“Há sempre tão pouca gente aqui?”, perguntei ao guia.

Ele balançou a cabeça com vigor.

“Não, de modo algum. Em geral isso aqui fica cheio de estudantes que vêm de toda a Rússia. E ano que vem é o bicentenário do nascimento de Turguêniev. É por isso que estamos reformando tudo. Vamos receber uma porção de visitantes. Mas hoje é segunda-feira, e estamos em outubro...”

Ele se deteve ao lado de uma árvore alta circundada por uma cerca baixa.

“Este carvalho foi plantado pelo próprio Turguêniev”, informou.

À direita da árvore, erguiam-se o que me pareceu serem túmulos.

“O que são?”, perguntei, apontando para eles.

“São túmulos de soldados”, o guia me explicou.

“Aqui?”

“É, soldados que lutavam contra os alemães durante a guerra e tombaram aqui.”

Ao partirmos, pouco depois, foi a imagem daqueles túmulos que restou, talvez porque a violência parecesse tão inesperada naquele lugar, no mundo isolado do museu. Os túmulos e os dois cavalos que vimos deitados na grama, uma égua e seu filhote, pretos e belamente reluzentes no ar úmido.

Antes da revolução, a Rússia era em grande parte uma sociedade agrária. Na virada do século XX, 80% dos russos eram camponeses. Pobres, sem instrução, supersticiosos e analfabetos. Em muitos lugares, seu modo de vida não mudara quase nada desde a Idade Média. Leon Trótski começa *A História da Revolução Russa* observando que “o traço essencial e o mais constante da história da Rússia é a lentidão com que o país se desenvolveu, apresentando como consequência uma economia atrasada, uma estrutura social

primitiva e de baixo nível cultural”. Em *A Tragédia de um Povo*, o historiador britânico Orlando Figes descreve um mundo primitivo no qual cada aspecto da vida era governado por um conformismo inexorável: todos usavam as mesmas roupas, o mesmo corte de cabelo, todos comiam da mesma tigela e dormiam no mesmo quarto. “O recato praticamente não tinha lugar no mundo camponês”, Figes escreve. “Os banheiros eram ao ar livre”, e “médicos da cidade chocavam-se com o costume camponês de cuspir nos olhos de uma pessoa para livrá-la do terçol, de alimentar as crianças boca a boca e de acalmar bebês do sexo masculino chupando-lhes o pênis.”

Essas descrições do campesinato russo do século XIX como atrasado e primitivo não faltam com a verdade, mas são feitas a partir de uma distância muito grande e se caracterizam pela generalização extrema. A distância, claro, é necessária; ela ajuda o historiador a entender e explicar o desenvolvimento social, assim como ajuda o político a lidar com problemas sociais. Distância semelhante, no entanto, permitiu aos bolcheviques destruir a estrutura de sua sociedade sem nem pensar nas centenas de milhares e, posteriormente, nos milhões que morreram ao longo desse processo, porque não eram pessoas reais, e sim meros “camponeses” vistos de uma perspectiva que apaga toda e qualquer individualidade. E se os dados estatísticos gerais indicavam uma melhoria – bom, então tudo isso tinha valido a pena.

Memórias de um Caçador mostra a cultura que Trótski e Figes descrevem, mas a mostram de dentro, sem distância nenhuma. Um dos melhores contos fala de um homem que, ao retornar da caçada, se perde e então, no escuro, observa duas fogueiras que ardem num campo mais abaixo. O que se revela é que são garotos acampados a cuidar dos cavalos. Eles se reúnem em torno das fogueiras e contam histórias para passar o tempo, a maior parte delas sobre acontecimentos sobrenaturais. Turguêniev dá vida a esses garotos, cada um com sua aparência e personalidade própria, e há algo

profundamente comovente no modo como ele os retrata; levamos muito a sério, confere-lhes dignidade, e as histórias que contam um ao outro, ali, no meio da noite, são, em si, incandescentes. Não se trata da classe camponesa supersticiosa e reacionária dos revolucionários e historiadores; são cinco meninos, cada um com sua vida, entretecida dos fios de sua linguagem, com sua cultura e sua camaradagem à beira da fogueira.

Memórias de um Caçador não era, de modo algum, uma declaração política, mas o livro teve grande impacto político na Rússia dos anos 1850, possivelmente porque, desprovido de um propósito político ou literário, mostrava a vida como ela era, e não o que ela simbolizava. Naquela época, a servidão ainda prevalecia na Rússia, o que significa dizer que a nobreza era proprietária não apenas das aldeias situadas em suas terras, mas também dos camponeses que viviam nelas. Tratava-se, em outras palavras, de uma forma de escravidão. O livro de Turguêniev contribuiu bastante para atizar a crítica crescente à servidão, abolida nove anos mais tarde, em 1861, pelo czar progressista Alexandre II. Este, por sua vez, seria assassinado vinte anos depois, sob os olhos do filho e do neto, que se tornariam os dois czares seguintes: Alexandre III e Nicolau II. Não deixa de ser razoável, portanto, imaginar que o assassinato que testemunharam tenha cumprido papel decisivo na transformação de ambos em reacionários, autocratas antiliberais tão contrários a qualquer tipo de reforma e tão dispostos a calar toda e qualquer oposição que, por fim, a revolução se tornou inevitável.

Estava escuro quando encontramos o local exato em que os garotos do conto de Turguêniev estavam. Chamava-se “prado de Biejn”, e foi uma velha senhora que nos mostrou o lugar. Ela trazia um lenço na cabeça e estava trabalhando sozinha no campo, com uma carriola ao lado, apanhando milho em meio ao restolho.

“Você gostaria de falar com ela?”, a fotógrafa me perguntou do banco traseiro.

REFLEXÕES XXVI

“Não, acho que não”, respondi.

“Bom, de qualquer modo, eu queria tirar umas fotos”, Addario disse.

Brown e Addario desceram na direção da cerca. A intérprete disse algo, e a mulher respondeu. De repente, percebi que eu tinha que falar com ela, que o museu, as árvores e os livros velhos, as coisas nas quais me concentrara até aquele momento, representavam apenas minhas ideias acerca do país que visitava.

O que eu estava fazendo afinal?

Toda a minha visão da Rússia se baseava em mitos e imagens românticas. Que tipo de arrogância me fazia acreditar que eu seria capaz de dizer alguma coisa sobre a Rússia de verdade depois de uma viagem de nove dias por um cantinho minúsculo desse país tão vasto?

Era como descrever um balde d'água com o intuito de dizer alguma coisa sobre o oceano.

Desci e me juntei às duas na cerca.

“Ela diz que não quer ser fotografada”, a intérprete informou.

“Por que não?”

“Diz que só está juntando um pouco de milho para as galinhas dela”, Brown me explicou. “Mas que a terra não lhe pertence.”

“Entendo”, disse.

Mas não era nenhum crime – o milho já tinha sido colhido –, e, depois de algumas idas e vindas, a mulher concordou em nos falar sobre sua vida.

“Pergunte onde ela mora”, Addario sugeriu enquanto tirava uma foto. “Pergunte o que ela faz, se tem família.”

Pelo que parecia, a mulher havia nascido numa aldeiazinha pouco mais adiante. Mudara-se para Moscou aos 15 anos e

tinha morado lá até poucos anos atrás, quando retornara à aldeia natal para tomar conta da mãe, depois da morte do pai.

“Quando eu era menina, isto aqui era cheio de gente”, ela contou. “Era um lugar próspero, movimentado, umas quinze ou vinte famílias moravam aqui”, prosseguiu, apontando casinhas sem pintura na estrada. “Mas agora foram todas embora.”

“A senhora leu Turguêniev?”, perguntei.

“Li Memórias de um Caçador. Se passa nesta região.”

“E gostou?”

Ela sorriu pela primeira vez.

“Hoje, leio o livro para meus netos.”

“Este lugar agora é diferente de quando Turguêniev escreveu sobre ele?”

“O lugar é o mesmo. Mas a vida está diferente. Muito diferente.”

Ela apontou para o prado, e seguimos adiante. As árvores que guarneciam a colina além dele pareciam absorver a escuridão. Erguiam-se numa silhueta de tinta preta contra o céu já de um brilho fraco. Fez-se um silêncio absoluto, nossos passos eram o único som. Depois, o canto distante de um pássaro.

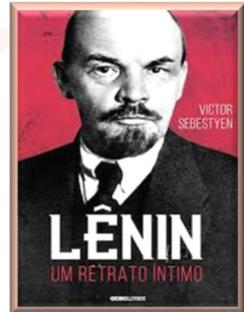
Os meninos do conto de Turguêniev poderiam estar ali naquele momento, pensei. E seus netos poderiam ter se sublevado contra o czar, e os netos deles poderiam ter sido esmagados pela revolução. Fiquei olhando e ouvindo, esperando alguma espécie de conexão. Tudo à minha volta estava exatamente como havia de ter estado na década de 1840. As árvores, o prado, o vale, as colinas, o crepúsculo, tudo ali. E, no entanto, tudo estava diferente.

O passado estava em nós, pensei, e não no mundo.

O trem para Kazan estendia-se por quilômetros, ou assim me

pareceu, ao longo da plataforma da estação ferroviária de Moscou. A locomotiva verde e a interminável fila de vagões cinza tinham um aspecto do tempo da guerra. Nós nos instalamos num compartimento da segunda classe com quatro leitos, e, enquanto o trem partia lentamente da estação, apanhei meu livro sobre Lênin, enfiei minha mala embaixo da cama e me acomodei junto da janela.

O livro, Lênin, o Ditador: Um Retrato Íntimo, de Victor Sebestyen, era curioso. O escritor preferido de Lênin sempre havia sido Turguêniev. Estranhei, porque Lênin foi um dos homens mais obstinados que já existiram; era a um só tempo de uma parcialidade fervorosa e emocionalmente esquivo, mas, ainda assim, durante todo o seu exílio, e onde fosse que estivesse – Zurique, Londres ou Paris –, fazia questão de ter consigo a obra completa de Turguêniev.



Eu estava lendo sobre Lênin porque os lugares para onde iríamos nos sete dias seguintes haviam sido determinados, ao menos em parte, tendo-o como referência: em poucas semanas, a Revolução de Outubro de 1917, na qual ele tomara o poder na Rússia quase sozinho, faria exatos 100 anos. Rumávamos para Kazan, onde Lênin estudou direito e se radicalizou, e, depois, para Iekaterimburgo, onde, por ordem dele, em 1918 o czar Nicolau e sua família foram executados num porão. Esse ato, em sua brutalidade implacável, marcou o fim da velha Rússia e o começo da nova. Tudo do velho mundo seria erradicado para dar lugar ao novo; não havia preço alto demais nem haveria caminho de volta.

Eu estava desesperado por um cigarro. Brown, a intérprete, disse-me que era proibido fumar no trem, mas, se comprássemos alguma coisinha, uma barra de chocolate ou um chá, certamente algum funcionário poderia sugerir uma solução para o problema.

REFLEXÕES XXVI

Terminado o chá, eu a segui pelo vagão. Foi naquele momento que a condutora emergiu de seu cubículo. Exibia um rosto solene, quase austero. Então, abriu a porta que dava para a passagem estreita entre vagões e disse: “Fume ali”.

Pisei o chão de metal, sacolejante e oscilante. Um dos lados era aberto, de modo que o som tonitruante das rodas preenchia o espaço minúsculo. A condutora fechou a porta, e eu me inclinei para acender meu cigarro.

Quando voltei, fomos para o vagão vizinho. Era da terceira classe: não tinha divisórias, apenas beliches de ambos os lados e um bocado de gente. Pés e cabeças dos que dormiam nos leitos superiores ficavam a poucos centímetros do meu rosto, enquanto eu avançava, e o fato de que dormissem inteiramente descobertos me fez sentir como se invadissem um espaço privado. Mas nenhum dos passageiros parecia compartilhar daquela minha preocupação; agiam como se estivessem na sala de estar de suas casas.

Nenhum trem escandinavo podia viajar lotado daquele jeito desde o século XIX, pensei.

Detivemo-nos diante de três mulheres que conversavam sentadas a uma janela; deviam ter perto de 60 anos. Perguntei à intérprete se ela podia nos apresentar. Foi o que ela fez, e as três me dirigiram olhares atentos e de expectativa.

“Para onde estão indo?”, perguntei.

“Izhevsk”, uma delas respondeu. “Onde fabricam os Kalashnikov.”

“E estavam em Moscou?”

Elas assentiram.

“Fazendo o quê?”

Entreolharam-se.

“É segredo”, disse uma delas. As outras duas riram.

REFLEXÕES XXVI

Atrás de mim, ouvi alguém dizer alguma coisa, e, quando me voltei, vi um velho, provavelmente perto dos 80 anos, segurar a mão de Addario e beijá-la.

Todos à minha volta riram, inclusive a fotógrafa.

A mulher então disse alguma coisa para Brown, que sorriu.

“O que foi que ela disse?”

“Que você é muito bonito.”

“Ah, não”, disse eu.

“Vai escrever isso?”

“Claro que não”, respondi. “Mas pergunte a ela, por favor, se podemos voltar mais tarde para continuar a conversa.”

Ao voltarmos àquele vagão, lá fora estava escuro como breu, e as três mulheres estavam sentadas a uma mesinha sobre a qual havia uma tigela de amendoins.

Parecia tudo mais quieto agora; mais passageiros dormiam, e os que seguiam acordados falavam mais baixo.

A mulher que mais falara anteriormente devia ter pensado um pouco sobre o que iria dizer, porque começou a falar de si própria ainda antes que eu formulasse qualquer pergunta. Seu nome era Natalya. As duas amigas se chamavam Olga e Zinaida. Natalya nos contou que fora criada num orfanato, que não se lembrava dos pais, mas que tinha uma irmã de quem havia sido separada e a quem jamais tornara a ver. Passara a vida toda procurando por ela, mas ainda não sabia onde ela estava.

“Naquela época, era comum separar irmãos na hora de encaminhá-los”, ela disse. “Hoje não fazem mais isso, mas o sistema era assim. Mandaram minha irmã para outro lugar. Depois de adulta, voltei lá e consegui um emprego no mesmo lar onde eu tinha ficado, porque achei que poderia roubar a ficha da minha irmã e descobrir onde ela estava. Só que não achei coisa nenhuma. Agora, escrevi para os produtores de um

REFLEXÕES XXVI

programa da tevê estatal que ajuda a reunir membros separados de uma mesma família, e aguardo resposta. Estou esperançosa!”

“Quando foi que você escreveu para eles?”

“Faz dois anos.”

Deve ter ocorrido a ela, ao dizê-lo, que aquilo não soava muito promissor, porque ela olhou para mim e acrescentou: “Pode ser difícil rastrear uma pessoa, até mesmo para os repórteres. Às vezes pode levar até cinco anos”.

O estrondo constante e ritmado das rodas do trem sobre os dormentes reverberava por todo o vagão. De vez em quando as laterais balançavam com a mudança na pressão do ar lá fora, e, cada vez que a porta próxima de nós se abria, todos os sons do trem se intensificavam numa cacofonia infernal de chacoalhões, estrondos e assovios provocados pelo ar proveniente do espaço entre os dois vagões.

Natalya começou a discorrer sobre sua fé cristã. Tinha visitado Israel no ano anterior para ver o lugar onde Jesus tinha sido crucificado.

“Uma vez, rezei para que uma mulher tivesse um bebê”, contou, “e ela teve. Para mim, rezei para encontrar um marido. E então conheci esse homem maravilhoso!”

As outras duas riram.

A torrente de língua russa fluía fácil, quase onírica, para um lado e outro do compartimento semiadormecido, e no meio dela ouvi a palavra “Putin”.

“Ela falou alguma coisa sobre Putin?”, perguntei à intérprete.

“Falou, sim. Está dizendo que a mãe dela é grande fã do Putin. Todas elas são fãs dele.”

“Amamos nosso país”, Natalya disse, “e, pela primeira vez, temos um presidente cristão, um presidente ortodoxo”.

REFLEXÕES XXVI

Em seguida, ela pegou uma revista que estava sobre a mesa para nos mostrar a capa. Nela, todas as fotos eram de Putin. Numa das fotografias, ele aparecia nu até a cintura.

“Está vendo isto aqui? Será que Trump pode exibir o corpo dessa forma? Ele é velho. O corpo dele não passa de um amontoado de banha!”

As três riram alto.

“Já se passaram 100 anos desde a revolução. O que isso significa para vocês?”

“Não damos bola para isso”, Natalya respondeu. “Foram 100 anos sem Deus. Puseram abaixo todas as igrejas. Agora elas estão sendo reconstruídas e a gente pode ir à igreja sem medo. Aqui, nesta cidade, tem um ícone da Virgem Maria. É muito, muito antigo. Quando o acharam, estava todo preto. Agora está clareando aos poucos. A cada ano clareia um pouco mais.”

Terminada a entrevista, dirigi-me ao espaço minúsculo entre os vagões para fumar outro cigarro. Quando abri a porta, senti a mão no meu ombro. Olhei para trás. Era a jovem condutora de rosto austero.

“Não, não”, ela agitava o dedo. “Não pode mais fumar.”

Mas que inferno!

Retornei ao nosso compartimento e me sentei à janela. No beliche em frente, Addario e Brown já dormiam. Cerca de uma hora mais tarde, o trem parou e eu espiei pela janela. Escuridão total do lado de fora, nenhuma estação à vista. Levantei e fui investigar. Abri a porta para o pequeno espaço entre os vagões, e lá estava a condutora, trazendo seu cigarrinho.

Senti vontade dizer: “Arrá! Te peguei!”

Mas, em vez disso, olhei-a nos olhos por um segundo, apenas o suficiente para ela saber que eu sabia; depois, fechei a porta e voltei para meu lugar.

Há um prazer especial em chegar a uma cidade à noite, no escuro, sem ter ideia de que aspecto ela tem até acordar na manhã seguinte e sair às ruas, nas quais então – sem a aclimatação gradual à chegada – sentimo-nos subitamente lançados.

Que tipo de cidade era Kazan?

O bairro em que me vi era moderno e bem conservado. A mesquita magnífica, que eu vira da janela do hotel ao despertar, era novinha em folha. Quando saí para um passeio, até o velho quiosque de madeira ao qual subi – octogonal, com uma cúpula de metal verde encimada por uma agulha – parecia recém-reformado, antes uma reconstrução que um símbolo do passado.

Kazan, a capital do Tartaristão, é também a cidade onde Lênin estudou direito e foi expulso da universidade. Seu pai trabalhava no serviço público do czar, e a vida do jovem Lênin girava em torno da escola, da literatura e do xadrez – era exímio jogador. Então, dois acontecimentos mudaram sua vida. Em primeiro lugar, seu pai, aos 54 anos, teve um derrame e morreu de repente; em segundo, o irmão que ele idolatrava, Aleksander, foi executado por conspirar para assassinar o czar.

Aleksander estudava ciências naturais na Universidade de São Petersburgo quando se envolveu com uma célula estudantil revolucionária. Para ajudar a financiar a conspiração, vendeu uma medalha de ouro que havia recebido por seu desempenho acadêmico. Lênin nada sabia de suas atividades revolucionárias e, até então, não possuía nenhum interesse em política. A execução de Aleksander mudou tudo. Lênin não apenas ingressou de imediato numa célula revolucionária na Universidade de Kazan como também, segundo descreve Sebestyen, sua personalidade passou por uma transformação radical. A felicidade e a alegria da pré-adolescência desapareceram, dando lugar a um jovem determinado, reservado, altamente disciplinado e obstinado. Fica a

impressão de que, a partir do momento em que foi expulso da universidade, ele nunca mais olhou para trás: dedicou o resto da vida ao trabalho em prol da revolução, uma revolução que ele não podia ter certeza de que algum dia iria de fato acontecer.

E quando ela enfim chegou, ele a forçou a seguir a linha que ele próprio traçara. Os bolcheviques eram ateus, e a religião foi extinta por todo o novo Estado russo e reprimida ao longo de três gerações, até a queda da União Soviética, em 1991, quando então retornou vingativa. Isso era bastante visível em Kazan. Há quase 200 minorias étnicas e nacionais na Rússia. A maior delas é composta pelos tártaros, que perfazem cerca de 4% da população, boa parte deles praticante do islamismo, o que significa que Kazan tem, portanto, uma das maiores comunidades muçulmanas de toda a Rússia.

Naquele fim de tarde, estacionei nosso carro alugado junto à calçada oposta ao Museu Nacional da República do Tartaristão. Eram seis da tarde, e fomos até lá para apanhar Dina Khabibullina, uma jovem tártara praticante do islamismo. Nós a havíamos conhecido mais cedo naquele mesmo dia e conversamos sobre como era pertencer a uma minoria cultural e religiosa na Rússia. Ela então nos convidou para jantar em seu apartamento.

Dina tinha 29 anos, ficamos sabendo, e um pós-doutorado na Academia de Ciências da República do Tartaristão. Além disso, trabalhava no museu e organizava excursões a atrações turísticas locais. Estava grávida de seis meses. Havia tido uma criação não muçulmana, numa casa em que mal se notava a presença da cultura tártara e onde predominava a língua russa. Então, aos 19 anos, experimentara um súbito despertar. Convertera-se ao islamismo e pusera-se a estudar o idioma tártaro por conta própria. Muitos de seus amigos fizeram o mesmo.

A religião sempre estivera ali, nas profundezas da sociedade, aguardando pelo momento certo? Atendia, talvez, a uma

necessidade tão poderosa nas pessoas que era simplesmente indestrutível?

“O que fez você se voltar para a fé?”, perguntei a Dina.

“Eu tinha 19 anos, e meu pai morreu”, ela contou. “Surtiu então o dilema: ele deveria ser enterrado de acordo com a religião muçulmana? Naquele momento, compreendi que há uma explicação para tudo. Perguntei a mim mesma o que poderia fazer por ele depois de sua morte. E, nos ensinamentos do islã, lê-se claramente: você deve dar esmolas aos pobres, fazer a peregrinação a Meca e sacrificar um bode.”

O conjunto habitacional onde Dina morava parecia ter sido construído na década de 1950. Os prédios de tijolo ao longo de ruas estreitas, circundados por árvores altas, eram velhos e maltratados pelo tempo, mas ainda assim bonitos, como costumam ser as edificações de épocas passadas.

Ela nos conduziu escada acima até o terceiro andar, onde o filho, Gizzat, de 7 anos, a aguardava, com o marido e a mãe dela. O pai do menino, o primeiro marido de Dina, tinha morrido, como deduzi mais tarde.

O apartamento era pequeno, composto de um quarto onde dormiam os adultos e o menino, um banheiro minúsculo e uma cozinha estreita. Mas estava quentinho ali dentro, e Dina já não parecia tão na defensiva como se mostrara antes, naquele mesmo dia: estava alegre e relaxada. Depois de se despedir da mãe, que não ficaria para o jantar, ela foi para a cozinha, enquanto o marido, Damir Dolotkazin, estendia um tapete para as orações no chão da sala, e o menino o observava, sentado no sofá-cama.

Damir parecia ter uns 30 anos; era magro, cabelos pretos e olhos intensos, mas doces. Descalço, ele se postou a um canto da sala e começou a cantar. A música, estranha a meus ouvidos, encheu o cômodo, e fiquei surpreso com o modo pelo qual ela afetou todo o apartamento. De repente, a atmosfera se pôs solene, mas seguia presente e viva a rotina diária – Dina

REFLEXÕES XXVI

cozinhando, o filho dela no sofá com os pés balançando, o helicóptero de brinquedo em cima da estante de livros.

Ele se ajoelhou e curvou-se para o chão. Depois, novamente de pé, sussurrou uma oração quase silente. Em seguida enrolou o tapete e a solenidade se desfez tão abruptamente quanto havia surgido.

Da cozinha, Dina chamou. Com a concha, serviu-nos tigelas de uma sopa clara, com pérolas de gordura, legumes e pedaços de uma carne escura.

A intensidade que eu detectara de início nos olhos de Damir revelou-se entusiasmo, ou transformou-se em entusiasmo. Ele comia com gosto e respondeu prontamente a todas as minhas perguntas.

“Você sempre foi muçulmano?”, perguntei.

“Não, não”, ele respondeu. “Eu estive no Exército aqui em Kazan. Era de uma divisão de segurança que escoltava comboios de abastecimento. Tinha 18 anos na época e era cristão.” Um de seus amigos era muçulmano, Damir prosseguiu, “e ele me ensinou o que era aquilo. Achei uma religião muito forte. Está tudo explicado em seus ensinamentos, inclusive o que fazer, como agir”.

Fez-se silêncio.

“Isto aqui está muito bom”, comentei. “Que carne é?”

“É carne de cavalo”, Damir respondeu.

Ah, não...

Não, não e não.

Mas não havia escolha, tínhamos que continuar comendo; éramos convidados deles, e teria sido rude não comer o que nos haviam servido.

Damir deve ter percebido o desconforto que de súbito emanava de seus convidados, porque disse:

“Mas era um bom cavalo!”

Rimos.

“O que as pessoas no Ocidente pensam dos russos?”, ele perguntou. “Ficam só nos estereótipos?”

“Existem alguns estereótipos, sim”, eu disse, mastigando um belo naco de carne e tentando não respirar pelo nariz, um truque que já me ajudara na infância com muitos pratos que eu achava difíceis de engolir, como hadoque defumado ou bacalhau defumado.

“As pessoas pensam que somos bárbaros. É muito triste. O que os políticos dizem e fazem não tem necessariamente a ver com quem mora aqui. Há muita gente boa, almas boas, e pessoas más também, é claro. Mas, na política, na verdade nada mudou. As eleições são uma piada.”

Depois do jantar, uma grande bandeja de doces tártaros foi servida à mesa. Damir contou-nos que já tinha sido um grande fã de futebol. Mas que, depois, se corrigira.

“Bom, é que não era bem do futebol que eu gostava, e sim das brigas.”

“Você era um hooligan?”

“Era. Passei três anos viajando para assistir aos jogos e brigar. Aí tive alguns problemas com a Justiça. Mas não tenho mais contato com esse pessoal. Hoje eu leio. Tento ler vinte livros por ano.”

Quando terminamos de comer, sentindo que não podíamos tomar mais tempo deles, nos despedimos; já vestíamos nossos casacos, quando ele se aproximou de mim.

“Minha irmã morreu num acidente de avião em 2013”, contou.

“Lamento muito”, eu disse, sem saber o que fazer com aquela informação.

Ele simplesmente assentiu com um gesto de cabeça, e

REFLEXÕES XXVI

apertamos as mãos. Senti um grande carinho por ele; Damir havia me contado sobre sua vida, e aquilo, um dos acontecimentos mais importantes, não podia ficar de fora, ainda que não se encaixasse no resto da conversa. A última coisa que vi antes de a porta se fechar foi a cadeira na sala; do encosto pendiam um terninho de criança, uma camisa branca e uma gravata.

A paisagem que se abriu dos dois lados da estrada quando deixamos Kazan era plana e ampla. Os amarelos e verdes da vegetação cintilavam à luz do sol com suntuosa intensidade, e o rio Kazanka ladeava o caminho, às vezes bem junto da estrada, outras vezes mais distante, ora largo como um lago, ora mais estreito, mas sempre brilhando e rebrilhando naquela luz, refletindo todas as tonalidades possíveis de azul.

O panorama era bonito, e selvagem também, embora boa parte da terra estivesse cultivada. Talvez o aspecto selvagem decorresse da amplidão, pensei, da própria sensação de grandeza terrena que a paisagem suscitava enquanto seguíamos em nosso carrinho minúsculo.

Passado algum tempo, paramos num pequeno restaurante de beira de estrada no meio de uma estepe. Pedimos sopa no balcão e nos sentamos a uma das mesas. As quatro mulheres que trabalhavam ali, todas vestidas de branco e com as faces vermelhas e quentes, iam e vinham entre o balcão e a cozinha.

Depois de comer, perguntamos a uma das garçonetes se podíamos conversar um pouco, e ela concordou algo insegura e enxugou as mãos no avental. Era jovem, beirava os 30, e nos disse que aquele era um emprego temporário; o restaurante pertencia a uma rede, e ela dava uma ajuda quando alguém adoecia. Havia algo de reservado e defensivo nela; quando comecei a fazer perguntas sobre a Rússia, ela deu uma olhadinha para as colegas antes de responder.

“As coisas estão melhores agora”, disse. “A economia está melhorando, e nossas vidas também, cada vez mais.”

REFLEXÕES XXVI

“Mas o que você está dizendo?”, atalhou um homem junto do caixa, olhando para nós. “As coisas estão piores na Rússia! O país está indo ladeira abaixo! Cada vez pior!”

Ele era grande e forte, o cabelo cortado rente e um rosto pálido e achatado.

Mas sorria ao dizer aquilo.

“Progresso coisa nenhuma!”, ele disse alto, indo sentar a uma mesa no centro do salão.

Agradei à moça reservada, que fugiu para a cozinha com visível alívio, enquanto eu, algo hesitante, caminhei em direção ao motorista de caminhão.

Ele ergueu os olhos para mim com a colher na mão.

“Por que você está escrevendo sobre a Rússia?”, perguntou.

“Nos Estados Unidos, a imagem da Rússia está tão ligada a Putin e à política que viemos ver como é a vida no dia a dia.”

“Então, muito prazer!”, ele disse. “Sente-se.”

Seu nome era Serguei. Tinha 44 anos e levava um caminhão-cegonha desde uma fábrica da Lada até revendedores em Kazan.

“Preciso trabalhar dezesseis horas por dia para conseguir pagar as contas”, ele disse logo de cara. “Se você quer viver, tem que trabalhar. Em 2004, eu dormia quatro horas por dia, o resto era trabalho. Naquela época eu tinha um patrão a quem prestar contas. Agora sou autônomo, pelo menos posso escolher as rotas que faço.”

Serguei me encarava ao falar, sempre com um brilho nos olhos e uma piada à mão.

“É a oportunidade da minha vida conhecer alguém como você”, ele disse, rindo. “Fui assaltado uma vez, quer ouvir a história?”

Uma noite, quinze anos antes, ele estacionou o caminhão nas

REFLEXÕES XXVI

cercanias de Moscou e começou a preparar um chá na cabine. As portas estavam trancadas. De repente arrebentaram a janela do lado do passageiro e dois homens tentaram invadir a cabine.

“Por sorte, só um tinha uma faca”, ele continuou. “Um deles abriu a porta, o outro entrou e enrolou uma corda no meu pescoço. Eu segurei o homem com um braço só, dei a partida e atravessei o caminhão na estrada, para bloquear a pista e quem sabe conseguir ajuda. O sujeito que tentava me enforcar estava na frente do outro, que era quem tinha a faca. Foi o que me salvou. Eu consegui abrir a porta e pular da cabine. Mas aí o outro me enfiou a faca nas costas. Ainda tenho a cicatriz.”

“E levaram o caminhão?”

“Levaram. Eu só queria salvar minha pele. Caminhei pela estrada, mas ninguém parou para me socorrer. Não admira, eu estava seminu e coberto de sangue. Não havia ninguém no posto de polícia. Por fim, cheguei a uma casa onde estava tendo uma festa, entrei, peguei umas roupas e saí correndo. Acharam o caminhão depois, abandonado, quebrado e sem a carga. E eu fui preso por ter roubado as roupas!”

Ele riu. Seu rosto estava em movimento constante, a expressão se modificava em contraponto a cada reviravolta. Eu me dei conta de que estava diante de um contador de histórias.

Serguei me contou, então, que seu avô certa vez afirmara ser um Romanov.

“Um Romanov?”, perguntei. “Da família imperial?”

“Isso. Perguntei para minha mãe sobre essa história, mas nunca consegui saber ao certo.”

Aquilo era um bocado de sorte, pensei comigo. Topar com um possível descendente do czar num restaurante de beira de estrada no meio da Rússia.

Serguei começou a falar sobre o avô.

REFLEXÕES XXVI

“Ele era muito forte”, disse, interpondo o punho entre nós dois, em cima da mesa. Era gigante.

“O punho dele dava dois do meu. Uma vez ele foi dar água a um bezerro. Era um dia quente, o ar estava parado. Um mosquito incomodava o bezerro, que tentava se livrar dele”, Serguei ergue a cabeça e se põe a chacoalhá-la como o animal havia feito. “Pois a cabeça do bezerro acertou meu avô, que ficou bravo e deu um soco no bicho. O bezerro caiu morto. Com um único soco. Morto.”

Ele fez uma pausa para deixar que a história surtisse o devido efeito. Depois, tornou a rir.

“Eu acredito que os sonhos são reais”, afirmou.

“Eu também”, concordei.

“É mesmo?”

“É.”

“Nesse caso, vou te contar um sonho que eu tive. Dei um ano a mais de vida ao meu avô nesse sonho. Eu tinha saído da casa do meu pai e tinha ido morar com ele. Eu amava muito o meu avô. Uma noite sonhei que três homens de chapéu e roupa preta, bem misteriosos – pareciam meio georgianos – tinham vindo a nossa casa. Passaram direto por mim e foram até o meu avô. Agarraram ele, que não reagiu e simplesmente acompanhou os homens. Eu grudei nele e me levaram junto, para o meio da escuridão lá fora. Eu não podia salvar o meu avô, embora eu também seja forte. Mas não havia o que fazer. Comecei a gritar e berrar. Um dos homens de preto perguntou: ‘Quem é esse que está gritando e berrando?’ Aí, ele me viu e perguntou: ‘Quanto tempo o velho ainda tem?’ ‘Um ano’, respondeu o outro, ‘para praticar boas ações.’ E então eles desapareceram.”

O motorista de caminhão olhou para mim.

“Uma semana mais tarde, meu avô foi internado na terapia intensiva, estava em coma. Eu disse que não precisávamos

REFLEXÕES XXVI

gastar dinheiro com médicos, que ele ia melhorar. Cinco dias depois, meu avô acordou. Viveu exatamente mais um ano.”

Depois, do lado de fora do restaurante, ficamos observando Serguei atravessar o pátio em direção ao caminhão comprido, à luz do sol. Ele se voltou, acenou, subiu na cabine, deu partida no motor rascante, engatou a primeira e foi-se embora.

A coisa que eu mais associava à Rússia e que sempre quis ver de perto era aquela aldeia arquetípica dos romances russos do século XIX e das fotografias históricas. Um amontoado de casinhas de madeira, muitas vezes sem pintura, algumas cercas de pau, uma plantaçõzinha de hortaliças, umas poucas galinhas circulando, talvez a sombra de um bosque de algumas árvores nas proximidades e um rio fluindo preguiçosamente, circundado por campos sem fim. Muitas vezes nessa viagem avistei aldeias desse tipo, a caminho da propriedade de Turguêniev, por exemplo, e, depois, ao longo da via férrea que conduzia a Kazan. Assim, nesse dia em particular, quando um conjunto de casas surgiu de repente, logo depois do topo de uma pequena colina, bem ao lado da autoestrada, eu segui os sulcos dos pneus por uma estradinha lateral, parei o carro e desembarquei.

A aldeia parecia deserta; só uma velha solitária, curvada, trabalhava numa plantaçõ de hortaliças. A intérprete foi falar com ela, e ela contou que na aldeia morava uma mulher de 102 anos de idade.

“A gente pode conhecer essa mulher?”, perguntei.

Brown perguntou à senhora, que assentiu e apontou para uma direção.

Caminhamos rumo a uma casa brilhante e azul; do lado de fora, circulava uma mulher com um lenço na cabeça. Abraçava uma grande galinha branca que lutava para escapar.

Enquanto a intérprete falava com a mulher, um galo jovem passou correndo com outro em seu encalço. A caçada

terminou numa bola de penas um pouco mais adiante.

“Ela nos convidou para entrar”, Brown informou.

Pulei a soleira alta da porta e entrei pelo corredor. Uma vez lá dentro, senti um cheiro ligeiramente azedo e bolorento, mas a casa era agradável e quente. Havia tapetinhos por toda parte, tanto no chão como nas paredes. Senti como se tivesse entrado numa caverna.

No meio da sala de estar estava uma senhora muito velha, que, quando entramos, girou lentamente a cabeça em nossa direção.

A outra mulher, a que encontramos lá fora e entrou conosco, passou correndo e levou a velhinha até uma cama encostada à parede, sentou-a, tirou-lhe o lenço da cabeça, substituiu-o por um novo e, por fim, calçou-lhe chinelos de couro.

Foi quase como se vestisse uma boneca. Mas a velha senhora não parecia se incomodar. Sentada quietinha, com as mãos no colo, ela nos observava.

Trajava um vestido preto estampado com rosas. O lenço branco era grande; cobria-lhe não apenas a cabeça, mas descia por toda a extensão das costas também. O nome dela era Minizaitunya Ibyatullina.

Aproximei-me e apertei sua mão com delicadeza. Estava seca e quente. Ao erguer os olhos para mim, ela disse alguma coisa.

“Está falando tártaro”, a intérprete me explicou. “Não entendo o que ela diz.”

Devagar, Minizaitunya girou a cabeça na direção da câmera quando Addario começou a tirar fotografias dela. Seu filho, Kasym, de pé no vão da porta, sorria e observava. A mulher dele, que se chamava Alfiya, tirou de uma gaveta uma grande foto laminada e a entregou à velha. Era de um soldado, e a senhora ergueu a foto diante de si.

Era uma fotografia do marido dela, que havia morrido na

REFLEXÕES XXVI

Ucrânia durante a guerra, em 1943. Ele era um homem muito bonito. Como devia ser estranho para ela, pensei, olhar para aquela foto setenta anos mais tarde, ele tão jovem e bonito, e ela agora aos 102 anos.



Mas a velha não parecia achar nada disso. Tinha uma expressão de orgulho, sentada ali e segurando a foto dele.

Devia ser estranho para o filho dela também, que tinha 80 anos, mais de duas vezes a idade do pai ao morrer.

Kasym sempre viveu naquela aldeia, que integrava uma fazenda coletiva no tempo da União Soviética. Trabalhava como carpinteiro, contou. A mãe também tinha trabalhado a vida inteira.

Minizaitunya disse algo numa voz baixinha, e o filho se inclinou na direção dela.

“Está dizendo que agora está velha demais para trabalhar”, ele explicou. “Não tem mais forças para isso.”

“Que tipo de trabalho ela fazia?”

“Trabalhava na fazenda coletiva. Ordenhava vacas e coisas assim.”

Alfiya veio até a sala de estar e nos convidou a sentar à mesa. Enquanto conversávamos na sala, ela tinha estado no fogão. Sobre a mesa, havia uma bandeja com um pão chato quentinho e geleias diversas. Só havia duas cadeiras, e nada os faria sentar. A mulher serviu o chá, o marido surgiu com um grande pacote de balas. Como não fiz menção de me servir, ele apanhou três e as depositou ao lado do meu prato.

Da sala de estar chegava o som de passos lentos e suaves.

“A babushka vem vindo!”, Alfiya exclamou. Segundos depois,

REFLEXÕES XXVI

Minizaitunya apareceu na porta.

O filho a escoltou até outra cama, ela se sentou e ficou nos observando enquanto comíamos.

Tinha nascido em 1915. A Rússia ainda era uma monarquia, e Nicolau II estava no poder. Assim, ela vivera o velho czarismo, a revolução, ascensão e queda da União Soviética e, agora, a nova Rússia.

Alfiya acondicionou num saco pão fresco para nós, Kasym deu-nos alguns pacotes de doce e cada um de nós ainda ganhou de presente um paninho bordado. Até mesmo Minizaitunya tinha presentes para nos dar: uma barra de sabonete para Brown, lenços para Addario e para mim.

“Todas as pessoas com quem eu cresci estão mortas”, ela disse da cama, quando nos levantamos e nos preparávamos para partir. “Não sobrou ninguém.”

Nunca olho diretamente para ninguém por mais de uns poucos segundos. Não quero ser enxerido nem, talvez, que sejam comigo. Naquela tarde, porém, depois de me despedir de todos com um aperto de mão, fiquei sozinho ali olhando para ela, e ela me olhou de volta; achei que devia sustentar seu olhar, que devia olhá-la nos olhos, aqueles olhos que haviam visto o mundo à época dos czares e seguiam vendo o mundo cem anos mais tarde.

Ficamos nos olhando por um bom tempo. De início ela pareceu surpresa, talvez tentando adivinhar o que, afinal, eu pretendia; depois, lentamente, começou a sorrir, e foi tão maravilhoso aquele sorriso que, no momento seguinte, eu tinha lágrimas nos olhos ao atravessar a porta e deixar a casa.

O último dia de nossa jornada até Iekaterimburgo consistiu numa viagem de quinze horas. Já próximo do destino, no meio de uma densa floresta ainda a uma hora da cidade, tomei uma estradinha secundária, parei junto de um rio e fumei um cigarro sob o céu estrelado, bem ao lado do que supus ser uma fábrica de celulose. Addario e Brown dormiam, e pensei no

que nos aguardava na manhã seguinte. A execução do czar e de sua família naquele porão de Iekaterimburgo havia sido um acontecimento avassalador, um repeteco da Revolução Francesa, mas, para Lênin, deve ter sido também uma questão pessoal. Ele há de ter perambulado por Kazan cheio de ódio aos 17 anos, há de ter odiado o czar que matou seu irmão, e não é difícil imaginar esse ódio pessoal tornando-o ainda mais duro e intransigente. Depois da revolução, em 1917, quando assumiu a responsabilidade pelo czar então preso, ele deve ter pensado no irmão, em como vingá-lo. E em realizar o que o irmão um dia tentara: matar o czar.

Faróis tremeluziram mais adiante, em meio às árvores. Eu os segui com os olhos à medida que se aproximavam. Quando as luzes iluminaram nosso carro, no qual eu estava encostado, elas desaceleraram. Fui tomado por uma leve inquietação. Eu tinha ouvido histórias sobre assaltos violentos nas cidades próximas. Mas, fosse quem fosse, passou reto. Pisei o que restava do cigarro, para apagá-lo, subi no carro e retornei à estrada principal. Provavelmente só um punhado de adolescentes entediados dando uma volta, pensei. E era compreensível num lugar como aquele, onde só havia árvores e água.

No dia seguinte, em Iekaterimburgo, cruzamos uma grande multidão reunida numa praça, centenas de pessoas empunhando bandeiras e gritando. Viramo-nos para ver enquanto passávamos de carro.

“Contra o que estão protestando?”, Addario perguntou.

“Hoje tem protestos por todo o país”, Brown explicou. “Em apoio ao líder da oposição, Alexei Navalny. É aniversário do Putin.”

“É mesmo?”, perguntei, mas no instante seguinte já havia esquecido os protestos, porque nos aproximávamos da Catedral do Sangue Derramado.

Construída no local exato em que terminara a história do

lendário czar, ela também era portadora de algo que, para mim, era igualmente lendário – o autêntico ritual da religião ortodoxa, uma cerimônia que, graças a todos os romances russos que eu havia lido, e não em pouca medida nas obras de Dostoiévski, revestia-se de luz especial. A luz abnegada da misericórdia, associada não apenas aos mais eminentes e ricos como também aos mais humildes e pobres. Nos livros de Dostoiévski, há algo de mórbido nessa luz, um entusiasmo extenuante que sempre vi como tipicamente russo. Com certeza, nunca o detectei em nenhuma outra parte.

Descemos do carro e ficamos ali na chuva, os olhos erguidos para a catedral.

Eu soube de imediato que não teria nenhuma visão dostoiévskiana. A igreja tinha sido construída no estilo tradicional, com múltiplas cúpulas cintilantes, mas era claramente novinha em folha. Olhar para ela provocou em mim a mesma sensação que certa vez eu tive na Cidade Velha de Varsóvia, onde os edifícios destruídos na Segunda Guerra Mundial haviam sido substituídos por réplicas imaculadas. Era como uma fásca numa falha no tempo. O velho não era velho, o novo não era novo. Onde estávamos então?

Na noite de 16 de julho de 1918, segundo se conta, a família do czar foi acordada e informada de que seria levada a um local mais seguro. Todos desceram de seus quartos e aguardaram no porão, conforme lhes fora dito. Não tinham ideia do que estava por vir, até que as armas foram apontadas para eles. Os revolucionários que compunham o pelotão de fuzilamento eram amadores; alguns estavam bêbados. Dispararam aleatoriamente, o solo se encharcou de sangue, o ar se encheu de fumaça, deve ter havido gritos, estrondos, confusão; no chão, vários membros da família sangravam, mas continuavam vivos, até que por fim os mataram com tiros na cabeça. Os corpos foram transportados para fora da cidade, jogaram ácido em seus rostos numa tentativa de torná-los irreconhecíveis antes que fossem lançados no poço de uma mina. Alguns dias mais tarde, içaram os corpos, carregaram-

nos até uma floresta próxima e os enterraram.

A casa não existia mais, o porão tampouco, o sangue e os corpos haviam desaparecido. Mas os Romanov, não. Na Catedral do Sangue Derramado, haviam retornado como símbolos. Aqueles minutos insanos e sangrentos, bem como tudo que representavam, tinham agora assumido a forma de relíquias que prometiam o contrário: presciência, estrutura, harmonia e equilíbrio.

Na entrada da igreja, erguia-se uma escultura que exibia toda a família Romanov no mesmo estilo heroico-realista que os artistas soviéticos empregavam na representação dos trabalhadores nas décadas de 1920 e 1930. Em seu interior, ícones de um Nicolau II retratado à maneira da Idade Média. Quase tudo na catedral envolvia uma distorção do tempo. O elemento ritual e repetitivo das cerimônias religiosas abolia o tempo por completo, atrelando o tempo ali dentro ao tempo divino, que era eterno, intocado por vida ou morte, sempre ali, para todo o sempre. O czar e sua família foram alçados àquele espaço, e a história à qual estavam associados desapareceu sem deixar vestígios. E, no entanto, Lênin existia em espaço semelhante. Embalsamado em seu mausoléu da Praça Vermelha, seu corpo era real e estava atrelado ao momento, mas nada havia a conectá-lo ao tempo no qual ele tivera poder; também ele estava simultaneamente dentro e fora do tempo.

“A história é um pesadelo do qual tento acordar”, Joyce escreveu. Em parte alguma isso era mais verdadeiro que na Rússia.

Na manhã seguinte, no aeroporto de Iekaterimburgo, enquanto esperava meu voo de volta para Moscou, espiei os jornais do dia em meu celular. Na véspera, tinha havido protestos contra Putin e seu governo em todas as grandes cidades. Fazia-se menção especial ao protesto em Iekaterimburgo, aquele que havíamos visto a caminho da catedral, porque a polícia havia detido 24 manifestantes.

Meu primeiro pensamento foi que eu deveria ter permanecido ali, que aquele era o lugar onde tudo estava acontecendo, que era aquilo que eu deveria ter ido ver a fim de apresentar o melhor quadro possível da Rússia moderna.

Mas aí pensei: não.

As histórias sempre deram coesão à Rússia, e o que as faz diferentes das histórias constitutivas da maioria dos outros países é, talvez, a natureza autoritária das próprias histórias: uma história reina soberana, e todo e qualquer desvio em relação a ela é proibido. Foi assim à época dos czares, que censuravam livros e jornais; foi assim também sob Lênin; e assim é hoje ainda – na Rússia, jornalistas são presos regularmente e, por vezes, assassinados, sem mais.

E, no entanto, as histórias alternativas, aquelas que as autoridades não queriam que ganhassem terreno, aquelas que falavam de abuso de poder e de opressão, de como era viver numa ditadura em que se perdeu toda a esperança no futuro – também essas haviam sido padronizadas.

O protesto foi o que a imprensa internacional noticiou sobre a Rússia do dia anterior, e suas matérias confirmaram e reforçaram a história mais ampla de um povo oprimido num Estado totalitário. Mas por trás dessa realidade havia outra também. As três mulheres animadas no trem; Dina e Damir, o jovem casal em Kazan esperando o filho que ia nascer; Serguei, o motorista de caminhão; a velha senhora na aldeia, bem velhinha, e o casal de velhos que cuidava dela – que história sobre a Rússia poderia conter todas as demais sem, ao mesmo tempo, reduzir drasticamente o que havia de único em cada uma delas?

As histórias de Turguêniev eram capazes disso. Nelas, as personagens não conduzem a coisa alguma além delas próprias. Mas o mundo como ele é não pode existir sem seu gêmeo: o mundo como a gente quer que ele seja. Lênin, o opressor, leu Turguêniev a vida toda, e Vladimir Putin revelou seu amor por Memórias de um Caçador numa entrevista de

2011, ao dizer: “O personagem principal, de um modo simples, mas pitoresco e muito simpático, conta histórias sobre pessoas que conheceu enquanto caçava e sobre a vida delas. São como esquetes do coração da Rússia em meados do século XIX, histórias que alimentam o pensamento e nos permitem ver nosso país, suas tradições e a psicologia nacional sob nova luz.”

Ainda naquela tarde, fui a um bar de Moscou para conhecer Serguei Lebedev. Romancista e jornalista de 36 anos, em tempos recentes ele se descobrira ativista. Eu estava tão curioso a respeito de sua pessoa quanto de sua obra, tão intrigado por sua história familiar quanto por seu conhecimento da história do país. Sabia que Lebedev nasceu em 1981 e que, portanto, tinha idade suficiente para ter vivido a primeira infância na União Soviética e a juventude nos anos caóticos que se seguiram à derrocada. Sabia também que, de início, ele havia sido geólogo.

“Eu nasci numa família soviética clássica”, ele disse tão logo nos acomodamos à mesa perto de uma janela que dava para a rua. “Meus pais eram geólogos e membros da *intelligentsia* soviética.”

Ele era baixinho e forte, tinha uma barba de vários dias e alguma coisa indômita que me fez pensar num animal que, tendo fincado os dentes em alguma coisa, não vai largá-la. Os livros de Lebedev tratam de história – a história recobre como uma sombra tudo que ele escreveu –, e o fato de a história continuar a ser tão poderosa sugeria que os conflitos e tensões inerentes a ela ainda não haviam sido resolvidos, seguiam influenciando a sociedade russa de um modo palpável, ainda que obscuro.

Lebedev me contou que tudo em sua infância havia sido pensado para ocultar partes do passado. Seu bisavô, por exemplo, tinha sido oficial do Exército do czar antes de mudar de lado e se juntar ao Exército Vermelho. Mas, na versão da família, ele sempre usara o quepe do Exército Vermelho com

sua estrela vermelha, como se tivesse nascido em 1917 e não tivesse existido nada antes disso.

“Para mim, era normal”, ele disse. “Viver num mundo incompleto. Viver num mundo cheio de lacunas. Com todas as perguntas que nunca podiam ser feitas.”

A rua lá fora era iluminada pelos raios do sol baixo de outubro e estava repleta de pessoas passeando pela cidade naquela tarde de domingo. Muitas delas deviam ter histórias semelhantes à de Lebedev, pensei. As pessoas têm um mecanismo que as impede de falar sobre experiências ruins e as faz relutantes quando se trata de remexer no passado. Os segredos, porém, favorecem a criação de uma versão específica da realidade na qual as peças individuais precisam ser rearranjadas de um modo particular, encaixando-se com tanta precisão que, se uma única peça muda de posição, o quadro todo vem abaixo. Nossa identidade é moldada por histórias, histórias sobre nossa própria história, sobre a história de nossa família, sobre a história de nosso povo ou de nosso país. O que acontece quando uma dessas histórias que moldam nossa identidade não se encaixa? Aí, de repente, não somos mais quem pensávamos ser. Mas quem somos então?

Perguntei a Lebedev que cara tinha a narrativa atual na Rússia.

“É muito estranho”, ele respondeu. “Em primeiro lugar, é importante compreender que as autoridades não possuem uma ideologia única, coerente. Elas recorrem a elementos dos mais variados campos. Se funcionar, ótimo. Precisam de uma cortina de fumaça para esconder o fato de que não passam de um punhado de cleptocratas. Veja, por exemplo, o nome do partido Rússia Unida. Essas palavras, ‘Rússia unida’, eram um *slogan* dos contrarrevolucionários cunhado em reação a Lênin e aos bolcheviques, que queriam estabelecer repúblicas novas com governo próprio. O governo atual está construindo um Estado que se funda na nostalgia soviética, mas não tem o menor escrúpulo em se apropriar de um *slogan* da oposição. E

isso não suscita a menor controvérsia.”

E ele prossegue: “A cada ano tentam reduzir a importância de 1917. Fazem isso porque, em sua versão ideal dos acontecimentos, não houve revolução! Estão tentando estabelecer um vínculo ininterrupto entre os czares e a Rússia de Stálin. De acordo com a narrativa atual, espões estrangeiros e traidores nos provocaram a matar uns aos outros 100 anos atrás. Isso não pode acontecer de novo. Portanto, temos que nos unir; portanto, precisamos seguir a bandeira do Putin; portanto, temos que sacrificar os direitos civis, porque não pode acontecer de novo. Em linhas gerais, é isso”.

Depois, atravessamos o centro rumo ao Kremlin. As ruas estavam cheias de gente, o céu era de um azul cristalino, e os raios de sol incidiam sobre a cidade, refletindo brilhantes em janelas e capôs de carros, mais suaves e nuançados ao cintilar nas fachadas das lojas e paredes, nas ruas e calçadas, mas sempre de uma coloração afogueada.

À nossa frente, Lebedev passou pelo Teatro Bolshoi; ele ia apontando e explicando conforme caminhávamos. A praça defronte da magnífica fachada neoclássica do teatro estava tomada por diversos ônibus da polícia estacionados, assim como por policiais e seus cães.

“Tropas de choque”, disse Lebedev. “Houve protestos aqui ontem, e por isso estão preocupados, querem ter certeza de que não vai acontecer nada.”

Densas multidões circundavam barracas com uma profusão de comida e bebida. A atmosfera era leve, as pessoas riam, sorriam, crianças corriam em torno das pernas dos adultos, o sol brilhava em seus rostos, e às nossas costas, severas contra o céu de um azul profundo, erguiam-se as torres do Kremlin.

“É uma festa da colheita”, Lebedev explicou. “Tão típica de Putin e do governo. Eles investem em eventos não políticos e em festas públicas como esta aqui, onde o que interessa são

apenas as abóboras! Estão tentando inventar novas tradições, e esta se destina a exibir as riquezas da Rússia.”

Seguimos rumo à Praça da Revolução, que no tempo dos czares se chamava Praça da Ressurreição. “Como você pode ver”, continuou Lebedev, “nem sinal da revolução. Mal se celebra o centenário; com certeza, não se discute a violência, as atrocidades. Mas, se você quiser entender o que aconteceu neste país nas décadas de 1920 e 1930, não pode ignorar a violência e os horrores dos cinco anos entre 1917 e 1921. Não vai conseguir entender por que as pessoas estavam tão dispostas a matar umas às outras. Tem havido uma espécie de guerra pela memória aqui na Rússia, uma guerra em que se disputa o que deve ser lembrado ou esquecido. A história hoje tem a ver apenas com símbolos, e não com noções em torno do perdão e da reconciliação. Mas espere até ver isso aqui”, disse ele, apontando para uma estação do metrô.

A escada rolante pela qual descíamos era íngreme e comprida, e no mundo subterrâneo para o qual ela nos levava o tempo parecia ter parado.

Postadas numa série de plataformas ao longo das paredes, viam-se gigantescas estátuas de bronze de figuras humanas. A primeira delas portava fuzis e cintos de munição; eram os revolucionários. Depois, porém, vinham as pessoas comuns, homens e mulheres, jovens e velhos, camponeses, pescadores, operários, a série toda, primorosa e fascinante, terminando numa criança erguida, o símbolo do futuro.

Era tão impregnada de esperança e fé que saber que se tratava de propaganda política não importava mais, porque era uma visão da vida, de um país, de um futuro, e não era desprovida de verdade: era apenas bonita.

Também aquilo era a revolução, o sonho de uma vida melhor para todos. Toda a arte dessa época possui essa mesma energia, um otimismo quase desvairado, a noção de que era ali que tudo começava. Mulheres são tão vanguarda quanto homens, elas não aparecem sexualizadas, objetificadas; estão

ali pelo que são. A arte experimenta; é a era de Maiakóvski, Eisenstein, Kandinsky, assim como da matança, da violência, da crueldade, da fome, da necessidade, da miséria e, em seu devido tempo, de um sistema que se calcificaria, que se fecharia para o mundo, presa da armadilha de suas próprias verdades. Aquela estação de metrô foi o lugar mais bonito que vi durante meus dias na Rússia, mas essa beleza não tinha nenhuma serventia, atrelada que estava a ideias de realidade nas quais ninguém mais acreditava e que, portanto, jamais se realizariam.

E, no entanto, tampouco isso fazia dela uma mentira. A estátua do czar do lado de fora da Catedral do Sangue Derramado era uma mentira, porque mudava o passado. Mas as estátuas no metrô destinavam-se a mudar o futuro. O fato de esse futuro jamais ter sido realizado, de ele nunca ter acontecido, não privava de verdade aquela visão subterrânea; apenas a tornava vã e bela. E poucas coisas são mais belas que a esperança vã. ●

Karl Ove Knausgård: escritor norueguês, autor da série autobiográfica *Minha Luta*, publicada no Brasil pela Companhia das Letras
Artigo publicado na *Revista Piauí*, edição 138, março de 2018

Santo Agostinho, inventor do sexo

Maria Lopes



Como o autor das Confissões concebeu a doutrina do pecado original

Antes de Agostinho, a história de Adão e Eva parecia uma alegoria confusa para muitos cristãos: por que Deus impediria os homens de conhecer o bem e o mal?

Num dia qualquer do ano 370 da era comum, um rapaz de 16 anos e seu pai foram juntos aos banhos públicos da cidade provincial romana de Tagaste, onde

hoje fica a Argélia. Em certo momento da visita, o pai talvez tenha percebido que o menino experimentava uma ereção involuntária; ou simplesmente observou, no filho, a floração recente de pelos pubianos. Algo que dificilmente poderia ser considerado um grande acontecimento, com repercussões na história mundial, não fosse pelo fato de o rapaz se chamar Agostinho, e que mais tarde ele viria a dar forma à teologia cristã, tanto para os católicos quanto para os protestantes, explorando recessos ocultos de nossa vida interior, legando a todos nós a convicção de que há algo de profundamente errado com a espécie humana. É provável que não tenha existido pensador ocidental mais importante nos últimos 1.500 anos.

Em suas Confissões, escritas em torno de 397, Agostinho descreveu o que havia acontecido tantos anos antes, na casa de banhos. Naquele dia, Patrício, seu pai, viu nele os sinais de uma jovem masculinidade indócil, inquieta *adulescentia* (***adulescentia*** = infância), e ficou encantado com a ideia de poder vir a ter netos em breve. É fácil, mesmo tantos anos mais tarde, imaginar o profundo embaraço do adolescente em questão. O que ficou fixado na memória de Agostinho, porém,

foi algo que aconteceu depois que ele e o pai já tinham voltado para casa: “[Meu pai] o anunciou feliz à minha mãe, como se já imaginasse seus netos, feliz da ebriedade pela qual este mundo se esqueceu de Ti, seu criador, e amou em Teu lugar Tua criatura” (nas Confissões^[1], Agostinho se dirige o tempo todo a Deus). Ocorre que sua mãe, Mônica, era uma cristã devota – e reagiu de maneira muito diversa. Como Deus já havia começado a construir Seu tempo no peito dela, ela “estremeceu de trepidação e tremor”, e a maturidade sexual do adolescente pagão foi oportunidade – não a primeira e nem certamente a última – para um sério desentendimento entre seus pais.

Patrício não se envolvia com o desenvolvimento espiritual do filho à luz de Cristo, e nem encarou a prova de virilidade do rapaz com outro sentimento que não o deleite. Em resposta, Mônica cuidou de cravar uma cunha entre pai e filho. “Com efeito, minha mãe se esforçava”, escreve Agostinho, em tom de admiração, “para que Tu [meu Deus] fosses meu pai mais do que ele”.

O pai e a mãe concordavam num ponto, contudo: aquele filho tão brilhante devia ter uma formação à altura dos seus dotes naturais. Mandaram o jovem Agostinho estudar na bela cidade de Madaura, onde ele demonstrou impressionante facilidade para a gramática e a retórica. A Universidade de Cartago deveria ser o passo seguinte – sucedida, possivelmente, por uma próspera carreira de advogado ou orador. Patrício, homem de recursos modestos, economizou o quanto pôde e passou um ano recorrendo à sua rede de conhecidos para arrecadar os fundos necessários. Quando Agostinho deixou Tagaste, deve ter visto o pai pela última vez, pois em suas Confissões conta que, quando tinha 17 anos, Patrício morreu. O fato é relatado com notável frieza.

Se a viúva enlutada também sentiu algum alívio com a morte de Patrício – visto tratar-se de má influência para seu amado filho –, sua eventual esperança de ver Agostinho enveredar pela trilha da castidade acabou rapidamente frustrada. “E fui

para Cartago”, ele conta, “e por toda parte ao meu redor fervilhava o estrago dos amores pecaminosos.” Seu reconhecimento de que “poluía a fonte do afeto pelas sujeiras da concupiscência” (**Concupiscência** = anelo de prazeres sensuais) soa como uma alusão exagerada à masturbação ou à homossexualidade; outras expressões igualmente intensas e enigmáticas evocam uma série de casos infelizes com mulheres. Mas essa promiscuidade febril, se era disso que se tratava, logo daria lugar a uma situação bem mais estável. Dali a um ou dois anos, Agostinho amigou-se com uma mulher com quem viveria – e, pelo que conta, a quem se manteve fiel – pelos catorze anos seguintes.

A essa altura, dificilmente Mônica poderia esperar um arranjo melhor para o filho, tendo em vista sua efervescente energia sexual. O que ela mais temia era um casamento precipitado que pudesse prejudicar sua carreira. Limitar-se a dividir um teto com uma mulher representava um risco muito menor, mesmo depois que essa mulher deu à luz um filho, Adeodato. Pelos padrões da época, a relação era respeitável. Pelo menos do ponto de vista de Agostinho – o único que conhecemos – não havia nenhuma intenção de desposar essa mulher, cujo nome ele nem se dá ao trabalho de informar. Espera que seus leitores compreendam a diferença “entre o laço do contrato conjugal, estipulado para o fim da procriação, e o pacto de um amor libidinoso”.

Orgulhoso de sua inteligência e de sua sensibilidade literária, Agostinho estudou direito; aperfeiçoou seu talento retórico; entrou em concursos dramáticos; consultou astrólogos; e dominou o pensamento complexo e sinuoso associado ao culto de origem persa conhecido como maniqueísmo. E seguiu com seu maniqueísmo, além da companhia da amante e do filho, de Cartago para Tagaste, onde ensinou gramática, depois de volta a Cartago, onde deu aulas de oratória, e em seguida até Milão, onde assumiu uma ilustre cátedra de retórica.

Nos dez anos que a ascensão de Agostinho levou para consolidar-se, um problema importante persistia, e seu nome

era Mônica. Quando ele chegou a Tagaste para seu primeiro emprego como professor, a mãe se recusou a ir morar na mesma casa que ele, não pela presença da amante e do neto, mas devido à crença maniqueísta do filho. Esta fé – a convicção de que havia duas forças em guerra, uma boa e a outra má, presentes no universo – parecia repugnante à mãe de Agostinho, e a fazia chorar ostensivas lágrimas amargas, como se o filho tivesse morrido.

As lágrimas redobram quando, de volta a Cartago, ele decidiu seguir para Roma: “Ela me retinha com todas as forças, chamando-me de volta ou querendo viajar comigo.” Ele disse à mãe, faltando com a verdade, que só iria se despedir de um amigo, convencendo-a a passar a noite num templo próximo ao porto. “Menti à minha mãe, [...] parti às escondidas.” O filho deve ter sentido certa dose de culpa. Ainda assim, quando rememora esse momento, permite-se manifestar alguma irritação com a mãe, falando do “desejo carnal dela pelo justo flagelo das dores”. Essa expressão que utiliza para descrever o sentimento dela – *carnale desiderium* – poderia parecer mais adequada para falar de uma amante. Para Mônica, tudo que estivera bloqueado ou ficara insatisfeito em sua relação com o marido havia sido transferido para o filho. Agostinho, sufocado, precisou fugir. E o sofrimento que essa fuga trouxe a Mônica, reflete ele, era o destino que lhe reservava sua condição de mulher: “Aqueles tormentos revelavam nela os vestígios de Eva, buscando nos gemidos o que pariu entre os gemidos.”

No livro bíblico do Gênesis, a consequência da desobediência de Eva é dupla: as mulheres são condenadas a parir seus filhos em meio a dores e a desejar os maridos que as subjugam. Quando Agostinho fala de sua relação com a mãe, fundem-se nele o filho e o marido: ela o trouxe ao mundo em meio a dores, e em meio a dores o seguia pelo mundo. Pois a busca dolorosa de sua mãe não terminou no porto de Cartago. Poucos anos depois, quando Agostinho assumiu sua cadeira em Milão, Mônica tomou um navio no norte da África e partiu

ao seu encontro.

Dessa vez ele não fugiu. Embora não se dispusesse a se batizar e virar católico, admitiu para a mãe que havia ficado muito impressionado com Ambrósio, o bispo católico de Milão. Os vigorosos sermões de Ambrósio ajudaram a reverter o desprezo que Agostinho sentia pela aparente precariedade das narrativas bíblicas. Os absurdos que o deixavam originalmente chocado começaram a lhe parecer mistérios profundos. Suas certezas intelectuais e estéticas bem estabelecidas começavam a desmoronar.

Por todo esse tempo, a carreira de Agostinho seguiu seu curso. Lecionava pela manhã e passava as tardes com os amigos mais próximos, discutindo filosofia. Sua mãe, agora instalada na mesma casa que ele, tentava mudar a vida do filho. Fazia o possível para lhe conseguir um casamento favorável, e afinal encontrou uma herdeira católica adequada, cujos pais concordaram com o enlace. A jovem, entretanto, ainda tinha dois anos menos que a idade mínima para o casamento, e as bodas precisaram ser adiadas.

Enquanto isso, Mônica tramava outra mudança na vida do filho. A mulher com quem ele vivia “foi arrancada do meu flanco por ser um empecilho ao casamento”, escreve Agostinho. “Meu coração, que se apegara a ela, despedaçado e ferido, deixou um rastro de sangue”. Dos sentimentos da amante ele não nos dá qualquer notícia, observando apenas: “Ela voltou para a África, prometendo a Ti que não conheceria outros homens”. E então ela desaparece do relato, deixando Agostinho às voltas com o insistente apetite sexual que ela servira para aplacar. Rapidamente, ele encontra uma nova amante.

Ainda assim, como Agostinho testemunharia pouco depois, a graça de Deus pode tomar estranhos caminhos. Dali a pouco mais de um ano, Agostinho converteu-se à fé católica. Pouco depois, já batizado, rompe seu noivado, renuncia à sua cátedra, faz voto de castidade perpétua, decide voltar para a

África e funda uma comunidade monástica. Ao fugir de sua mãe, sem se dar conta, embarcara numa jornada espiritual que acabaria ultrapassando os mais extremados sonhos maternos.

Caracteristicamente, Agostinho só consegue adotar a continência, como dizia, como parte de uma reflexão muito mais ampla sobre a natureza da sexualidade. Precisou entender a intensidade peculiar da excitação, da urgência compulsiva, do prazer e da dor que caracterizam a realização do desejo humano. Não contemplava esses sentimentos do alto do mirante seguro de uma libido refreada, nem se iludia achando que fossem anormais. Sendo jovem, e já tendo gerado um filho, sabia que, para toda a espécie humana, a reprodução envolvia precisamente as relações sexuais a que pretendia renunciar. Como podia a mais alta vocação religiosa cristã rejeitar coisa tão obviamente natural? Ao tentar responder a essa pergunta, Agostinho articulou uma visão da sexualidade que viria a adquirir uma influência profunda, e que ainda hoje se mantém controversa. Chegou a essas ideias sondando suas próprias experiências – as mais profundas – e também projetando sua curiosidade ao passado mais remoto da espécie humana.

No porto romano de Óstia, dias antes de zarpar para a África, Agostinho e sua mãe conversaram em tom íntimo junto a uma janela que dava para um jardim interno. A conversa entre os dois, serena e alegre, os levou a concluir que nenhum prazer corpóreo, por maior que fosse, jamais equivaleria à felicidade dos santos. E então, “alçados por um sentimento mais intenso”, Agostinho e Mônica experimentaram uma sensação extraordinária: sentiam que subiam cada vez mais, percorrendo todos os graus da matéria e das esferas celestes, e, ainda mais, chegando à região das próprias almas e ao caminho da eternidade que se estende para além do próprio tempo. E, “enquanto falávamos e a desejávamos [a eternidade], a atingimos pela duração total de um batimento de coração”.

REFLEXÕES XXVI

É difícil transmitir, numa tradução, o vigor desse relato, e o que terá significado, para um jovem de 32 anos e sua mãe de 55, chegarem juntos a esse clímax. Que logo passa: *suspiravimus*. “Suspiramos”, conta Agostinho, “e voltamos ao ruído das nossas bocas”.

O momento de êxtase que Agostinho compartilha com sua mãe foi a experiência mais intensa da sua vida – talvez, como assinalou a escritora britânica Rebecca West, “a experiência mais intensa jamais rememorada”. Alguns dias mais tarde, Mônica adoecerá, vindo a morrer pouco depois. As Confissões não vão muito mais longe no relato da vida de Agostinho. Em vez disso, passam a dedicar-se a uma extensa meditação filosófica sobre a memória e a uma interpretação do início do Gênesis, como se toda sua autobiografia só pudesse levar a isso. Por que o Gênesis? E por que, nos anos seguintes, a atenção de Agostinho viria a se concentrar especialmente na história de Adão e Eva?

Os pagãos ridicularizavam essa história, que julgavam tosca e incoerente do ponto de vista ético. Como um deus merecedor de respeito tenta barrar aos homens o conhecimento do bem e do mal? Os judeus e os cristãos com alguma sofisticação preferiam não se deter sobre o relato, ou distanciavam-se argumentando tratar-se de uma alegoria. Para Fílon, autor judeu que escrevia em grego na Alexandria do século I, o primeiro ser humano – o ser humano do primeiro capítulo do Gênesis – não era uma criatura de carne e osso, mas uma ideia platônica. Para Orígenes, um cristão do século III, o Paraíso não era um lugar, mas uma condição da alma.

O relato arcaico sobre o homem e a mulher nus, a serpente falante e as árvores mágicas era um tanto embaraçoso. Foi Agostinho quem o resgatou do justo esquecimento ao qual parecia relegado. E é Agostinho o maior responsável por sua proeminência – inclusive pelo fato de que, hoje, quatro em cada dez americanos afirmem crer em sua verdade literal. Durante os mais de quarenta anos que se sucederam à sua momentosa conversão – anos dedicados a intermináveis

polêmicas, ao exercício de algum poder e à escrita febril – ele se convenceu de que não se tratava de mera fábula ou mito. Ali estava a chave de tudo.

Empregou em sua interpretação não só sua acuidade filosófica como também memórias pessoais que abarcavam várias décadas – a contar dos sinais da inquieta *adulescentia* que estimularam seu pai a falar de netos com a mulher. Por meio de uma prolongada reflexão sobre Adão e Eva, Agostinho chega à compreensão de que, em sua experiência pessoal, o crucial não tinha sido o florescimento da maturidade sexual, mas, na verdade, o caráter incontrolável e involuntário desse impulso. Mais de cinquenta anos depois, ainda cismava sobre essa questão. Temos o poder, quando somos saudáveis, de mobilizar ou não outras partes do corpo de acordo com a nossa intenção. “Mas quando se trata da grande função da procriação do homem”, escreve ele, “os membros expressamente criados com esta finalidade não obedecem à direção da vontade, mas é a luxúria que aciona esses membros, como se lhe coubesse algum direito legal sobre eles”.

É muito estranho, pensava Agostinho, não conseguirmos simplesmente comandar essa parte crucial do nosso corpo. Ficamos excitados e a excitação acontece dentro de nós – nesse sentido, é totalmente nossa –, mas ainda assim não se submete ao poder executivo da nossa vontade. Obviamente, o modelo aqui é o corpo masculino, mas ele estava convencido de que as mulheres deviam passar por alguma experiência equivalente, não visível, mas essencialmente idêntica. E é por isso que, depois de sua transgressão, tanto a primeira mulher quanto o primeiro homem sentem vergonha e cobrem seus corpos.

Agostinho volta vezes sem conta às mesmas perguntas: De quem é este corpo, afinal? De onde vem o desejo? Por que não comando o meu próprio pênis? “Às vezes ele se recusa a atuar quando a mente quer, e com frequência atua contra a sua vontade!” Mesmo um monge envelhecido em sua cela,

reconhece Agostinho em *Contra Juliano*, é atormentado por “memórias inquietantes” que sobrepujam suas “santas e castas intenções”. E nem os cônjuges mais devotos podem conseguir o que for “sem o ardor da luxúria”. E esse ardor, a que Agostinho dá o nome técnico de “concupiscência”, não é um simples dote natural ou uma bênção divina; é um toque do mal. O que fazem juntos um homem e uma mulher casados decididos a gerar um filho não é maligno, insiste Agostinho; é uma coisa boa. “Mas o ato não ocorre sem a presença de algum mal.” A verdade é que a relação sexual – como Agostinho sabia por uma extensa experiência com sua amante e outras pessoas – é o maior dos prazeres do corpo. Mas a insuperável intensidade do prazer é justamente sua sedução perigosa, seu doce veneno. “Não há dúvida de que qualquer amigo da sabedoria e das alegrias puras [...] haveria de preferir, se possível, gerar filhos sem concupiscência”.

O reconhecimento atormentado de Agostinho de que a excitação involuntária era inescapável – não só nas relações conjugais, mas também no que ele descreve como “os próprios movimentos que ela provoca, para nossa tristeza, até no sono, e mesmo nos corpos de homens castos” – deu forma à mais influente das suas ideias, transformando a história de Adão e Eva e adquirindo maior peso com o passar dos séculos seguintes: o pecado original.

Esta ideia se transformou numa das pedras de toque da ortodoxia cristã –, mas não antes de décadas de polêmica. O mais destacado entre os que achavam o argumento do autor das *Confissões* tanto absurdo quanto repulsivo era um monge britânico chamado Pelágio. Contemporâneo quase exato de Agostinho, era num certo sentido sua perfeita contrapartida: um natural das fímbrias do mundo romano que, por força do intelecto, do carisma e da ambição acabou chegando à capital, produzindo um impacto significativo sobre a vida espiritual do império.

Pelágio e seus seguidores eram otimistas morais. Acreditavam que os seres humanos nasciam inocentes. Os bebês não

chegam ao mundo com um dote especial de virtude, mas tampouco trazem a mancha inata do vício. É verdade que somos todos descendentes de Adão e Eva, e que vivemos num mundo marcado pelas consequências de seu gesto primordial de desobediência. Mas esse ato, num passado distante, não nos condena inescapavelmente à condição de pecadores. Como poderia condenar? Qual seria o mecanismo da infecção? Por que um Deus benevolente haveria de aprovar uma condição tão monstruosa? Temos a liberdade de dar forma às nossas vidas, para servir seja a Deus, seja ao Diabo.

Agostinho retrucou que estamos todos marcados, desde a nossa origem inicial, pelo mal. E a culpa não cabe a atos específicos de crueldade ou violência, a formas particulares de patologia social, nem a essa ou aquela pessoa que tenha feito uma péssima escolha. É totalmente raso e ingênuo imaginar, como os seguidores de Pelágio, que partimos de um estado de neutralidade, que a maioria de nós seja basicamente decente ou que a escolha do bem só dependa da nossa vontade. Existe em nós um defeito profundo e essencial. Nossa espécie inteira é o que Agostinho define como uma massa *peccati*, uma massa de pecado.

Os discípulos de Pelágio disseram que Agostinho estava simplesmente revertendo à antiga crença maniqueísta de que a carne era criação de uma força malévola, e possuída por ela. E isso só podia ser uma traição do cristianismo, com sua fé num Messias feito carne. Não é verdade, respondeu Agostinho. É fato que Deus optou por fazer-se homem, mas para tanto escolheu “uma virgem, cuja concepção, não carne, mas espírito, não concupiscência, mas virtude, é o mais importante”. A existência de Jesus, noutras palavras, não dependeu da mínima presença do ardor necessário para a geração de todos os demais humanos: “A santa Virgem emprenhou-se não por relações conjugais, mas pela fé – na ausência absoluta de concupiscência –, de modo que o que nascesse da raiz do primeiro homem pudesse derivar apenas da origem da raça, e não também da culpa”.

REFLEXÕES XXVI

A palavra-chave, aqui, é *crimen*, que além de “delito” também significa “culpabilidade”. Cabe a nós a culpa por não nos mantermos intocados pela concupiscência – que não é um resultado da vontade de Deus, mas consequência de algo que fizemos. E é aqui, quando precisa apresentar alguma prova de nossa perfídia individual e coletiva, que Agostinho convoca o testemunho de Adão e Eva. Pois o pecado original que macula cada um de nós não é só um pecado inerente às nossas origens individuais – ou seja, à excitação sexual que permite a nossos pais a concepção de cada um de nós –, mas também um pecado que pode ser atribuído ao casal de que se origina toda a nossa raça.

E agora, a fim de proteger Deus da acusação de que tenha sido responsável pelos defeitos congênitos de Sua criação, tudo dependia de Agostinho demonstrar, de alguma forma, que no Paraíso tudo poderia ter ocorrido de outra maneira; que nossos progenitores Adão e Eva não foram originalmente criados para se reproduzir como hoje nos reproduzimos, mas que perversamente tenham feito a escolha errada, uma escolha de que todos participamos. Para tanto, Agostinho precisaria mergulhar mais fundo nas palavras enigmáticas do Gênesis do que qualquer outro antes dele. Precisaria reconstruir as vidas perdidas de nossos ancestrais mais remotos. Precisaria encontrar o caminho de volta para o Jardim do Éden, e presenciar a conjunção carnal entre nossos primeiros antepassados.

O caminho que precisava seguir, concluiu Agostinho, era antes de tudo considerar literalmente verdadeiras as palavras do Gênesis. A história hebraica da origem pode parecer um conto popular, do tipo que ele desprezava na juventude. Mas a tarefa do verdadeiro crente não é tratá-la como o revestimento ingênuo de algum sofisticado mistério filosófico. O que cabe fazer é considerá-la uma representação sem retoque da verdade histórica – torná-la real – e convencer os outros a agir da mesma forma.

Encetando seu projeto com a confiança que o caracterizava,

Agostinho começou a escrever uma obra, *Comentário ao Gênesis*, com o objetivo de discutir “as Escrituras de acordo com o significado literal do que de fato ocorreu”. Por cerca de quinze anos, dedicou-se a essa obra, resistindo a seus amigos que o instavam a terminá-la e publicá-la logo. De todos seus muitos livros, foi provavelmente aquele a que dedicou uma atenção mais prolongada e constante.

Ao final, acabou derrotado pelo livro, e sabia disso. O problema é que nem tudo que diz o Gênesis pode ser aceito literalmente, por mais que se tente, e não existe uma regra simples e confiável que indique o grau apropriado de entendimento literal do texto. A Bíblia conta que, depois que Adão e Eva comeram do fruto proibido, “abriram-se os olhos dos dois”. Isto significa que tinham sido criados com os olhos fechados? Que “vagavam cegos pelo jardim das delícias, caminhando às apalpadelas, tendo assim chegado sem saber também à árvore proibida, e tendo encontrado pelo tato os frutos proibidos colheram alguns sem saber do que se tratava”? Não, não pode ser esse o sentido do texto, porque já aprendemos que os animais eram trazidos até Adão, que deve tê-los visto antes de dar-lhes seus nomes; e também sabemos que Eva viu que o fruto da árvore fatídica era bom de se comer e a árvore era “formosa à vista”. Ainda assim, reflete Agostinho, só porque uma palavra ou expressão é usada metaforicamente, “isso não significa que toda a passagem deve ser entendida em sentido figurado”.

Mas como distinguir? Como Eva sabia o que a serpente quis dizer quando lhe disse, para tentá-la, “vossos olhos se abrirão”? Não que houvesse pouca coisa em jogo. Para Agostinho, ao menos, o risco não podia ser maior: a questão era de vida ou morte, não só para os pais de todos como para todos os seus descendentes. Mesmo assim, não existe uma regra fixa para a interpretação. “O autor do livro”, escreve Agostinho, “deixa que os leitores decidam por si mesmos”.

Não admira que Agostinho tenha levado tanto tempo para escrever *Comentário ao Gênesis*, ou que, sempre que lhe

punha as mãos, se agarrasse como um afogado ao sentido literal do seu texto. No caso de “vossos olhos se abrião”, estava certo de que devia haver, a final de contas, algo que o casal tenha realmente visto pela primeira vez depois de sua transgressão, alguma coisa não apenas metafórica: “Puseram os olhos em seus próprios órgãos genitais, e eles lhes despertaram a concupiscência com o movimento irresistível que antes não conheciam”.

A chave para esse entendimento estava oculta desde sempre na experiência do próprio Agostinho. A inquieta *adulescentia* que encantou o pai do jovem e deixou sua mãe horrorizada pode remontar inicialmente ao momento original em que tanto Adão como Eva sentem luxúria e vergonha. Viram pela primeira vez o que nunca tinham visto antes, e, se essa visão os deixou excitados, também os impeliu a sair em busca de folhas de parreira para cobrir, como que com um véu, “aquilo que fora posto em movimento independente da vontade dos que o desejaram”. Até aquele momento, eles possuíam – pela única vez, achava Agostinho, em toda a história da raça humana – uma liberdade perfeita. Agora, por terem escolhido espontaneamente, inexplicavelmente e por orgulho, viver não para Deus, mas para si mesmos, tinham perdido a liberdade. E sentiam vergonha.

Mas qual seria a alternativa perdida para sempre por eles – e por todos nós? Como, especificamente, poderiam se reproduzir se não da maneira como os humanos se reproduziram desde sempre? No Paraíso, Agostinho afirma, Adão e Eva teriam praticado o sexo sem a excitação involuntária: “Não teriam tido a atividade turbulenta da concupiscência em sua carne, mas só os movimentos da vontade tranquila que controla os outros membros dos nossos corpos.” Sem sentir qualquer paixão – sem o incômodo desse estranho aguilhão – “o marido teria relaxado no seio de sua esposa com a mente tranquila”.

Como isso seria possível, perguntaram os adeptos de Pelágio, se os corpos de Adão e Eva eram substancialmente idênticos

aos nossos? Imaginem, responde Agostinho, que mesmo hoje, em nossa condição presente, algumas pessoas sejam capazes de fazer com seus corpos coisas que outros achem impossíveis. “Há pessoas que mexem as orelhas, seja uma por vez ou as duas ao mesmo tempo.” Outras, como ele testemunhara em pessoa, podiam suar na hora que quisessem, e havia até pessoas capazes de “produzir sons tão musicais a partir de seus traseiros (sem mau cheiro) que parecem estar cantando com aquela parte do corpo”. Por que então não podemos imaginar que Adão, em seu estado incorrupto, pudesse desejar que seu pênis se enrijecesse só para penetrar Eva? Tudo seria tão calmo que sua semente poderia ser “enviada ao útero sem perda da integridade da mulher, assim como o fluxo menstrual pode ser produzido pelo ventre de uma donzela sem que ela perca a virgindade”. E para o homem, também, não haveria “qualquer dano à integridade de seu corpo”.

Estes eram os planos originais para Adão e Eva. Porém, conclui Agostinho, nunca chegou a ser assim, nem mesmo uma única vez. O pecado dos dois ocorreu primeiro, “e incorreram na pena de exílio do Paraíso antes que pudessem se unir para a propagação como um ato deliberado intocado pela paixão”.

Qual foi o sentido de todo esse exercício para tentar imaginar a vida sexual de Adão e Eva? Foi determinado pelas polêmicas cristãs e pela doutrina cristã – como uma tentativa de refutar os maniqueístas e os seguidores de Pelágio, e como uma visão de Jesus como filho milagroso de uma virgem que engravidou sem a experiência do ardor. Além dessas finalidades doutrinárias, o envolvimento obsessivo de Agostinho com a história de Adão e Eva falava de alguma coisa em sua própria vida. O que ele descobriu – ou, mais propriamente, inventou – acerca do sexo no Paraíso provava a ele que os humanos, originalmente, não deveriam sentir o que ele experimentou a partir da adolescência. Provava que não lhe era necessário sentir os impulsos que o atraíam para a vida fácil de Cartago. Acima de tudo, provava que ele, pelo menos depois da

redenção a que tanto almejava, não precisava sentir o que tinha sentido tantas vezes com a sua amante: a mãe de seu único filho; a mulher que mandou embora por determinação de sua mãe; aquela que prometeu nunca mais estar com homem algum, assim como ele nunca mais voltaria a estar com mulher alguma; aquela cuja separação dele, escreveu, lhe pareceu como algo que fora arrancado de seu flanco.

A queda de Adão, escreveu Agostinho em *A Cidade de Deus*, não se deve a ter sido enganado pela serpente. Ele escolheu pecar e, ao fazê-lo, perdeu o Paraíso, porque não podia suportar viver separado de sua única companheira. Agostinho, até onde foi capaz nos limites de sua condição decaída, desfez a escolha fatal de Adão. Com a ajuda de sua mãe santificada, separou-se de sua companheira e tentou escapar ao ardor, à excitação. Moldou-se, até onde o levou sua extraordinária capacidade, com base no modelo do Adão reconduzido ao Éden, um modelo que passou anos se empenhando em entender e explicar. É verdade que ainda lhe ocorriam aqueles sonhos involuntários, aqueles impulsos indesejados. Mas o que ele aprendeu sobre Adão e Eva em seu estado de inocência lhe assegurava que algum dia, com a ajuda de Cristo, ele havia de chegar a um controle completo de seu próprio corpo. E conquistar a liberdade. ●

Os trechos das *Confissões* citados neste texto foram retirados da tradução brasileira feita por Lorenzo Mammì, publicada pela *Penguin Companhia das Letras* em 2017.

O texto é uma versão condensada de dois capítulos do livro *Ascensão e Queda de Adão e Eva*, que a *Companhia das Letras* publica em abril.

Artigo publicado na *Revista PIAUÍ*, edição 138, março de 2018

Cristianismo antigo e a rejeição ao sexo

Voltaire Schilling



O pecado original (Michiel Van Coxcie)

Comentários. Um pouco antes de completar o penúltimo livro das suas Confissões, concluído ao redor do ano 400, Santo Agostinho implorou a Deus que se fosse ele o encarregado de escrever o Gênesis, como anteriormente o fora Moisés, desejaria “receber de vós uma tal arte de expressão que, até aqueles que não podem compreender como é que Deus cria, acreditassem nas minhas palavras”.

As confissões de santo agostinho. “Não; a felicidade não é um corpo e por isso não se vê com os olhos” — Santo Agostinho, Confissões, 397-400

d.C.

Pois foi inteiramente atendido. Deus foi pródigo com o grande teólogo, mas sovina com os demais escritores cristãos, tornando Agostinho o maior e quase o único grande literato gerado pelo cristianismo nos seus primeiros tempos, até o surgimento de Pascal e do Padre Vieira, treze séculos depois.

Não satisfeito com o dom das letras e com uma espantosa facilidade de comunicação, que o colocou entre os imortais, ele deu início logo depois, provavelmente em 401, à redação de uma leitura própria, muito sua, do real significado do Gênesis – *De Genesi ad Litteram* – na qual ainda demorou uns quinze anos. O que já havia esboçado nas Confissões tomou então corpo. Fazia tempo que os primeiros evangelistas vinham hostilizando o sexo, mas foi com Santo Agostinho que a questão tornou-se dominante, reveladora da sua ideia do homem e da humanidade, a qual o cristianismo, até os nossos dias, teima em não abandonar.

REFLEXÕES XXVI

Impressionados pela liberalidade sexual e pela vocação orgiástica (**Orgiástico** = bacanal) da elite romana, majoritariamente não cristã, os apologistas cristãos daqueles primeiros tempos fizeram questão de manter uma marcada distância em relação aos deuses e aos ritos pagãos. Inspirados pelos solitários “homens do deserto”, eremitas e anacoretas, dedicaram-se a uma política de radical repúdio ao sexo. Amparados nas epístolas paulinas, acentuaram a prática da abstinência carnal, transformando-a num atrativo tão forte para os novos seguidores como deixar-se sacrificar, imitando Cristo, nas arenas romanas.

Enquanto os mártires davam suas entranhas para as feras devorarem, outros abandonavam as práticas sexuais para sempre: o martírio e a castidade tornaram-se as faces diferentes da mesma moeda.

Havia muito simbolismo por detrás disso, revela o prof. Peter Brown, autor do clássico *The Body and Society* (Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo). Não se tratava só da busca da perfeição, do “coração simples”, mas de uma nova visão do ser humano, na qual ele somente poderia manter a frescura com que saiu das mãos do Criador, permanecendo puro ou intocado.

A abstinência sexual e a castidade, seguidas da intensa propaganda a favor do ascetismo, tornaram-se uma forma peculiar de protesto. Por elas, os crentes, os primeiros conversos do cristianismo, manifestavam abertamente seu desprezo pela época em que viviam, dominada pela concupiscência, impiedade, libertinagem e crueldade pagãs.

O problema que enfrentavam os evangelistas do cristianismo primitivo dava-se com o casamento: como conseguir manter a retórica da abstinência e da rejeição ao sexo se um dos princípios básicos da nova fé era o “crescei e multiplicai-vos”?

Levado a resolver o conflito, Santo Agostinho, o bispo de Hipona, terminou por expor a sua doutrina sobre o casamento, o sexo e a privação carnal. Donde viria, indagou

ele, a miséria que nos cerca, esta corrupção, as heresias e a crassa maldade? A única resposta que ele encontrou é que existia dentro da própria sociedade uma mancha inapagável, resultante do pecado original advindo do impulso sexual que atormentava o homem até a morte. Essa era a maldição que acompanhava Adão e Eva e seus descendentes desde a queda do Paraíso.

Para Santo Agostinho, na vida paradisíaca onde o Homem se encontrou primordialmente, não havia tensão entre o impulso e o ato sexual. Foi a partir da danação dos nossos pais bíblicos que se deu a desgraça. Parecia-lhe que a relação sexual e o Paraíso eram tão incompatíveis como o Paraíso e a Morte. A sexualidade era o indicador da queda do homem, do triste declínio da sua anterior situação angelical, fazendo com que ele deslizesse para a natureza física e dessa para a sepultura.

O sexo melancólico. Mesmo que os casais se preocupassem com a gestação dos filhos, deveriam estar conscientes de que estavam cometendo um ato de rebaixamento, necessário mas humilhante, devendo ser feito num clima de intensa melancolia. Coube, pois, a Agostinho ter semeado entre os cristãos uma nódoa de pecado, de consciência culpada, quando faziam sexo ou tinham sentimentos e impulsos prazerosos.

Essa doutrina sexual lançou sobre todos os lares e leitos conjugais uma sombra maligna, de impureza, perversão e vício, que arruinou a vida de incontáveis casais, para os quais o sexo ficou para sempre associado a um “presente do demônio”, um *discordium malum*, um princípio de discórdia alojado no interior de cada ser humano desde a Queda. Opôs definitivamente a Carne a Deus!

Santo Agostinho (354-430)

Penso eu que uma das maneiras de se entender subjetivamente esta sua



obsessão em denunciar a sexualidade se deve a ter sido ele num certo momento da sua vida um renegado do erotismo. Como todo aquele que abjura, no caso das suas paixões sensuais progressas, Agostinho votou intenso ódio ao que, no passado, o atraiu, lamentando ter desperdiçado nele tanta energia. Como ele mesmo não negou, deixou-se dominar na sua juventude por uma intensa voluptuosidade, pela lasciva, a ponto de, em determinado momento, quando pediu a Deus que o fizesse casto, acrescentou... “mas não ainda”!

Sexo e corrupção. E foi mais longe ainda. A presença do impulso sexual apontou-lhe a corrupção da nossa natureza, como se nascêssemos com uma erva daninha que jamais poderia ser removida. Explicava a maldade como resultado desse tumor dissoluto dentro de nós, provocador de uma desordem crônica nas nossas relações, nos perturbando, com suas poluções (**Polução** = ejaculação involuntária de esperma), mesmo quando nos encontrávamos a sós. Não havia dieta ou jejum que nos salvasse dele, acompanhando-nos até na velhice e no encarquilhamento, como um vestígio do nosso passado libidinoso e pecador.

Foi contra este fatalismo que se mobilizou seu rival Juliano, o bispo de Eclanum, que, depois de 418, se meteu numa ruidosa polêmica porque se indignou com as acusações de Santo Agostinho ao sexo e ao casamento. Não aceitava, explicou ele, que o ato gerador da vida fosse algo demoníaco e menos ainda terem que praticá-lo sob o véu da vergonha e da culpa. Afinal, eram “impulsos dos corpos feitos por Deus”. O prazer, dizia Juliano, era necessário à reprodução, era a força que fundia as sementes masculinas e femininas num amplo calor *genitalis*, útil para que ocorresse uma conjunção saudável e feliz. Nada poderia haver de sinistro numa relação sexual bem realizada e completa; ao contrário, via-a como “o instrumento de eleição de qualquer casamento.... merecedor de censura apenas em seus excessos”.

Sexo como transgressão. Santo Agostinho, em várias cartas da sua imensa correspondência, tentou amenizar as

REFLEXÕES XXVI

objeções do seu confrade Juliano, mostrando-se menos radical do que em seus escritos anteriores. Mas sabe-se que para a posteridade, infelizmente, foi essa visão trágica da existência – de sermos os portadores perpétuos do pecado capital – de origem paulina-agostiniana que irá identificar o cristianismo, ficando o sexo desde então – até o surgimento de Freud – visto como uma transgressão, como uma obscenidade... quiçá um ardil satânico para atormentar infinitamente a existência humana. ●

Voltaire Schilling: historiador

Artigo publicado no site terra.com.br no dia 26 de janeiro de 2017

Quem foi Martinho Lutero?

Terra.com.br



Você já ouviu falar na figura que revolucionou a Igreja com a Reforma Protestante, há 500 anos? Pouco se sabe sobre ele e sua vida, e geralmente se tratam de meias-verdades e lendas.

"Tão logo uma moeda na caixa cai, a alma do purgatório sai." Este ditado é atribuído ao monge dominicano Johan Tetzel, que era conhecido por vender indulgências em toda a Alemanha. O trabalho de Tetzel era irrelevante para as preocupações teológicas de Martinho Lutero, mas o reformador estava irritado com a venda de indulgências, o pagamento de dinheiro à Igreja em troca da remissão de pecados.

Ele nunca teve a intenção de questionar a Igreja ou o papa, mas, em 31 de outubro de 1517, Lutero escreveu ao arcebispo Albrecht de Mainz pedindo a correção e disputa acadêmica, ou seja, um debate sobre o assunto. Lutero preparou, então, uma série de argumentos e críticas para ser usadas no debate. De acordo com ele mesmo, 95 dessas teses foram pregadas pessoalmente por ele, com um martelo, na porta da igreja de Wittenberg. Isso, no entanto, nunca foi provado.

Por outro lado, essas teses causaram um efeito fenomenal, que rapidamente se espalhou por todo o país. Lutero provavelmente se tornou famoso porque as teses que criticavam a Igreja foram impressas em um folheto que conseguiu grande circulação.

"Inventor" da língua alemã. Luther traduziu o Novo Testamento para o alemão em apenas 11 semanas. Ele não foi o primeiro a traduzir a Bíblia, mas foi o primeiro a usar o grego como texto original, e não a tradução latina. Ele

traduziu o texto histórico com grande habilidade linguística, poesia e imagens. Sua tradução superou todas as traduções para o alemão anteriores. Todo mundo conseguiu entender a Bíblia, pois foi usada uma linguagem simples. Não admira que seus escritos se espalhassem rapidamente, pois em pleno século XVI tiveram a ajuda da então "nova tecnologia" de impressão de livros. Lutero se tornou famoso justamente por causa de sua linguagem rude, como, por exemplo, na frase: "Por que vocês não arrotam ou peidam?"

Revolucionário social? Longe disso! Lutero queria reformar a Igreja e a fé junto com as autoridades da Igreja, e não contra elas. Ele não era um revolucionário no sentido moderno da palavra. Hoje em dia, historiadores o caracterizam como "último homem da Idade Média e o primeiro da Moderna". A tolerância e o pluralismo foram apenas uma consequência indireta disso. Durante a revolta dos camponeses contra a aristocracia, de 1524 a 1526, Lutero inicialmente conclamou todas as partes a buscarem a paz, mas mais tarde escreveu que os camponeses eram "hordas salteadoras e assassinas" e pediu às autoridades que usassem contra eles suas espadas em nome de Deus.

Obediência à autoridade. Lutero distinguiu o reino divino do secular. A revolta dos camponeses, que, por um lado, se baseavam nele e em sua nova doutrina, mas, por outro, tinha reivindicações de mudanças sociais e políticas, foi para Lutero uma mistura inaceitável dos dois reinos. A perda iminente da ordem secular representou para o reformador uma ameaça a seus objetivos teológicos. E assim incitou as autoridades a agir contra os insurgentes. Lutero não exigiu nada mais do que a obediência dos serviais aos seus senhores. Mais tarde, no século XIX, suas ideias serviriam de base para governos autoritários alemães. Hoje em dia, no entanto, pesquisadores veem isso de outra forma.

Liberdade de consciência. A Reforma de Lutero praticamente acabou com a função do clero como ligação entre o crente e Deus. Esta vaga foi preenchida pela

consciência humana. Os pensamentos e os atos de cada cristão deixavam de ser uma hierarquia eclesiástica. Em vez disso, cada ser era o único responsável pela própria consciência. Isso foi revolucionário, mas não teve nada a ver com o individualismo como o conhecemos hoje. Para Lutero, a liberdade de consciência significava concretamente que a consciência era prisioneira da palavra de Deus. Essa liberdade era para Lutero simplesmente a fé.

"Aqui estou..."

A citação provavelmente mais famosa de Lutero no Reichstag em Worms em 1521, na qual se recusou a revogar suas críticas à Igreja, não foi comprovada. Depois de ter argumentado com base nas Sagradas Escrituras e em sua consciência, ele terminou seu discurso com as palavras: "Deus me ajude. Amém".

A frase adicionada, "Aqui estou, não o posso diferente", é evidentemente uma lenda, pois não foi documentada nem nas atas nem nos relatos de testemunhas. Talvez tenha sido acrescentada para efeitos dramáticos, a fim de retratar a determinação de Lutero.

Lutero e a música. Lutero também pode ser considerado o inventor dos hinos religiosos. Ele mesmo escreveu uma série deles. O canto coral foi um dos elementos definidores do movimento da Reforma e uma parte integrante dos serviços da igreja. Desde a era de Lutero, cantar juntos faz parte da tradição e identidade dos protestantes.

Algumas das músicas de Lutero até se tornaram canções folclóricas espirituais. A mais conhecida talvez seja "Vom Himmel hoch, da komm ich her" (literalmente "Do alto céu, de lá eu venho"), que não pode faltar nas festas e celebrações de Natal na Alemanha.

Celibato e sexualidade. Muito antes de se casar com Katharina von Bora, Lutero tinha uma opinião clara sobre a sexualidade de monges e freiras. Ele acreditava que o celibato

exigia poderes sobre-humanos e que apenas uns poucos entre milhares poderiam abster-se de sexo, mesmo com a ajuda de Deus. Em suma, para Lutero, a sexualidade e o casamento eram parte da ordem divina.

Embora quando jovem ele mesmo tenha vivido em celibato, logo após o casamento ele falou em "inferno do celibato", que arruína os cristãos. Desde então, a imagem do presbitério protestante, com um pastor casado e com muitos filhos, é um símbolo do protestantismo. Isso serviu de base para a propagação da educação acadêmica, sendo os filhos de pastores os beneficiários. Já no século XVI havia um ditado segundo o qual pastores têm muitos livros e muitos filhos.

Antijudaísmo. Podemos celebrar um homem que falou e escreveu de forma tão implacável sobre os judeus? À luz do Holocausto, séculos mais tarde, a Igreja Protestante tem um problema, especialmente no ano de seu jubileu. A polêmica de Lutero contra o povo judeu revela uma agressividade desenfreada combinada com fantasias de aniquilação. O próprio Lutero mal teve contato com judeus. Suas ideias sobre judeus e muçulmanos decorrem da noção de que a verdade cristã é absoluta.

Sua posição antijudaica, no entanto, não teve nada a ver com o antissemitismo nazista que veio bem depois. Mas os nazistas usaram amplamente as tiradas agressivas de Lutero. Somente na década de 1950, a Igreja Protestante gradualmente se distanciou da imagem que Lutero tinha dos judeus. E hoje?

"Sua hostilidade em relação aos judeus provavelmente o desqualificaria tanto que ele nem seria mais convidado para um congresso da Igreja Evangélica", afirmou a presidente do Encontro das Igrejas Evangélicas Alemãs, Christina Aus der Au. ●

terra.com.br

Publicado no dia 27 de outubro de 2017

O Natal de Martinho Lutero

Voltaire Schilling



Comentários. Muitas das celebrações e costumes de hoje vieram de tempos muito antigos, remotos, cujas raízes perdem-se em tempos pretéritos. Assim dá-se com a data de 25 de dezembro, o nosso Natal, celebrada no Oriente Médio bem antes do nascimento de Jesus.

Todavia o costume de ter-se na sala da casa um pinheiro decorado com bolas, estrelas e luzes de enfeite é relativamente recente. Supõe-se que originou nos tempos da Reforma Protestante, no século XVI, ocasião em que Martinho Lutero, o monge alemão que se rebelara contra Roma, celebrou o Natal com um galho de pinheiro decorado por ele e seus filhos.

O catolicismo, herdeiro de Roma. “Não quero que se recorra para defender o evangelho às armas e à carnificina. Foi pela palavra que o mundo foi vencido; foi pela palavra que a igreja foi salva; será também pela palavra que ela há de ser restabelecida.” - Martinho Lutero, 1520.

O catolicismo herdou do império romano não só o latim, mas o gosto pela magnificência pública, amando a arquitetura grandiosa, a estatuária e a pintura mural. Os imensos estádios dos romanos, como o Coliseu — templo erguido ao divertimento cruel —, foram substituídos pelas catedrais gigantescas cujas torres queriam alcançar os céus, erigidas para o êxtase e a veneração de Deus. Enquanto o papa assumia as vezes do imperador, as procissões religiosas tendo o bispo à frente apagaram para sempre as marchas triunfais dos cônsules e dos generais romanos de outrora. O espaço das igrejas, das abadias e dos mosteiros foi entregue a artistas de gênio para que os ocupassem com figuras de santos e santos,

como os afrescos de Cimabue e Giotto na Basílica da Assis, ou com passagens bíblicas, como a Santa Ceia de Leonardo da Vinci, ou a Criação do Mundo que Miguel Ângelo pintou nos altos da Capela Sistina. O catolicismo ganhava os seus conversos pelo catecismo sim, mas também pela imponência dos seus cortejos e cerimônias litúrgicas, pela exuberância da sua arte pública, por colocar o talento de um Brunelleschi, de Bramante ou de Alberti a seu serviço, ação que fez da Itália o lugar com a maior concentração de obras-primas que se conhece no mundo todo.

A conversão de S. Paulo (Lucas Cranach)



A presença de deus. Ao adentrar-se numa nave de uma igreja ou de uma catedral, inundada nos dias de sol pelos reflexos das inúmeras cores fortes dos vitrais, tendo ao fundo o som harmônico das vozes dos monges, ao sentir-se aquele êxtase, onde o construtor, o pintor e o cantor cristão deram o melhor de si para torná-la um recinto divino, como não acreditar que o próprio Deus ali não estava presente? Como o monge Martinho Lutero ousou desafiar aquilo tudo? Pois foi exatamente aquela suntuosidade herdada do império pagão desaparecido que o teólogo alemão acreditou ser insuportável aos que diziam seguir Jesus Cristo marceneiro, um homem pobre martirizado na cruz.

A volta às origens cristãs. Para Lutero, o cristianismo fora uma notável revolução dos cordeiros, da gente humilde da antiguidade que se insurgira contra as injustiças do mundo pagão. Porém, com o passar do tempo, ainda que vitoriosos, eles viram-se usurpados pela casta sacerdotal, sucessora da burocracia imperial em decadência, fazendo com que o pároco substituísse o pretor romano.

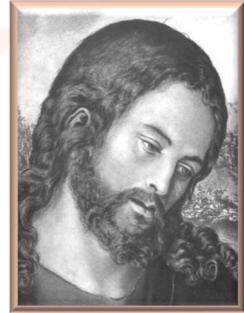
Concentrando toda a autoridade ao redor do trono papal, os altos eclesiastas esvaziaram as comunidades cristãs da sua

primitiva autonomia, inclusive do direito de escolher seus próprios pastores, como antes, nos primórdios, fizeram os cristãos ao elegerem bispos a Agostinho e a Ambrósio. Pior ainda, como ele expôs no Manifesto à Nobreza Alemã, de 24 de julho de 1520, fizeram do papa “senhor do mundo”, quando o próprio Jesus Cristo insistira que o seu reino era o reino do outro mundo.

Aquela riqueza artística que se concentrava em Roma, a monumental Igreja de São Pedro que se erguia naquele momento, era fruto ilegítimo das arrecadações que o papado ordenara extrair da Alemanha em troca de favores a ser alcançados no mundo sobrenatural. Era com o ouro das Indulgências surripiado dos beatos alemães que se erguiam os templos e se mantinha o luxo em Roma.

Um Cristo modesto (tela de Lucas Cranach, 1472-1553)

A reforma e a música. Os cristãos, portanto, com a Reforma por ele liderada, deviam retomar o que era seu, reconquistando o seu império perdido. A Bíblia ele tratou de traduzir para o alemão a fim de que os crentes pudessem, por si mesmos, ao lê-la, saber qual era a vontade e os ensinamentos de Deus. Novos hinos, diferentes dos latinos, deviam ser compostos por gente do povo. Lutero lançou-se à obra.



Rompido com Roma, casou-se e fez do seu lar uma celebração diária a Deus. Cada cristão deveria seguir caminho igual, compor seus próprios oratórios, tornar a sua casa uma capela, fazer da sua família um coral, rejubilando-se pela boa vida e pela liberdade alcançada. Por toda a Alemanha, desde então, surgiram músicos, organistas ou pianistas, consagrando a vida às partituras e aos instrumentos. É Lutero quem está por detrás de Bach, de Haendel, de Haydin e de Beethoven. Se a Reforma Protestante empobreceu as igrejas, esvaziando os templos de santos e de outras pinturas decorativas, deixando-

os enxutos, sóbrios, enriqueceu o espaço privado e público com o intenso som harmônico da música e das cantorias, consagrando a Alemanha como a moderna pátria dos grandes compositores.

O lar, a capela do cristão (A família sagrada de L. Cranach)



Nasce a árvore de Natal. Seguindo seus próprios conselhos, ele casou-se em junho de 1525 com Katharina von Bora, uma freira que, desertado do convento de Nimbsch, procurara refúgio em Wittemberg, tendo com ela seis filhos. O lar para Lutero, o privado, passou a ser o verdadeiro templo do cristão reformado. Era ali que se davam as Tischreden, as conversas ao redor da mesa, que faziam as vezes da comunhão. Mas faltava-lhe algo que pudesse contrapor à missa do galo dos católicos. Certa vez, numa daquelas terríveis noites geladas da Alemanha, nas proximidades do Natal, ao retornar para casa, Lutero encantou-se com a paisagem. Olhando para o céu através de uns pinheiros que cercavam a trilha, viu-o intensamente estrelado, pareceu-lhe infinitos diamantes encimando a copa das árvores. Tomado pela beleza daquilo, decidiu arrancar um galho para levar para casa. Lá chegando, entusiasmado, colocou-o num vaso com terra e, chamando a esposa e os filhos, decorou-o com pequenas velas acesas afincadas nas pontas dos ramos. Em seguida, arrumou uns papeluchos coloridos para enfeitá-lo um pouco mais. Pronto, era aquilo que ele vira lá fora. Todos se afastaram e ficaram pasmos ao verem aquela árvore iluminada a quem parecia terem dado vida. Nascia assim a árvore de Natal. ●

Voltaire Schilling: historiador

Artigo publicado no site terra.com.br no dia 7 de novembro de 2017

Templários, os cavaleiros de Cristo

Voltaire Schilling



"Nekan, adonai !!! Chol-begoal!!!
Papa clemente... Cavaleiro Guilherme de Nogaret... Rei Filipe: intimo-os a comparecer perante o Tribunal de Deus dentro de um ano para receber o justo castigo. Malditos! Malditos! Todos malditos até a décima terceira geração de vossas raças!!!"

Os templários. Foram com essas derradeiras palavras que Jacques de Monay, o último Grão-Mestre da Ordem dos Templários, proferiu antes de começar a arder na fogueira acesa bem em frente à catedral de Notre-Dame em Paris; nela ele expiou ao anoitecer do dia 18 de março de 1314, imprecando contra o Papa, contra o guarda-selos do rei e contra o próprio soberano da França. E tinha toda a razão em lançar sua fúria contra os três. Um sórdido conluio entre o soberano Filipe, o Belo, e o Papa Clemente V, tendo o agente do rei Nogaret como executor, fora quem determinara o destino da até então mais poderosa ordem dos monges guerreiros que a Europa conheceria e que ele dirigia.

Para suprema infâmia dos cavaleiros do Templo – aprisionados desde que os agentes do rei, num golpe de mão, invadiram-lhes as instalações na noite de 12 para 13 de outubro de 1307, na sua sede parisiense denominada Ville Neuve du Temple e em diversos outros lugares da França – seus últimos dirigentes, além de terem perdido tudo (a posse dos castelos e das fortalezas, o imenso patrimônio que amealharam na França desde antes de voltarem da Terra Santa) foram arrastados aos tribunais reais, denunciados pelas práticas de heresia e de pederastia.

Num processo forjado, nos quais os procedimentos inquisitoriais foram aplicados com toda a crueldade

REFLEXÕES XXVI

imaginável, acusaram-nos de serem adoradores pagãos do diabólico Baphomet, de cuspirem na cruz e de praticarem licenças sexuais uns com os outros. Arrancaram-lhes as confissões embaixo de terríveis tormentos quando, em meio aos urros de dor, com as carnes dilaceradas e queimadas, eles concordaram em dizer aos seus supliciadores o que eles queriam ouvir.

Filipe, o Belo, atizado pelas declarações de um traidor, um ex-cavaleiro chamado Esquiseu de Floyran, o Judas dos Templários, não se conformara em dismantelar a organização e confiscar os valores da Ordem; quis desonrá-la para sempre. Por isso apontou-os como sodomitas. Daí a inclusão das denúncias de homossexualismo durante o julgamento. Acusação feita a De Monay e a outros 140 cavaleiros encarcerados.

Até poucos anos antes da catástrofe, a Ordem dos Templários era a mais prestigiada das três outras milícias de Cristo formadas no tempo em que Jerusalém ainda se encontrava sob o controle direto de príncipes cristãos. Depois da expulsão deles da Terra Santa, em 1291, os Cavaleiros Hospitalários confinaram-se na ilha de Chipre, e, mais tarde, na Ilha de Malta, enquanto os Cavaleiros Teutônicos, de volta à Alemanha, foram orientados no sentido de conquistarem as terras de poloneses e russos pagãos.

Geograficamente mais favorecidos, os Templários, hospedados em Paris (na grande construção denominada simplesmente como Le Temple, cujo erguimento iniciou-se em 1240), ficaram no coração da Europa de então. Suas sedes, mais numerosas na França (um total de 704 conventos e prelazias), espalhavam-se pela Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal, suas propriedades europeias totais, dos mais diversos tipos, somaram mais de 9 mil. Devendo obediência apenas ao papa, sempre ausente ou distante, usufruíam da mais completa autonomia em relação aos reinos e aos bispados e baronatos que os acolhiam.

Graças ao empenho deles na causa da defesa da cristandade, ao heroísmo e coragem demonstrada nas batalhas contra o Islã, e devido à absoluta correção como se conduziam, os prédios em que aquartelavam os monges – desde que a Ordem fora fundada em Jerusalém, em 12 de junho de 1119, por Hugo Payens – tornaram-se locais seguríssimos.

Era tal a confiança que despertavam na nobreza europeia que não tardou para que seus conventos se transformassem em estabelecimentos bancários, ainda que informais, fazendo deles, entre os séculos XII e XIII, os principais agentes de crédito a quem reis e barões recorriam. Numa era de incertezas extremas, de pilhagens constantes, de guerras feudais intermitentes, acompanhadas sempre por saques, uma fortaleza daqueles monges soldados parecia a todos os que tivessem bens sonantes como um oásis. Um cofre-forte inexpugnável. Talvez, não seja nenhum exagero dizer-se que a Ordem dos Templários, bem antes dos Fugger e dos Médici, tornou-se o primeiro banco europeu. Assim foi que se gerou a lenda da fortuna fabulosa, mais jamais comprovada, do Tesouro dos Templários.

Aumentando e solidificando ainda mais a estranheza com que eles eram vistos pela gente comum, um véu de segredo parecia cobrir tudo o que dissesse respeito a eles. De fato, os rituais de admissão e iniciação dos monges guerreiros recendiam às práticas esotéricas das sociedades secretas, fato perfeitamente compreensível numa instituição fundada em território inimigo, como foram os primeiros tempos da Ordem dos Pobres Soldados de Cristo (designação original dos Templários). Nada se sabia do que ocorria no seu intramuros, o voto de silêncio era obrigatório entre os integrantes da Ordem.

Todavia, a continuação daqueles ritos misteriosos em meios aos reinos cristãos somente aumentou contra eles a desconfiança geral. O que tornou plausível junto à opinião da época as incríveis e improcedentes acusações que lhes foram feitas. Ainda que Dante, contemporâneo da tragédia que se

abateu sobre os templários, tenha suspeitado da veracidade delas, o engenhoso pensador maiorquino Raimundo Lullio, o “Doctor Inspiratus”, creditou-as como verdadeiras.



O templo em Paris (séc.XIII)

O declínio do ímpeto cruzado. A perda definitiva de Jerusalém, em 1244, e ocupação de São João d’Acre pelos muçulmanos em 1291, com a consequente expulsão dos cristãos da Palestina, abateu o ânimo das empresas cruzadas. Espírito este já profundamente abalado desde que a Quarta Cruzada, desviando-se totalmente dos seus objetivos, terminara por assaltar Constantinopla, a capital oriental da Cristandade, em 1204. Algo que começara como um forte e sincero apelo da fé: a retomada dos Lugares Santos, desandara numa operação de traição e pilhagem como a que ocorrera com a Maçã de Prata (apelido de Constantinopla). A própria reciclagem da função da Ordem, de trincheira de cavaleiros cruzados para banco de empréstimos, foi significativa disso. A espada que fora colocada a serviço de Deus, por força das circunstâncias agora protegia o patrimônio dos ricos.

Deste modo, a cabeça coroada de Filipe, O Belo, monarca sempre carente de recursos, deu em pensar qual a utilidade verdadeira do tesouro dos Templários? Se não se prestava mais para financiar as incursões e expedições dos cristãos em território muçulmano para que serviria? Além disso, aquela constelação de castelos, fortalezas e conventos, nas mãos dos milicianos de Cristo, formava um império fora do controle do soberano: era um Estado dentro do Estado, algo perigoso para sua estabilidade.

O rei, despidido de qualquer constrangimento moral, agiu como um hábil jogador de xadrez. Para conquistar a “torre” do Templo, ele primeiro derrubou o “bispo” que lhe dava sustentação: o papa romano. Sempre recorrendo ao prestativo

REFLEXÕES XXVI

Guilherme de Nogaret, Filipe simplesmente destituiu Bonifácio VIII, acusando-o de heresia. Em seguida, tramou a indicação de um arcebispo francês, Bertrand de Goth, para assumir o trono de São Pedro sob o nome de Celestino V, em junho de 1305. Ora, a imunidade da Ordem dos Templários derivava da especial proteção do papado, a quem ela devia obediência. Colocando a mitra sobre um pontífice obediente aos seus desígnios, Filipe não demorou em obter o consentimento na supressão dos templários por meio de um consistório privado. (*)

(*) Qual seria o motivo do papado retirar sua proteção especial sobre a Ordem do Templo além da narrada acima? Deve-se recuar mais ou menos um século para entender a posição da Cúria de Roma, época em se deu a cruzada contra os cátaros, ou albigenses (da cidade de Alba, na região da Provence, sul da França). O papa Inocêncio III convocou os barões a atacarem os castelos dos cátaros, entendidos como hereges sujeitos ao extermínio. A cruzada dos cátaros estendeu-se por 40 e poucos anos (de 1209 a 1255), mas não contou com a presença dos Cavaleiros do Templo que, apesar das ordens papais, se negaram a emprestar suas espadas para matar cristão. Decisão nobre e corajosa que precipitou o seu fim. ●

Voltaire Schilling: historiador

Artigo publicado no site terra.com.br no dia 26 de fevereiro de 2018

Como casamento 'sem noivo' e princesa incomum mudaram os rumos do Brasil

Site bbcbrazil.com



Comentários. Foi um casamento sem a presença do noivo, mas que mudaria os rumos de uma nação.

Maria Leopoldina se casou com Dom Pedro 1º, por procuração, em 13 de maio de 1817. Pintura de Georgina de Albuquerque (1922) / BBCBrasil.com

Há exatos 200 anos, no dia 13 de maio de 1817, a princesa Maria Leopoldina da Áustria entrou na Igreja Augustina, em Viena, para se casar com Dom Pedro 1º. Uma união selada por procuração — prática comum nas uniões entre monarquias europeias. Isso porque o príncipe herdeiro de Portugal se encontrava no Brasil com sua família desde 1808.

A festa foi marcada por pompa e luxo. O pai da noiva, o imperador Francisco 1º, não queria ficar atrás da demonstração de riqueza feita pelo representante da corte portuguesa, o Marquês de Marialva.

Ocasões como essa também serviam como representação de poder para a população local. Durante muito tempo, o termo "casamento brasileiro" foi sinônimo de luxo e riqueza na capital austríaca. Havia um interesse claro das duas dinastias na união.

"Para as famílias reais da época era importante fortalecer a influência do pensamento monárquico sobre as colônias na América. Era um período em que muitas dessas colônias estavam se tornando independentes, algumas já impregnadas pelo pensamento republicano, como os Estados Unidos", afirmou à BBC Brasil Karl Vocelka, historiador e professor da Universidade de Viena.

REFLEXÕES XXVI

Maria Leopoldina teve papel ativo na independência do Brasil. Pintura de Josef Kreutzinger (1815) / BBCBrasil.com



É curioso ver como esta união acabaria levando, cinco anos depois, ao processo de emancipação do Brasil. Em especial pela atuação da princesa Leopoldina, ao lado de José Bonifácio — que ficaria conhecido como o "Patriarca da Independência" —, nos dias que antecederam o rompimento do País com Portugal.

Para entender como uma princesa educada para servir sua dinastia acabou virando-se contra uma monarquia europeia é preciso conhecer a personalidade de Leopoldina. Seus pais, Francisco 1º e Maria Teresa da Sicília, eram primos em primeiro grau, algo comum dentro da política de união praticada pela família Habsburgo. A genética próxima surtiu efeito sobre a prole. O primogênito Fernando nasceu com hidrocefalia e sofria de epilepsia grave. As princesas demonstravam em geral pouca inteligência e se interessavam mais por roupas e luxos. A exceção era Leopoldina.

Extremamente inteligente, mas tímida e reservada, tinha paixão por ciências naturais (Biologia e Mineralogia) e artes. Desde criança, desenvolveu também uma forte religiosidade. Extremamente obediente, tinha uma devoção quase cega pelo pai, o imperador Francisco 1º. Deste, recebeu o conselho de obedecer a todos os desejos do marido.

"Uma vez que a vontade de meu pai é o princípio que orienta meu comportamento, estou convencida de que o céu vai me proteger e permitir que encontre minha felicidade nesta união", escreveu em carta a uma tia.

José Bonifácio ficaria conhecido como o 'Patriarca da Independência'.



REFLEXÕES XXVI

De fato, os primeiros anos do casamento com Dom Pedro 1º foram felizes. O príncipe se encantou inicialmente pela mulher inteligente e exótica — mulheres loiras, de olhos azuis e pele branca eram raras no Brasil da época. O casal gostava de sair junto para cavalgar pelo Rio de Janeiro e recebia colonos diretamente no cais do porto da cidade, com Leopoldina fazendo o papel de intérprete para alemães que ali desembarcavam.

O nascimento dos primeiros filhos transformou Leopoldina fisicamente. Avessa a qualquer tipo de vaidade e ostentação, ela abria mão do uso de espartilhos e joias. Preferia se vestir com calça de equitação (um escândalo na época para uma moça da alta sociedade) e botas com esporas. Alguns relatos de estrangeiros dão conta que ela "parecia uma cigana".

As escapadas amorosas de Dom Pedro, que nunca havia sido o marido mais fiel, se intensificaram. Leopoldina sabia disso, mas sofria em silenciosa resignação. Talvez para equilibrar a relação com o marido, ela resolveu mergulhar na política a partir do ano de 1821. Pelo menos nesse campo ele dava ouvidos à esposa e confiava em suas avaliações.

O país vivia um período especialmente instável. O rei Dom João 6º, pai de Pedro, já havia voltado a Portugal e, pressionado pela corte, solicitava que o filho também retornasse a Lisboa, além de ameaçar retirar do Brasil a condição de reino, praticamente "rebaixando" o país novamente ao papel de colônia.

O chamado 'Grito do Ipiranga' aconteceu em 7 de setembro de 1822. Foto: Pintura de Pedro Américo (1888) / BBCBrasil.com

No início de janeiro de 1822 houve o famoso "Dia do Fico", quando Dom Pedro afirmou abertamente que não retornaria a Portugal. A presença de tropas portuguesas no Rio de Janeiro deixou o clima tenso e o casal viveu



uma tragédia pessoal.

Ante os fortes rumores de que seriam levados à força para Lisboa, Leopoldina decidiu fugir com os filhos do Palácio da Boa Vista para a fazenda de Santa Cruz. O trajeto sob o intenso calor do verão carioca foi demais para o pequeno João Carlos, de apenas um ano, que adoeceu e morreu poucos dias depois.

Leopoldina colocou a culpa nos generais portugueses e passou a trabalhar com mais afinco pelo rompimento entre Brasil e Portugal. No início de setembro, quando Dom Pedro estava em São Paulo para lidar com distúrbios na cidade, Leopoldina assumiu o papel de regente. Após dias de deliberação com José Bonifácio e outros políticos a favor da independência, ela escreveu para o marido uma carta enfática incentivando-o à separação das duas nações.

"O pomo está maduro. Colha-o agora, senão ele apodrece", foi como encerrou o texto.

Para o historiador austríaco Vocelka, o papel ativo de Leopoldina na independência não surpreende: "Ela tinha a personalidade mais forte entre os dois. Dom Pedro certamente não era o marido mais fiel, então ela buscou alguma atividade que lhe desse certa independência". Já a doutora em história pela USP, Joana Monteleone, acredita que o apoio de Leopoldina ao movimento de independência tenha sido, na verdade, uma inteligente jogada política de uma monarca.

"Algo que se esperava das princesas era que atuassem politicamente em favor de suas casas reais. Leopoldina não gostaria que acontecesse no Brasil o que estava acontecendo com as colônias espanholas vizinhas, com todas se tornando repúblicas. Ao apoiar a independência brasileira, numa espécie de continuidade da dinastia de Dom Pedro 1º, ela reafirmava seu poder sobre este território".

Na mesma viagem a São Paulo em que declarou a independência do Brasil, Dom Pedro conheceu a mulher que,

de certa forma, encerraria o papel de Leopoldina também na política. Domitila de Castro foi até uma audiência do príncipe pedir ajuda para uma questão da guarda de seus filhos do primeiro casamento. Terminaram a noite juntos.

O que parecia ser mais uma aventura amorosa de Pedro acabaria transformando o início do Brasil imperial. Domitila virou uma espécie de "amante oficial", ganhando residência no Rio de Janeiro, o título de Marquesa de Santos e muita influência na corte. Para Leopoldina, foi o início de um período de humilhações públicas e até mesmo suspeita de agressões por parte do marido.

Domitila de Castro virou uma espécie de 'amante oficial' de Dom Pedro, ganhando o título de 'Marquesa de Santos' Pintura de Francisco Pedro do Amaral (1826) / BBCBrasil.com

Nem mesmo o nascimento de outro filho homem, em 1825, — Pedro de Alcântara, que se tornaria o imperador Dom Pedro 2º — aproximou o casal. Domitila também teve filhos com o monarca, todos ganhando títulos nobres e também educação na corte.



Deprimida e fraca pelas consequências de um aborto sofrido dez dias antes, Leopoldina acabou morrendo aos 29 anos, em 11 de dezembro de 1826. Em uma carta escrita à irmã Maria Luísa poucos antes, a imperatriz já antecipava seu destino.

"Ouça o grito de uma vítima que pede de ti não vingança, mas piedade e socorro do amor fraternal para meus inocentes filhos, que órfãos vão ficar, em poder de si mesmos ou das pessoas que causaram minhas desgraças, reduzindo-me ao estado em que me encontro", escreveu.

Menos de dez anos depois do pomposo casamento em Viena, Leopoldina ajudou um país a se transformar, mas não conseguiu se libertar de uma relação pessoal desastrosa construída por interesses políticos. Dom Pedro 1º abdicou do

REFLEXÕES XXVI

trono em 1831 para voltar a Portugal, deixando claro onde estavam suas raízes.

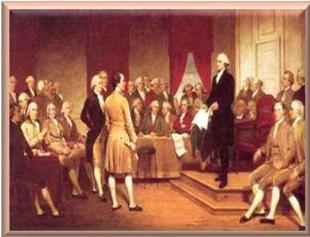
O Brasil imperial passou então por um período conturbado até a coroação de Dom Pedro 2º, em 1841. Seu interesse pelos estudos e a personalidade tranquila e equilibrada certamente lembravam mais a mãe do que o pai. ●

bbcbrasil.com

Artigo publicado no site bbcbrasil.com no dia 13 de maio de 2017

Constituição Americana de 1787: crítica de um historiador

Voltaire Schilling



Os constituintes da Filadélfia (1787)

Comentários. O historiador norte-americano Charles A. Beard publicou em 1913 um livro polêmico que se tornou um clássico da historiografia política. O título era *An Economic Interpretation of the Constitution of the United States of America* (Uma

Interpretação econômica da Constituição dos Estados Unidos da América). Na minuciosa pesquisa que ele realizara demonstrou que por detrás de cada artigo ou parágrafo da Carta Magna dos americanos, aprovada em 1787, tidos como expressão do idealismo político da nova nação, se escondiam interesses materiais muito concretos.

Os interesses ocultos na constituição. Para Beard, líder da chamada *Progressive School*, a Escola Progressista dos historiadores norte-americanos, o grande documento dos Pais Fundadores da República aprovado no Congresso da Filadélfia, em 1787, refletiu antes de tudo os interesses de senhores de escravos, dos grandes comerciantes, de especuladores de terras e dos financistas de um modo geral. Para a opinião pública americana, entretanto, as conclusões dele foram um escândalo.

Acostumados a ensinar que os ricos são pessoas despojadas de interesses materiais e que costumam em geral pensar no bem-comum, os conservadores ficaram irados com a heresia de Beard. Lá se encontrava que os constituintes por várias vezes, ao contrário do altruísmo que deles se esperava, legislaram em causa própria para valorizar suas fortunas pessoais e não em favor do povo recém-emancipado.

Beard igualmente inovou a pesquisa sobre as origens dos interesses econômicos que estavam por detrás da Constituição ao fazer uma acurada leitura não do texto constitucional em si, mas dos jornais e panfletos da época, principalmente do *O Federalista*, órgão ideológico mais expressivo das forças conservadoras que atuaram nos debates constitucionais. Nele se encontram os textos de Alexander Hamilton, que se tornou secretário do Tesouro (a quem Beard considerou “o gênio colossal do sistema”), James Madison, advogado e político, filho de um grande proprietário de terras e de escravos, e John Jay. Em sua análise, Beard provou como os autores da Constituição estavam basicamente preocupados em encontrar fórmulas que protegessem a propriedade e ao mesmo tempo garantissem “o espírito e a forma do governo popular”.

Harmonizando ricos e não proprietários. O problema central enfrentado pelos constituintes era harmonizar a seguinte questão: como evitar que a vontade da maioria dos não proprietários (e portanto a maioria da população) pudesse afetar os interesses da minoria de ricos sem que o problema geral da legitimidade fosse seriamente abalado? A tentativa de responder ao desafio aparentemente insolúvel de equilibrar os interesses dos pobres e dos ricos dentro do mesmo corpo político republicano, formado por estados de peso e tamanho desiguais, é que revelou o engenho dos principais cabeças da constituinte. O enorme tirocínio deles revelou-se em fazer com que os pobres ou não proprietários, que perfazem a maioria da população, não despojem os ricos e, ao mesmo tempo, se mantivessem fiéis ao processo eleitoral. Para James Madison só há um caminho que era o de “dificultar a fusão da maioria num número amplo de interesses e equilibrar uns com os outros”. Isto é, estabelecer uma confusão permanente no campo dos pobres e dos não proprietários, evitando que eles conseguissem formar uma frente única que ameaçasse o monopólio do poder dos ricos. O mecanismo legal adequado para isso era pela aprovação de uma Constituição da União, sendo que a “opinião pública” seria refinada e ampliada “por meio de um corpo seletivo de

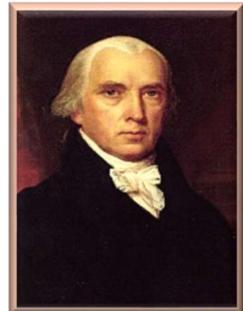
cidadãos”, exigindo-se dos representantes do povo uma série de pré-requisitos (entre os quais serem proprietários), para que deste modo se impeça a eleição de um autêntico líder da plebe.

Tamanho e confusão. A dimensão que a União deveria ter devia-se a outras razões: quanto mais Estados fizerem parte dela maiores serão os interesses e menores as possibilidades de coesão entre eles. Nas palavras do próprio Madison, “Estenda-se o círculo e ele tomará uma maior variedade de partidos e interesses, tornando menos provável que uma maioria encontre motivos comuns para invadir os direitos dos outros cidadãos; e mesmo existindo motivos comuns, será mais difícil para todos os que senteis descobrir sua força e atuar em conjunto uns com os outros”. E de uma maneira mais simplificadora afirmou: “na extensão apropriada da estrutura da União federal, encontramos remédio republicano para os males frequentes do governo republicano”. Quer dizer, ao se encontrarem artifícios para agregar mais e mais interesses na formação da União (quanto mais estados, mais senadores e, portanto, gente confiável e rica) neutralizam-se os “males” da República (a vontade da maioria dos não proprietários).

Como, porém, evitar a vontade manifesta da maioria? A resposta é aparentemente muito simples. Fazer com que a base mesma do poder – as instituições republicanas – se encontre dispersa não apenas em estruturas distintas (Poder Executivo, Legislativo e Judiciário), mas que igualmente passem por um processo de eleição diferenciada e com ritmos alternados entre si (as eleições são marcadas em períodos diferentes para o executivo e para o legislativo).

James Madison (1751-1836), ‘pai da Constituição’

Câmara, senado e corte suprema.
Não se podendo evitar o desejo



incontrolável da maioria do povo de querer participar e votar, acolhe-se o sufrágio direto, sim, mas somente para a escolha da Câmara dos Representantes. Já o Senado, instituição conservadora por excelência, seria escolhido por gente de confiança, por meio do voto qualificado (somente dos proprietários de terras e dos grandes comerciantes e financistas) estabelecido pelas legislaturas locais. A cabeça da República — a Presidência — também estará longe da vontade direta da maioria, visto que será protegida por um Colégio Eleitoral (composto pelos eleitores escolhidos indiretamente nas legislaturas estaduais). Finalmente chegamos ao Poder Judiciário, cujo processo de escolha e função Beard considera como “a mais original contribuição à ciência política feita pelo governo norte-americano”. Os “Pais Fundadores” instituíram uma Corte Suprema de caráter vitalício, escolhida pelo Presidente da República conjuntamente com o Senado, com a função de preservar a Constituição, isto é, evitar que a vontade da maioria pudesse de alguma forma, algum dia, vir a furar as barreiras da necessidade de se obter os 2/3 dos votos no Congresso e fazer aprovar uma lei que desgostasse os interesses dos ricos.

A Câmara Suprema da Justiça era naturalmente composta por juízes selecionados a dedo para evitar “burlas à Constituição”. Desta forma estava armado o mais perfeito edifício de arquitetura política dos tempos contemporâneos.

Charles Beard, crítico das instituições (1874-1948)

As eleições, ao ser não só marcadas em datas diferenciadas mas de distintas origens e procedimentos, evitam que “ocorra uma renovação total do governo de um só golpe” de tal maneira que “o mau humor do povo” ficaria impedido de fazer estragos por meio das eleições diretas. Evitava-se, assim, uma “revolução pelo voto” que atingisse substancialmente os interesses dos grandes proprietários. O



REFLEXÕES XXVI

povo vota, mas não consegue alterar um milímetro sequer o poder daqueles que realmente mandam na república. Esta situação foi que levou Alexis de Tocqueville, meio século depois da aprovação da Constituição americana, a comentar: “As instituições democráticas despertam e incentivam a paixão da igualdade sem jamais poder satisfazê-la inteiramente. Essa igualdade completa foge todos os dias das mãos do povo no momento em que acredita apoderar-se dela, e foge... Numa fuga eterna”. ●

Voltaire Schilling: historiador

Artigo publicado no site terra.com no dia 14 de fevereiro de 2017

Em defesa do romance

Mario Vargas Llosa



Incivilizado, bárbaro, órfão de sensibilidade e pobre de palavra, ignorante e grave, alheio à paixão e ao erotismo – um mundo sem literatura teria como traço principal o conformismo, a submissão dos seres humanos ao estabelecido. Seria um mundo animal.

Em um mundo iletrado, o amor e a fruição não seriam diferentes dos meros instintos elementares que satisfazem os animais:

copular e devorar

Muitas vezes me ocorre, nas feiras de livros ou nas livrarias, que um senhor se aproxime de mim com um livro meu nas mãos e me peça para autografá-lo, especificando: é para a minha mulher, ou minha filha, ou minha irmã, ou minha mãe; ela, ou elas, são grandes leitoras e são apaixonadas por literatura. E eu lhe pergunto, de imediato: “E o senhor? Não gosta de ler?”

A resposta chega pontual, quase sempre: “Bem, sim, é claro que gosto, mas sou uma pessoa muito ocupada, sabe como é.” Sim, sei muito bem, porque ouvi essa explicação dezenas de vezes: esse senhor, esses milhares de senhores iguais a ele têm tantas coisas importantes, tantas obrigações e responsabilidades na vida, que não podem desperdiçar seu tempo precioso passando horas e horas imersos num romance, num livro de poemas ou num ensaio literário. Segundo essa concepção, a literatura é uma atividade da qual se pode prescindir, um entretenimento elevado e útil para cultivar a sensibilidade e as boas maneiras, um ornamento que se podem permitir os que dispõem de tempo livre para a recreação, e que seria necessário computar na categoria dos

esportes, do cinema, do bridge ou do xadrez, mas que pode ser sacrificado sem escrúpulos no momento de estabelecer uma escala de prioridades nos afazeres e compromissos indispensáveis da luta pela vida.

É verdade que a literatura acabou por se tornar, cada vez mais, uma atividade feminina: nas livrarias, nas conferências ou nas *readings* dos escritores e, naturalmente, nos departamentos e nas faculdades em que se estuda literatura, as saias ganham de goleada das calças. A explicação é que, na classe média, as mulheres leem mais porque trabalham menos horas que os homens, e que muitas delas tendem a se considerar mais justificadas do que os homens no tempo que dedicam à fantasia e à ilusão. Como sou um tanto alérgico a essas explicações, que dividem homens e mulheres em categorias estanques com virtudes e fraquezas coletivas, não partilho dessas interpretações; mas num aspecto não resta dúvida: há cada vez menos leitores de literatura – há muitos leitores, mas de lixo impresso – e, entre eles, as mulheres prevalecem.

Uma pesquisa organizada recentemente pela Sociedade Geral de Autores Espanhóis forneceu um dado alarmante: metade dos habitantes daquele país jamais leu um livro. A pesquisa revelou também que, na minoria leitora, o número de mulheres que declaram ler é superior em 6,2% ao dos homens. Muito me alegro pelas mulheres, é claro, mas me preocupo pelos homens, e pelos milhões de seres humanos que, podendo ler, renunciaram a fazer isso. Não só porque desconhecem o prazer que perdem, mas porque estou convencido de que uma sociedade sem romances, ou na qual a literatura foi relegada, como certos vícios inconfessáveis, às margens da vida social e convertida mais ou menos num culto sectário, essa sociedade está condenada a se barbarizar no plano espiritual e a pôr em risco a própria liberdade.

Vivemos numa época de especialização do conhecimento, causada pelo prodigioso desenvolvimento da ciência e da técnica, e da sua fragmentação em inumeráveis afluentes e

compartimentos estanques. A especialização permite aprofundar a exploração e a experimentação, e é o motor do progresso; mas determina também, como consequência negativa, as eliminações daqueles denominadores comuns da cultura, graças aos quais os homens e as mulheres podem coexistir, comunicar-se e se sentir de algum modo solidários.

A especialização leva à incomunicabilidade social, à fragmentação do conjunto de seres humanos em guetos culturais de técnicos e especialistas, aos quais a linguagem, alguns códigos e a informação progressivamente setorizada relegam naquele particularismo contra o qual nos alertava o antiquíssimo adágio: não é necessário se concentrar tanto no ramo nem na folha, a ponto de esquecer que eles fazem parte de uma árvore, e esta de um bosque. O sentido de pertencimento, que conserva unido o corpo social e o impede de se desintegrar em uma miríade de particularismos solipsistas (**Solipsismo** = vida ou conjunto dos hábitos de um indivíduo solitário), depende, em boa medida, de que se tenha uma consciência precisa da existência do bosque. E o solipsismo – de povos ou indivíduos – gera paranoias e delírios, as deformações da realidade que sempre dão origem ao ódio, às guerras e aos genocídios. A ciência e a técnica não podem mais cumprir aquela função cultural integradora em nosso tempo, precisamente pela infinita riqueza de conhecimentos e da rapidez de sua evolução que levou à especialização e ao uso de vocabulários herméticos.

A literatura, ao contrário, diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças a qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhes determinam o horizonte. Nós, leitores de Cervantes ou de Shakespeare, de Dante ou de Tolstoi, nos sentimos membros da mesma espécie porque, nas obras que eles criaram, aprendemos aquilo que partilhamos

como seres humanos, o que permanece em todos nós além do amplo leque de diferenças que nos separam. E nada defende melhor os seres vivos contra a estupidez dos preconceitos, do racismo, da xenofobia, das obtusidades localistas, do sectarismo religioso ou político, ou dos nacionalismos discriminatórios, do que a comprovação constante que sempre aparece na grande literatura: a igualdade essencial de homens e mulheres em todas as latitudes, e a injustiça representada pelo estabelecimento entre eles de formas de discriminação, sujeição ou exploração.

Nada, mais que bons romances, ensina a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do patrimônio humano, e a valorizá-las como uma manifestação de sua múltipla criatividade. Ler boa literatura é divertir-se, com certeza; mas também aprender, dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida por meio das obras de ficção, o que somos e como somos em nossa integridade humana, com os nossos atos, os nossos sonhos e os nossos fantasmas, a sós e na urdidura das relações que nos ligam aos outros, em nossa presença pública e no segredo de nossa consciência, essa soma extremamente complexa de verdades contraditórias – como as chamava Isaiah Berlin – de que é feita a condição humana.

Esse conhecimento totalizador e imediato do ser humano, hoje, se encontra apenas no romance. Nem mesmo os outros ramos das disciplinas humanistas – como a filosofia, a psicologia, a história ou as artes – puderam preservar essa visão integradora e um discurso acessível porque, por trás da pressão irresistível da cancerosa divisão e fragmentação do conhecimento, acabaram por sucumbir também às imposições da especialização, por isolar-se em territórios cada vez mais segmentados e técnicos, cujas ideias e linguagens estão fora do alcance da mulher e do homem comuns. Não é nem pode ser o caso da literatura, embora alguns críticos e teóricos se empenhem em transformá-la em uma ciência, porque a ficção não existe para investigar uma área determinada da experiência, mas para enriquecer de maneira imaginária a

vida, a de todos, a vida que não pode ser desmembrada, desarticulada, reduzida a esquemas ou fórmulas, sem que desapareça.

Por isso, Marcel Proust disse: “A verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, pois, plenamente vivida, é a literatura.” Não exagerava, guiado pelo amor a essa vocação que praticou com talento superlativo: simplesmente queria dizer que, graças à literatura, a vida se compreende e se vive melhor, e entendê-la e vivê-la melhor significa vivê-la e partilhá-la com os outros.

Borges se irritava quando lhe perguntavam: “Para que serve a literatura?” Parecia-lhe uma pergunta idiota, e ele respondia: “A ninguém ocorreria perguntar-se sobre qual é a utilidade do canto de um canário ou das cores do céu no crepúsculo!”; com efeito, se essas coisas belas estão ali e graças a elas a vida, ainda que por um instante, é menos feia e menos triste, não é mesquinho procurar justificativas práticas?

À diferença do gorjeio dos pássaros ou do espetáculo do sol fundindo-se no horizonte, um poema, um romance não está pura e simplesmente ali, fabricado por acaso ou pela natureza. É uma criação humana, e é lícito perguntar como e por que nasceram, e o que deram à humanidade para que a literatura, cujas origens remotas se confundem com as da escrita, tenha durado tanto tempo. Nasceram como fantasmas incertos, no íntimo de uma consciência, projetados a ela pelas forças conjugadas do inconsciente, de uma sensibilidade e de algumas emoções, a que, numa luta às vezes implacável com as palavras, o poeta, o narrador, deu forma, corpo, movimento, ritmo, harmonia, vida. Uma vida artificial, feita com a linguagem e a fantasia, que coexiste com a outra, a real, desde tempos imemoriais, e à qual acorrem homens e mulheres porque a vida que têm não lhes basta, não é capaz de oferecer tudo aquilo que gostariam de ter. O romance não começa a existir quando nasce, por obra de um indivíduo; só existe realmente quando é adotado pelos outros e passa a fazer parte da vida social, quando se torna, graças à leitura,

experiência partilhada.

Um dos primeiros efeitos benéficos se verifica no plano da linguagem. Uma comunidade sem literatura escrita se exprime com menos precisão, riqueza de nuances e clareza do que outra cujo instrumento principal de comunicação, a palavra, foi cultivado e aperfeiçoado graças aos textos literários. Uma humanidade sem romances, não contaminada pela literatura, se pareceria com uma comunidade de tartamudos e afásicos, atormentada por problemas terríveis de comunicação causados por uma linguagem ordinária e rudimentar.

Isso vale também para os indivíduos, obviamente. Uma pessoa que não lê, ou que lê pouco, ou que lê apenas porcarrias, pode falar muito, mas dirá sempre poucas coisas, porque para se exprimir dispõe de um repertório reduzido e inadequado de vocábulos. Não se trata apenas de um limite verbal; é, a um só tempo, um limite intelectual e de horizonte imaginário, uma indigência de pensamentos e de conhecimentos, porque as ideias, os conceitos, mediante os quais nos apropriamos da realidade e dos segredos da nossa condição, não existem dissociados das palavras, por meio das quais as reconhece e define a consciência. Aprende-se a falar com precisão, com profundidade, com rigor e agudeza, graças à boa literatura, e apenas graças a ela.

Nenhuma outra disciplina, nenhum outro ramo das artes, pode substituir a literatura na formação da linguagem com que as pessoas se comunicam. Os conhecimentos que nos transmitem os manuais científicos e os tratados técnicos são fundamentais; mas eles não nos ensinam a dominar as palavras nem a exprimi-las com propriedade: pelo contrário, amiúde são mal escritos e revelam certa confusão linguística porque os autores, às vezes eminências indiscutíveis em sua profissão, são literariamente incultos e não sabem se servir da linguagem para comunicar os tesouros conceituais de que são detentores. Falar bem, dispor de uma linguagem rica e variada, encontrar a expressão adequada para cada ideia ou emoção que se queira comunicar, significa estar mais

preparado para pensar, ensinar, aprender, dialogar e, também, para fantasiar, sonhar, sentir e emocionar-se.

De uma maneira sub-reptícia, as palavras reverberam em todas as ações da vida, até mesmo nas que parecem muito distantes da linguagem. Isso, na medida em que, graças à literatura, evoluiu até níveis elevados de refinamento e de sutileza nas nuances, elevou as possibilidades da fruição humana, e, com relação ao amor, sublimou os desejos e alçou à categoria de criação artística o ato sexual. Sem a literatura não existiria o erotismo. O amor e o prazer seriam mais pobres, privados de delicadeza e de distinção, da intensidade a que chegam todos aqueles que se educaram e estimularam com a sensibilidade e as fantasias literárias. Não é exagero afirmar que um casal que haja lido Garcilaso, Petrarca, Góngora e Baudelaire ama e usufrui mais do que outro, de analfabetos semi-idiotizados pelas séries de televisão. Em um mundo iletrado, o amor e a fruição não poderiam ser diferenciados daqueles que satisfazem os animais, não iriam além da mera satisfação dos instintos elementares: copular e devorar.

Os meios audiovisuais não estão em condições de substituir a literatura na função de ensinar o ser humano a usar com segurança, e talento, as riquíssimas possibilidades que a língua encerra. Esses meios tendem a relegar as palavras a um segundo plano em relação às imagens, que são a sua linguagem essencial, e a reduzir a língua à sua expressão oral, ao mínimo indispensável, o mais distante possível de sua vertente escrita que, na tela e nos alto-falantes, resulta sempre soporífera (**Soporífero** = que ou o que é enfadonho, cansativo, maçante). Dizer de um filme ou de um programa que ele é “literário” é um modo educado de chamá-lo de chato.

Isso me leva a pensar, também, embora sobre essa questão eu deva admitir que nutro certas dúvidas, que não só a literatura é indispensável para o conhecimento correto e para o domínio da língua, mas que o destino dos romances está ligado, em um matrimônio indissolúvel, ao do livro, produto industrial que

muitos declaram já obsoleto.

Um deles é um senhor importante e a quem a humanidade deve muito no campo das comunicações, isto é, Bill Gates, o fundador da Microsoft. O senhor Gates estava em Madri, há pouco tempo, e visitou a Real Academia Espanhola, com a qual a Microsoft lançou as bases daquilo que, assim se espera, será uma fecunda colaboração. Entre outras coisas, Bill Gates assegurou aos acadêmicos que se ocupará pessoalmente de que a letra “ñ” nunca seja retirada dos computadores, promessa que, é óbvio, arrancou de nós um suspiro de alívio, de nós, 400 milhões de *hispanohablantes* dos cinco continentes, para os quais a mutilação daquela letra essencial no *ciberespaço* teria criado problemas babélicos.

Pois bem, imediatamente depois dessa concessão amável à língua espanhola e, assim entendendo, sem ter sequer deixado a Real Academia, Bill Gates declarou que espera não morrer sem ter realizado o seu maior projeto. É qual seria ele? Acabar com o papel, e, pois, com os livros, mercadoria que, a seu entender, já é de um anacronismo contumaz. O senhor Gates explicou que as telas dos computadores estão em condições de substituir com êxito o papel em todas as funções e que, além de isso custar menos, de ocupar menos espaço e de ser mais fácil de transportar, as informações e a literatura por meio da tela terão a vantagem ecológica de pôr fim à devastação dos bosques, cataclismo que, pelo visto, é consequência da indústria de papel. As pessoas continuam a ler, explicou ele, mas nas telas, e, desse modo, haverá mais clorofila no meio ambiente.

Eu não estava presente – tomei conhecimento desses detalhes pela imprensa –, mas, se houvesse estado lá, teria interrompido rumorosamente o senhor Bill Gates para contestar, sem o menor constrangimento, a sua intenção de nos aposentar a mim e a tantos colegas meus, a nós, pobres escritores de livros. Pode o monitor substituir o livro em todos os casos, como afirma o criador da Microsoft? Não estou seguro disso. Digo isso sem negar, de modo algum, a

revolução que no campo das comunicações e da informação representou o desenvolvimento das novas técnicas, como a internet, que todo dia me presta uma ajuda inestimável em meu trabalho; mas daí a admitir que a tela eletrônica possa substituir o papel no que concerne às leituras literárias há uma lacuna que não consigo preencher. Simplesmente não sou capaz de aceitar a ideia de que a leitura não funcional nem prática, a que não busca uma informação nem uma comunicação de utilidade imediata, possa conviver na tela de um computador com o sonho e com a fruição da palavra, gerando a mesma sensação de intimidade, a mesma concentração e o mesmo isolamento espiritual do livro.

Talvez seja um preconceito, resultante da falta de prática, da já longa identificação na minha experiência da literatura com os livros de papel, mas, se bem que navegue com muito prazer na internet em busca de notícias do mundo, não me ocorreria servir-me dela para ler os poemas de Góngora, um romance de Onetti ou de Calvino, nem um ensaio de Octavio Paz, porque sei muito bem que o efeito dessa leitura jamais seria o mesmo.

A literatura não diz nada aos seres humanos satisfeitos com seu destino, de todo contentes com o modo como vivem a vida. A literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade, um refúgio para quem tem muito ou muito pouco na vida, onde é possível não ser infeliz, não se sentir incompleto, não ser frustrado nas próprias aspirações. Cavalgar junto ao esquelético Rocinante e a seu desregrado cavaleiro pelas terras da Mancha, percorrer os mares em busca da baleia branca com o capitão Ahab, tomar o arsênico com Emma Bovary ou transformar-se em inseto com Gregor Samsa é um modo astuto que inventamos para nos mitigar pelas ofensas e imposições desta vida injusta que nos obriga a sermos sempre os mesmos, enquanto gostaríamos de ser muitos, tantos quantos fossem necessários para satisfazer os desejos incandescentes de que somos possuídos.

Só momentaneamente é que o romance aplaca essa insatisfação vital, mas, nesse intervalo milagroso, nessa

suspensão temporária da vida em que a ilusão literária nos imerge – que parece nos arrancar da cronologia e da história e nos converter em cidadãos de uma pátria sem tempo, imortal – somos outros. Mais intensos, mais ricos, mais complexos, mais felizes, mais lúcidos do que na rotina forçada da nossa vida real. Quando, fechado o livro, posta de parte a ficção, voltamos àquela e a comparamos com o território resplandecente que mal acabamos de deixar, espera-nos uma grande decepção. Isto é, esta grande confirmação: que a vida sonhada do romance é melhor – mais bela e variada, mais compreensível e perfeita – do que a que vivemos quando estamos despertos, uma vida tolhida nos limites e na servidão a nossa condição.

Nesse sentido, a boa literatura é sempre – ainda que não proponha isso nem se dê conta disso – sediciosa, insubmissa, em revolta: um desafio ao que existe. A literatura nos permite viver em um mundo cujas leis transgridem as leis inflexíveis em meio às quais transcorre a nossa vida real, emancipados da prisão do espaço e do tempo, na impunidade para o excesso e donos de uma soberania que não conhece limites. Como não nos sentirmos defraudados depois de termos lido *Guerra e Paz* ou *Em Busca do Tempo Perdido*, ao nos voltarmos a este mundo de mesquinharias infinitas, de fronteiras e proibições que estão à espreita e que em toda parte, a cada passo, perturbam nossas ilusões? Esta é, talvez, ainda mais do que conservar a continuidade da cultura e enriquecer a linguagem, a melhor contribuição da literatura ao progresso humano: recordar-nos (involuntariamente, na maior parte dos casos) de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário – por exemplo, os poderes que o governam –, e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar.

Entenda-se bem: chamar de sediciosa (**Sedicioso** = que não segue regras; indisciplinado) uma literatura porque as belas obras de ficção desenvolvem nos leitores uma consciência alerta em

face das imperfeições do mundo real não significa, como creem as igrejas e os governos que se fiam da censura para atenuar ou anular sua carga subversiva, que os textos literários provoquem diretamente comoções sociais ou acelerem as revoluções. Os efeitos sociopolíticos de um poema, de um drama ou de um romance não podem ser verificados porque não se mostram quase nunca de maneira coletiva, mas individual, e isso significa que variam enormemente de uma pessoa para outra. Por isso é difícil, para não dizer impossível, estabelecer normas precisas. Por outro lado, muitas vezes esses efeitos, quando resultam evidentes no âmbito coletivo, podem ter pouco a ver com a qualidade estética do texto que os produz. Por exemplo, um romance medíocre, *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, parece ter desempenhado um papel importantíssimo na tomada de consciência social, nos Estados Unidos, dos horrores da escravidão; o fato de que esses efeitos sejam difíceis de identificar não significa que eles não existam, mas que se manifestam, de maneira indireta e múltipla, por meio dos comportamentos e ações dos cidadãos cuja personalidade os romances contribuíram para moldar.

A boa literatura, enquanto aplaca momentaneamente a insatisfação humana, incrementa-a e, fazendo que se desenvolva uma sensibilidade inconformista em relação à vida, torna os seres humanos mais aptos para a infelicidade. Viver insatisfeito, em luta contra a existência, significa empenhar-se, como dom Quixote, bater-se contra os moinhos de vento, condenar-se, de certa forma, a viver as batalhas travadas pelo coronel Aureliano Buendía, em *Cem Anos de Solidão*, sabendo que as perderia todas. Isso é provavelmente verdadeiro; mas também é verdadeiro que, sem a revolta contra a mediocridade e a sordidez da vida, nós, seres humanos, ainda viveríamos em condições primitivas, a história teria acabado, não teria nascido o indivíduo, a ciência e a tecnologia não se teriam desenvolvido, os direitos humanos não teriam sido reconhecidos, a liberdade não existiria, porque tudo isso nasceu de atos de insubmissão

contra uma vida percebida como insuficiente e intolerável.

Tentemos traçar uma reconstrução histórica fantástica, imaginando um mundo sem literatura, uma humanidade que não haja lido romances. Nessa civilização ágrafa, com um léxico liliputiano (**Liliputiano** = extremamente pequeno), em que talvez os grunhidos e a gesticulação simiesca prevalecessem sobre as palavras, não existiriam certos adjetivos formados a partir das criações literárias: quixotesco, kafkiano, pantagruélico, rocambolesco, orwelliano, sádico e masoquista, entre muitos outros. Haveria loucos, vítimas de paranoias e delírios de perseguição, e pessoas de apetite descomunal e de excessos desmedidos, e bípedes que gozariam recebendo ou infligindo a dor, com certeza; mas não teríamos aprendido a ver por trás desses comportamentos extremados, em contraste com a pretensa normalidade, aspectos essenciais da condição humana, vale dizer, de nós mesmos, algo que só o talento criador de Cervantes, de Kafka, de Rabelais, de Sade ou de Sacher-Masoch nos revelou.

Quando veio a lume o *Dom Quixote*, os primeiros leitores riam daquele homem iludido e extravagante, da mesma forma como riam as outras personagens do romance. Agora sabemos que o empenho do Cavaleiro da Triste Figura em ver gigantes em vez de moinhos de vento e em cometer todos os desatinos que comete é a forma mais elevada de generosidade, um modo de protestar contra as misérias deste mundo e de procurar mudá-lo. Os próprios conceitos de ideal e de idealismo, tão impregnados de uma validade moral positiva, não seriam o que são – ou seja, valores claros e respeitáveis – se não tivessem encarnado naquela personagem de romance com a força persuasiva que lhe conferiu o gênio de Cervantes. E o mesmo se poderia dizer desse pequeno dom Quixote pragmático e de saias que foi *Emma Bovary* – o bovarismo não existiria, está claro –, que por sua vez se bateu com ardor para viver essa vida resplendente de paixões e de luxo que ela conhecera nos romances, e se queimou nesse fogo como a mariposa que se aproxima demais da chama.

Como as de Cervantes e Flaubert, as invenções dos grandes criadores literários, ao mesmo tempo em que nos arrancam de nossa prisão realista, conduzem e guiam pelos mundos da fantasia, abrem-nos os olhos sobre aspectos desconhecidos e secretos da nossa condição, e nos dão os instrumentos para explorar e entender mais os abismos do que é humano. Dizer “borgeano” significa destacar-se da realidade racional costumeira e penetrar numa fantástica, rigorosa e elegante construção mental, quase sempre labiríntica, impregnada de referências e alusões livrescas, cuja singularidade não nos é, todavia, estranha, porque nela reconhecemos desejos recônditos e verdades íntimas do nosso ser que só graças às criações literárias de um Jorge Luis Borges puderam tomar forma. O adjetivo “kafkiano” nos vem à mente de maneira natural, como o *flash* de uma daquelas velhas máquinas fotográficas de fole, toda vez que nos sentimos ameaçados, como indivíduos inermes, por esses mecanismos opressores e destrutivos que tanta dor, tantos abusos e injustiças causaram no mundo moderno: os regimes autoritários, os partidos verticais, as igrejas intolerantes, as burocracias asfixiantes. Sem os contos e romances daquele atormentado judeu de Praga que escrevia em alemão e que viveu sempre à espreita, não teríamos sido capazes de compreender o sentido de fragilidade e impotência do indivíduo isolado ou das minorias discriminadas e perseguidas, ante as forças onipotentes que podem pulverizá-los.

O adjetivo “orwelliano”, primo em primeiro grau de “kafkiano”, refere-se à angústia opressiva e à sensação de absurdo extremo que geraram as ditaduras totalitárias do século XX, as mais refinadas, cruéis e absolutas da história, em seu controle dos atos, da psique e até dos sonhos dos membros de uma sociedade. Nos seus romances mais célebres, *A Revolução dos Bichos* e *1984*, George Orwell descreveu, com acentos gélidos e de pesadelo, uma humanidade submetida ao controle do Grande Irmão, um senhor absoluto que, por meio de uma combinação eficaz de terror e tecnologia moderna, eliminou a liberdade, a

espontaneidade e a igualdade – nesse mundo alguns são “mais iguais do que os outros” – e transformou a sociedade em uma colmeia de seres humanos autômatos, programados como os robôs. Não apenas as condutas obedecem aos desígnios do poder, mas também a língua, o *newspeak*, foi depurada de toda conotação individualista, de toda invenção ou matiz subjetivo, transformando-se numa enfiada de lugares-comuns e clichês impessoais, o que aumenta a servidão dos indivíduos ao sistema. É verdade que a profecia sinistra de 1984 não se materializou e que, como ocorreu com os totalitarismos fascista e nazista, o comunismo totalitário desapareceu na União Soviética e depois começou a se deteriorar na China e naqueles anacronismos que são ainda Cuba e a Coreia do Norte; mas a palavra “orwelliano” permanece como lembrança de uma das experiências político-sociais mais devastadoras vividas pela civilização, e que os romances e ensaios de George Orwell nos ajudaram a compreender nos seus mecanismos mais recônditos.

Por vezes, a imagem que se delinea no espelho que os romances e os poemas nos oferecem de nós mesmos é a imagem de um monstro. Ocorre quando lemos as horripilantes carnificinas sexuais fantasiadas pelo Divino Marquês, ou as tétricas dilacerações e sacrifícios que povoam os livros malditos de um Sacher-Masoch ou de um Bataille. E, todavia, o pior dessas páginas não são o sangue nem a humilhação, tampouco as torturas abjetas nem a sanha que as tornam febris; é a descoberta de que essa violência e os abusos não nos são estranhos, estão repletos de humanidade, de que esses monstros ávidos de transgressão e excesso estão entocados no mais fundo de nosso ser e que, das sombras onde estão ocultos, aguardam uma ocasião favorável para se manifestar, para impor a lei dos seus desejos, que acabaria com a racionalidade, com a convivência e talvez com a própria existência. Não a ciência, mas a literatura foi a primeira a examinar os abismos do fenômeno humano e a descobrir o apavorante potencial destrutivo e autodestrutivo que também o conforma. Portanto, um mundo sem romances seria

REFLEXÕES XXVI

parcialmente cego em face desses abismos terríveis onde com frequência jazem as motivações das condutas e comportamentos inusitados, e por isso mesmo tão injusto contra o que é diferente, como aquele que, em um passado não muito remoto, acreditava que canhotos, aleijados e gogos estivessem possuídos pelo demônio. Esse mundo talvez continuasse a praticar, como até há pouco tempo algumas tribos amazônicas, o perfeccionismo atroz de afogar nos rios os recém-nascidos com defeitos físicos.

Incivilizado, bárbaro, órfão de sensibilidade e pobre de palavra, ignorante e grave, alheio à paixão e ao erotismo, o mundo sem romances, esse pesadelo que procuro delinear, teria como traço principal o conformismo, a submissão dos seres humanos ao estabelecido. Seria um mundo animal. Os instintos básicos decidiriam a rotina de uma vida oprimida pela luta pela sobrevivência, pelo medo do desconhecido, pela satisfação das necessidades físicas, em que não haveria espaço para o espírito e a que, à monotonia sufocante da vida, acompanharia o pessimismo, a sensação de que a vida humana sempre será assim, e que nada nem ninguém poderá mudar o estado das coisas.

Quando se imagina um mundo assim, há a tendência a identificá-lo de imediato com o primitivo, com o trapo cobrindo os órgãos genitais, com as pequenas comunidades mágico-religiosas que vivem à margem da modernidade na América Latina, na Oceania e na África. A verdade é que o formidável desenvolvimento dos meios audiovisuais em nossa época – os quais, por um lado, revolucionaram as comunicações tornando todos os homens e mulheres do planeta partícipes da atualidade e, por outro, monopolizaram cada vez mais o tempo que os seres vivos dedicam ao ócio e à diversão em vez de à leitura – permite imaginar, como possível cenário histórico do futuro, uma sociedade moderníssima, repleta de computadores, telas e alto-falantes, e sem livros, ou mais precisamente, onde os livros – a literatura – se tornaram semelhantes à alquimia na era da

física: uma curiosidade anacrônica, praticada nas catacumbas da civilização mediática por minorias neuróticas. Esse mundo cibernético, receio muito, apesar de sua prosperidade e poderio, de seus elevados níveis de vida e de suas façanhas científicas, seria profundamente incivilizado, letárgico, privado de espírito, uma humanidade resignada de robôs que abdicaram da liberdade.

É mais do que improvável que essa perspectiva sombria chegue a se concretizar. A história não está escrita, não há um destino preestabelecido que tenha decidido por nós o que seremos. Depende totalmente da nossa visão e da nossa vontade que aquela utopia macabra se realize ou se oculte. Se queremos evitar que com os romances desapareça, ou permaneça apartada no desvão das coisas inúteis, essa fonte que estimula a imaginação e a insatisfação, que nos aguça a sensibilidade e nos ensina a falar com força expressiva e rigor, e nos torna mais livres e nossas vidas mais ricas e intensas, é necessário agir. Há que ler os bons livros e incitar a ler, e ensinar a fazer isso a quantos venham depois de nós – nas famílias e nas aulas, nos meios de comunicação de massa e em todos os setores da vida comum – como uma ocupação imprescindível, pois que é a que imprime a sua marca em todos os demais, e os enriquece. ●

Mario Vargas Llosa: romancista, ensaísta e crítico literário peruano, publicou *Travessuras da Menina Má*, pela Alfaguara.

Artigo publicado na *Revista PIAUÍ*, edição 37, outubro de 2009

A consciência da morte

Julian Barnes



O desenvolvimento da personalidade, os relacionamentos que ajudam a nos definir, o emprego que dá status, os bens materiais, as férias no estrangeiro, a poupança, a acumulação de façanhas sexuais, as visitas à academia, o consumo de cultura. Tudo isto resulta em felicidade, não é? Este é o mito que escolhemos, e é quase tão ilusório quanto o que insistia em realização e êxtase quando a última trombeta soasse e os túmulos se abrissem, quando as almas curadas e

perfeitas se juntassem à comunidade de santos e anjos

A arte é só um começo, só uma metáfora. Philip Larkin, visitando uma igreja vazia, imagina o que irá acontecer quando “as igrejas caírem totalmente em desuso”. Devemos “manter algumas catedrais constantemente em exposição” (esse “constantemente” sempre provoca um fogo de inveja neste escritor), ou “Devemos evitá-las como lugares azarados”? Larkin conclui que nós ainda – sempre – seremos atraídos por estes locais abandonados, porque “alguém irá sempre surpreender / Um desejo dentro de si de ser mais autêntico”.

É isto o que está por trás da sensação de Falta? Deus está morto, e sem Ele os seres humanos podem, finalmente, deixar de ficar de joelhos e assumir toda a sua altura; entretanto, essa altura se mostra quase a de um anão. Emile Littré, lexicógrafo, ateu, materialista (e tradutor de Hipócrates), concluiu que “O Homem é um composto altamente instável, e a Terra um planeta decididamente inferior”. A religião costumava oferecer consolo para as dificuldades da vida, e recompensa, no fim, para os fiéis. Mas, acima e além destes agrados, ela dava à vida humana uma noção de contexto, e, portanto, de seriedade. Ela

fazia as pessoas se comportarem melhor? Às vezes sim; às vezes não; fiéis e infiéis têm sido igualmente criativos e maus em sua criminalidade. Mas ela era verdadeira? Não. Então por que sentir falta dela?

Porque ela era uma ficção sublime, e é normal a pessoa ficar triste ao fechar um grande romance. Na Idade Média, costumavam mandar animais a julgamento – gafanhotos que destruíam plantações, carunchos que destruíam as vigas das igrejas, porcos que jantavam bêbados caídos na sarjeta. Às vezes, o animal era levado ao tribunal, às vezes (como acontecia com insetos) era julgado necessariamente *in absentia*. Havia um julgamento completo, com promotoria, defesa e um juiz de toga, que podia ordenar uma variedade de punições – liberdade condicional, banimento, inclusive excomunhão. Às vezes até mesmo execução judicial: um porco podia ser enforcado por um funcionário do tribunal de luvas e capuz.

Tudo isso parece – agora, para nós – incrivelmente estúpido, uma expressão da incompreensível mente medieval. Entretanto, era perfeitamente racional e perfeitamente civilizado. O mundo foi feito por Deus, e, portanto, tudo o que acontecia nele ou era uma expressão do designio divino ou uma consequência do livre-arbítrio que Deus concedeu à Sua criação. Em alguns casos, Deus podia utilizar o reino animal para castigar Sua criação humana: por exemplo, mandando uma praga de gafanhotos, que o tribunal tinha, portanto, a obrigação legal de declarar inocentes. Mas e se um bêbado caía numa vala, tinha a metade do rosto comido por um porco e o ato não podia ser interpretado como ordenado por Deus? Era preciso encontrar outra explicação. Talvez o porco estivesse possuído pelo demônio, que o tribunal poderia expulsar. Ou talvez o porco, embora não tivesse livre-arbítrio, pudesse ser, mesmo assim, considerado responsável pelo que tinha acontecido.

Para nós, isto pode parecer mais uma prova da engenhosa bestialidade humana. Entretanto, há outra maneira de

interpretar: como uma elevação do *status* dos animais. Eles eram parte da criação de Deus e dos desígnios de Deus, não simplesmente colocados na terra para prazer e uso do Homem. As autoridades medievais levavam os animais a julgamento e avaliavam seriamente seus atos criminosos; nós colocamos animais em campos de concentração, os enchemos de hormônios, e os retalhamos de forma que eles nos façam lembrar o mínimo possível de algo que um dia grasnou ou baliu, ou mugiu. Qual dos mundos é o mais sério? Qual o mais avançado moralmente?

Adesivos de automóvel e ímãs de geladeira nos fazem lembrar que a Vida Não É um Ensaio. Encorajamos as pessoas a caminhar na direção do paraíso moderno da autorrealização: o desenvolvimento da personalidade, os relacionamentos que ajudam a nos definir, o emprego que dá *status*, os bens materiais, a posse de propriedades, as férias no estrangeiro, a poupança, a acumulação de façanhas sexuais, as visitas à academia, o consumo de cultura. Tudo isto resulta em felicidade, não é? Não é? Este é o mito que escolhemos, e quase tão ilusório quanto o mito que insistia em realização e êxtase quando a última trombeta soasse e os túmulos se abrissem, quando as almas curadas e perfeitas se juntassem à comunidade de santos e anjos.

Mas se a vida é vista como um ensaio, ou uma preparação ou uma antessala, ou seja lá qual for a metáfora que escolhermos, mas, de todo modo, como uma coisa contingente, uma coisa que depende de uma realidade maior que está em outro lugar, então ela se torna ao mesmo tempo menos valiosa e mais séria. Aquelas partes do mundo onde a religião desapareceu, e onde existe um entendimento geral de que este curto espaço de tempo é tudo o que temos, não são, de modo geral, lugares mais sérios do que aqueles onde cabeças ainda se inclinam ao soar o sino da catedral ou ao muezim no minarete. De forma geral, elas se rendem a um materialismo frenético; embora o engenhoso animal humano seja capaz de construir civilizações em que a religião coexiste com o materialismo frenético (em

que a primeira pode até ser uma consequência do segundo): vejam a América.

E daí, você poderia responder. Tudo o que importa é a verdade. Você preferiria curvar-se diante de uma besteira e perverter a sua vida ao capricho do clero, tudo em nome de uma suposta seriedade? Ou preferiria erguer-se em toda a sua estatura anã e realizar todos os seus desejos triviais em nome da verdade e da liberdade? Ou esta é uma oposição falsa?

Meu amigo J. se lembra da obra que ouvimos naquele concerto alguns meses atrás: uma Missa de Haydn. Quando faço menção à conversa que tivemos depois, ele sorri como um gnomo. Então é a minha vez de perguntar: “Quantas vezes você pensou no nosso Senhor Ressuscitado durante aquela peça?” “Penso nele constantemente”, J. responde. Como não posso saber se ele está sendo totalmente sério ou totalmente superficial, faço uma pergunta que não me lembro de ter feito a nenhum amigo adulto antes. “Você é – até que ponto você é – religioso?” É melhor esclarecer isto depois de conhecê-lo há trinta anos. Uma risada abafada: “Sou irreligioso.” Aí ele corrige a si mesmo: “Não, sou muito irreligioso.”

Montaigne observou que “a base principal da religião é o desprezo pela vida”. Ter este mundo alugado em baixa conta era uma coisa lógica, na realidade essencial, para um cristão: um apego excessivo à terra – quanto mais um desejo por alguma forma de imortalidade terrestre – teria sido uma impertinência com Deus. O mais próximo equivalente inglês de Montaigne, Sir Thomas Browne, escreveu: “Um pagão poderia ter motivos para amar a vida, mas, se um cristão se espantasse (quer dizer, se apavorasse) com a morte, não sei como ele poderia escapar deste dilema – que ele é sensível demais em relação a esta vida, ou que não tem esperança na próxima.” Portanto, Browne admira qualquer pessoa que despreze a morte: “Não posso ter em alta conta ninguém que tenha medo dela: isto me faz amar naturalmente um soldado, e honrar aqueles regimentos esfarrapados que estão prontos a morrer a uma ordem do sargento.”

Browne também escreve que “é um sintoma de melancolia ter medo da morte, mas, às vezes, desejá-la”. Larkin de novo, um melancólico definindo perfeitamente o medo da morte: “Não estar aqui,/ Não estar em lugar nenhum,/ E logo; nada mais terrível, nada mais verdadeiro.” E em outro momento, como confirmando o que disse Browne: “Por trás de tudo isso, está o desejo do esquecimento.” Esta frase me espantou quando a li pela primeira vez. Sou, sem dúvida, uma pessoa melancólica, e às vezes acho a vida uma forma valorizada demais de passar o tempo; mas nunca desejei não ser mais eu mesmo, nunca desejei o esquecimento. Não estou convencido da inutilidade da vida a ponto de não ter meu interesse despertado por um novo romance ou um novo amigo (por um velho romance ou um velho amigo), ou um jogo de futebol na televisão (ou mesmo a repetição de um velho jogo). Sou o cristão insatisfatório de Browne – “sensível demais em relação a esta vida, ou que não tem esperança na próxima” –, só que não sou cristão.

Talvez a divisão importante não seja entre religiosos e irreligiosos, mas entre aqueles que temem a morte e aqueles que não temem. Caímos, portanto, em quatro categorias, e fica bem claro quais são as duas que se consideram superiores: os que não temem a morte porque têm fé, e aqueles que não temem a morte apesar de não terem fé. Estes grupos estão no plano mais alto da moral. Em terceiro lugar, vêm aqueles que, apesar de terem fé, não conseguem se livrar do medo antigo, visceral, racional. E finalmente, fora do quadro de medalhas, abaixo da média, mergulhados na lama, vêm aqueles que temem a morte e não têm fé.

Tenho certeza de que meu pai temia a morte, e tenho quase certeza de que minha mãe não temia: ela temia mais a incapacidade e a dependência. E se meu pai era um agnóstico que temia a morte e minha mãe uma atea destemida, esta diferença foi replicada em seus dois filhos. Meu irmão e eu temos mais de 60 anos, e acabei de perguntar a ele o que pensa da morte. Quando ele respondeu “Estou satisfeito com

as coisas como elas são”, ele quis dizer que está satisfeito com a própria extinção? E sua imersão na filosofia o reconciliou com a brevidade da vida e com o fim inevitável da dele, digamos, dentro dos próximos trinta anos?

“Trinta anos é muita generosidade”, ele responde (bem, eu tinha exagerado tanto para o meu consolo quanto para o dele). “Espero estar morto nos próximos quinze. Estou reconciliado com este fato? Estou reconciliado com o fato de que a esplêndida bétula que vejo da minha janela irá apodrecer e morrer nos próximos cinquenta anos? Não sei se reconciliação é o *mot juste*: sei que isto vai acontecer e que não há nada que eu possa fazer a respeito. Não estou exatamente satisfeito com isto, mas também não estou preocupado – e não imagino nada que pudesse ser mais bem-vindo (com certeza, não uma eterna semivida na companhia de santos – o que poderia ser menos atraente?).”

Com que rapidez ele e eu – filhos da mesma carne, produtos da mesma escola e universidade – nos separamos. E embora o modo como o meu irmão discute a mortalidade seja (em ambos os sentidos) filosófico, embora ele mantenha distância da sua dissolução final fazendo uma comparação com uma bétula, não acho que seja a sua ligação com a filosofia que tenha feito diferença. Desconfio que ele e eu tenhamos estas posições a respeito destas questões porque fomos assim desde o início. Não parece que seja assim, é claro. Você vem ao mundo, olha em volta, faz certas deduções, se livra de toda aquela velha baboseira, aprende, pensa, observa, tira conclusões. Você acredita nas suas capacidades e na sua autonomia; você se torna sua própria realização. Então, ao longo dos anos, meu medo da morte se tornou uma parte essencial de mim mesmo, e eu o atribuiria ao exercício da imaginação; enquanto o distanciamento do meu irmão diante da morte é uma parte essencial dele, que ele provavelmente atribui ao exercício do pensamento lógico. Entretanto, talvez eu só seja assim por causa do nosso pai, e ele seja assim por causa da nossa mãe. Obrigado pelo gene, papai.

“Não imagino nada que pudesse ser mais bem-vindo (do que a extinção)”, diz meu irmão. Bem, posso imaginar um monte de coisas que seriam mais bem-vindas do que a completa extinção dentro dos próximos quinze anos (cálculo dele) ou trinta (meu presente fraternal). Que tal viver mais do que aquela bétula, para começar? Que tal ter a opção de morrer quando quiser, quando já estiver satisfeito: continuar vivendo por 200, 300 anos, e então ser capaz de dizer, eutanasicamente: “Ah, anda logo com isso”, na hora que você escolher? Por que não imaginar uma quase vida eterna passada em conversas com os grandes filósofos ou os grandes romancistas? Ou alguma versão de reencarnação – uma mistura de budismo com o filme *Feitiço do Tempo* (*Groundhog Day*) – na qual você vive a sua vida de novo, consciente do modo como a viveu da primeira vez, mas podendo modificá-la a partir deste ensaio? O direito de tentar de novo e agir de modo diferente.

Da próxima vez, talvez eu resista à declaração do meu irmão de primogenitura filatélica e coleciono algo diferente do Resto do Mundo. Eu poderia tornar-me judeu (ou tentar, ou blefar). Eu poderia sair de casa mais cedo, morar no estrangeiro, ter filhos, não escrever livros, plantar bétulas, entrar para uma comunidade utópica, dormir com todas as pessoas erradas (ou, pelo menos, com pessoas erradas diferentes), tornar-me viciado em drogas, encontrar Deus, não fazer nada. Eu poderia descobrir formas inteiramente novas de me decepcionar.

Minha mãe contou-me que vovô um dia disse a ela que a pior emoção da vida era o remorso. A que ele poderia estar se referindo?, perguntei-lhe. Ela disse que não fazia ideia, uma vez que seu pai tinha sido um homem da maior probidade. E, portanto, esta observação – atípica do meu avô – paira no tempo sem resposta. Sinto muito pouco remorso, embora ele possa estar a caminho, e, enquanto isso, contento-me com seus amigos mais chegados: arrependimento, culpa, fracasso. Mas sinto uma curiosidade crescente pelas vidas não vividas, agora impossíveis de viver, e talvez o remorso esteja

atualmente escondido em suas sombras.

Arthur Koestler, antes de cometer suicídio, deixou um bilhete no qual expressava “uma tímida esperança numa outra vida despersonalizada”. Um desejo como este não causa espanto – Koestler tinha devotado muitos dos seus últimos anos à parapsicologia –, mas não me atrai nem um pouco. Assim como não parece haver muito sentido numa religião que é meramente um evento social semanal (separado, é claro, dos prazeres normais de um evento social semanal), em oposição a uma que diz exatamente como você deve viver, que colore e mancha tudo, que é séria, eu iria querer que a minha outra vida, se houver alguma disponível, fosse melhor – de preferência muito melhor – do que sua antecessora terrestre. Consigo imaginar alguém pisando sem querer uma mistura molecular gosmenta, mas não consigo ver a vantagem que isto possa ter sobre a completa extinção. Por que ter esperança, mesmo uma esperança tímida, de uma situação como essa? Ah, meu caro, mas não se trata do que você prefere, trata-se do que é verdadeiro.

A discussão-chave a respeito deste assunto aconteceu entre Isaac Bashevis Singer e Edmund Wilson. Singer disse a Wilson que acreditava em algum tipo de sobrevivência após a morte. Wilson disse que, de sua parte, ele não queria sobreviver, não, obrigado. Singer respondeu: “Se a sobrevivência foi combinada, você não terá escolha.”

A fúria do ateu ressuscitado: valeria a pena ver isso. E já que estamos falando no assunto, acho que a companhia dos santos poderia ser muito interessante. Muitos deles viveram vidas excitantes – fugindo de assassinos, enfrentando tiranos, pregando nas esquinas medievais, sendo torturados – e até os mais calmos poderiam contar histórias sobre criação de abelhas, cultivo de lavanda, ornitologia umbriana, e assim por diante. Dom Perignon era um monge, afinal. Você poderia estar esperando por um convívio social mais variado, mas, se “foi combinado”, então os santos o fariam seguir adiante por mais tempo do que você esperava.

REFLEXÕES XXVI

Meu irmão não teme a extinção. “Digo isto com segurança, e não apenas porque seria irracional ter este medo” (desculpe – interrupção – irracional? IRRACIONAL? É a coisa mais racional do mundo – como a razão pode não detestar e temer racionalmente o fim da razão?). “Três vezes na minha vida eu me convenci de que estava prestes a morrer (da última vez, acordei numa sala de reanimação); em cada uma dessas ocasiões, tive uma reação emocional (uma vez, uma raiva terrível de mim mesmo por ter colocado a mim mesmo numa tal situação, uma vez vergonha misturada com irritação ao pensar que estava deixando meus negócios completamente bagunçados), mas nunca uma reação de medo.” Ele chegou mesmo a ensaiar uma declaração no leito de morte. “A última vez que eu quase morri, minhas últimas palavras foram: ‘Certifique-se de que Ben fique com o meu exemplar do Aristóteles de Bekker.’” Ele acrescenta que a mulher dele achou isto “insuficientemente afetuoso”.

Ele admite que hoje em dia pensa na morte mais do que costumava, “em parte porque seus velhos amigos e colegas estão morrendo”. Ele a leva em consideração calmamente uma vez por semana; enquanto eu venho me dedicando a ela há anos, me esforçando e descabelando, sem adquirir maturidade nem filosofia. Eu poderia tentar apresentar alguns argumentos a favor da consciência da morte, mas não sei se eles seriam convincentes. Não posso dizer que confrontar a morte (não, isso soa ativo demais, pretensamente heroico demais – a voz passiva é melhor: não posso dizer que ser confrontado pela morte) me deixou mais acomodado em relação a ela, nem mais sábio ou mais sério ou mais... nada, na verdade. Eu podia tentar argumentar que não podemos saborear realmente a vida sem a consciência da sua extinção: é a gota de limão, a pitada de sal que intensifica o sabor. Mas acho mesmo que meus amigos que negam a morte (religiosos) apreciam aquele buquê de flores/obra de arte/taça de vinho menos do que eu? Não.

Por outro lado, esta não é apenas uma questão visceral. Suas

manifestações – desde uma picada na pele até o mais absoluto terror, desde o barulho do despertador no quarto desconhecido de hotel até buzinas tocando por toda a cidade – podem ser. Mas repito e insisto que sofro de um medo racional (sim, RACIONAL). A Dança da Morte mais antiga que se conhece, pintada num muro do Cimetière des Innocents em Paris, em 1425, tinha um texto que começava “O créature roysonnable/ Qui desires vie eternelle” (Ó criatura racional/ Que deseja a vida eterna). Medo racional: meu amigo, o romancista Brian Moore, gostava de citar a velha definição de Jesus do homem como sendo “un être sans raisonnable raison d’être“. Um ser sem razão racional para ser.

A consciência da morte está ligada ao fato de eu ser um escritor? Talvez. Mas se estiver, não quero saber, nem investigar. Eu me lembro do caso de um comediante que, depois de anos de psicoterapia, finalmente entendeu os motivos pelos quais ele precisava ser engraçado; e tendo descoberto, ele parou. Então eu não iria querer arriscar. Embora eu possa imaginar uma dessas escolhas do tipo “o que você prefere”. “Sr. Barnes, examinamos o seu estado e concluímos que seu medo da morte está intimamente ligado aos seus hábitos literários, que são, como ocorre com muitos outros na sua profissão, meramente uma resposta trivial à mortalidade. O senhor inventa histórias para que o seu nome, e uma porcentagem indefinível da sua individualidade, continue a existir depois da sua morte física, e a antecipação disto lhe traz um certo consolo. E, embora o senhor tenha compreendido racionalmente que pode vir a ser esquecido antes de morrer, ou logo depois de morrer, e que todos os escritores um dia serão esquecidos, assim como toda a raça humana, mesmo assim o senhor acha que vale a pena fazer isso. Se escrever é para o senhor uma resposta visceral ao racional, ou uma resposta racional ao visceral, nós não sabemos. Mas aqui está uma coisa para o senhor refletir. Concebemos uma nova operação no cérebro que acaba com o medo da morte. É um procedimento simples, que não exige anestesia geral – na verdade, o senhor pode assistir pela tela.

REFLEXÕES XXVI

Basta olhar para este local de um tom brilhante de laranja e ver a cor ir desbotando aos poucos. É claro que o senhor vai verificar que a operação tirará também o seu desejo de escrever, mas muitos dos seus colegas optaram por este tratamento e o acharam extremamente benéfico. Nem a sociedade reclamou do fato de haver menos escritores.”

Eu teria de pensar a respeito, é claro. Poderia perguntar a mim mesmo se a lista dos já escritos iria se arranjar sozinha, e se aquela ideia nova é realmente tão boa quanto imagino. Mas espero que eu fosse recusar – ou pelo menos negociar, obrigá-los a me fornecer mais vantagens. “Que tal eliminar não o medo da morte, mas a própria morte? Isso seria muito tentador. Você acaba com a morte, e eu desisto de escrever. Que tal este trato?” ●

Julian Barnes: escritor inglês. O ENSAIO está em Não Há o que Temer, um lançamento da editora Rocco.

Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 35, agosto de 2009

Em busca do cadáver

Roberto Kaz



O que faz um perito policial, com quais equipamentos trabalha, e qual o resultado da sua análise científica de assassinatos no Rio de Janeiro

Eram 8 e meia da manhã de uma quarta-feira recente, no Instituto de Criminalística Carlos Éboli, órgão da polícia civil responsável pela perícia criminal no Rio de Janeiro. Na unidade da Penha, o perito Marcos Luiz Gonçalves, ou

Marcão, como é conhecido, estava sentado em um sofá rasgado, diante de uma televisão de 14 polegadas. Assistia a um telejornal em volume exageradamente alto. O telefone tocou e ele recebeu a notícia de um homicídio em Benfica, bairro das cercanias. Marcão desligou a TV e abriu seu armário, de onde tirou uma pistola calibre 38 e um fuzil 556. Enquanto enchia sete pentes de fuzil com 25 balas cada, anteviu a cena do crime:

– Quer que eu adivinhe? Vamos chegar lá, o cara vai estar coberto por um plástico qualquer. Vai ter um monte de gente cercando o cadáver, como se fosse estrela de novela das oito. Vamos ter que pedir licença para trabalhar. Alguém vai aparecer com os cartuchos na mão, dizendo tê-los encontrado por perto.

Trocou a camisa que vestia por uma polo preta, que ele mesmo mandou confeccionar e pagou, escrita “Polícia Civil – Perito Criminal”. Pôs por cima um colete à prova de balas e acoplou coldres ao cinto, onde guardou a pistola e os cartuchos sobressalentes. Da cintura para baixo, continua usando uma calça cargo cinza e um par de botas marrom, da marca Timberland. Jaleco, como os usados pelos peritos do seriado americano CSI – Crime Scene Investigation, nem pensar.

Marcão entrou na viatura, um Gol branco 2002, com vidro fumê, sem a insígnia da Polícia Civil, para não chamar atenção. As calotas foram retiradas, o para-choque está preso por um prego, a numeração da placa está riscada. O indicador de gasolina não funciona. Onde deveria haver porta-luvas, rádio e ventilador, há apenas uma carcaça depredada. Do banco do carona se vê a chapa de aço que separa o passageiro do motor. O carro tem 186 mil quilômetros rodados. Nunca foi vistoriado. Em maio, na antevéspera do Pan, teve direito à primeira melhoria: dois pneus, colocados na parte dianteira. Os de trás continuam carecas.

O motorista é um policial ferroviário, realocado há oito anos na polícia civil. Chama-se Francisco Gonçalves Viana. Usava um Nike Air vermelho e branco, calça jeans, camiseta preta e um colete à prova de balas com três armas penduradas na região da barriga. A mais majestosa é um revólver 38 prateado, cano longo, de sua propriedade. Viana girou a chave de ignição e o motor tossiu. O cano de descarga, solto, roncou e gemeu. Marcão empunhou o fuzil paralelo à janela, com a boca apontada em direção ao motor. “O meu único medo é esse”, disse, apontando para a maçaneta que, quebrada, foi substituída por uma corda. “Se esse treco se soltar numa troca de tiros, eu fico preso aqui dentro.” O carro partiu, em busca do cadáver, na rotina do sucateamento da vida e da morte no Brasil.

Marcão tem 45 anos. De estatura atarracada, abre o cinto e o primeiro botão da calça ao sentar, para ficar mais confortável. É formado em física, com mestrado e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Às terças e quintas, dá aula para o segundo grau no colégio Pedro II, um dos estaduais de melhor reputação do Rio, e recebe um salário de 5.200 reais líquidos. Como perito, o vencimento é menor: 3.400 reais, para cumprir a jornada de trabalho semanal de 24 horas corridas. Tem um Fiat Palio 1.0, ano 2007, e mora no apartamento que pertencia à mãe, no Flamengo.

Ele entrou no Instituto de Criminalística Carlos Éboli

no último concurso público, em 2000. Sua formação teórica foi completada em 45 dias. Daí em diante, todo o conhecimento foi adquirido na prática. Trabalhou os dois primeiros anos como perito em locais de crime. Em outubro de 2002, foi nomeado diretor pelo então chefe de polícia civil, o deputado estadual Álvaro Lins, investigado por ligação com a máfia dos caça-níqueis. Os dois são amigos – e é o próprio Marcão que se prontifica a espalhar o boato: *“Se você for conversar com outros peritos, muita gente vai dizer que eu dava 50 mil reais por mês ao Álvaro”*. Alguns colegas confirmam o rumor. Outros dizem tê-lo ouvido apenas da boca do próprio Marcão, que ficou um ano no cargo. Foi exonerado em novembro de 2003, mas conseguiu que seu assessor assumisse a direção. Em contrapartida, passou a ocupar a assessoria.

Em janeiro, com a saída de Rosinha Garotinho do governo, Marcão foi definitivamente afastado da direção. Voltou a trabalhar como perito em locais de crime. Normalmente, por respeito ao posto, o ex-diretor tem direito a escolher a unidade onde presta serviço. Marcão pleiteou a Barra da Tijuca, mas foi parar em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Três meses depois, foi transferido para o posto da Penha, que cobre a área de oito delegacias e é o mais perigoso do Rio, responsável pelas favelas de Manguinhos, Vigário Geral e os complexos da Maré e do Alemão.

O posto fica a menos de 1 quilômetro do Morro da Fé, controlado pelo Comando Vermelho. Está instalado nos fundos de uma delegacia que só funciona de dia. Assim, Marcão e Viana passam a noite sozinhos, em duas salas pequenas, vigiados pelo vira-lata Xerife. No conjunto, de cerca de 25 metros quadrados, cabem a televisão furreca, o sofá mulambento, um computador, um armário de ferro e quatro colchões. Por precaução, Marcão dorme colado ao fuzil. Viana divide o leito com uma espingarda calibre 12. *“Enquanto os caras usam metralhadora, eu continuo com minhas armas antigas!”*, ele disse. *“Se eu acordo com um bandido tentando*

me matar, arrombo um buraco no peito dele, por onde passa um pato voando.”

Na 21ª Delegacia de Polícia, responsável pelo bairro de Benfica, Marcão e Viana, cautelosos, pediram escolta até o local do assassinato. Enquanto aguardavam a chegada de um carro da Polícia Militar, o inspetor de plantão brincou com sua pistola calibre 38. Botou uma caneta bic dentro do cano, apontou a arma para o alto e deu um tiro. A esferográfica subiu uns trinta centímetros, planou no ar por um átimo e caiu sobre a mesa, intacta.

Com a chegada da PM, os dois carros saíram em comboio. Marcão pôs o cano do fuzil para fora da janela. Costuma fazer isso em duas ocasiões: ao parar o carro em um sinal de trânsito e ao passar diante de uma favela de má fama. Dez minutos depois, as viaturas chegaram à Praça Padre Souza, onde ocorreu o crime. O corpo da vítima estava num campo de futebol, de bruços, com tênis, bermuda e camiseta. Algumas dezenas de curiosos olham com fascínio para a cena, espremendo a cara contra o alambrado. O lugar parecia calmo, mas o perito desceu do carro com o fuzil nas mãos.

Ao pisar o campo, às 10 horas, Marcão passou o dedo indicador no chão e comentou: “Gramadinho bom”. Conversou com dois policiais militares, que o aguardavam desde às 6 da manhã, quando tomaram conhecimento do fato. O perito perguntou se a delegacia enviou alguém para coordenar a investigação. Negativo. Indagou se o cadáver foi identificado. Negativo, a vítima não tem carteira ou documento. Um dos PMs perguntou aos circundantes se alguém o conhece. Duas meninas se apresentam como cunhadas e se prontificam a ir até a delegacia. Pouco depois aparece a esposa do morto, aos prantos. Diz que o marido se chamava Thiago Ferreira da Silva e tinha 20 anos.

Marcão sacou do bolso uma máquina fotográfica digital, comprada com o próprio dinheiro – é assim com todos os peritos, já que o estado não proporciona material. Enquanto

tirava fotos do cadáver, reparou que os cartuchos e as balas usados na execução estavam agrupados ao lado do corpo. Foram colocados ali pelo Policial Militar, que, solícito, diz ter se adiantado ao perito, “para facilitar o trabalho”. Marcão fechou os olhos, levou as mãos à nuca e comentou: “Pronto, ele acabou de matar a cena do crime”.

No Brasil, o perito comparece ao local do crime, produz um laudo técnico e o entrega ao delegado ou inspetor responsável pela investigação. A partir daí, se isenta do caso, a não ser que, meses ou anos depois, seja convocado a comprovar o laudo em juízo. O inquérito completo deve incluir prova técnica e testemunhal que, quando prontas, são encaminhadas ao Ministério Público. Casos mal apurados voltam às delegacias. Casos consistentes são enviados às varas criminais, para julgamento. Dos 124.418 inquéritos encaminhados ao MP Estadual no primeiro semestre de 2007, 103.564 foram devolvidos, por escassez de conteúdo. Apenas 2.623 – 2,1% do total – viraram denúncias. Das 10.645 acareações ocorridas no Rio, na mesma época, 60% foram feitas em flagrante.

O promotor público Gianfilippo Pianezzola, que preside a Central de Inquéritos do Ministério Público, cita um caso exemplar da atuação da perícia policial: a operação no Complexo do Alemão, em 27 de junho, que resultou em dezenove mortes. “Eu não recebi nada sobre o exame de local, nada sobre o posicionamento dos corpos, nada sobre resíduo de pólvora nas mãos dos mortos” ele diz e pergunta: “Sabe quantos parentes foram depor? Nenhum”. O plantão, naquele dia, coube ao perito Marcão, que recebeu apenas duas ordens: a primeira, para analisar um homicídio, no bairro de Olaria; a outra, para descrever os danos de um arrombamento, numa escola pública de Acari. Isso não o surpreendeu: “Como é que eu vou trabalhar no meio do tiroteio? Você acha que existe perícia no Iraque?”

Os peritos têm formação universitária nas áreas biomédica e de ciências exatas, que podem ir da veterinária à engenharia. Advogado não pode ser perito. Em tese, a carga horária

semanal é de 40 horas. Na prática, isso é revertido em um plantão de 24 horas, ou em três dias de oito horas. Como a maioria dos computadores do Instituto não funciona, a alegação é de que o tempo restante é gasto em casa, redigindo os laudos. Todo laudo é assinado por dois peritos, sendo que o segundo, salvo ocorrências excepcionais, não vai à cena do crime. O piso bruto inicial é de 2.700 reais. O salário máximo é de 4.800 reais. O diretor do Instituto ganha um adicional de 100 reais. No total, o Rio conta com 290 peritos criminais, espalhados em 22 postos. Já os delegados (únicos policiais civis que também precisam de curso superior) são 537, ganham 6.900 reais em começo de carreira e 12.100 reais no fim.

O diretor do Instituto de Criminalística não tem autonomia para fazer gastos. Qualquer pedido de compra, de papel higiênico a microscópio, tem que ser encaminhado à Secretaria de Segurança. Os salários, o combustível e as contas de água e luz também cabem à Secretaria. A manutenção das viaturas é bancada pelos próprios peritos. Todo mês, parte deles separa três dos 22 tíquetes-refeição que recebem, no valor de oito reais cada, para cobrir gastos mínimos.

O Carlos Éboli não conta com material para provocar reações químicas, nem com detectores de metais e projetores de raios ultravioleta (para encontrar manchas de sangue). Em compensação, graças a um financiamento do governo federal, a Secretaria de Segurança inaugurou, no final de 2005, o Instituto de Pesquisa e Perícia em Genética Forense, o IPPGF, um laboratório de DNA que custou cerca de 3 milhões de dólares.

O IPPGF tem ótima aparência. Cada um dos seus seis peritos dispõe de uma bancada própria, com gavetas, tubos de ensaio, reagentes químicos, jalecos, luvas e máscaras descartáveis. O laboratório conta com um pulverizador de ossos, dois termocicladores (espécie de panelas de pressão, que estimulam a reprodução de DNA) e dois computadores poderosos, que fazem a análise genética. Apesar de estar

subordinado ao governo estadual, todos os materiais são bancados pelo federal. O material ali analisado fica guardado por trinta anos, até que o crime prescreva. Dos 156 laudos pedidos de dezembro de 2005 a agosto de 2007, 108 foram entregues. Desses, apenas 26 ajudaram a resolver crimes de homicídio. O grosso – 76 casos – dizia respeito a identificação de cadáveres. Podem ter representado um alívio para as famílias, mas não resultaram em uma única prisão. O perito Marcelo Martins, responsável pela organização interna do laboratório, atribui esse número à precariedade das investigações: “Aqui tem *kit* para exame de DNA e no Instituto de Criminalística não tem reagente para identificar se o sangue é humano. Como é que vou receber evidência de crime se, na maioria das vezes, o perito que vai ao local não tem sequer como coletá-la?”

Não faltam discrepâncias no Carlos Éboli. Numa sala do terceiro andar da sede do Instituto, no centro do Rio, fica o Serviço de Perícia em Armas de Fogo. Há ali um enorme computador com seis monitores, dois microscópios fotográficos e uma torre do tamanho de um frigobar. É o Ibis, o Integrated Ballistic Identification System, o sistema integrado de identificação balística, máquina desenvolvida no Canadá para fazer comparação entre balas. Foi comprada pela Secretaria de Segurança, em 2002, por 1,2 milhão de dólares, sem consulta prévia a perito algum. Como cada bala carrega uma espécie de impressão digital deixada pela arma, imaginava-se que o computador ajudasse a organizar um banco de dados capaz de mapear a criminalidade no estado. Assim, se poderia saber, por exemplo, se o assassinato periciado por Marcão em Benfica estaria ligado a outro crime das adjacências.

Mas, à época da compra, o governo fluminense não sabia que a taxa de resolução do Ibis é de 1,5%, que só ocorre após 10 anos de classificação. E que ele só lê em duas dimensões. Ou seja, qualquer bala que chega amassada (a maior parte) não pode ser fotografada. Desde que foi instalado, o sistema

catalogou 2.558 cartuchos (a parte da bala que guarda a pólvora) e 751 projéteis. Não contribuiu para resolver um único crime.

Marcão pediu a Viana que coletasse os estojos. São catorze, de calibre 380. Na falta de um recipiente para guardar as provas, o motorista os colocou com as mãos dentro de uma luva cirúrgica. Em outra luva, ele abrigou os sete projéteis. Em seguida, levantou a camisa do cadáver, para que o perito contasse os tiros nas costas, no peito e na boca. Ao total, foram vinte disparos. Marcão tirou mais fotos. O número de pessoas em volta aumentou. Pelo comportamento delas, o perito avaliou que deve ter sido briga de cachorro pequeno: “Quando é policial fardado que mata, aparece uma multidão enfurecida, fazendo protesto. Quando é obra de grupo de extermínio, não aparece ninguém. Quando o sujeito é bandidinho, dá essa quantidade”.

A esposa voltou com um lençol branco e, com a autorização dos policiais, cobriu o cadáver. Como o local não estava preservado, o perito desistiu de procurar pequenos vestígios de roupa, sangue e cabelo. Com o trabalho feito, Marcão e Viana retornaram à 21ª delegacia para entregar as evidências. Lá, descobriram que o policial responsável pela investigação era o inspetor Mario, o mesmo que, uma hora antes, brincava com a caneta Bic no revólver. Marcão entregou as duas luvas cirúrgicas, uma com os estojos e outra com os projéteis. Fora da delegacia, fez um resumo do seu metiê:

“Não existe milagre na perícia. Você precisa de tempo, bom senso e equipamento. Não tenho qualquer das três condições. Meu laudo tem que sair em dez dias. O do Instituto Médico Legal, em quinze. Quem vai investigar? Esse cara era jovem, preto, pobre e favelado. Estava de bermuda, camiseta, com uma porrada de tiro no corpo. É só mais um número que vai para a estatística.”

A estatística mais recente do Instituto Carlos Éboli data de 2003. Dos 217.695 laudos pedidos naquele ano, 113.569 não

foram entregues. Em 2005, outro estudo, encomendado pelo Instituto de Segurança Pública do Rio, avaliou 392 inquéritos, expedidos por cinco delegacias da capital. Concluiu-se que um laudo demora, em média, 56 dias para chegar ao delegado. Dos 156 inquéritos investigados pela 21ª DP, responsável pela apuração do crime periciado por Marcão, apenas 44% apresentavam parecer pericial. Os demais estavam inteiramente embasados em dados testemunhais. Há, aí, outro problema: como não costuma haver investigador presente na cena do crime, em mais de metade dos inquéritos os depoentes eram os próprios policiais militares que haviam resguardado o local. O estudo terminava assim: “O relato disponível no registro contava apenas com a descrição das atividades demandadas à PM, e não sobre a descrição do fato em si”.

O advogado criminalista Marcio Barandier, professor de processo penal na Universidade Candido Mendes e um dos coordenadores do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, diz que as provas testemunhais são perigosas: “No inquérito, nem a confissão é definitiva, pois ela pode ser alterada em juízo. A prova científica não chega a ser totalmente confiável, mas ainda é a que traz maior certeza. Só que os peritos são pessimamente aparelhados e tiveram uma formação de menos de dois meses. Já recebi laudo de incêndio feito por uma veterinária”. O advogado criminalista Marcio Donnici vai além: *“Não raro, ganho casos por deficiência de prova técnica. Não há estreitamento verbal entre investigador e perito, não há investigador observando a necropsia, os locais de crime não são filmados”*. E ele concluiu severo: *“Não existe a chamada polícia científica no Brasil”*.

O deputado Alessandro Molon, do PT é autor de uma emenda que acrescentaria um parágrafo ao artigo 183 da constituição estadual. O texto diz que “a organização, o funcionamento e as atribuições do órgão responsável pelas perícias criminalísticas e médico-legais terão organização e estrutura próprias”. Uma semana depois da aprovação na Assembleia, a Associação dos

Delegados de Polícia Civil impetrou, no Supremo Tribunal Federal, uma ação de inconstitucionalidade. A Associação alegou que tal iniciativa, por alterar a organização da segurança pública, só poderia partir do chefe do executivo. Para que o adendo constitucional entre em vigor, o projeto precisa ser encaminhado novamente à Assembleia, dessa vez pelo governador.

Molon diz que a autonomia é necessária por três razões. A primeira é simples: a formação dos peritos é científica. Dos 45 dias de aula que tiveram, apenas um foi dedicado ao manuseio de pistolas. A segunda é mais delicada: o caixa da Secretaria de Segurança é único, dividido entre as polícias Civil, Militar e o Instituto de Segurança Pública. “Isso faz com que qualquer chefe de polícia sucumba à tentação de investir em armamento, camburão e obra. O dinheiro gasto em perícia não dá resultado em médio prazo. Não serve para a próxima eleição”, ele diz. A terceira é de ordem hierárquica. Na organização atual da Polícia Civil, o perito está subordinado ao delegado, que determina os rumos da investigação. O deputado acredita que, com a autonomia, ambas as partes seriam equivalentes: “E isso pode incomodar os delegados”.

A Associação dos Delegados é presidida, desde 1990, por Wladimir Reale. Seu gabinete é amplo, tem paredes de madeira, uma bandeira do Brasil, um retrato seu pintado a óleo e um galhardete que o mostra em pose democrática, colocando um voto numa urna. Do lado de fora, há uma tabela, atualizada mês a mês, mostrando as aplicações financeiras da Associação. Sentado diante de uma mesa de jacarandá que ampara oito cachimbos, Reale explica, de forma didática e paternal, que a perícia e a investigação têm “uma ligação umbilical”, e que, para os peritos, é mais interessante que continuem subordinados, porque “santo de casa não faz milagre”. Ele acha que a autonomia resultaria na elevação dos trâmites burocráticos e, surpreso, diz que nunca ouviu falar de delegado que não esteja presente à cena do crime.

A sede da Associação dos Peritos Rio de Janeiro tem

dimensões mais modestas. Ocupa uma sala pequena, no último andar de um edifício comercial no centro. A presidência cabe a Elcio Carvalho da Costa, mas quem conhece melhor o assunto é o vice, Erlon Gonçalves. É ele quem repete um bordão comum entre os peritos: “A polícia civil é casa de delegado e, na casa dos outros, você respeita a regra dos outros”. Gonçalves diz que o perito foi condenado a uma degradação tecnológica tamanha, que, em caso de homicídio, o que lhe resta é a descrição óbvia da cena: *“Se ele chega ao local do crime com a incumbência de dizer que viu um cadáver negro, de bermuda, com camisa do Flamengo e cinco tiros nas costas, está sendo pago para fazer o trabalho de jornalista. Nos Estados Unidos, perito é um agente especializado. No Brasil, é clínico geral”*.

Numa quarta-feira de agosto, Marcão chegou ao trabalho às 7 e meia da manhã. Tinha nas mãos uma cópia do laudo referente ao homicídio em Benfica. O texto relatava que o cadáver era um “homem, de cor preta, de cerca de 1,75 m. Trajava bermuda estampada em cor azul, camiseta preta e tênis branco”. Dizia também que “quando da chegada do perito, a área imediata ao evento não se encontrava isolada e acautelada, possibilitando manipulação prévia do cadáver”. Acrescentava que “durante a realização dos exames, não se encontrava presente autoridade policial ou seus representantes”. Notava que “todos os materiais, papel e tinta para impressão utilizados para a confecção do presente laudo pericial foram custeados por recursos próprios do perito relator”.

Desde que entrou no Instituto de Criminalística, Marcão periciou 1.470 locais de crime. Nunca acompanhou um caso até o fim. Não tem conhecimento se seu trabalho já resultou em alguma acareação: “É impossível saber como está sendo feita a investigação, e quem a está fazendo. Existe um rodízio constante na Polícia. As equipes das delegacias mudam muito. As equipes de perícia também. Há três meses, eu trabalhava em Duque de Caxias. Nunca mais vou ouvir falar dos laudos

que fiz por lá”. ●

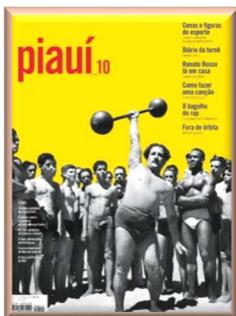
Roberto Kaz: repórter da Piauí, é autor do Livro dos Bichos, pela Companhia das Letras.

Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 12, setembro de 2007

LUIZ BIANCHI

Pérolas aos poucos

Gene Weingarten



Uma experiência extraordinária para testar a nossa capacidade de reação ao belo: botar um virtuose para tocar no metrô

Joshua Bell chega à estação L'Enfant Plaza, em Washington, onde executou seis peças clássicas de extraordinária beleza para uma numerosa plateia, que cruzou por ele sem se dar conta do que via e ouvia. Ele desceu do metrô na estação L'Enfant Plaza e encostou-se numa parede

ao lado de uma cesta de lixo. Por quase todos os critérios, era um sujeito que não chamava a atenção: um homem branco, mais ou menos jovem, vestindo jeans, camiseta de manga comprida e boné do time de beisebol Washington Nationals. De uma caixa, ele tirou o violino. Deixando a caixa aberta no chão, na frente dos pés, teve o cuidado de plantar ali algumas notas de 1 dólar, e várias moedas, para atrair mais dinheiro. Girou o corpo, para ficar de frente para o fluxo dos pedestres e começou a tocar.

Eram 7h51min da manhã, da sexta-feira, 12 de janeiro, hora do *rush* matinal. Ao longo dos 43 minutos seguintes, enquanto o violinista executava seis peças clássicas, 1.097 pessoas passaram à sua frente. Quase todos estavam a caminho do trabalho que, no caso da grande maioria, era um emprego público. A L'Enfant Plaza fica no núcleo da área de Washington

Joshua Bell

ocupada pela administração federal, e ali transitam burocratas de nível médio, com os seus títulos um tanto indeterminados e estranhamente



intercambiáveis: analista de projeto, gerente de iniciativa, programador de orçamento, especialista, consultor, supervisor.

Cada um dos passantes precisava fazer uma escolha rápida, uma escolha habitual para os usuários do transporte coletivo em qualquer área urbana, onde artistas de rua fazem parte da paisagem: parar e escutar? Acelerar o passo com uma mistura de culpa e irritação, incomodado com a inesperada demanda feita ao seu tempo e dinheiro? Jogar 1 dólar na caixa aberta, só por educação? E a sua decisão muda, se o músico for muito ruim? E se for muito bom? Temos tempo para a beleza? Não devíamos ter? Qual é a matemática moral desse momento?

Naquela sexta-feira de janeiro, essas questões particulares seriam respondidas de maneira incomumente pública. Ninguém sabia, mas aquele tocador de violino, de pé junto à parede nua, na galeria subterrânea de acesso à estação do metrô, perto do alto da escada rolante, era um dos melhores instrumentistas eruditos do mundo, executando algumas das mais elegantes peças musicais jamais escritas, num dos violinos mais valiosos jamais fabricados por mãos humanas. A apresentação foi encomendada pelo *Washington Post* como uma experiência em matéria de contexto, percepção e prioridade – além de servir para uma avaliação inapelável do gosto do público: num cenário banal e numa hora inconveniente, a beleza conseguiria transcender?

O instrumentista não executou melodias populares cuja familiaridade, por si mesma, bastasse para atrair o interesse dos passantes. O teste era outro. Apresentou obras-primas que resistiram aos séculos apenas pelo seu brilho, música sublime condizente com a imponência das catedrais e das grandes salas de concerto.

A acústica se mostrou surpreendentemente favorável. Embora a galeria tenha sido construída com fins utilitários, para servir como área de passagem entre a escada rolante do metrô e as calçadas do lado de fora, de alguma forma ela conseguia

REFLEXÕES XXVI

capturar o som do violino, para espalhá-lo redondo, rico em ressonâncias. Muito já se disse sobre a semelhança entre o violino e a voz humana. Nas mãos de mestre daquele instrumentista, ele soluçava, ria e cantava – sublime, lamentoso, importuno, adorador, volúvel, implacável, brincalhão, apaixonado, alegre, triunfal, suntuoso.

E então, o que vocês acham que aconteceu?

Fizemos esta pergunta a Leonard Slatkin, diretor musical da National Symphony Orchestra. O que ele achava que ocorreria, hipoteticamente, se um dos maiores violinistas do mundo começasse a tocar incógnito para uma plateia de mais ou menos mil passantes, na hora do *rush*?

“Vamos supor”, respondeu Slatkin, “que ele não seja reconhecido, e que todo mundo ache que ele é mesmo só um músico de rua... Ainda assim, se ele for realmente muito bom, não vai passar despercebido. Juntaria um público maior na Europa, é verdade, mas... está bem, das mil pessoas, o meu palpite é de que umas 35 ou 40 reconheceriam a qualidade do que estavam escutando. E que, talvez, de 75 a 100 parassem para passar mais algum tempo ouvindo.”

Quer dizer que iria juntar gente?

“Ah, claro.”

E quanto dinheiro ele conseguiria recolher?

“Uns 150 dólares.”

Obrigado, maestro. Mas na verdade não estamos falando de um caso hipotético. Aconteceu realmente.

“E os meus palpites, passaram perto? E quem era o músico?”

Joshua Bell.

“Não!!!”

Ex-menino prodígio, aos 39 anos Joshua Bell é um virtuose internacionalmente consagrado. Três dias antes de se

apresentar na estação do metrô, Bell enchera o majestoso Symphony Hall de Boston, onde assentos apenas razoáveis foram vendidos por 100 dólares. Duas semanas mais tarde, no Music Center de Strathmore, em North Bethesda, ele tocara para uma plateia lotada e dominada por tamanho respeito pela sua arte que sufocava a tosse até nas pausas entre os movimentos. Mas naquela sexta-feira de janeiro, Joshua Bell era apenas mais um pedinte, competindo pela atenção de passantes apressados, a caminho do trabalho.

A ideia tinha sido apresentada a Bell pela primeira vez pouco antes do Natal, em torno de um café numa lanchonete da área do Capitólio. Natural de Nova York, ele estava em Washington para se apresentar na Biblioteca do Congresso e visitar os cofres da biblioteca, a fim de examinar um tesouro fora do comum: um violino do século XVIII que pertencera ao virtuose e compositor austríaco Fritz Kreisler. Os curadores convidaram Bell a tocar aquele violino; e o som ainda estava ótimo.

“Eu acho o seguinte”, disse Bell, tomando um gole do seu café. “Acho que eu podia fazer uma turnê, tocando a música de Kreisler...”

Sorriu.

“... no próprio violino dele.”

Uma ideia brilhante, extraordinária – parte inspiração e parte truque publicitário –, típica de Bell, que nunca se furtou ao desempenho de *showman* ao mesmo tempo em que a sua carreira de concertista ia se tornando mais e mais soberba. Tocou como solista à frente das melhores orquestras americanas e estrangeiras, mas também fez aparições em Vila Sésamo, em *talk-shows* de fim de noite e em filmes de longa-metragem. Era Bell quem tocava na trilha sonora do filme *O Violino Vermelho*, de 1998. (E também aparecia em pessoa, tocando para uma Greta Scacchi nua.) Quando o compositor John Corigliano recebeu o Oscar de Melhor Trilha Sonora

REFLEXÕES XXVI

Original para o filme, agradeceu a Bell que, disse ele, “toca como um deus”.

Quando perguntamos a Bell se ele aceitava tocar na hora do *rush*, vestindo roupas comuns, ele perguntou: “Como um dublê?”. Bem, sim. Um dublê.

“Uma ideia divertida”, disse ele.

Bell é alto e bonito, tem uma bela estampa e, no palco, a estampa pega fogo. Quando se apresenta, geralmente é o único homem debaixo das luzes que não está de gravata branca nem de casaca – ele vem até a boca de cena para receber a ovação em pé da plateia com roupas que lembram o Zorro, calças pretas e uma camisa, também preta, para fora das calças. Seu belo penteado, ao estilo descuidado dos Beatles, também é um dos seus fortes. Por ter uma técnica cheia de corpo – atlética e passional – ele quase dança com o instrumento, o que faz voar seus cabelos.

Ele é solteiro e heterossexual, um fato que não passa despercebido por parte das suas fãs. Em Boston, enquanto Bell executava o duríssimo Concerto para Violino em Sol Menor de Max Bruch, as poucas jovens presentes na plateia quase desapareciam, em meio a um mar de cabeças prateadas. Mas aparentemente todas elas – uma especial seleção de jovens bonitas – aglomeravam-se junto à porta de saída dos artistas depois do espetáculo, esperando por um autógrafo. E é sempre assim.

Bell vem recebendo os elogios mais exagerados desde a puberdade: a revista *Interview* publicou, certa vez, que a maneira como ele toca “consegue comunicar aos seres humanos nada menos do que a razão por que eles se dão ao trabalho de estar vivos”. E aprendeu a aceitar essas homenagens com elegância, uma reverência tímida, e bufando de leve.

Para participar da sua apresentação anônima, Bell só impôs uma condição. O evento lhe foi descrito como um teste para

REFLEXÕES XXVI

descobrir se, num contexto incongruente, as pessoas comuns seriam capazes de reconhecer a genialidade. Sua condição: “Não me sinto bem de ver vocês falando em gênio e genialidade”. Para Bell, ‘gênio’ é uma palavra usada em excesso; pode ser aplicada a alguns dos compositores cuja música ele toca, mas não a ele próprio. Seu talento é amplamente interpretativo, disse ele, e dar a entender coisa diferente seria impróprio e impreciso.

Não será um desrespeito às regras, porém, lembrar que o termo em questão, especialmente da maneira como é aplicado no campo da música, sempre se refere a certo brilho congênito – um talento inato, acima do normal, que numa fração da humanidade se manifesta cedo e, muitas vezes, de maneira dramática.

Um fato biográfico intrigante acerca de Bell é que ele recebeu as suas primeiras aulas de música aos 4 anos de idade, em Bloomington, Indiana. Seus pais, ambos psicólogos, decidiram que algum aprendizado formal podia ser uma boa ideia depois de verem que a criança tinha prendido elásticos de borracha aos puxadores das gavetas da cômoda e vinha replicando melodias clássicas de ouvido, empurrando e puxando as gavetas para mudar as notas.

Para ir do seu hotel ao metrô, uma distância de três quarteirões, Bell tomou um táxi. Não que seja preguiçoso ou tenha alguma dificuldade de locomoção. Foi pelo seu violino.

Espruce

Bell sempre se apresenta com o mesmo instrumento, e desistiu de usar algum outro na ocasião. Chamado de Gibson ex-Huberman, foi feito à mão, em 1713, por Antonio Stradivari, durante o “período de ouro” do mestre italiano, perto do final da sua carreira. Foi quando Stradivari teve acesso aos melhores cortes de madeira de espruce, bordo e salgueiro, e quando sua



técnica fora refinada à perfeição.

Bordo

“O nosso conhecimento da acústica ainda é incompleto”, disse Bell, “mas ele, de alguma forma, sabia tudo.”

Bell nunca menciona Stradivari pelo nome. Só como “ele”. Quando mostra seu instrumento a alguém, segura-o com grande cuidado pelo braço, apoiando-o num dos joelhos. “Ele fabricou cada parte deste instrumento com a espessura perfeita”, diz Bell, fazendo o violino girar. “Se você retirasse com a plaina mais 1 milímetro de madeira em qualquer ponto, o som ficaria totalmente desequilibrado.” Ainda hoje, não existem violinos que soem melhor que os de Stradivari feitos na década de 1710.



Salgueiro

A frente do violino de Bell está em condição quase perfeita, com uma cor e um brilho profundos e ricos. As costas estão maltratadas, com o acabamento vermelho-escuro manchado de um tom mais claro, numa certa área, deixando a madeira exposta.



“O acabamento deste violino nunca foi refeito”, diz Bell. “Ainda está com o verniz original. Muita gente atribui certos aspectos do som ao verniz. Cada fabricante tinha a sua fórmula secreta.” Dizem que Stradivari fabricava o seu com um coquetel cuidadosamente balanceado de mel, clara de ovo e goma arábica extraída de árvores subsaarianas.

Como o instrumento do filme *O Violino Vermelho*, o de Bell tem um passado de mistério e peripécias. Foi roubado duas vezes do seu ilustre proprietário anterior, o virtuose polonês Bronislaw Huberman. A primeira vez, em 1919, desapareceu do quarto de hotel de Huberman, em Viena, mas foi devolvido

REFLEXÕES XXVI

pouco depois. Da segunda vez, quase vinte anos depois, foi furtado do seu camarim no Carnegie Hall. E ele nunca tornou a ver o violino. Foi só em 1985 que o ladrão — um violinista menor de Nova York — confessou o roubo à mulher no leito de morte, e apresentou o instrumento.

Bell comprou o violino poucos anos atrás. Precisou vender o Stradivari que já possuía e obter boa parte do resto do dinheiro por meio de um empréstimo. Dizem que o preço foi 3,5 milhões de dólares.

Foi esse o motivo pelo qual, no frio do começo da manhã daquele dia de janeiro, Joshua Bell tomou um táxi para percorrer três quarteirões até a Linha Laranja do metrô de Washington, e de lá andar uma estação até a L'Enfant.

Em matéria de estações de metrô, a L'Enfant é das mais plebeias. Antes mesmo de chegar a ela, já se vê que não é muito respeitada. Os condutores do metrô nunca conseguem pronunciar seu nome direito ao microfone. “Leifã”, “Lafã”, “Elefante”...

No alto da escada rolante ficam uma banca de engraxate e um quiosque muito movimentado, que vende jornais, bilhetes de loteria e tem uma parede inteira de revistas. As revistas de mulher pelada têm muita saída, mas quem mais recebe gente é o ponto de venda de bilhetes de loteria, e os fregueses formam fila para a Loto diária de seis números. Bem ao lado fica uma máquina para conferir os resultados, pela qual você pode passar o seu bilhete depois do sorteio para ver se foi sorteado. Aos pés do aparelho, uma triste pilha de papéis amassados.

Naquela sexta-feira, as pessoas que faziam fila na loteria para tentar ganhar alguma coisa iam tirar a sorte grande — uma entrada gratuita e de primeira fila para o concerto de um dos músicos mais famosos do mundo. Mas só se eles tivessem condições de se dar conta disso.

Bell decidiu começar a apresentação com a Chaconne da

Partita No. 2 em Ré Menor de Johann Sebastian Bach. Para ele, a Chaconne não é só *“uma das músicas mais lindas jamais escritas, mas uma das maiores obras humanas. É uma peça de grande força espiritual, poderosa do ponto de vista emocional e estruturalmente perfeita. Além disso, foi escrita para violino solo, de maneira que não vou apelar com alguma transcrição feita nas coxas”*.

E Bell não disse, mas a Chaconne de Bach também é tida como uma das peças para violino mais difíceis de dominar. Muitos tentam; poucos conseguem. É exaustivamente longa — catorze minutos — e consiste inteiramente de uma única progressão musical sucinta, repetida em dezenas de variações, de maneira a criar uma arquitetura sonora de complexidade assustadora. Composta em torno de 1720, às vésperas do Iluminismo europeu, é considerada uma celebração do alcance das possibilidades humanas.

Pois foi com a Chaconne que Bell começou.

E sem dúvida estava falando sério quando prometeu não sacrificar em nada o seu desempenho. Tocou com entusiasmo acrobático, inclinando o corpo para acompanhar a música e erguendo-se nas pontas dos pés nas notas mais altas. O som era quase sinfônico, espalhando-se por todos os cantos da feia galeria enquanto os pedestres não paravam de transitar.

Três minutos transcorreram antes que alguma coisa acontecesse. Sessenta e três pessoas já tinham passado quando, finalmente, registrou-se a primeira reação. Um homem de meia-idade alterou suas passadas por uma fração de segundo, virando a cabeça para dar-se conta de que parecia haver ali um sujeito tocando música. É verdade que não parou de andar, mas já foi alguma coisa.

Meio minuto mais tarde, Bell recebeu sua primeira doação. Uma mulher jogou 1 dólar na caixa e seguiu seu caminho, apressada. A apresentação já durava seis minutos quando alguém realmente parou e encostou-se à parede para ouvir.

Mas as coisas nunca chegaram a ficar muito melhores. Nos quase três quartos de hora que Joshua Bell tocou, sete pessoas pararam o que estavam fazendo para ficar por perto e acompanhar a música por, pelo menos, um minuto. Vinte e sete deram dinheiro, — totalizando 32 dólares e trocados. O que nos deixa com 1.070 pessoas que passaram por ali às pressas, sem perceber nada, muitas a apenas 1 metro do músico, poucas nem sequer virando o rosto para olhar.

Toda a experiência foi gravada em vídeo, por uma câmera oculta. Acelerada, a fita se transforma num desses filmes mudos de atualidade da época da I Guerra Mundial. As pessoas passam correndo aos saltos ou aos arrancos, com copos de café nas mãos, telefones celulares no ouvido, crachás sacudindo na barriga, uma sinistra dança macabra em honra da indiferença, da inércia e da pressa cinzenta e enlouquecida da modernidade.

Mesmo nesse ritmo acelerado, porém, os movimentos do violinista continuam fluidos e graciosos, e ele parece tão diferente do seu público – invisível, inaudível, sobrenatural – que você se surpreende pensando que na verdade ele não estava lá. Era um fantasma. E é só então que você percebe. Era ele o único real. Os outros é que eram os fantasmas.

Se um músico extraordinário toca músicas extraordinárias, mas ninguém escuta... será que ele é mesmo extraordinário?

Eis um debate epistemológico bem antigo – mais antigo, na verdade, que o *koan* sobre a queda da árvore na floresta (se uma árvore cai na floresta e não há ninguém para ouvir, ela produz algum som?). Platão já falava dele, assim como filósofos de dois milênios depois. O que é a beleza? Será um fato mensurável (Gottfried Leibniz), meramente uma opinião (David Hume) ou um pouco de ambos, matizado pelo estado de espírito imediato do observador (Immanuel Kant)?

Vamos ficar com Kant, porque ele está obviamente certo, e porque ele nos leva quase diretamente a Joshua Bell, sentado num restaurante de hotel, tomando seu café da manhã,

tentando descobrir, com um seco senso de humor, que diabos tinha acontecido naquela saída do metrô.

“No começo”, diz Bell, “eu estava só concentrado em tocar. Não enxergava direito o que acontecia à minha volta...”

Tocar violino parece uma atividade absorvente, tanto do ponto de vista físico quanto mental, mas Bell diz que para ele a mecânica da execução já se tornou em parte espontânea, consolidada pela prática e pela memória muscular. É como um malabarista, diz ele, capaz de manter as bolas no ar enquanto interage com a plateia. O que mais lhe passa pela cabeça enquanto toca, diz Bell, é capturar a emoção como uma narrativa. “Quando você toca uma peça de violino, você se transforma num narrador, alguém que conta uma história.”

No caso da *Chaconne*, a abertura é carregada de uma sensação de reverência cada vez mais intensa. O que o manteve ocupado por algum tempo. Mais adiante, porém, ele começou a espiar com o canto dos olhos...

“E era uma sensação estranha, de que as pessoas na verdade estavam... ahn...”

A palavra não vem com facilidade.

“... me ignorando.”

Bell ri. De si mesmo.

“Numa sala de concerto, fico perturbado quando alguém tosse ou um celular começa a tocar. Mas ali, as minhas expectativas baixaram muito depressa. E comecei a receber com alegria o mínimo sinal de reconhecimento, até mesmo um olhar de passagem. E me sentia estranhamente agradecido quando alguém jogava 1 dólar na caixa, em vez de simples moedas.” Isto dito por um homem cujos talentos podem ser pagos à base de 1.000 dólares por minuto.

Antes de ter começado, Bell não sabia o que esperar. Só sabe que, por algum motivo, estava nervoso. “Não era exatamente medo do público, mas certa palpitação”, diz ele. “Eu estava um

pouco tenso.” Bell já tocou, literalmente, para as cabeças coroadas da Europa. Por que aquela ansiedade no metrô de Washington?

“Quando você toca para um público pagante”, explica Bell, “você já foi validado. E nem me passa pela cabeça que eu precise ser aceito. Eu já fui aceito. Mas ali, o que me passava pela cabeça era: “E se eles não gostarem de mim? E se ficarem irritados com a minha presença?”.

Em suma, Bell era uma obra de arte sem moldura. O que, conforme veremos, pode ter muito a ver com o que aconteceu – ou, mais precisamente, deixou de acontecer – nesse dia 12 de janeiro.

Pelas mãos de Mark Leithauser já passaram mais obras-primas de arte do que pelas mãos de qualquer rei, papa ou membro da família Medici. Curador-chefe da National Gallery, é ele quem supervisiona o emolduramento dos quadros. Leithauser acha que tem alguma ideia do que aconteceu naquela estação de metrô.

“Digamos que eu pegasse uma das nossas obras-primas mais abstratas, por exemplo, um Ellsworth Kelly, tirasse da moldura, descesse com ele os 52 degraus que as pessoas costumam subir para chegar à National Gallery, e o levasse até um restaurante. É um quadro que vale 5 milhões de dólares. E o restaurante é um desses onde se encontram obras de arte originais à venda, pintadas por algum jovem muito produtivo da Escola de Corcoran. E digamos que eu pendurasse o Kelly na parede e pedisse 150 dólares por ele. Ninguém iria reparar. Um curador de arte, talvez, poderia bater com os olhos no quadro e dizer: ‘Olhe só, aquele quadro parece um pouco com as coisas de Ellsworth Kelly. Passe o sal, por favor’”.

O que Leithauser quer dizer é que não devemos nos apressar em rotular os passantes do metrô de insensíveis sem sofisticação. O contexto é sempre importante.

Kant diz a mesma coisa. Ele levava a beleza a sério. Na

Crítica da Faculdade do Juízo, Kant afirma que a capacidade de apreciar a beleza está relacionada à nossa capacidade de formular juízos morais. Ele fazia uma advertência. Paul Guyer, da Universidade da Pensilvânia, um dos mais proeminentes estudiosos de Kant dos Estados Unidos, afirma que o filósofo alemão do século XVIII sentia que, para apreciar devidamente a beleza, as condições em que ela era vista precisavam ser as melhores possíveis.

“E as melhores condições possíveis”, observa Guyer, “não ocorrem a caminho do trabalho, pensando no relatório que precisa ser apresentado ao chefe, talvez com os sapatos apertados.”

Para entender o que aconteceu, precisamos voltar a fita e assisti-la de novo. Desde o começo, desde o primeiro momento em que o arco de Bell encostou nas cordas.

Um sujeito branco, calças cáqui, casaco de couro, pasta. Trinta e poucos anos. John David Mortensen está na última etapa da sua viagem diária de ônibus e metrô para o trabalho. Está subindo a escada rolante. É uma subida demorada – um minuto e quinze segundos se você ficar parado no mesmo degrau. Assim, como a maioria das outras pessoas que passa por Bell nesse dia, Mortensen já ouvira um bom trecho de música antes de vislumbrar o instrumentista pela primeira vez. Como a maioria deles, percebe que a música soa muito bem. Mas como muito poucos deles, quando chega ao alto, não passa às pressas como se Bell fosse um obstáculo incômodo a evitar. Mortensen é a primeira pessoa a parar – o sujeito da marca dos seis minutos.

E não que não tivesse mais nada a fazer. Mortensen é diretor de projeto de um programa internacional do Departamento de Energia e, naquele dia, precisava participar de um exercício mensal de orçamento, que não é a parte mais estimulante do seu trabalho. “Você passa em revista as despesas do mês anterior”, diz ele, “prevê os gastos do mês seguinte.”

No vídeo, dá para ver Mortensen saindo da escada rolante e

REFLEXÕES XXVI

olhando em volta. Ele localiza o violinista, para, começa a se afastar, mas é atraído de volta. Verifica a hora no celular – está adiantado três minutos para o trabalho – e se encosta a uma parede para escutar.

Mortensen não conhece nada de música clássica; o máximo a que chega é *rock* clássico. Mas o que ouviu tem alguma coisa de que gosta muito.

Na verdade, ele chega ao alto da escada no momento em que Bell começa a segunda parte da Chaconne. (“É o ponto”, diz Bell, “em que ela passa de um tom menor, mais triste, para um tom maior. O que transmite um sentimento religioso, de exaltação.”) O arco do violinista começa a dançar; a música fica acelerada, alegre, teatral, grandiosa.

Mortensen não entende nada de tons menores ou maiores: “Não sei o que era”, diz ele, “mas eu me senti em paz.”

E assim, pela primeira vez na sua vida, Mortensen para para ouvir um músico de rua. Fica ali os três minutos de que dispunha, enquanto 94 pessoas passam apressadas. Pela primeira vez na vida, sem saber direito o que tinha acontecido, mas sentindo que tinha sido especial, John David Mortensen dá dinheiro a um músico de rua.

Há seis momentos no vídeo que Bell acha especialmente dolorosos de reviver. “A hora do embarço”, como ele os chama. É o que acontece quando ele acaba cada uma das peças: nada. A música para. As mesmas pessoas que não reparavam nele enquanto tocava também não reparam que acabou. Nenhum aplauso, nenhum sinal de reconhecimento. De maneira que Bell se limita a emitir um acorde breve e nervoso – o equivalente, para o músico constrangido, a dizer “Ahn, bom, então vamos ao próximo número...” – e ataca a peça seguinte.

Depois da Chaconne, é a Ave Maria de Schubert, que surpreendeu alguns críticos quando estreou em 1825: Schubert raramente manifestava algum sentimento religioso

REFLEXÕES XXVI

nas suas composições, mas ainda assim a Ave Maria é uma admirável obra de adoração à Virgem Maria. Esta prece musical tornou-se uma das peças religiosas mais conhecidas e duradouras de toda a história.

Poucos minutos depois de começada, ocorre um fato revelador. Uma mulher emerge da escada rolante junto com seu filho em idade pré-escolar. A mulher caminha apressada e, portanto, o menino também. Ela o puxa pela mão.

“Eu estava muito atrasada”, lembra Sheron Parker, diretora de informática de uma repartição federal. “Tinha uma aula de treinamento às oito e meia, e antes precisava entregar Evvie para a professora, depois correr de volta para o trabalho.”

Evvie é seu filho, Evan. Evan tem 3 anos.

Evan aparece claramente no vídeo. É o lindo menino negro de parka que fica virando a cabeça tentando olhar para Joshua Bell enquanto é puxado na direção da porta.

“Havia um músico”, lembra Sheron Parker, “e o meu filho ficou intrigado. Ele queria parar para ouvir, mas eu estava sem tempo.”

E assim, ela faz o que precisa. Interpõe seu corpo entre Evan e Bell, cortando a visão do seu filho. Quando estão saindo da galeria, ainda dá para ver Evan torcendo o pescoço para tentar enxergar.

O poeta Billy Collins certa vez observou com humor que todos os bebês nascem conhecendo poesia, porque a batida do coração da mãe forma um iambo (**iambo** = que ou o que compõe uma unidade de tempo breve seguida de outra longa). E então, disse Collins, a vida começa a sufocar aos poucos a poesia que havia em nós. O que também pode se aplicar à música.

Não há um padrão étnico ou demográfico que possa diferenciar as pessoas que ficaram para ouvir Bell, ou as que deram dinheiro, da vasta maioria que seguiu o seu caminho apressado, sem tomar conhecimento do músico. Há brancos,

REFLEXÕES XXVI

negros e asiáticos, jovens e velhos, homens e mulheres, representados nos três grupos. Só existe um grupo demográfico cujo comportamento foi sempre consistente. Toda vez que uma criança passava, tentava parar para assistir. E, toda vez, o pai ou a mãe não deixava.

Se havia naquele dia uma pessoa ocupada demais para prestar atenção ao violinista, era George Tindley. Tindley não estava correndo para chegar ao trabalho. Ele já estava no trabalho.

As portas de vidro pelas quais a maioria das pessoas sai da estação L'Enfant dão num pequeno centro comercial coberto do qual saem portas para a rua e elevadores para os prédios de escritórios. A primeira loja do centro comercial é uma Au Bon Pain, da rede de casas de café e *croissants*, em que Tindley, de quarenta e poucos anos, trabalha de uniforme branco limpando as mesas, renovando os estoques de pacotinhos de sal e pimenta, removendo o lixo. Tindley trabalha sob o olho vigilante dos seus chefes, precisa estar sempre ativo, e estava.

Mas a cada minuto mais ou menos, como que atraído por alguma coisa que de alguma forma escapasse do seu controle, Tindley caminhava até o limite do território do Au Bon Pain, sem atravessar a divisa e deixar o local de trabalho. E então se inclinava para diante, o máximo que podia, na direção da galeria, a fim de ver o violinista do outro lado das portas de vidro. O tráfego de pedestres era constante, de maneira que as portas ficavam abertas quase o tempo todo, e o som chegava a ele bastante bem.

“Dava para dizer de cara que o sujeito era bom, que só podia ser um profissional”, diz Tindley. George toca violão, adora o som de cordas, e não tem o menor respeito por certo tipo de músico.

“A maioria dos músicos toca, mas sem sentir”, diz Tindley. “Já aquele cara estava sentindo. E dançando. Dançando no som.”

Bell termina a Ave Maria em meio a mais um silêncio ensurdecedor, toca a sentimental Estrelita, de Manuel Ponce,

depois uma peça de Jules Massenet antes de começar uma gavota de Bach, alegre, buliçosa e lírica. Tem uma delicadeza própria do Velho Mundo: dá para imaginar que tenha inspirado dançarinos de peruca branca em algum baile de Versalhes ou – numa versão para alaúde, rabeca e pífano – os camponeses que levantam as botas num quadro de Pieter Bruegel.

Havia também Calvin Myint. Myint trabalha para a Administração de Serviços Gerais. Chegou ao alto da escada rolante, virou à direita e enveredou direto por uma porta que dava na rua. Algumas horas mais tarde, não tinha a menor lembrança de que houvesse um músico tocando em qualquer lugar por onde passou.

“Onde ele estava, em relação a mim?”

“Pouco mais de 1 metro de distância.”

“Ah.”

Myint não tem qualquer problema de audição. Mas estava com fones enfiados nas orelhas. Ouvindo o seu *iPod*.

Para muitos de nós, a explosão da tecnologia, em vez de expandir, limitou de forma perversa nossa exposição a novas experiências. Cada vez mais, quem nos dá as notícias são fontes que pensam como já pensávamos. Com os *iPods*, ouvimos o que já conhecíamos; somos nós que programamos a lista do que vamos ouvir.

A canção que Calvin Myint estava ouvindo era *Just Like Heaven*, do conjunto de rock inglês *The Cure*. A canção, na verdade, é maravilhosa. Seu significado é um pouco opaco, e podem-se encontrar na internet muitíssimas tentativas esforçadas de desconstruí-la. Algumas são bem exageradas, mas outras são pertinentes. A canção fala de uma trágica desconexão emocional. Um homem encontrou a mulher dos seus sonhos, mas não consegue exprimir a profundidade dos seus sentimentos antes de ela ir embora. A canção fala da incapacidade de vermos a beleza claramente exposta diante

dos nossos olhos.

Os melhores lugares para ouvir Bell naquele dia eram as cadeiras de engraxate, postadas na galeria. Uma única pessoa ocupou um desses assentos, por 5 dólares, enquanto Bell tocava. Terence Holmes é consultor para o Departamento de Transportes, e gostou muito da música, mas na verdade estava interessado mesmo era em engraxar os sapatos. “Meu pai me ensinou a nunca usar terno com os sapatos sujos ou sem brilho.”

Holmes usa terno com frequência, de maneira que toda hora está empoleirado naquelas cadeiras, e tem uma boa relação com a engraxate de plantão no local. Holmes dá boas gorjetas e é bom de conversa, um talento que naquele dia veio a calhar. A engraxate estava aborrecida com alguma coisa, e a música só fez deixá-la mais perturbada. Ela se queixou, lembra Holmes, de que a música estava alta demais, e ele fez o possível para acalmá-la.

Edna Souza é brasileira. Faz seis anos que engraxa sapatos na L’Enfant Plaza, e já viu centenas de músicos de rua fazendo ponto naquele local; quando eles começam a tocar, ela não consegue ouvir os fregueses, o que é ruim para o seu negócio. E ela reage à altura.

Edna aponta para a divisória entre a área controlada pelo metrô, no alto da escada rolante, e a galeria, que é de responsabilidade da empresa que administra o centro comercial. Às vezes, diz ela, os músicos se postam na área do metrô, às vezes no território da galeria. De qualquer maneira, ela quase sempre dá um jeito. Nas teclas de discagem rápida do seu celular, ela tem os números tanto da segurança do metrô quanto da segurança do centro comercial. Dificilmente o músico fica ali muito tempo.

E no caso de Joshua Bell?

Também tocava alto demais, responde Edna. Então ela baixa os olhos para o trapo que tem nas mãos, e funga. Detesta se

REFLEXÕES XXVI

ver obrigada a admitir alguma coisa positiva sobre esses malditos músicos, mas: “Esse tocava mesmo muito bem. Foi a primeira vez que não chamei a polícia”.

Edna Souza fica surpresa ao saber que era um músico famoso, mas não que as pessoas passassem por ele sem vê-lo sequer. Isso, diz ela, era previsível. “Se uma coisa assim acontecesse no Brasil, todo mundo iria parar para assistir. Mas aqui não.”

Edna aponta com um gesto amargo de cabeça para um ponto perto do alto da escada rolante. “Uns anos atrás, um sem-teto morreu bem ali. Simplesmente se deitou no chão e morreu. A polícia veio, uma ambulância veio, e ninguém parou para se inteirar, nem diminuiu o passo para ver o que estava acontecendo.”

“Que é essa vida se, com tanto a fazer, Não temos tempo para parar e ver?” – do poema *Leisure*, de W. H. Davies

Se não podemos tirar algum tempo das nossas vidas para parar um momento e escutar um dos melhores músicos do planeta tocando algumas das mais belas peças musicais que já foram escritas; se o impulso da vida moderna nos domina a tal ponto que ficamos cegos e surdos para uma coisa dessas – o que mais não perderemos?

Eis o que quis dizer o poeta galês W.H. Davies em 1911, quando publicou os versos acima, que o tornaram famoso. A ideia era simples, até mesmo primitiva, mas de algum modo ninguém nunca a formulara antes com a mesma clareza. Claro, Davies tinha uma vantagem – uma vantagem perceptiva. Ele não era comerciante nem trabalhador braçal nem burocrata nem consultor nem analista de sistemas nem advogado trabalhista nem gerente de programa. Ele era um vagabundo.

Digamos que Kant tenha razão. Vamos aceitar que, depois de olhar o que aconteceu em 12 de janeiro, não possamos emitir qualquer juízo quanto à sofisticação das pessoas ou à sua capacidade de apreciar a beleza. Mas e a sua capacidade de

apreciar a vida?

Somos ocupados. Os americanos em geral vivem ocupados desde pelo menos 1831, quando um jovem sociólogo francês chamado Alexis de Tocqueville visitou os Estados Unidos e ficou impressionado, espantado e um tanto desanimado por saber o quanto as pessoas daqui eram movidas pelo trabalho duro e a acumulação de riqueza.

E as coisas não mudaram muito. Assista ao DVD de *Koyaanisqatsi*, o filme vanguardista sem palavras de 1982, brilhante e assustador, sobre a velocidade frenética da vida moderna. Com o apoio da música minimalista de Philip Glass, o diretor Godfrey Reggio usa trechos de filme em que mostra os americanos cuidando dos seus afazeres diários, mas acelera a ação até o ponto em que eles passam a lembrar máquinas de linha de montagem, robôs marchando com passos marcados rumo a lugar nenhum. E agora assista ao vídeo da *L'Enfant Plaza*, em *fast forward*. A trilha sonora de Philip Glass se encaixa perfeitamente.

“*Koyaanisqatsi*” é uma palavra hopi, e significa “vida desequilibrada”.

O herói cultural do dia chegou a *L'Enfant Plaza* com bastante atraso, na figura nada impressionante de um certo John Picarello, um homem baixo de cabeça calva.

Picarello chegou ao alto da escada rolante logo depois que Bell começara seu número final, uma reprise da *Chaconne*. No vídeo, pode-se ver Picarello parar completamente, localizar a fonte da música e então se dirigir para o lado oposto da galeria. Ele assume posição ao lado da banca de engraxate, em frente à fila da loteria, e não moverá um músculo pelos nove minutos seguintes.

Como todos os passantes entrevistados para este artigo, Picarello foi abordado por um repórter logo depois de deixar a estação, e lhe pediram o número do seu telefone. Como em todos os casos, disseram-lhe que era para um artigo sobre os

transportes coletivos. Quando lhe telefonamos mais tarde naquele mesmo dia, a primeira pergunta que fizemos foi se alguma coisa fora do comum tinha lhe acontecido a caminho do trabalho. Das mais de quarenta pessoas contatadas, Picarello foi o único a mencionar de imediato o violinista.

“Havia um músico tocando no alto da escada rolante na L’Enfant Plaza.”

“E o senhor nunca tinha visto um músico ali?”

“Não como este.”

“Como assim?”

“Era um violinista soberbo. Nunca ouvi ninguém daquele calibre. Era tecnicamente perfeito, com um fraseado muito bom. E também estava tocando um bom violino, com um som cheio e rico. Eu me afastei um pouco para ficar ouvindo. Não quis invadir o espaço dele.”

“É mesmo?”

“É. Foi uma experiência fora do comum. Foi um presente, um modo maravilhoso, incrível, de começar o dia.”

Picarello conhece música clássica. É admirador de Joshua Bell, mas não o reconheceu. Não tinha visto nenhuma foto recente do músico e, além disso, ficou quase o tempo todo bem longe. Mas sabia que quem estava tocando não era um músico qualquer. No vídeo, dá para ver Picarello olhando em volta de vez em quando, totalmente desconcertado.

Quando Picarello era jovem, em Nova York, estudou seriamente violino, com a intenção de tornar-se concertista. Mas acabou desistindo aos 18 anos, quando concluiu que nunca chegaria a ser bom o bastante para valer o esforço. Às vezes você precisa fazer a escolha mais prudente. E ele escolheu outra linha de trabalho. É supervisor nos Correios. E não toca mais muito violino.

Quando foi embora, conta Picarello, “deixei humildemente 5

dólares”. E foi mesmo humilde, o que dá para ver claramente no vídeo. Picarello se aproxima, mal olhando para Bell, e deixa cair a nota na caixa. Depois, como que encabulado, afasta-se a passo rápido do homem que no passado desejara ser.

Na opinião de Bell, ele tocou melhor nos últimos minutos da apresentação, na reprise da *Chaconne*. E foi também a primeira vez em que havia mais de uma pessoa ouvindo ao mesmo tempo. Enquanto Picarello escutava ao fundo, Janice Olu chegou e se postou a alguns passos de distância de Bell. Olu, administradora de um fundo de investimentos no Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano, também tocou violino quando criança. Não sabia o nome da peça que estava ouvindo, mas sabia que o homem que tocava era muito talentoso.

Olu estava num momento de folga, e ficou por ali o quanto ousou. Quando se virou para ir embora, murmurou “na verdade eu não queria ir embora” para o desconhecido ao seu lado. O desconhecido ao lado dela, por acaso, trabalhava para o *Washington Post*.

Enquanto se preparavam para esse evento, os editores da *Post Magazine* discutiram como deveriam lidar com prováveis desdobramentos do evento. A suposição mais amplamente cultivada era de que poderia surgir algum problema em matéria de controle de massas: num lugar de população tão sofisticada quanto Washington, era a ideia geral, muitas pessoas haveriam de reconhecer Bell. E abundavam visões nervosas do que poderia acontecer. À medida que as pessoas comesçassem a parar, e se outros também fossem parando só para ver qual era a atração? A notícia correria pela multidão. Câmeras começariam a espocar. E mais gente acorreria para o local; o tráfego pedestre da hora do *rush* ficaria obstruído; os ânimos se exaltariam; a Guarda Nacional seria chamada; gás lacrimogêneo, balas de borracha, etc.

No fim das contas, uma única pessoa reconheceu Bell, e só chegou quase ao final. Para Stacy Furukawa, demógrafa

empregada no Departamento de Comércio, não havia dúvida. Ela não entende muito de música clássica, mas três semanas antes estivera na plateia do concerto gratuito de Bell na Biblioteca do Congresso. E ali estava ele, o virtuose de fama internacional, tocando no metrô e com a caixa aberta pedindo dinheiro. Ela não tinha ideia de que diabo podia estar acontecendo, mas fosse o que fosse, não iria perder.

Stacy Furukawa postou-se a uns três metros de Bell, primeira fila, no centro. Tinha um grande sorriso no rosto. O sorriso e Stacy permaneceram no mesmo lugar até o fim.

“Foi a coisa mais espantosa que eu já vi em Washington”, diz ela. “Joshua Bell estava ali tocando na hora do *rush*, e as pessoas não paravam, nem mesmo olhavam, e havia gente que jogava moedas de 25 *cents* na caixa! Coisa que eu não faria com ninguém. E eu ali, pensando, Meu Deus, que cidade é esta onde eu vivo, em que uma coisa assim pode acontecer?”

Quando a música acabou, Stacy Furukawa apresentou-se a Joshua Bell e jogou uma nota de vinte na caixa do violino. Descontando essa doação – invalidada pelo reconhecimento –, o montante acumulado em 43 minutos de música foi de 32 dólares e 17 centavos.

“Na verdade”, diz Bell com uma risada, “nem é tão mau assim, no fim das contas. São 40 dólares por hora. Dava para ganhar uma vida razoável com isso, e eu nem precisaria pagar um agente.”

A venda de bilhetes de loteria continua animada como sempre na L’Enfant Plaza. Músicos de rua ainda aparecem de tempos em tempos, sempre despertando a mesma reação de Edna Souza. O disco mais recente de Joshua Bell, *The Voice of the Violin* (“A Voz do Violino”), recebeu a costumeira aclamação da crítica. (“Uma urgência delicada.” “Uma intimidade de mestre.” “Invariavelmente extraordinário.” “Um apogeu musical.” “... fará seu coração disparar e chorar ao mesmo tempo.”). No mês de abril, Bell recebeu o prêmio Avery Fisher, consagrando o pedinte da L’Enfant Plaza como o melhor

instrumentista de música clássica dos Estados Unidos. ●

Gene Weingarten: jornalista da revista *The Washington Post Magazine*.
Artigo publicado na *Revista PIAUÍ*, edição 10, julho de 2007

LUIZ BANCI

Um trabalho de pontos, vírgulas e interrogações

Maria Lopes



A rotina de uma escritora que escreve de tudo por encomenda e tem clientes até na USP. Dormia lendo Philip Kotler, o papa do marketing, e acordava para atacar Freud. Almoçava devorando Sócrates e nem acreditava quando me traziam Como Se Faz Uma Tese, do Umberto Eco

No começo da carreira, Maria Lopes, paulistana formada em taquigrafia, dizia que seu trabalho consistia apenas em digitar textos, e fazer cartões de visita, em computadores 386. Aos poucos, acrescentou a elaboração de convites, currículos, etiquetas, folhetos, impressões, *design* de imagens, estampagem em camisetas, transcrições de fitas K-7, apresentações em *slides*, *scanners* de fotos, instalação de programas, revisões ortográficas e gramaticais, elaboração de resumos de textos e de livros e traduções. Mais adiante, seu folheto de divulgação foi incrementado com o oferecimento de resenhas de livros, revisão de textos acadêmicos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas, a ABNT, ou elaboração total de monografias inéditas, artigos, ou TCC (trabalho de conclusão de curso) de qualquer área.

Ela pode até ouvir a voz dos puristas dizendo: Ih, que horror de trabalho! “Entre eles”, acrescenta hoje essa paulista de 53 anos, com dois filhos, “*estão muitos dos que levam para casa canetas da empresa e, disfarçadamente, comem umas uvinhas no supermercado. Para todos, digo que entendo meu trabalho como o de uma cozinheira, que recebe encomendas de doces e salgados: entrego o bolo, o cliente paga, leva e, a partir daí, faz o que bem entende com o produto. Pode jogar tudo fora, ou só a cobertura. Pode usar a base e colocar um*

creme novo e cerejas. Ou pode dizer que foi ele quem fez e promover a maior festança”.

Para resguardar a identidade dos clientes, Maria Lopes disfarçou as características deles no seu diário. Os acontecimentos, no entanto, ocorreram conforme o relatado. Para os títulos, escolheu nomes similares aos de alguns trabalhos que fez em épocas anteriores.

Sexta-feira, 2 de março. Parece que este mês não será diferente dos outros. Tenho agendados quatro trabalhos com prazos curtos e dois com prazos mais longos. Depois de tomar café e estender a roupa, é melhor começar pela resenha, já que é um livro tão fino quanto *Quem Mexeu no Meu Queijo*, e não parece tão complicado quanto *Estrutura e Função Da Linguagem*, da maior autoridade em linguística gramatical sistêmica, o britânico Michael Halliday. Com certeza é menos medonho do que *Introdução à Visão Holística*, que queria que eu “vibrasse com o Universo”. Era só desenvolver o hemisfério direito do cérebro, e penetrar no meu eu profundo, para virar Deus.

Sábado, 3. Passei a madrugada lendo e consegui acabar a digitação da resenha de manhãzinha. Como o aluno vem buscá-la daqui a pouco, vou aproveitar o dia para limpar a casa, lavar e passar a roupa acumulada, dar uma chegada no mercado e comprar a tinta da impressora na papelaria, para imprimir os convites de casamento da vizinha. Ela ficou de me trazer os convites em branco assim que os comprar na Praça da Sé. A vida está tão difícil que o jeito é economizar de tudo quanto é jeito.

Onze da noite. Chegou a hora de comer alguma coisa enquanto leio *Dibs, Em Busca de Si Mesmo*, ótimo trabalho da psicóloga Virgínia M. Axiline. Depois, ficarei no computador por um bom tempo e começarei a revisão de um TCC de *marketing*. Devo entregá-lo daqui a oito dias. Sempre fico ansiosa com os prazos. É difícil descobrir se vou conseguir terminar a tempo, já que tudo depende do assunto. Além

disso, preciso estar sempre contornando problemas de formatação, principalmente quando há desenhos e tabelas. Isso toma tempo. Mas nunca entreguei nada fora do prazo. Vejo isso como ponto de honra, assim como mostrar um trabalho caprichado, coerente e com o menor número de erros. Dentro do possível.

A revisão está demorando. Preciso tomar cuidado com a gramática e o ritmo (é haja vista ou haja visto? Ponho ponto e vírgula ou começo um parágrafo novo?). A formatação foi fácil: só precisei seguir o manual da faculdade e as normas da ABNT. Já o assunto do trabalho é muito chato, como é chata toda a área de administração e *marketing*. O título: *As características do profissional de marketing do século XXI*. Preferia mil vezes que fosse de direito, psicologia ou pedagogia, minhas matérias preferidas. Adorei quando tive que revisar Crime, prisão e penas. Ficou um trabalho de dar gosto.

São duas da manhã. Decido fazer uma pausa para ler *Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*, da psicanalista Violet Oaklander, para fazer a outra resenha agendada. Depois, é passar o resto da madrugada folheando revistas da minha imensa pilha, em busca de artigos sobre responsabilidade social e terceirização — assuntos incompatíveis, por sinal.

Para quem não sabe como se dá a atividade de “folheador” — verbete que deveria constar do dicionário Aurélio, mas ele morreu antes de poder fazê-lo —, eu explico: trata-se de sentar no chão da sala, retirar do armário uma revista da primeira pilha de 2006, olhar o índice em busca da palavra-chave, encontrar a reportagem ou artigo, ler e separar o dito cujo em pilhas bem equilibradas classificadas como “vai servir” e “irrelevante ou sem conteúdo”. Após alguns dias, o folheador obterá bons textos, de autores conceituados, para serem citados nos trabalhos acadêmicos. Senão, terá que apelar para um arquivo de recortes de jornais previamente numerados, e precedidos de uma folha com índice analítico. E atenção:

procure não comprar as três revistas semanais tops, porque não irão ajudar grande coisa. A não ser que você queira falar de *marketing* e moda.

Domingo, 4. Ah, não! Acabo de olhar os meus *e-mails* e meu gerente de negócios pediu que interrompesse o que estou fazendo para dar uma força a uma cliente desesperada: ela vai ter que pagar um semestre inteiro se não aprovarem a monografia que ela já fez. Como ela não tem muitas condições financeiras, não vou receber o valor como de costume. E o pior: tenho sete dias para dar um jeito nas cinquenta folhas! Fazer o quê? Tenho por pressuposto que preciso ganhar dinheiro, mas acima de tudo devo ajudar: a) cliente que trabalha fora, estuda à noite e tem família (o preço deve ser menor); e b) se, além disso, é mãe e tem jornada dupla (baixo mais um pouco). No caso de ser categoria c) gente que não trabalha, é jovem, solteiro e estuda na PUC, Mackenzie, Santa Marcelina ou faculdade bizarramente cara, eu cobro o dobro. Meu lema é “tire dos ricos para dar aos pobres”, e com isso consigo “democratizar” meu trabalho. Na verdade, o que faço é um luxo para poucos.

Quarta-feira, 7. Adorei fazer a revisão. Era um trabalho sobre dislexia em crianças do ensino fundamental. Precisei usar muita criatividade. O texto estava confuso, mas não tinha nada copiado da internet, como é comum. Sempre procuro checar isso. Infelizmente, era tamanha a falta de fontes e, além disso, copiadas sem nexos, que não deu para aproveitar uma boa parte. Cadê o professor de metodologia dessa faculdade?

Ao final, precisei inserir dezoito folhas novas no lugar do material *deletado*. Para tanto, peguei meus livros e textos sobre o assunto — tenho caixas e caixas de livros que ganhei, peguei no lixo ou comprei numa entidade beneficente —, e elaborei tópicos condizentes, sem deixar de considerar a linha de pensamento e a forma do cliente se expressar. Na conclusão, e no resumo de 250 palavras, não resisti e dei meu toque final no estilo “educação para todos”. Em seguida, pedi a minha filha para corrigir meu *Abstract*, o resumo transcrito

para o inglês. Tenho lá minhas fragilidades e, nesse caso, peço ajuda, ou então digo ao cliente, com antecedência, que o negócio está acima das minhas forças.

Faço esse tipo de elaboração de trabalho inédito há anos, desde o dia em que descobri que os resumos de livros, pedidos por um mesmo aluno, passo a passo tomavam a aparência de uma monografia de conclusão de curso. Ficou óbvio porque, logo a seguir, ele veio me pedir um paralelo comparativo entre os resumos. Então vi que era melhor assumir de vez meu lado *ghost writer*.

Daí a fazer uma monografia inteira, recebendo apenas o tema do cliente, foi um passo. Comecei a escrever sobre qualquer coisa, de acordo com a demanda do “mercado”. Dormia lendo Philip Kotler, o papa do *marketing*, e acordava para atacar Freud, almoçava devorando Sócrates e nem acreditava quando me traziam Como Se Faz Uma Tese, do Umberto Eco. Esse livro foi tão gostoso de ler que disse à cliente que eu é que deveria estar pagando! Acabei ganhando o livro de presente e o passei para outro cliente que estava precisando. Sempre empresto meus livros, sem custo e de bom grado, para quem precisa... mas foi assim que perdi todos os meus Serpa Lopes! Você, você mesmo que me lê, vê se me devolve, seu ladrão. E, se está com medo de passar carão, então entrega na biblioteca mais próxima como doação, senão invocarei contra você todas as maldições que estão no Tristram Shandy, do Sterne, ouviu?

Dessa forma, descobri minha vocação. Vivo feliz trabalhando com o que mais gosto, livros, e até consegui realizar um de meus sonhos: arrumar uma biblioteca. Senti-me a própria Guilherme de Baskerville, de O Nome da Rosa, de saias, ainda mais que foi para uma instituição de religiosos franciscanos.

Quinta-feira, 8. Hoje a previsão é de outra noite sem dormir, para entregar o trabalho de *marketing* do dia 10. Assim que terminar, começarei a revisão da monografia, cujo tema se mostra tão ruim quanto o conteúdo: Peles de castor e o luxo chegando à classe média. E – Santa Mãe! -, é de uma

faculdade de alto conceito. Onde é que anda o orientador?

Já vi muito trabalho horroroso exposto na internet como se fosse uma obra de arte com os nomes e *e-mails*, do aluno e do orientador, bem destacados! Para não envergonhar os orientadores dos meus clientes, procuro sempre checar fontes e informações, além de substituir os dados obsoletos, como aconteceu com o parágrafo que passei quatro horas revisando hoje. Procurei descartar e substituir todas as porcentagens e números do PIB nominal, *per capita* e dados econômicos brasileiros de 2003, e ainda precisei descobrir qual a posição do Brasil no *ranking* de produção de farelo de soja (2º) e se o embargante apelar, o embargado pode recorrer adesivamente (não).

Pelo que sei, os trabalhos acadêmicos deveriam ter alguma utilidade, pelo menos para o aluno aplicar em sua vida. Eu mesma procuro usar boa parte do que aprendi. Só que às vezes enlouqueço todo mundo à minha volta. Enquanto estou fazendo o jantar, não deixo de explicar para o meu marido que ele precisa comprar um detergente mais eficiente porque, “depois de duas horas, o local, mesmo quando higienizado corretamente, já estará contaminado”. Falo também que nunca se deve comer no McDonald’s, sob pena de sofrer toda uma lista de doenças coronárias e circulatórias, que aprendi após um trabalho de nutrição e outro de gastronomia, ou que passará anos com distúrbios digestivos e neurológicos, conforme dados que utilizei em trabalhos de fisioterapia e psicologia. Depois de tudo, terminará fulminado por um enfarto.

Sexta-feira, 9. Continuo firme no trabalho de revisão com prazo para amanhã. Mas não resisti e dei uma olhadinha no trabalho das peles de castor. É de passar mal. Igual a esse, só aquele onde tive de provar, com sólidos fundamentos, que vender sanduíche de tofu e suco de hortelã em frente aos estádios de futebol era um empreendimento viável e altamente lucrativo. Pelo que fiquei sabendo, por meio de meu gerente de negócios, consegui o intento “com denodo”. Mas só à custa

de enfileirar muitos silogismos e falácias. O interessante é que, nas áreas de administração e *marketing*, isso se consegue com facilidade. Depois de 1980, só uma coisa mudou: os livros da área mostram mais fotos e gráficos com *design* aprimorado.

A propósito: justamente por causa da mania de ressaltar teorias e práticas estrangeiras, além de apelidar certos indivíduos de CEO e CIO, é que chamo meu amigo contratador de trabalhos pelo sonoro nome de gerente de negócios. Soa mais elegante.

Sábado, 10. Que sufoco! Só de manhã terminei o trabalho de revisão, enviei pelo *e-mail* e envelopei o disquete do digitado/revisado junto com o manual da faculdade do cliente. Agora é só deixar no *drive-thru*, o beiral coberto do meu murinho, para o meu gerente vir buscar e receber os 50% que o cliente ficou de pagar. Normalmente, o preço dos meus trabalhos varia de R\$ 150,00 a R\$ 600,00. E pago 10% procoitado do meu amigo fazer todos os contatos e cobranças. Acho pouco pelo serviço dele, pois sei que, sem sua intervenção, eu jamais teria coragem de cobrar uma parte antecipada, ou pedir um valor melhor. Nos onze anos em que trabalho nisso, levei muito calote quando negociava pessoalmente. Por isso, cheguei à conclusão de que consigo arrumar mais trabalhos, e bem melhores, invocando a habilidade, o tino empresarial e a competência do meu gerente.

Preciso ir: lembrei de que preciso esfregar o tênis de vôlei da minha filha que deixei de molho, antes que apodreça.

Domingo, 11. Depois de acordar, pouco antes da meia-noite, nada como começar o dia encontrando, entre os *e-mails*, um agradecimento do cliente atendido em dezembro. O texto foi repassado pelo meu gerente, sem identificação. Só fico sabendo os nomes e a faculdade dos clientes, mas não onde moram, telefones e *e-mails*. Nem eles sabem de mim. O que é bom. Da última vez, fiquei mais de uma hora pendurada ao telefone procurando explicar à aluna o que a Ana Mae queria

dizer sobre arte-educação.

Também já cheguei a passar horas explicando pessoalmente por que escrevi que a comunicação tem ruídos, por que o alcoolismo é considerado uma doença, e certas minúcias do direito processual brasileiro — apesar de preferir falar da nossa Constituição, tão bonita e não cumprida —, para clientes angustiados por não terem entendido nada em aula, ou porque eram pessoas sem base educacional, mas que queriam saber os porquês das coisas.

Entre esses últimos, encontrei muitos que enriqueceram meus conhecimentos, e acabei descobrindo, com o tempo, que a sabedoria não é privilégio de quem tem estudo, e que não é preciso um diploma para ensinar com propriedade. Por meio dos mais pobres e semianalfabetos que me pediram para digitar um currículo ou um “papel legal” (rascunho de contrato de locação ou posse), é que vim a receber grandes lições de vida, honestidade e reconhecimento. Por exemplo, num dos casos em que procurei cobrar R\$ 1,00 o currículo (dar de graça é humilhação e R\$ 5,00 é para quem pode), ouvi atônita que meu trabalho merecia R\$ 7,00 porque tinha sido feito com paciência e capricho. Era tudo o que ele tinha, “senão daria mais”. Isso porque, quando me pedem para fazer currículos, sempre ouço o cliente, e então escrevo no papel o que ele faz de melhor, para favorecer suas chances de emprego. Já o cliente mais rico que tive, com emprego bom, e cujo pai é dono de um negócio de alto luxo, pechinhou por dias e dias. Depois foi um custo para receber. E nunca agradeceu. Com certeza hoje está posando de bacana pela ótima monografia que traz seu nome em destaque.

Segunda-feira, 12. Depois de temperar o peixe, penso que é melhor digitar logo os textos do meu cliente que dá cursos de Florais de Bach e Pedras Piramidais. Assim fico logo livre da encrenca. Se não fosse um dos meus primeiros clientes, se não fosse tão constante a ponto de me pagar R\$ 50,00 todo dia 7, entra ano sai ano, e se não tivesse tanta dificuldade de ouvir (a ponto de ninguém conseguir atendê-lo a contento), eu teria

desistido dele há muito tempo. Porque o que ele escreve é muito, muito surreal. Mas, fazer o quê, ele acredita e ganha com isso, e o povo engole deliciado, pois nada como contar com a magia e o encantamento para resolver os problemas e ter no bolso receitas de felicidade instantânea.

Acabo de receber um *e-mail* do meu gerente de negócios exatamente assim:

Equipe, o aluno tem que fazer um trabalho em grupo (dois alunos), um texto de 50 folhas no total. Os alunos dividiram o trabalho, ou seja, 25 folhas para cada um deles. O nosso cliente em questão pergunta:

— Se é possível fazemos a parte dele (25 folhas só frente) e qual o valor.

— E este mesmo aluno também pergunta se podemos fazer ou ler todo o material: 50 folhas (só frente, e já resumidas). R\$?

— O prazo é amanhã até às 17h. O que a sra. acha dessa loucura?

Para quem não entendeu, dois alunos devem entregar na faculdade um trabalho de cinquenta folhas. O material foi dividido entre os dois, e um deles quer saber quanto custa para fazer só a parte dele, e também pediu o orçamento de quanto ficaria para revisar o trabalho final. E, já que estamos aí, ele quer saber o preço que eu cobraria para fazer tudo de uma vez. A ser entregue no dia seguinte. Hum... acho que não vale a pena ficar mais um dia sem dormir.

Terça-feira, 13. Nem bem comecei a minha monografia de psicologia com prazo longo, quando toca a campainha. É meu gerente de negócios carregando duas sacolas de livros (uns fresquinhos, recém-comprados, e outros de bibliotecas). Desta vez, meus clientes exageraram: conto dezenove.

Como sempre, vou ler todos (um a um) e tudinho (maníaca compulsiva). O tema não é lá o meu preferido: os lipídios na alimentação servida em aviões e a arteriosclerose. Mas nada

como aprender algo novo.

Além de redigir uma monografia inédita de trinta folhas, também preciso fazer: um painel-resumo, um *Power Point* e um jogo original para ser aplicado (tabuleiro, peças e regras). Pelos aparatos vou receber R\$ 50,00 cada, e, juntando com o preço da monografia (R\$ 350,00), vai dar para garantir os remédios do meu pai, modelo ano 33, pois ainda quero que ele conserte muita caixa de contenção e continue a dar uma de “pai dos mendigos” da cidade. O resto vou guardar até juntar uma quantia para levar minha mãe para viajar, já que a última vez foi há 26 anos.

Na fila, aguardando minha aceitação, esperam muitos clientes, ansiosos pedindo um trabalho inédito de turismo, uma revisão de texto de 100 folhas e um lindo jogo de resenhas críticas solicitadas por professores das disciplinas Sociologia e Direito Romano. Em abril, a coisa vai ter esquentado ainda mais, tanto que em maio já estarei com a agenda lotada até novembro.

Há anos, tentei contratar filhos, namorados e amigos dos filhos, sobrinhos, mãe e marido. Quando este último ficou desempregado, apesar do tino para os números e do faro de jornalista (ótimo para pesquisar), apenas aceitou fazer um trabalho: digitar a cópia de uma apostila de criação de cogumelos. Minha filha me deu a desculpa de que tinha muito trabalho escolar. Meu filho administra diversos *sites*, e desde o início se recusou por “falta de tempo”. Os demais acharam coisas melhores para fazer na vida e até a minha nora, em quem eu depositava toda a minha esperança e cuja herança sucessória coloquei em testamento, acabou desistindo. Sofro com a falta de mão de obra eficiente.

Uma vez que os clientes não acreditam que uma pessoa só possa dar conta de tudo, é que acabo recebendo de tempos em tempos uns *e-mails*, endereçados à “equipe”, de agradecimento pela boa nota, pelo resumo esclarecedor ou por tudo o que eu fiz. Mas, é o que é, sou uma só. Por outro lado,

ao me manter incógnita não posso matar minha vontade de saber os detalhes pessoais do cliente, se tudo correu bem com ele, se ficou satisfeito ou se trilhei o caminho certo no trabalho. Afinal, sou leiga em tudo. Pelo menos, de vez em quando, fico aliviada em saber que ajudei bem.

Quarta-feira, 14. Chegou mais uma monografia rascunhada para eu ver se dá para consertar e completar (prazo: dezembro). É típica de cliente que já tem anos de prática na profissão, mas não consegue se expressar por escrito, nem tem a técnica para estruturar uma monografia. É mais um caso de pessoa obrigada pela empresa a tirar um diploma, senão é rua. O que interessa é o cartucho. A ordem é que o funcionário vá atrás, mesmo que não tenha o mínimo desejo de cursar uma faculdade ou fazer pós-graduação. Uma vez disseram-me até que qualquer diploma servia. Então toca a procurar um curso bem barato, porque são poucas as empresas que bancam pagar. Algumas empresas públicas até concordam em rachar o valor meio a meio. E lá vai o coitado, que ganha pouco, fazer o que não quer por dois, três, quatro anos, sem saber no que vai dar. Daí a motivação e o ânimo logo estarem no fundo do poço, e o pânico aumentar conforme verifica que não está entendendo nada, e que acabará perdendo o semestre.

É verdade que também há o oposto: gente que se empolga estudando, tem facilidade em assimilar o blá-blá-blá passado em classes de 100 alunos. Estes passam os fins de semana e feriados dando duro para cumprir as obrigações escolares, e nem pensam em contratar “a equipe”. A não ser que seja preciso digitar o que foi escrito a mão e o computador pifou, ou “o maldito do *Word* está dando erro, socorro!”. Aí explico os macetes e insisto que não, não dou aulas particulares de computação e não, não conserto PCs. Parei já faz tempo, e agora só para os amigos.

Como os clientes de vários anos continuam divulgando meus trabalhos, muita gente vem até a minha casa. Dou preferência a trabalhar de madrugada (mais silêncio ajuda na concentração) e às vezes atendo o pessoal que sai da faculdade

à noite, depois das 23h30min, e que precisa de suas digitações no *drive-thru* bem cedinho. Aí coloco os trabalhos feitos em envelopes usados — sempre os mesmos —, fechados com fita crepe, onde escrevo os respectivos nomes. De manhã cada um pega o seu. Até hoje, todos, honestamente, nunca mexeram nos dos demais e ainda por cima pagam direitinho o valor combinado, jogando o dinheiro na caixa do correio.

Quinta-feira, 15. Hoje trabalhei doze horas quase sem parar. Vou colocar um filme do Paul Auster, *Sem Fôlego*, para descansar a cabeça (puxa, lembrei que aquele primeiro trabalho do *stress*, que fiz faz tempo, ficou muito bom) e vou esticar bem os músculos para não dar L.E.R. (esse já não ficou tão bom). Nos meses calmos dá pra dedicar só quatro horas, e aproveitar o resto do tempo para costurar, cortar a grama, desentupir a pia ou trocar a torneira (tudo eu, tudo eu). De domingo a domingo, a coisa vai indo, mas este ano promete. Também, com a educação do jeito que está, meu negócio vai de vento em popa. Uniban, Unip, Uninove e outras similares, um dia, vão é me pedir participação nos lucros, pelo volume de trabalho que me propiciam. No Brasil de hoje, meu trabalho de monografias por encomenda deve ser o mais promissor de todos.

É certo que meu coração baqueou de tristeza quando fiz uma monografia para a USP. Lá se vão uns três anos do ocorrido. Logo depois, soube que isso acontecia há pelo menos uns 35 anos por lá. No meu caso, o trabalho inicial era de pós-graduação! Decepção...

Deu-se o seguinte: dois professores disseram ao meu cliente para fazer uma monografia de pós-graduação em que eles seriam os orientadores. Insistiram com um tema, e o aluno tinha que se virar para encontrar o material apontado. Após (eu) elaborar o primeiro capítulo, com base em certos livros, e seguindo o direcionamento pedido, os professores disseram ao aluno que ele deveria continuar o ótimo trabalho que estava fazendo, mas a partir daí a coisa ia mudar. O aluno ganharia a aprovação, mas eles queriam que o trabalho virasse a tese de

doutorado deles. Desse dia em diante, passaram a colocar o nome deles como autores em dois pré-projetos (um para cada um deles) e duas monografias de temas diferentes. O aluno devia ir fazendo aos poucos, e mudando conforme a música. O cliente, com medo de não ser aprovado, passou a me pagar para fazer tais trabalhos e, por seis meses, gastou um bom dinheiro para realizar as pesquisas de campo necessárias. Como eu só trabalho a parte teórica, e nunca a parte prática, ele me trazia manuscritos, fotos, livros antiquíssimos e todo material levantado em entrevistas e arquivos públicos e particulares.

Resumo da história: não aguentei ver o sofrimento do meu cliente e cortei o negócio. A gota d'água foi a exigência dos dois "doutores" de suprimir certas fontes (gente boa de órgãos públicos que tinha feito levantamentos inéditos em trabalhos primorosos, mas de pouca divulgação). Aí já era demais. Larguei tudo, mandei o aluno denunciar, fiquei sem receber boa parte e não sei o que aconteceu. Com certeza, nesse mundo doido, eles ainda devem estar na USP. Só alguém com poder e lábia vai conseguir desmascará-los. A denúncia tem que partir do aluno, pois o que estou contando fiquei sabendo do que ele me disse. A ele, não quero prejudicar, mas espero que os dois doutores da USP tenham bons pesadelos pelo resto de suas vidas. E eu, aqui, vou dormir em paz, sem peso na consciência. Já é de manhãzinha. ●

Maria Lopes: pseudônimo de uma redatora paulista que escreve textos sob encomenda para as mais diversas finalidades

Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 7, abril de 2007

Darwin e o significado das flores

Oliver Sacks



Os seres humanos não estão ligados só a macacos e outros bichos, mas também às plantas. Vegetais e animais, sabemos hoje, há 70% do DNA em comum. Mas devido à seleção natural, cada espécie é única e cada indivíduo é singular

Todos conhecem a versão canônica da história de Charles Darwin: o embarque no Beagle aos 22 anos, para uma viagem aos confins da terra; Darwin na Patagônia;

Darwin no pampa argentino (conseguindo laçar as patas do seu próprio cavalo); Darwin pela América do Sul, coletando os ossos de gigantescos animais extintos; Darwin na Austrália, antes de perder a fé religiosa, espantado ao ver um canguru pela primeira vez (“dois Criadores distintos devem ter atuado nesse caso”). E, claro, Darwin nas Galápagos, observando como os pássaros – chamados tentilhões – de cada ilha eram diferentes, começando a experimentar a mudança sísmica na compreensão de como evoluem os seres vivos que, um quarto de século mais tarde, resultaria na publicação de *A Origem das Espécies*.

É aqui que a história atinge o seu clímax, com o lançamento de *A Origem* em novembro de 1859, e tem uma espécie de pós-escrito elegíaco (**Elegíaco** = que expressa tristeza): uma visão de Darwin mais velho e doente, ao longo dos vinte e poucos anos de vida que ainda lhe restaram, vagando pelos seus jardins de Down House sem nenhum plano ou finalidade especial, talvez escrevendo mais um ou dois livros, mas com a grande obra da sua vida há muito consumada.

Nada poderia estar mais longe da verdade. Darwin continuava intensamente sensível tanto às críticas quanto aos indícios que

davam apoio à sua teoria da seleção natural, e isso o levou a lançar não menos que cinco edições da *Origem*. É verdade que se refugiou no seu jardim e nas suas estufas depois de 1859 (havia um vasto terreno em torno de Down House, com cinco estufas), mas para Darwin tanto um quanto as outras se transformaram em verdadeiras máquinas bélicas, das quais arremessava mísseis de provas sobre os céticos do lado de fora – descrições de estruturas e comportamentos vegetais fora do comum, que seriam muito difíceis de atribuir a uma Criação ou a um Plano particular – um corpo de provas, em favor da evolução e da seleção natural, ainda mais irresistível que o apresentado em *A Origem*.

Estranhamente, mesmo os estudiosos de Darwin prestam relativamente pouca atenção a essa obra botânica, muito embora ela se componha de seis livros e mais de setenta artigos. Assim, Duane Isely, em seu livro *One Hundred and One Botanists (Cento e Um Botânicos)*, de 1994, diz que embora mais tenha sido escrito acerca de Darwin do que sobre qualquer outro biólogo de todos os tempos, ele raramente é apresentado como botânico. O fato de ter escrito vários livros sobre suas pesquisas com plantas é mencionado em grande parte dos estudos a seu respeito, mas de passagem, mais ou menos no tom em que se diria: “Bem, todo grande homem precisa se divertir de vez em quando.”

Ainda hoje, no bicentenário do nascimento de Darwin e do 150^o aniversário de *A Origem*, o mesmo continua a ocorrer.

Darwin cresceu numa família de botânicos – seu avô, Erasmus Darwin, escrevera um longo poema em dois volumes intitulado *O Jardim Botânico*, e o próprio Charles foi criado numa casa cujos extensos jardins continham, além de flores, uma variedade de macieiras produzida por hibridação, para obter maior vigor. Durante seus estudos universitários, em Cambridge, as únicas aulas que Darwin nunca deixou de assistir foram as do botânico J.S. Henslow, e foi ele que, reconhecendo as qualidades extraordinárias do aluno, recomendou-o para uma posição a bordo do *Beagle*.

Foi para Henslow que Darwin escreveu cartas muito detalhadas, repletas de observações sobre a fauna, a flora e a geologia dos lugares que visitava. E foi para Henslow que Darwin, nas ilhas Galápagos, coletou cuidadosamente todas as plantas em flor, assinalando como as diferentes ilhas do arquipélago muitas vezes apresentavam espécies diferentes de um mesmo gênero. Esse se tornaria um indício crucial nas suas reflexões sobre o papel da divergência geográfica na origem de novas espécies.

Embora Darwin não tivesse o menor problema em definir-se como geólogo (escreveu três livros de geologia baseados nas observações reunidas durante a viagem do *Beagle*, e concebeu uma teoria de notável originalidade sobre a origem dos atóis de coral, que só seria confirmada experimentalmente na segunda metade do século XX), sempre reafirmava que não era botânico. Um dos motivos era que a botânica continuava a ser uma disciplina quase totalmente descritiva e taxionômica (**Taxionomia** = ciência que lida com descrição e classificação das espécies) – as plantas eram identificadas, classificadas e ganhavam um nome, mas nunca eram investigadas. E Darwin era antes de mais nada um investigador, preocupado com o como e o porquê da estrutura e do comportamento das plantas, não só com a sua descrição.

A botânica não funcionava para Darwin como um mero passatempo ou distração, como era o caso de tantos vitorianos. Para ele, o estudo das plantas vinha sempre impregnado de finalidade teórica, e esta tinha a ver com a evolução e a seleção natural. Era, como escreveu seu filho Francis: como se ele estivesse repleto de um poder de teorização permanentemente pronto a escoar por qualquer canal ao menor movimento, de maneira que nenhum fato, por mais ínfimo que fosse, jamais deixasse de provocar uma torrente de teorias.

E o fluxo corria nos dois sentidos. O próprio Darwin disse várias vezes que “ninguém pode ser um bom observador se não for um teorizador ativo”.

REFLEXÕES XXVI

No século XVIII, o cientista sueco Lineu havia demonstrado que as flores continham órgãos sexuais (pistilos e estames), e neles baseara as suas classificações. Quase universalmente, porém, acreditava-se que as flores se autofecundavam – por que outro motivo, afinal, elas teriam tanto órgãos masculinos quanto femininos? O próprio Lineu fez graça com a ideia, retratando uma flor, com seus nove estames e um pistilo, como a alcova em que uma donzela vivia cercada por nove amantes. Ideia semelhante aparece no segundo volume da obra do avô de Darwin, *O Jardim Botânico*, intitulado *Os Amores das Plantas*. Foi nessa atmosfera que cresceu o jovem Charles Darwin.

Um ano ou dois depois do seu regresso da viagem no *Beagle*, no entanto, Darwin sentiu-se obrigado, por motivos teóricos, a questionar a ideia da autofertilização. Num caderno de notas de 1837, escreveu: *“Será que as plantas que têm órgãos masculinos e femininos ainda assim não sofrem a influência de outras plantas?”* Para que as plantas evoluíssem, raciocinou ele, a fertilização ou fecundação cruzada era fundamental –



Rhododendro

de outro modo, mudança alguma, modificação alguma jamais poderia ocorrer, e o mundo se veria obrigatoriamente povoado por uma única planta capaz de se reproduzir sozinha, em vez de apresentar a extraordinária quantidade de espécies que na verdade possuía. No início da década de 1840, Darwin começou a pôr sua teoria à prova, dissecando uma variedade de flores (entre elas rododendros e azaleias) e demonstrando que muitas



Azaleia

delas apresentavam estruturas destinadas a impedir ou minimizar a

autopolinização.

Mas foi só depois da publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, que Darwin pôde dedicar toda sua atenção às plantas. E enquanto seu trabalho botânico anterior era primariamente de coleta e observação, a partir daí as experiências se tornaram seu principal meio de obtenção de novos conhecimentos.

Ele havia observado, como outros antes dele, que as flores das primulas ou primaveras podiam apresentar dois aspectos diferentes: um em forma de “alfinete”, com o estilete – a parte fêmea da flor – mais longo, e outro em forma de “borla”, com o estilete bem mais curto. Até então, ninguém atribuía significado especial algum a essa diferença. Mas Darwin tinha as suas suspeitas e, examinando maços de primaveras que seus filhos lhe traziam, descobriu que a proporção entre “alfinetes” e “borlas” era exatamente de um para um.

A imaginação de Darwin foi imediatamente espiciçada: a proporção de um para um era o que geralmente se encontrava nas espécies em que machos e fêmeas são distintos – será então que as flores de estilete mais longo, embora hermafroditas, não estariam no processo de se transformar em “flores-fêmeas”, e as de estilete curto em “flores-machos”? O que ele tinha à sua frente seria, na verdade, formas intermediárias, a evolução em andamento? A ideia era muito boa, mas não se sustentava, pois as flores de estilete mais curto, os supostos “machos”, produziam tantas sementes quanto as “fêmeas” de estilete mais comprido. O que ele contemplava era (como diria o seu amigo T.H. Huxley) “o assassinato de uma belíssima hipótese por um fato feiíssimo”.

Qual seria, então, o significado dessa diferença entre estiletos e da proporção de um para um em que apareciam? Desistindo de teorizar, Darwin dedicou-se à experimentação. Penosamente, pôs-se a agir ele mesmo como polinizador, estendendo-se de bruços no jardim e transferindo grãos de pólen de uma flor de estilete longo para outra de estilete longo, de uma flor de estilete curto para outra de estilete

curto, de uma de estilete longo para outra de estilete curto e vice-versa. Quando as plantas produziram sementes, ele as coletou, pesou e descobriu que as maiores quantidades de sementes vinham das flores submetidas à fecundação cruzada.

Ele concluiu que a heterostilia, em que as plantas apresentam estiletos de comprimento diferente, seria um recurso que a evolução fizera surgir a fim de facilitar a fertilização cruzada – e que o cruzamento aumentava o número e a vitalidade das sementes. Mais tarde, Darwin escreveria: *“Acho que nada na minha vida de cientista me deu tanta satisfação quanto descobrir o significado da estrutura dessas plantas.”*

Embora o assunto tenha continuado a representar um interesse especial para Darwin (que publicou um livro a respeito, em 1877, chamado *As Diferentes Formas de Flores em Plantas da Mesma Espécie*), sua preocupação central era saber de que maneira as plantas floríferas se adaptavam ao uso de insetos como agentes da sua fertilização.



Mamangava

Sabia-se que os insetos eram atraídos por certas flores, pousavam nelas e podiam emergir cobertos de pólen. Mas ninguém concluía que isso tivesse muita importância, pois todos supunham que as flores se autopolinizassem.

Darwin já desconfiava disso em 1840, e na década seguinte pôs cinco de seus filhos para trabalhar, determinando as rotas de voo de mamangavas (*bumblebees*) do sexo masculino. Admirava especialmente as orquídeas nativas que se desenvolviam nas campinas em torno de Down, e decidiu começar por elas. Em seguida, com a ajuda de amigos e correspondentes que lhe enviavam orquídeas para estudo, especialmente o botânico Joseph Dalton Hooker, diretor do Kew Gardens, ampliou seus estudos de maneira a abordar orquídeas tropicais de todos os tipos.

O estudo das orquídeas progrediu com rapidez e, em 1862, Darwin enviou seu original para a impressão. O livro tinha um título tipicamente longo e explícito, à moda vitoriana: *As Várias Maneiras Como as Orquídeas São Fertilizadas pelos Insetos*. O que ele pretendia, ou esperava, ficava claro nas páginas de abertura:

Em meu volume Sobre a Origem das Espécies, apresentei apenas razões gerais em apoio à convicção de que, por uma lei quase universal da natureza, os seres orgânicos superiores requerem um cruzamento ocasional com outro indivíduo. Pretendo mostrar aqui que não falei sem ter entrado em nenhum detalhe. Este tratado me fornece ainda uma oportunidade para tentar mostrar que o estudo dos seres orgânicos pode ser tão interessante para o observador plenamente convencido de que a estrutura de cada um deles se deve a leis secundárias, quanto para aquele que encara cada pormenor ínfimo da estrutura como resultado da interposição direta do Criador.

Aqui, em termos da maior clareza, Darwin atira a luva, dizendo: “Expliquem melhor isto aqui – se puderem.”

Darwin interrogava as orquídeas, interrogava as flores, como ninguém antes dele, e em seu livro sobre as orquídeas apresentava inúmeros detalhes, muito mais do que se pode encontrar em *A Origem*. E não porque fosse obsessivo ou pedante, mas por acreditar que cada detalhe era potencialmente significativo. Já disseram que Deus se encontra nos detalhes, mas para Darwin não era Deus, e sim a seleção natural, atuando no decorrer de milhões de anos, que se revelava claramente a partir dos detalhes, detalhes que só eram inteligíveis e faziam sentido à luz da história e da evolução. Suas pesquisas botânicas, escreveu seu filho Francis, forneceram um argumento contra os críticos que dogmatizavam com liberdade a respeito da inutilidade de certas estruturas, e da conseqüente impossibilidade de terem se desenvolvido por meio da seleção natural. Suas observações sobre as orquídeas permitiram a ele dizer: “*Posso mostrar o*

significado de algumas dessas dobras e protuberâncias sem sentido aparente; quem poderá dizer agora que esta ou aquela estrutura não tem utilidade?”

Num livro de 1793, intitulado *O Segredo da Natureza Revelado na Estrutura e Fertilização das Flores*, o botânico alemão Christian Konrad Sprengel, observador extremamente cuidadoso, assinalara que as abelhas carregadas de pólen o transportavam de uma flor para outra. Darwin sempre achou esse livro “maravilhoso”. Mas Sprengel, embora tenha chegado perto, deixou escapar o segredo final, pois ainda se encontrava preso à ideia lineana (**Lineana** = referente a C. Lineu, naturalista sueco) de que as flores se autofecundavam – e julgava que as flores da mesma espécie fossem essencialmente idênticas.

Foi então que Darwin decifrou o segredo das flores, mostrando que as características especiais de cada uma – a variedade de padrões, cores, formas, néctares e perfumes atraentes aos insetos, levando-os a esvoaçar de uma planta a outra, e os recursos que asseguram que eles não deixem de colher o pólen antes de decolar da flor – eram todas “artimanhas”, como ele dizia. Todas haviam sido produzidas pela evolução a serviço da fertilização cruzada.

O que antes era a imagem pitoresca de insetos zumbindo em torno de flores multicoloridas transformava-se, agora, num drama essencial da vida, cheio de significado e profundidade biológica. O colorido e o aroma das flores eram adaptados aos sentidos dos insetos. As abelhas são atraídas por flores azuis e amarelas, e ignoram as vermelhas, uma cor que não enxergam. Por outro lado, sua capacidade de ver além do violeta é explorada pelas flores que utilizam marcas ultravioletas, que dirigem as abelhas para os seus nectários. As borboletas, com uma boa visão do vermelho, fertilizam as flores vermelhas, mas ignoram as azuis e de cor violeta. As flores polinizadas por mariposas noturnas tendem a ser pobres em colorido, mas emanam perfume à noite. E as flores polinizadas por moscas, que vivem de matéria em

decomposição, podem imitar o odor desagradável (para nós) da carne podre.

Não foi só a evolução das plantas, mas a coevolução de plantas e insetos, que Darwin ilustrou pela primeira vez. Assim, a evolução natural garantia que os órgãos bucais dos insetos se encaixassem na estrutura das suas flores prediletas – e aqui Darwin se permitiu um prazer especial, formulando algumas previsões. Examinando uma orquídea de Madagascar, dotada de um nectário de quase 30 centímetros de extensão, profetizou que um dia descobririam uma mariposa com uma probóscide (**Probóscide** = aparelho bucal longo, sugador dos insetos lepidópteros; haustelo, sugador, sugadouro) do mesmo comprimento, capaz de chegar às suas profundezas; e tal mariposa foi finalmente descoberta, muitas décadas depois da sua morte.

A Origem foi um ataque frontal (embora apresentado com toda a delicadeza) ao criacionismo. Embora Darwin tenha tido o cuidado de pouco falar no livro sobre a evolução humana, as implicações da sua teoria eram perfeitamente claras. E o que provocou ultraje e tantas piadas foi a ideia de que o homem pudesse ser visto como um simples animal – um macaco – descendente de outros animais.

Para a maioria das pessoas, as plantas eram outra história – não se moviam nem sentiam nada; habitavam um reino próprio, separado do reino animal por um abismo gigantesco. A evolução das plantas, pressentiu Darwin, podia parecer menos relevante, ou menos ameaçadora, do que a evolução dos animais, sendo assim mais acessível à calma e à reflexão racional. De fato, escreveu ele a seu amigo botânico Asa Gray: *“Ninguém mais percebeu que meu interesse principal, no livro sobre as orquídeas, era executar um ‘movimento de flanco’ contra o inimigo.”* Darwin nunca se mostrava beligerante, como o seu “cão de guarda” Huxley, mas sabia bem que uma batalha estava em curso, e não era avesso às metáforas militares.

O que emana do livro sobre as orquídeas, no entanto, não é o

REFLEXÕES XXVI

tom belicoso ou a veia polêmica — é a alegria franca, o encantamento diante do que ele via. Esse deleite e essa exuberância explodiam nas suas cartas:

Você não pode imaginar o quanto as orquídeas me deliciaram. Que lindas estruturas! A beleza das partes adaptadas me parece sem igual. Fiquei quase louco diante da fartura de orquídeas. Uma flor esplêndida de Catasetum, a orquídea mais linda que já vi. Feliz do homem que chegou a ver bandos de abelhas voando em torno de uma Catasetum, com a polínia colada às costas! Nunca me interessei tanto na vida por um assunto quanto esse das orquídeas.

Mas as plantas precisam sobreviver, florescer e encontrar (ou criar) nichos no mundo, para que consigam chegar ao ponto de se reproduzirem. Daí o interesse equivalente de Darwin pelos sistemas e adaptações por meio dos quais as plantas sobreviveram e seus estilos de vida variados e às vezes surpreendentes, envolvendo inclusive órgãos sensoriais e capacidades motoras comparáveis às dos animais.

Em 1860, durante uma viagem de férias, Darwin encontrou pela primeira vez as plantas insetívoras, pelas quais se apaixonou — o que desencadeou investigações que culminariam, quinze anos mais tarde, na publicação de *Plantas Insetívoras*. Esse volume tem um estilo fácil e agradável, e começa, como a maioria dos seus livros, com uma recordação pessoal:

*Fiquei surpreso ao descobrir como era grande o número de insetos capturados pelas folhas da sundew comum (*Drosera rotundifolia*), numa charneca de*

Drosera rotundifolia

Sussex. Numa das plantas, todas as seis folhas haviam capturado presas. Muitas plantas causam a morte de insetos sem auferir com isso, até onde podemos perceber, qualquer



REFLEXÕES XXVI

vantagem; mas logo ficou evidente que a Drosera estava excelentemente adaptada à finalidade especial de capturar insetos.

A ideia da adaptação estava sempre no espírito de Darwin, e um exame da Drosera bastava para lhe mostrar que essas adaptações eram de um tipo novo, pois as folhas da planta, além de uma superfície pegajosa, eram cobertas de filamentos delicados, com glândulas nas pontas. Para que serviriam essas glândulas, ele se perguntou? “Se um pequeno objeto orgânico ou inorgânico é colocado em cima das glândulas do centro de uma folha”, observou Darwin, elas transmitem um impulso motor aos tentáculos marginais. Os mais próximos são afetados primeiro, e lentamente se inclinam para o centro, e depois os mais distantes, até que todos ficam finalmente infletidos na direção geral do objeto.

Se o objeto não fosse nutritivo, porém, era rapidamente liberado.

Darwin conseguiu demonstrar esse fato dispendo fragmentos de clara de ovo em algumas folhas e, em outras, fragmentos de matéria inorgânica de tamanho semelhante. A matéria inorgânica era rapidamente liberada, mas a clara de ovo era retida, e estimulava a formação de um fermento e um ácido que em pouco tempo digeriam e absorviam o alimento. E coisa semelhante acontecia com os insetos, especialmente quando vivos. Assim, sem ter boca, entranhas ou nervos, a Drosera capturava a sua presa com eficiência e, lançando mão de enzimas digestivas especiais, conseguia absorvê-la.

Darwin examinou não só de que maneira a Drosera funcionava, mas também por que motivo ela adotara um estilo de vida tão fora do comum: observou que a planta crescia em charcos, locais de solo ácido, relativamente pobre em matéria orgânica e em nitrogênio assimilável. Poucas plantas conseguem sobreviver nessas condições, mas a Drosera encontrara um modo de absorver o nitrogênio diretamente dos insetos, em vez de extraí-lo do solo.

REFLEXÕES XXVI

Admirado com a coordenação quase animal dos tentáculos da Drosera, que se fechavam em torno da presa como os de uma anêmona-do-mar, e pela capacidade quase animal de digestão da planta, Darwin escreveu a Asa Gray:

Você está sendo injusto quanto aos méritos da minha querida Drosera; ela é uma planta extraordinária, ou na verdade um animal muito sagaz. Vou acompanhar a Drosera até o dia da minha morte.

E mais entusiasmado ainda ficou com a Drosera depois de descobrir que um pequeno talho em uma das metades de uma folha paralisava apenas aquela metade, como se um nervo tivesse sido cortado. As folhas assim afetadas, escreveu ele, lembravam “um homem com a espinha quebrada e as extremidades inferiores paralisadas”. Mais tarde, Darwin receberia espécimes de outra planta da família das droseráceas, a dioneia (planta nativa dos Estados Unidos, onde é conhecida como venus flytrap), que, no momento em que algo encosta em seus pelos, fecha as duas metades das suas folhas sobre o inseto e o aprisiona.



Dioneia

As reações da planta eram tão rápidas que Darwin se perguntou se não haveria alguma eletricidade envolvida, algo análogo a um impulso nervoso. Discutiu a questão com seu colega fisiologista Burdon Sanderson — e ficou encantado quando ele demonstrou que, de fato, uma corrente elétrica era gerada pelas folhas, e podia estimulá-las a se fecharem. “Quando as folhas são irritadas”, explica Darwin em *Plantas Insetívoras*, “a corrente é perturbada da mesma forma como ocorre durante a contração do músculo de um animal.”

As plantas são geralmente consideradas seres imóveis e desprovidos de sentidos —, mas as plantas insetívoras

representavam uma refutação espetacular dessa ideia, e então, ansioso por estudar outros aspectos do movimento das plantas, Darwin começou a pesquisar as trepadeiras. Subir usando algum apoio era uma adaptação eficiente, que permitia às plantas prescindir de um tecido de sustentação rígido e usar outras plantas para se elevarem. E não havia um único meio de subir, mas vários. Havia as plantas que se enlaçavam em outras, as que se prendiam com as próprias folhas e as que se prendiam ao suporte por meio de gavinhas. Essas últimas eram as que mais fascinavam Darwin – ele quase tinha a impressão de que possuísem “olhos”, “vasculhando” seus arredores à procura do suporte mais conveniente.

Para Darwin, as plantas que se enlaçam em outras, como as lianas, eram as ancestrais das outras trepadeiras, e ele achava que as plantas dotadas de gavinhas (**Gavinha** = elo, abraço) tinham evoluído a partir delas; as que se prendiam com as próprias folhas, por sua vez, teriam descendido das plantas dotadas de gavinhas. Cada um desses desenvolvimentos abria a possibilidade de ocupar novos nichos – novos papéis para o organismo no seu meio. Assim, as trepadeiras tinham evoluído ao longo do tempo – não tinham sido criadas todas num mesmo instante, por um ato divino. Mas como teriam começado a subir? Darwin observara movimentos de torção nos caules, nas folhas e nas raízes de todas as plantas que examinara, e esses movimentos (que ele chamava de circunutação) também podiam ser observados em todas as plantas “inferiores”: as cicadáceas, as samambaias e até as algas marinhas. Quando as plantas crescem na direção da luz, não se estiram verticalmente, mas vão se torcendo, descrevendo um movimento de saca-rolha, na direção da luz. A circunutação, concluía Darwin, era uma disposição universal das plantas, antecessora de todos os outros movimentos giratórios nos vegetais.

Essas ideias, juntamente com dezenas de belíssimas experiências, foram expostas em seu último livro de botânica, *O Poder do Movimento nas Plantas*, publicado em

1880. Entre as muitas experiências encantadoras e engenhosas que Darwin relata, figura uma em que, depois de plantar sementes de aveia, fez a luz incidir sobre elas de diferentes direções e constatou que as mudas sempre se inclinavam ou se retorciam na direção da luz, mesmo quando esta era tênue demais para ser percebida pelo olho humano. Existiria (como imaginava ele ser o caso da ponta das gavinhas) alguma região fotossensível, uma espécie de “olho”, na extremidade das folhas das mudas? Criou pequenas tampas, escurecidas com nanquim, para cobrir a ponta das folhas, e constatou que, quando as usava, as plantas paravam de responder à luz. Ficava claro, concluiu ele, que quando a luz atingia a extremidade da folha estimulava essa parte da planta a liberar algum tipo de mensageiro que, chegando às partes “motoras” da muda, fazia com que se contorcesse na direção da luz. De maneira similar, Darwin constatou que as raízes primárias (ou radículas) das mudas, que precisam contornar todo tipo de obstáculos, eram extremamente sensíveis ao contato, à gravidade, à pressão, à umidade, a gradientes químicos, etc. E escreveu:

Não existe estrutura mais admirável nas plantas, no que diz respeito à função, do que a extremidade da radícula. Não estou exagerando ao afirmar que a extremidade da radícula atua como o cérebro dos animais inferiores, recebendo impressões dos órgãos dos sentidos e dirigindo vários movimentos.

Mas como assinala Janet Browne, *O Poder do Movimento nas Plantas* foi “um livro inesperadamente polêmico”. A ideia da circunutação foi amplamente criticada. Darwin sempre reconhecera que se tratava de um salto especulativo, mas a crítica mais contundente veio do botânico alemão Julius von Sachs, que, nas palavras de Janet Browne, reagiu com desprezo à sugestão de Darwin de que a extremidade da raiz pudesse ser comparada ao cérebro de um organismo simples, declarando que as técnicas experimentais domésticas de Darwin eram risivelmente deficientes.

Por mais improvisadas que as técnicas de Darwin pudessem ser, porém, suas observações eram precisas e corretas. A ideia de um mensageiro químico transmitido da extremidade sensitiva do broto para o seu tecido “motor” abriria caminho, cinquenta anos mais tarde, para a descoberta dos hormônios vegetais, como as auxinas, que, nas plantas, desempenham o mesmo papel do sistema nervoso nos animais.

Darwin passou quarenta anos inválido, com uma doença enigmática que o atacou desde sua volta das Galápagos. Às vezes, passava o dia inteiro vomitando, ou confinado ao seu sofá, e à medida que envelhecia apresentou também problemas cardíacos. Mas sua energia e criatividade intelectuais nunca diminuíram. Escreveu um total de dez livros depois de *A Origem*, muitos dos quais submeteu a extensas revisões — para não falar de dezenas de artigos e inúmeras cartas. Persistiu nos seus interesses variados por toda a sua vida.

Em 1877, por exemplo, publicou uma segunda edição, muito ampliada e revista, do seu livro sobre as orquídeas lançado originalmente quinze anos antes. Meu amigo Eric Korn, antiquário e especialista em Darwin, conta que recentemente teve nas mãos um exemplar desse livro, em cujas páginas encontrou o recibo de uma ordem postal de 1882, no valor de 2 shillings e 9 pence, assinada pelo próprio Darwin, em pagamento por um novo espécime de orquídea. Darwin morreria em abril daquele ano, mas ainda estava apaixonado pelas orquídeas, que continuava a colecionar para estudo, poucas semanas antes de morrer.

Seu último livro, *A Formação do Mofa Vegetal Através da Ação dos Vermes, com Observações sobre os Hábitos Destes*, publicado no ano anterior à sua morte, voltava a um dos seus temas favoritos — as minhocas, sobre as quais escrevera pela primeira vez mais de quarenta anos antes. Partindo de experiências domésticas realizadas em seu jardim, e extrapolando a partir delas, Darwin revelou que essas criaturas aparentemente insignificantes — até então

qualificadas, nas raras vezes em que eram referidas, como uma praga — tinham sido instrumentais na transformação da geografia e da geologia da Terra, digerindo matéria orgânica e transformando-a em solo fértil. Segundo os cálculos de Darwin, apenas na Inglaterra as minhocas eram capazes de submeter mais de 100 bilhões de toneladas de terra a essa transformação num prazo de mil anos.

A beleza natural, para Darwin, não era apenas estética — sempre refletia a função e a adaptação em andamento. As orquídeas não eram apenas flores ornamentais, a serem exibidas em jardins ou ramalhetes; eram dispositivos fascinantes, exemplos da operação da imaginação da natureza, a seleção natural. As flores não precisavam de um Criador, mas eram totalmente inteligíveis como produtos do acaso e da seleção, de pequenas mudanças incrementais que se desdobravam ao longo de centenas de milhões de anos. Esse, para Darwin, era o significado das flores, o significado de todas as adaptações de plantas e animais, o significado da seleção natural.

Diz-se muito que Darwin, mais que qualquer outro, ajudou a pôr fim ao “significado” do mundo — no sentido de uma intenção ou finalidade geral divina. De fato, no mundo de Darwin não existe intenção, desígnio e nem projeto; a seleção natural não tem direção nem finalidade, e nem algum objetivo em direção ao qual avance. O darwinismo, pelo que se afirma, representou o fim do pensamento teleológico. Ainda assim, seu filho Francis escreveu:

Um dos maiores serviços prestados pelo meu pai ao estudo da História Natural foi o renascimento da Teleologia. O evolucionista estuda a finalidade ou o significado de órgãos com o zelo do antigo teleologista, mas com um objetivo muito mais amplo e coerente. Ele tem a consciência revigorante de que está adquirindo não concepções isoladas da economia do presente, mas uma visão coerente tanto do presente quanto do passado. E mesmo quando não consegue descobrir a utilidade de alguma parte, ele pode, graças ao seu

conhecimento da estrutura, decifrar a história das vicissitudes passadas da vida da espécie. Dessa maneira, o estudo das formas dos seres organizados adquire um vigor e uma unidade que antes lhe faltavam.

E isso, sugere Francis, “deve-se quase tanto aos trabalhos botânicos de Darwin quanto à *Origem das Espécies*”.

Perguntando “Por quê?”, procurando o significado das coisas (não num sentido final, mas no sentido imediato de seu uso ou finalidade), Darwin encontrou em seu trabalho de botânico as provas mais convincentes em apoio da evolução e da seleção natural. E, no processo, transformou a própria botânica de uma disciplina meramente descritiva numa ciência evolucionária. A botânica, na verdade, foi a primeira ciência evolucionária, e o trabalho de Darwin na área abriria caminho para todas as outras ciências evolucionárias — e para a descoberta, como define Theodosius Dobzhansky, de que “na biologia, nada faz sentido senão à luz da evolução”.

Darwin define *A Origem* como “uma longa discussão”. Suas obras botânicas, em contraste, eram mais pessoais e líricas, menos sistemáticas na forma, e obtinham seus efeitos por demonstração, não pelos argumentos. Asa Gray observou que, se o livro sobre as orquídeas “tivesse saído antes de *A Origem*, Darwin teria sido canonizado, em vez de anatematizado pelos teólogos naturais”.

Linus Pauling assinala, num ensaio autobiográfico, que leu *A Origem* aos 10 anos de idade. Não fui tão precoce quanto ele, e com essa idade não teria sido capaz de acompanhar a “longa discussão” do livro. Mas tive um vislumbre da visão de mundo de Darwin no jardim da minha própria casa — um jardim que, nos dias de verão, enchia-se de flores e abelhas zumbindo de flor em flor. Foi minha mãe, que tinha inclinações botânicas, quem me explicou o que as abelhas estavam fazendo, com as patas amarelas de pólen, e como elas e as flores dependiam umas das outras.

Embora a maior parte das flores do jardim tivesse perfumes

intensos e um colorido rico, também tínhamos dois pés de magnólia, com flores imensas, mas desprovidas de cor ou perfume. As flores de magnólia, quando maduras, ficavam cobertas de insetos diminutos, besouros minúsculos. As magnólias, explicou minha mãe, estavam entre as mais antigas das plantas floríferas, e tinham surgido mais ou menos 100 milhões de anos atrás, numa época em que os insetos “modernos”, como as abelhas, ainda não tinham se desenvolvido. Por isso, precisavam contar com um inseto mais antigo, um besouro, para a sua polinização. As abelhas e as borboletas, as flores coloridas e perfumadas, não estavam pré-encomendadas, esperando nos bastidores para entrar em cena — e na verdade podiam nunca ter aparecido. Desenvolveram-se juntas, por etapas infinitesimais, ao longo de milhões de anos. A ideia de um mundo sem abelhas ou borboletas, de flores sem perfume ou cor, deixou-me num estado de profunda admiração.

A noção de extensões tão vastas de tempo e do poder de mudanças minúsculas e sem direção que, por acúmulo, criavam novos mundos — mundos de imensa riqueza e variedade — era vertiginosa. A teoria da evolução proporcionava, para muitos de nós, uma sensação de significado profundo e satisfação que a crença num Plano Divino jamais conseguiria transmitir. O mundo transformava-se numa superfície transparente, por meio da qual era possível ver toda a história da vida. A ideia de que ela podia ter transcorrido de outro modo, de que os dinossauros ainda poderiam estar percorrendo a face da terra, ou de que os seres humanos pudessem nunca ter aparecido, era estonteante. Fazia a vida parecer ainda mais preciosa, uma aventura extraordinária, sempre em andamento (“um glorioso acidente”, nas palavras de Stephen Jay Gould), não fixada ou predeterminada, sempre suscetível à mudança e a novas experiências.

A vida no nosso planeta tem vários bilhões de anos de existência, e literalmente encarnamos essa história nas nossas

estruturas, nos nossos comportamentos, nos nossos instintos, nos nossos genes. Nós, os seres humanos, retemos, por exemplo, os vestígios dos arcos branquiais, muito modificados, dos nossos ancestrais aquáticos — e inclusive os sistemas neurais que, no passado, controlavam o movimento dessas brânquias. Como escreveu Darwin em *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, “o homem ainda traz em sua estrutura corporal a marca indelével de sua origem primitiva”.

Em 1837, no primeiro de muitos cadernos de notas que manteria sobre “a questão das espécies”, Darwin esboçou o desenho de uma árvore da vida. Sua forma muito ramificada, tão arquetípica e poderosa, refletia o equilíbrio entre evolução e extinção. Darwin sempre enfatizou a continuidade da vida, o quanto todos os seres vivos descendem de um ancestral comum e como, nesse sentido, somos todos ligados por parentesco. Desse modo, os seres humanos não estão ligados só aos macacos e aos outros animais, mas também às plantas. (As plantas e os animais, sabemos hoje, têm 70% do DNA em comum). No entanto, devido ao grande motor da seleção natural — a variação — cada espécie é única, e cada indivíduo também é singular.

A árvore da vida revela, à primeira vista, a antiguidade dos organismos vivos e o parentesco entre todos eles, e que existe (como Darwin definia antes a evolução) uma “descendência com modificação” a cada subdivisão dos seus ramos. Mostra também que a evolução nunca para, nunca se repete, nunca volta atrás. Mostra ainda a irrevocabilidade da extinção — se um ramo é cortado, um certo caminho evolucionário se perde para sempre.

Eu me alegro com o conhecimento da minha singularidade, da minha antiguidade e do meu parentesco biológico com todas as demais formas de vida. Esse conhecimento me dá raízes, permite que me sinta à vontade no mundo natural, faz-me ter consciência do meu significado biológico, independentemente do meu papel no mundo cultural e humano. E embora a vida animal seja muito mais complexa que a vida vegetal, e a vida

REFLEXÕES XXVI

humana muito mais complexa que a dos outros animais, atribuo essa consciência do meu significado biológico à epifania¹ de Darwin quanto ao significado das flores, e ao meu próprio vislumbre desse fato num jardim de Londres, quase uma vida inteira atrás.

Tenho uma dívida especial com David Kohn, Eric Korn e, no Jardim Botânico de Nova York, Robbin Moran, Dennis Stevenson e Jan Stevenson, pelo estímulo e utilíssimas críticas a este artigo. ●

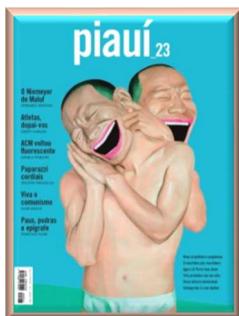
Oliver Sacks: neurologista e escritor britânico

Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 28, janeiro de 2009

¹ **Epifania:** aparecimento ou manifestação reveladora de divindade.

Atletas, dopai-vos!

Dorrit Harazim



Numa sociedade em que milhões e milhões de pessoas tomam montes de pílulas para melhorar o desempenho, a fronteira entre o que é e o que não é doping começa a se embaralhar

Personagem criado em 1929 por E.C. Segar, o simpático marinheiro Popeye esbanja testosterona comendo espinafre. Seu feito maior era defender Olívia Palito. Hoje, prêmio maior é o pódio olímpico.

As ratazanas do *doping* esportivo estão sempre à espreita de algo novo para sua clientela voraz. Elas farejam como ninguém onde se fazem pesquisas de ponta voltadas para ampliar as fronteiras do desempenho físico. Não importa que os experimentos sejam embrionários, futuristas ou mesmo virtuais. Nesse sentido, a Agência de Projetos em Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos é um maná. É dali que saiu, por exemplo, a ideia de pesquisar a viabilidade de um “soldado metabolicamente dominante”. Ele seria capaz de correr na mesma velocidade do atual campeão mundial dos 100 metros rasos — só que com fôlego para manter o ritmo por quinze minutos, e respirando uma só vez. Outra linha de pesquisa da agência está voltada para uma vacina capaz de bloquear qualquer dor ou inflamação por um período de trinta dias.

Para o Departamento de Defesa americano seria um alento saber que seus soldados no Afeganistão ou no Iraque poderiam combater durante semanas a fio, sem cair prostrados nem precisar repor suas forças. Para os mercadores de *doping*, a mesma descoberta permitiria vender ao atleta o que ele mais cobiça — a conquista da

invencibilidade. Já para o atarantado Comitê Olímpico Internacional, o COI, seria o pesadelo definitivo. “Meço o sucesso dos nossos projetos de pesquisa pelo fato de o COI vetar tudo o que fazemos”, comentou recentemente, com uma ponta de orgulho, um dos 140 cientistas da agência militar.

Quanto mais concretas e avançadas as pesquisas, mais rápido a notícia se espalha e maior é o assédio ao pesquisador. O fisiologista molecular H. Lee Sweeney, da Universidade da Pensilvânia, por exemplo, trabalha há cinco anos na alteração da estrutura genética de camundongos, para dotá-los de uma musculatura de atleta. Apelidados de “camundongos Schwarzenegger”, os roedores, apesar de sedentários, passaram a circular com uma massa muscular entre 15% e 30% acima do normal. Quando, já geneticamente modificados, também foram submetidos a um regime de semanas de exercícios com pesos, suas patas dobraram de tamanho. O objetivo de Sweeney é, num futuro ainda distante, aplicar a descoberta em pacientes com distrofia muscular.

Mas os primeiros *e-mails* que recebeu vieram de levantadores de peso, fisiculturistas, técnicos e atletas de diversas modalidades. Queriam saber como e quando a nova tecnologia genética estaria disponível para humanos. O treinador de uma equipe de estudantes chegou a sugerir que todo o seu grupo de jovens poderia ficar à disposição do fisiologista, como cobaias — tudo em nome do progresso científico, é claro. Sempre que recebe solicitações semelhantes, Sweeney explica que o experimento está longe de poder ser testado em humanos, e talvez nunca venha a sê-lo, devido a riscos de infecção, rejeição, falência de órgãos ou morte. O interlocutor a tudo escuta, conta o médico, mas ao final pergunta: “Tudo bem, doutor, mas quando podemos começar os testes?”

Nesse cenário, só resta à Agência Mundial Antidopagem, Wada em inglês, correr atrás do prejuízo. No caso, entrou em contato com o cientista e pediu que, paralelamente a seus experimentos, criasse um teste capaz de detectar a ocorrência da mutação genética. Dínamo burocrático que espalha seus

esquadrões pelo mundo colhendo urina e sangue de atletas, a Agência — entidade independente responsável pelo código antidopagem que rege o movimento olímpico — admite não conseguir acompanhar a velocidade com que os fraudadores se apropriam das novidades.

A “travessia do Rubicão”, como diz o biologista alemão Werner Franke, ocorreu dois anos atrás, por mero acaso. Um medicamento obscuro da área da genética havia sido desenvolvido em 2002 por um modesto laboratório de Oxford, na Inglaterra, para combater anemia, mas fora engavetado por falta de perspectiva de comercialização. Jamais tinha sido testado em humanos. Durante o julgamento de um técnico, acusado de administrar substâncias proibidas a duas velocistas, o teor de uma mensagem eletrônica que nada tinha a ver com o caso foi lido na corte. A substância tornou-se celebridade instantânea.

“O novo Repoxygen é difícil de conseguir. Favor enviar logo instruções de como encomendar o produto antes do Natal”, pedia a mensagem, para atender a demanda de um time holandês de patinação no gelo. O Repoxygen é uma substância que ativa o gene responsável pela produção natural da eritropoietina no organismo. Mais conhecida pela sua sigla, EPO, a eritropoietina é o hormônio que comanda a produção de glóbulos vermelhos. Quanto maior a produção, maior a quantidade de oxigênio transportada para os músculos e, logo, melhor o rendimento corporal. Em tese, uma vez integrado ao código genético do atleta, o Repoxygen passaria a produzir um fluxo regular, natural e, sobretudo, indetectável do cobiçado hormônio. “Sabíamos que o *doping* genético era uma questão de tempo, mas não o esperávamos tão cedo”, constatou o alemão Werner Franke.

O que ninguém sabe é quando, e sob qual disfarce, o *doping* genético conseguirá fazer sua estreia olímpica. Esteroides e anabolizantes reinaram sozinhos nas décadas de 1970 e 80, mas tornaram-se mais arriscados na medida em que os testes antidopagem se aperfeiçoaram. Quem pode deu então o salto

qualitativo em direção a espinafres de geração mais avançada, como a EPO sintética e o hormônio do crescimento (conhecido pela sigla em inglês, HGH), embora produzam resultados de natureza distinta dos esteroides. Em compensação, conseguem driblar melhor a blindagem pretendida pela Agência Antidopagem. Quanto à esfera do *doping* genético, muitos acreditam que a batalha já esteja perdida por antecipação.

A cada ano olímpico, e 2008 não é exceção, a real extensão do problema permanece uma incógnita. Como de praxe, também durante os XIX Jogos de Pequim os atletas com substâncias proibidas no corpo medirão forças com os xerifes esportivos encarregados de enxotá-los dos pódios. É vital para os organizadores assegurar que a tecnologia dos testes esteja perfeitamente azeitada para flagrar os trapaceiros. Afinal, é disso que depende a credibilidade das competições e onde repousa, em última instância, o valor real (e comercial) do maior espetáculo de entretenimento do planeta.

Atletas de esportes de força e explosão dispostos a se dopar em geral usam esteroides para aumentar a massa muscular, enquanto atletas de esportes que exigem resistência recorrem à EPO. Já o hormônio de crescimento, que fortalece o tecido muscular, mas também aumenta a massa corporal magra, serve a ambos. O fraudador, então, costuma recorrer a um coquetel variado: gotas sublinguais de esteroides, uma injeção de EPO e, para mascarar o *doping*, um creme que mistura a testosterona com o agente epitestosterona.

A operação de controle de dopagem montada em Pequim é de espectro amplo. Em 17 dias de competição terão sido realizados 4.500 testes, incluindo 900 exames de sangue e outros 800 específicos para detectar sinais de EPO. O crivo é obrigatório para os cinco melhores colocados de cada prova, além de dois outros escolhidos ao acaso, sem contar os testes aleatórios. Todo atleta pode ser selecionado para fazer o teste a qualquer momento, em qualquer local olímpico ou não, antes ou depois de competir. Transportado por guardas

armados até uma estação central próxima ao estádio, o material é analisado por 150 cientistas e voluntários da área médica.

Os Jogos de Pequim são os primeiros a efetuar testes em larga escala para o HGH, por meio de anticorpos capazes de diferenciar as variações estruturais entre a substância sintética e o original endógeno. Exames de sangue menos precisos haviam sido realizados em cerca de 300 atletas na olimpíada passada, em Atenas, e, em número menor, nos Jogos de Inverno de 2006, em Turim, na Itália. Mas como todos os resultados foram negativos, ficou evidente que a metodologia precisava ser aperfeiçoada, para ganhar confiabilidade. Até porque os testes só acusavam a presença do hormônio sintético se ele tivesse sido injetado nas 12 ou 24 horas anteriores.

Somente ao final dos Jogos de Pequim se saberá se houve avanços, e de que porte, para detectar o HGH. Na tentativa de torpedear os complexos estratagemas de burla adotados por atletas e técnicos, a entidade antidopagem procura manter sigilo sobre o que o exame pode efetivamente detectar. Apenas admite serem remotas as chances de se desenvolver um teste de urina para detectar o hormônio intruso. É uma má notícia, pois testes de urina são mais baratos, de manuseio mais fácil, menos polêmicos e menos percíveis do que um exame de sangue *antidoping*.

Também no cerco ao uso da EPO sintética, detectável somente com exames de sangue, os obstáculos são semelhantes. Com o agravante de que a interpretação correta do resultado pode levar vários dias, o que aumenta o risco de erro laboratorial, interpretações conflitantes e recursos das equipes que se sintam prejudicadas.

Quanto à incógnita da estreia ou não do *doping* genético, se ele de fato conseguir atravessar a Muralha da China haverá pouco ou nada a fazer. Na opinião de Gary Wadler, professor de medicina da New York University e presidente do Comitê

de Métodos e Lista de Proibições da Wada, as perspectivas são estreitas: por ora, a única forma segura de se detectar a transferência de genes sintéticos para células humanas é por meio de biópsia do tecido muscular. Autoridades olímpicas torcem para que o problema só se apresente dentro de quatro anos, nos Jogos de 2012, em Londres.

Há vinte anos, o mundo ainda se permitia viver na era da inocência. O esporte olímpico merecia uma admiração quase sem reservas, e se supunha que quem subia ao pódio era movido por uma vontade de aço e dono de um conjunto de valores ímpar. Para receber no peito uma medalha de ouro, só mesmo quem fosse dotado de um desempenho prometeico e cultivasse a disciplina. Essa construção idealizada do esporte, presente no filme *Carruagens de Fogo*, que ganhou quatro Oscar quando foi lançado, começou a ruir de forma estrondosa às 13h30min de um sábado, 24 de setembro de 1988, na pista de atletismo dos Jogos Olímpicos de Seul, na Coreia do Sul.

O canadense (nascido na Jamaica) Ben Johnson acabara de estraçalhar o recorde mundial dos 100 metros rasos — a prova mais nobre de uma olimpíada. Cruzara a linha de chegada em absurdos 9,79 segundos, deixando eletrizado o público do estádio e atarantados seus adversários. “Ben Johnson, um tesouro nacional”, comemorou à época o principal diário canadense. O alumbramento geral durou menos de 48 horas. À 1h45min da madrugada da segunda-feira seguinte, a delegação do Canadá foi informada, em carta redigida pessoalmente pelo príncipe belga Alexandre de Merode, presidente da comissão médica do Comitê Olímpico Internacional, de que Johnson fora reprovado no teste *antidoping*; usara esteroide anabólico estanozolol.

Jamais um herói olímpico caiu de tão alto, e dificilmente outro caso de *doping* conseguirá superar o choque que causou. Embora 43 atletas já tivessem sido desclassificados desde a introdução dos testes, em 1968, Ben Johnson foi o primeiro peixe graúdo a ser pego.

À era da inocência perdida sucedeu a era do cinismo, com local e data de nascimento: Sydney, ano 2000. Foi nos chamados Jogos do Milênio que a americana Marion Jones arrebatou o público e ofuscou as demais estrelas do atletismo internacional. Toda vez que pisou a pista do estádio nacional, conquistou uma medalha. No total foram cinco, sendo três douradas e duas de bronze. Apesar das suspeitas que a cercavam à época, passou saltitante por todos os testes *antidoping*, voltou para casa coroadada e passou os anos seguintes fazendo juras de honestidade esportiva. Foi somente no ano passado, já respondendo a processo por integrar uma rede de *doping*, que Jones confessou ter competido em Sydney turbinada por esteroides.

Para o Comitê Olímpico Internacional a ferida foi funda. E a dor de cabeça, grande. Além das provas individuais, Marion Jones também tinha competido em dois revezamentos, fazendo com que mais de trinta medalhas olímpicas precisassem ser realocadas e oficialmente inseridas nos anais do olimpismo. A tarefa se revelou mais complexa do que previsto porque nem sempre foi possível simplesmente empurrar a fila um degrau acima: algumas das competidoras que se classificaram logo abaixo de Marion também estavam encrocadas com suspeitas de *doping* ainda pendentes.

Medalhas podem mudar de mãos, mas jamais é possível devolver ao atleta que competiu com lisura o momento único que lhe foi roubado para sempre — o de subir ao pódio ainda tonto de alegria e ser festejado à vista de todos. Isso vale para qualquer competição esportiva. A triatleta e médica fluminense Sandra Soldan, diretora-adjunta da área de *antidoping* da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, lembra até hoje a decepção de chegar ao segundo lugar no VII Campeonato Sul-Americano, realizado há seis anos, no Rio de Janeiro. Ela havia perdido para a brasiliense Mariana Ohata por menos de 54 segundos de diferença, e ficou chorando depois da prova até a hora de subir ao pódio para pegar a prata. “Ligaram-me um mês depois para saber se

poderiam me entregar a medalha de ouro, já que os testes *antidoping* feitos na vencedora acusaram a presença de um derivado de anfetamina”, contou semanas atrás. “Respondi que eles podiam jogar a medalha no lixo, pois eu queria ter recebido o ouro na hora”. Mariana Ohata, suspensa por 60 dias na época do Sul-Americano, hoje integra a delegação de 277 atletas do Brasil nos Jogos de Pequim.

Por mais complexa que seja a questão do *doping*, seu combate pelo menos se trava por meio de ferramentas científicas e tecnológicas palpáveis. Já a teia de suspeição que passou a enredar competições esportivas, imaterial e escorregadia, tem um poder demolidor insidioso. A suspeita pode brotar do nada, diante de um desempenho atlético extraordinário ou da ocorrência de algum fato inesperado.

A musculatura da perna do velocista americano Tyson Gray estalou como folha seca na seletiva de seu país realizada em julho? Imediatamente surgiram referências ao esforço adicional que determinadas drogas impõem a músculos e tendões. O recente embate final do torneio de tênis de Wimbledon, com dois colossos do tênis em quadra durante cinco horas, foi épico? Como explicar então que, ao final, tanto o vencedor, o espanhol Rafael Nadal, de musculatura taurina, quanto o suíço Roger Federer parecessem ter voltado de um passeio campestre? Bastou que o lendário tricampeão dos anos 1980, John McEnroe, comentasse na televisão que os dois jogadores mantiveram a mesma aparência do início ao fim, e as ilações pipocaram. “Eu bem que gostaria de acreditar”, escreveu o respeitado cronista esportivo americano Kurt Streeter, do Los Angeles Times, sobre a perda da fé na lisura esportiva.

Tantos foram os ídolos do esporte que juraram inocência e acabaram se revelando mais poluídos do que a baía de Guanabara, que um dia ainda seremos informados de que Mary Poppins sabia voar porque tomava anabolizantes.

Andrei Markovits, professor de política comparativa da

Universidade de Michigan, expressou-se com arroubo sobre o tema. “Horroriza-me este ambiente inquisitorial à la Torquemada que cerca a questão do *doping* hoje em dia”, declarou. “Podemos tomar Viagra, antidepressivos, essa pílula, aquela outra — tudo o que se quiser. Só os atletas não podem. E por quê? Devido ao ultrapassado ideal de amadorismo e virtude no esporte — conceitos desenvolvidos pela classe dominante inglesa de Oxford e Cambridge, no século XIX”.

No entender do professor, todo atleta adulto, sadio e maduro deveria ter acesso a substâncias que lhe permitam treinar mais, para obter um desempenho melhor. Como condição única, ele estaria proibido de se automedicar ou se abastecer com os mercadores do submundo do *doping*. Tudo seria feito sob orientação médica responsável, portanto. Atletas jovens continuariam excluídos desse cenário libertário, por merecerem análise mais aprofundada e cautelosa.

O bicampeão olímpico de esqui alpino, Bode Miller, primeiro americano em 22 anos a vencer uma Copa do Mundo da modalidade, em 2005, foi ainda mais radical ao propor que a própria sociedade se posicione sobre o *doping*. “Não se trata de uma luta do bem contra o mal”, disse Miller há algum tempo. “Trata-se de igualdade de condições. Se todas as substâncias passarem a ser permitidas, tudo bem. Se todas forem proibidas, também. O problema com a atual legislação é que os controles não resultam em igualdade. Hoje, quem quer se dopar consegue fazê-lo sem dificuldade.” Foi a primeira vez que um atleta de elite, ainda no auge da carreira, falou em público o que muitos pensam em privado.

Tanto o *laissez-faire* pregado pelo acadêmico Markovits quanto o trombone na boca de Miller tocam num aspecto da questão mais abrangente do que o esporte em si. Trata-se do endosso da sociedade à cultura do desempenho, que perpassa o cotidiano. Mantemos idosos e enfermos aptos graças ao avanço das drogas. Estabilizamos nossas emoções com remédios. Revigoramos nosso desempenho sexual graças a drogas. Como não compreender o ciclista que tenta escalar os

Alpes com a ajuda de drogas? O atleta faz parte de uma sociedade que há tempos desaprendeu a funcionar sem suplementos químicos, intervenções cirúrgicas, recursos biomecânicos ou esperanças genéticas.

O ator Sylvester Stallone, recentemente ressuscitado pelo filme *Rambo IV*, por exemplo, ressurgiu aos 61 anos com 20 quilos de musculatura a mais do que nos seus tempos de jovem lutador. Cortesia de doses maciças de hormônio de crescimento. “Prestem atenção — dentro de dez anos o HGH estará sendo vendido sem receita medica”, garantiu ele em entrevista recente à revista *Time*. “Para mim, a testosterona é tão fundamental para o bem-estar de quem está envelhecendo que recomendo a toda pessoa de mais de 40 anos investigar seus benefícios, pois terá a qualidade de vida melhorada.”

Com a massificação da farmacologia para combater as falhas mais incômodas do corpo, era inevitável que se tentasse, paralelamente, ampliar os recursos para melhorar o desempenho mental. Já existe toda uma linha de espinafres cognitivos usados por médicos, músicos, jogadores de pôquer ou meros executivos para aguçar o raciocínio, aperfeiçoar a concentração ou controlar as emoções. “Não tenho dúvidas de que me tornei um jogador melhor desde que comecei a tomar Adderall [medicamento originalmente desenvolvido para combater o distúrbio de déficit de atenção] e Progilil [usado para combater a narcolepsia, ou distúrbio do sono excessivo]”, proclama o americano Paul Phillips, que acumulou mais de 2,3 milhões de dólares em campeonatos de pôquer profissional.

Phillips não está sozinho. Uma pesquisa recente com músicos da Orquestra Sinfônica de San Diego mostrou que um quarto de seus flautistas, todos perfeitamente sadios, toma betabloqueadores antes de um concerto ou concurso importante. Pilotos de avião têm o seu arsenal químico próprio, e estudantes do mundo inteiro engolem o que podem na busca de melhores resultados em provas.

“Por que todo mundo pensa que apenas atletas se dopam?”, indaga Charles Yesalis, pesquisador de substâncias proibidas no esporte e professor da Penn State University. “Se existissem drogas específicas para jornalistas, investidores, professores e cientistas, capazes de torná-los mais bem-sucedidos, elas seriam usadas.” Ele aposta que o primeiro laboratório a acertar na fórmula de uma pílula da memória será saqueado em um minuto.

Mas se o esporte vier a se tornar mera máscara da biotecnologia, a qual espetáculo nós assistiremos? Segundo definição oficial do Comitê Olímpico Internacional e federações esportivas deve ser considerada *doping* “a utilização de substâncias ou métodos capazes de aumentar artificialmente o desempenho esportivo, sejam eles potencialmente prejudiciais à saúde do atleta, à de seus adversários ou contrários ao espírito de competição”. Mesmo com outras 150 páginas que complementam a definição básica, sobram questões mal resolvidas. Enquanto o uso de testosterona para melhorar o desempenho é proibidíssimo, injeções de cortisona no joelho, para amenizar a dor de uma lesão, podem eventualmente ser autorizadas por meio dos chamados pedidos TUE (sigla em inglês para Exceção de Uso Terapêutico).

Tiger Woods, primeiro esportista a faturar 1 bilhão de dólares em campos de golfe, submeteu-se a uma cirurgia Lasik, de correção visual permanente, na busca de uma visão perfeita 20/20. Até então, sua visão era de 20/15, com lentes de contato. A cirurgia não configura aumento artificial de desempenho? E como justificar o veto à versão sintética do hormônio EPO sem proibir o uso das sofisticadas câmaras hiperbáricas, cuja função é aumentar artificialmente a produção de glóbulos vermelhos?

Essas cabines seladas, que simulam o ar rarefeito das montanhas, são a versão tecnológica das regiões montanhosas onde os fundistas quenianos nascem, crescem e treinam para vencer quase todas as competições de média ou longa

distância. Atletas de outros países, com possibilidades de deslocamento e condições financeiras, ajustam seus calendários para temporadas de treinos em lugares com alta altitude. Já as câmaras hiperbáricas, fabricadas pela Colorado Altitude Training, consideradas as mais avançadas, não exigem qualquer deslocamento do atleta. Elas são vendidas em diversos tamanhos e formatações. Para quem pode pagar 25 mil dólares, um dos modelos transforma todo quarto de dormir num ambiente contendo apenas 12% de oxigênio. Também existe a versão portátil, da qual Lance Armstrong, o maior ciclista de todos os tempos, se tornou garoto propaganda. Por onde andava, sempre levava consigo sua CAT 150, que pode ser montada e instalada sobre qualquer cama de casal.

Por aumentar a força, resistência e acelerar a recuperação do atleta, a cabine hiperbárica logo se tornou objeto de desejo de triatletas, ciclistas, remadores, esquiadores e fundistas. Dois anos atrás, o comitê ético da Agência Mundial Antidopagem concluiu que as câmaras “violavam o espírito esportivo” e cogitou incluí-las na lista anual de métodos proibidos. O painel tinha definido violação do espírito esportivo como o envolvimento do atleta numa atividade puramente passiva que, sem necessidade de treino, seria capaz de melhorar seu desempenho. Mesmo assim, depois de anos de debate e pressão de 76 cientistas e bioéticos, a Wada recuou. Em entrevista à repórter Gina Kolata, do *New York Times*, o presidente do comitê, Thomas Murray, formulou a pergunta-chave: “Havíamos decidido que nem todas as tecnologias novas são aceitáveis. Mas onde traçar a fronteira? Fronteiras são difíceis de serem estabelecidas. Se forem eliminadas, tudo o que é admirável no esporte simplesmente vai desaparecer”.

Para o canadense Richard Pound, xerife-mor do combate a substâncias e métodos proibidos, e pregador absolutista do esporte puro, além de membro do COI dos mais encenqueiros, a questão nada tem de filosófica. Solicitado a definir o que é *doping*, não hesitou: “*Doping* é como a

pornografia – você o reconhece quando o vê”.

Sobretudo, você o encontra na sua mesa de trabalho, em Pequim, meras 48 horas após ter digitado as letras HGH na internet. Essa, pelo menos, foi a experiência feita por Matthew Pinsent em fevereiro último. Pinsent é membro do Comitê de Atletas do COI, dono de quatro medalhas de ouro olímpicas no remo e um dos enviados da BBC para a cobertura dos Jogos. A encomenda do hormônio de crescimento *made in China*, com dosagem para duas semanas, lhe chegou sem entraves em troca de 180 libras esterlinas.

Para a China, que gostaria de ver varrida da história olímpica a sua cumplicidade com a prática de *doping* — mais de trinta de seus nadadores falharam em testes realizados nos anos 1990, e sete de seus remadores não se apresentaram nos Jogos de Sydney para escapar dos testes de EPO —, parece ter chegado a hora de limpar a casa.

Os chineses deverão usar métodos mais eficazes do que os empregados com o historiador americano David Wallechinsky, autor da série de livros de referência *The Complete Book of the Olympics*, atualizada a cada quatro anos. (A edição de 2008, recém-chegada às livrarias americanas, tem 1.200 páginas) O autor conta que recebeu do editor chinês o pedido para retirar o nome do jogador de vôlei Wu Dan da lista de atletas que testaram positivo em competição. “Alguns aspectos da verdade ainda não puderam ser compartilhados com o povo chinês”, justificou o editor. Diante da recusa de Wallechinsky, a publicação da versão chinesa foi cancelada.

Em contrapartida, pelo menos no papel, a China aprovou a lei *antidoping* mais draconiana em vigor no mundo: se dois ou mais atletas de uma modalidade falharem em algum teste, a modalidade como um todo fica banida dos Jogos Nacionais. E se algum atleta chinês for flagrado durante os Jogos, será banido do olimpismo para sempre.

Quando um atleta testa positivo depois de vencer uma competição, presume-se que sua conquista só foi possível

graças ao efeito Popeye da substância proibida. A formação de um atleta de elite, no entanto, é um processo bem mais complexo, para o qual contribuem vários fatores — dez anos em média de treinos, alto nível de habilidade natural, obsessão competitiva, especificidades genéticas. Equipamentos de última geração, como os cobiçados maiôs LZR da Speedo, projetados para aumentar a fluidez do nadador, tampouco fazem tudo sozinhos.

O tenista australiano Mark Philippoussis, cujo apelido, The Scud (nome do míssil soviético usado pelo Iraque na primeira Guerra do Golfo), diz bastante sobre a força da sua raquetada, chegou a se submeter a um tira-teima para ajudar a definir o que é produto do homem e o que é responsabilidade da máquina. Dono do quarto saque mais veloz da história do tênis (229 km/h) com um modelo de raquete de fibra de carbono tido como decisivo, ele repetiu o saque usando uma antiga Dunlop Maxply de madeira. Resultado: sacou a igualmente absurdos 218 km/h e saiu da quadra rindo.

“Jamais vou poder saber o tamanho do meu talento nem do que eu seria capaz”, constatou, com melancolia, a ex-nadadora Rica Reinisch. Ela integrou a geração de mais de 10 mil atletas da antiga Alemanha Oriental submetidos à mais criminosa experimentação com *doping* empreendida por um Estado, que os usou para fazer propaganda política. Reinisch tinha 15 anos, em 1980, quando bateu quatro recordes mundiais e conquistou três medalhas de ouro nos Jogos de Moscou. Alimentada a esteroides desde a puberdade, foi uma das estrelas da máquina de produzir campeões com experimentos altamente sigilosos, sequer testados em animais.

Quatro anos antes, nos Jogos de Montreal, a primeira leva dessas atletas-cobaias surgiu de trás da Cortina de Ferro e desconcertou por completo as adversárias. Nas provas de natação feminina, o massacre foi particularmente impiedoso: as americanas, at e então consideradas imbatíveis, saíam cabisbaixas após cada disputa. Das onze provas individuais, as alemães haviam vencido dez. A velocista Shirley Babashoff,

REFLEXÕES XXVI

com quatro miseráveis medalhas de prata no pescoço, relembra sua ira surda diante daqueles armários de voz grossa. “Viemos aqui para nadar, não para cantar”, respondiam as alemãs, quando provocadas.

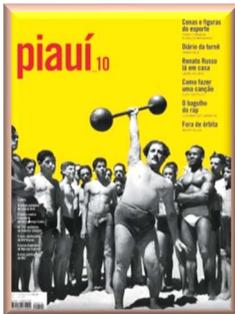
Ao final, faltando uma última prova — o revezamento 4 x 100 — na qual as alemãs já detinham o recorde mundial, ocorreu o que até hoje é considerado um dos épicos da história da natação e, do ponto de vista americano, uma súplica da Guerra Fria. Impulsionadas essencialmente pela vontade quase terminal de vencer a humilhação e derrotar um adversário fisicamente imbatível, as americanas chegaram à frente, e ainda bateram o recorde mundial pela enormidade de 4 segundos. Foi, sem dúvida, uma vitória da mente sobre o corpo.

Ou seja, há bastante espaço a ser conquistado pelos atletas que competirem limpos em Pequim. Na definição do ensaísta Christopher Lasch, o esporte, do qual os Jogos Olímpicos representam o apogeu, mistura talento, inteligência e concentração máxima de propósito — numa atividade totalmente desprovida de sentido, que em nada contribui para o bem-estar ou riqueza da coletividade, nem para a sua sobrevivência física. Mas ela é, ao mesmo tempo, a atividade que melhor evoca a perfeição da infância, com regras e limites criados só para aumentar o prazer da dificuldade, e aos quais os participantes aderem por livre e espontânea vontade. ●

Dorrit Harazim: jornalista. Foi editora de Piauí de 2006 a 2012
Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 23, agosto de 2008

Sexo e outras distrações

Bill Bryson



O homem botava a coisa dele na coisa dela, deixava lá um tempinho e daí eles tinham um bebê. O que seriam essas coisas inespecíficas — Dedo dele na orelha dela? Chapéu dele na caixa dela?

Em 1957, *Peyton Place*, o filme mais quente dos últimos tempos, ou pelo menos assim os *trailers* candidamente nos convidavam a imaginar, foi lançado para uma nação expectante, e minha irmã decidiu que iríamos assistir. Por que eu era considerado parte da aventura, não faço ideia. Talvez fornecesse algum tipo de álibi. Talvez o único momento em que ela podia dar uma saidinha despercebida de casa fosse quando me pajeava. Só sei que fui informado de que iríamos caminhar até o cinema *Ingersoll*, no sábado depois do almoço, e que era para eu não dizer a ninguém. Era muito excitante.

No caminho, minha irmã disse que muitos personagens do filme — provavelmente a maioria — estariam fazendo sexo. Minha irmã àquela altura era a principal autoridade mundial em assuntos sexuais, pelo menos no que me dizia respeito. Sua especialidade particular era detectar celebridades homossexuais. Sal Mineo, Anthony Perkins, Sherlock Holmes e o dr. Watson, Batman e Robin, Charles Laughton, Randolph Scott, Liberace, é claro, e um homem na terceira fileira da Orquestra de Lawrence Welk que me parecia bem normal — foram todos desmascarados pelo seu olhar penetrante. Ela me disse que Rock Hudson era gay em 1959, muito antes que qualquer um tivesse adivinhado. Ela sabia que Richard Chamberlain era gay antes dele, acho. Ela era do outro mundo.

“Você sabe o que é sexo?”, perguntou, assim que passamos para o recesso do bosque, caminhando em fila indiana pelas árvores, ao longo da trilha estreita. Era um dia invernal e eu lembro com clareza que ela usava um casaco novo de lã vermelha, bacana, e um chapéu branco felpudinho, amarrado no queixo. Eu a achava muito bacana e madura. “Não, acho que não sei” — eu disse, ou algo similar.

Então ela contou, em tom grave e com o tipo de fraseado cuidadoso, que deixava claro tratar-se de informações privilegiadas tudo o que havia para saber sobre sexo, embora, como ela tivesse apenas 11 anos naquela época, seu conhecimento talvez fosse um tantinho menos enciclopédico do que me pareceu. Enfim, a essência do negócio, como eu entendi, era que o homem botava a coisa dele na coisa dela, deixava lá um tempinho e daí eles tinham um bebê. Lembrome de matutar o que seriam essas coisas inespecíficas — dedo dele na orelha dela? Chapéu dele na caixa dela? Como saber? Enfim, faziam essa coisa nus, e quando você se dava conta, eram pais.

Para falar a verdade, eu não dava muita bola para o modo como os bebês eram feitos. Estava bem mais interessado na aventura secreta, empreendida às escondidas de nossos pais, e pela andança no bosque. Aos 6 anos, dava para me aventurar discretamente no bosque, de quando em quando, brincar de guerra à vista da rua e sair novamente com uma sensação de contentamento — ou de franco alívio — por adentrar o dia claro e a luz do sol. O bosque dava aflição. O ar lá era mais denso, mais sufocante; os barulhos, diferentes. Podia-se entrar no bosque e não sair mais. Nunca se consideraria usá-lo como passagem. Era vasto demais para esse propósito. Ser conduzido através dele, então, por uma confidente toda bacana, enquanto recebia informação privada, ainda que esta fosse de todo inexpressiva para mim, era de arrepiar. Passei a maior parte da longa caminhada admirando a majestade sombria do bosque e atento a lobos e casinhas feitas de doces.

Como se não fosse excitação bastante, quando chegamos à

avenida Grand minha irmã me levou para um caminho secreto, entre dois prédios de apartamentos, passando pelos fundos da Drogaria Bauder, na Ingersoll — nunca me ocorrera que a Drogaria Bauder tivesse fundos —, de onde emergimos quase do lado oposto ao do cinema. Isso era tão impossivelmente estiloso que eu mal podia suportar. Sendo a Ingersoll uma rua muito movimentada, minha irmã pegou-me a mão e nos guiou com habilidade para o outro lado — tarefa que também me pareceu incrível. Duvido que jamais eu tenha ficado tão orgulhoso em estar associado a outro ser humano.

No guichê, quando a moça dos ingressos hesitou, minha irmã disse-lhe que tínhamos um primo da Califórnia fazendo um papel no filme e que havíamos prometido à nossa mãe, uma mulher ocupada, de certa importância (“ela é colunista do Register, né?”), que iríamos assistir ao filme como representantes dela, e que providenciariamos um relatório completo depois. Talvez não fosse a mais convincente das histórias, mas minha irmã tinha um rosto de anjo, jeito sagaz e aquele chapéu felpudinho e inocente — uma combinação da qual não se podia duvidar. Então a vendedora, após um momento de incerteza alvoroçada, deixou-nos entrar. Também fiquei orgulhosíssimo de minha irmã por isso.

Depois de tanta aventura, a fita em si foi um pouco anticlimática, especialmente quando minha irmã contou que não tínhamos na verdade um primo no filme, ou mesmo na Califórnia. Ninguém ficava pelado e não havia dedos em orelhas ou dedos do pé em caixas de chapéu, nem nada. Apenas montes de gente infeliz falando com abajures e cortinas.

Logo depois, por acaso, tive uma experiência adicional que lançou mais uma luzinha no assunto sexo. Voltando da brincadeira certo sábado, e descobrindo minha mãe ausente de seus domínios costumeiros, decidi impulsivamente recorrer a meu pai. Naquele dia ele acabara de voltar de uma longa viagem à costa Oeste — o Campeonato Mundial entre White Sox e Dodgers, se bem me lembro — e tínhamos bastante coisa

REFLEXÕES XXVI

para botar em dia. Então, corri para o quarto dele, esperando encontrá-lo desarrumando a mala. Para minha surpresa, as venezianas estavam abaixadas e meus pais estavam na cama engalfinhando-se sob os lençóis. Mais espantoso ainda, minha mãe vencia. Meu pai estava obviamente em algum apuro. Fazia um ruído, como um animalzinho preso.

— O que você está fazendo?, perguntei.

— Ah, Billy, sua mãe está examinando meus dentes — meu pai respondeu rápido, ainda que de modo não muito convincente. Ficamos todos quietos por um momento.

— Vocês estão nus aí debaixo?, perguntei.

— Ora essa, sim, estamos.

— Por quê?

— Bem, — disse meu pai, como se essa fosse uma história que iria longe, — ... ficamos com calor. Dá calor isso de dentes, gengivas, coisa e tal. Olha, Billy, estamos quase acabando aqui. Por que não vai para baixo? Já, já descemos.

Acho que é para ficar traumatizado com essas coisas. Não me lembro de ficar nem um pouco perturbado, embora lá se fossem alguns anos até eu deixar minha mãe olhar a minha boca de novo. Foi uma surpresa, quando eu enfim me liguei, perceber que meus pais faziam sexo — sexo entre os pais sempre parece levemente inacreditável, claro —, mas também senti uma espécie de alívio, porque fazer sexo não era fácil nos anos 1950.

No casamento, com o homem por cima e a mulher rangendo os dentes era legalmente admissível, mas quase todo o resto era proibido na América daqueles tempos. Quase todo estado tinha leis proibindo qualquer forma de sexo considerada remotamente fora dos padrões: sexo oral e anal, evidente; homossexualidade, óbvio; até sexo normal e polido entre casais aquiescentes, porém não casados. Em Indiana, dava até catorze anos de prisão ajudar, ou instigar um menor de 21

anos, a “cometer masturbação”. A Arquidiocese Católica Romana do mesmo estado declarou, mais ou menos na mesma época, que sexo fora do casamento não apenas era pecaminoso, sujo e favorecia a reprodução, mas também fomentava o comunismo. Nunca se especificou como uma transa no monte de feno ajudava a marcha incansável do marxismo, mas pouco importava. A questão era que, uma vez que uma ação fosse considerada fomentadora do comunismo, não dava para chegar nem perto.

Já que os legisladores não se punham a discutir esses assuntos às claras, volta e meia não era possível saber o que, exatamente estava sendo banido. Kansas tinha (e pelo que sei, ainda tem) um estatuto dedicado a punir severamente qualquer um “condenado pelo crime detestável e abominável contra a natureza cometido com humano ou com animal”, sem indicar, sequer de maneira vaga, que crime detestável e abominável contra a natureza poderia ser esse. Terraplanar uma floresta? Chicotear a mula? Não havia jeito de saber.

Quase tão mau quanto fazer sexo era pensar em sexo. Quando Lucille Ball, em *I love Lucy*, ficou grávida por quase toda a temporada de 1952-3, o programa não pôde usar a palavra “grávida”, com medo de incitar espectadores suscetíveis à ginástica isométrica de sofá. Em vez disso, descrevia-se Lucy como “esperando” — uma palavra, parece-me, menos emocional. Mais perto de casa, em 1953, em Des Moines, a polícia invadiu o Ruthie’s Lounge e acusou a dona, Ruthie Lucille Fontanini, de entregar-se a um ato obsceno. Era um ato tão perturbador que dois suboficiais e um capitão da polícia fizeram uma viagem especial para vê-lo, como na verdade fazia a maioria dos homens em Des Moines, vez por outra, ou assim parecia. O ato obsceno de Ruthie, descobriu-se, é que ela, com o devido estímulo de um recinto cheio de beberões felizes, equilibrava dois copos no seu peitoral de blusa justíssima, enchia-os com cerveja e os conduzia sem entornar até uma mesa de admiradores.

Tudo indicava que Ruthie, em seus bons tempos, era jogo

duro. “Foi casada dezesseis vezes com nove homens”, segundo George Mills, ex-repórter do *Des Moines Register*, num maravilhoso livro de memórias. Um dos casamentos de Ruthie terminou apenas dezesseis horas depois, quando Ruthie acordou e encontrou o novo marido vasculhando sua bolsa em busca da chave do cofre. Seu hábito de usar o peito como bandeja pareceria um talento menor numa época em que o correio era entregue por foguete, mas tornou-a nacionalmente famosa. Um par de montanhas na Coreia foi chamado “as Ruthies” em sua homenagem e o diretor hollywoodiano Cecil B. De Mille visitou o Ruthie’s Lounge para observá-la em ação.

A história tem final feliz. O juiz Harry Grund retirou as acusações de obscenidade. Ruthie, por fim, casou-se com um bom homem chamado Frank Bisignano e estabeleceu-se numa pacata vida de dona de casa. As últimas informações davam conta de que foram casados e felizes por mais de trinta anos. Gostaria de imaginá-la trazendo-lhe ketchup, mostarda e outros condimentos no peito toda noite, mas é claro que é só conjectura.

Para aqueles de nós que tinham interesse em ver mulher pelada, é claro que havia fotos na *Playboy* e em outros periódicos masculinos de reputação inferior, mas estes eram quase impossível adquirir legalmente, mesmo se você pedalasse até uma das mercearias *caidaças* no lado leste, abaixasse a voz duas oitavas e jurasse por Deus ao funcionário impassível que nascera em 1939.

Às vezes, na drogaria, se seu pai estivesse ocupado com o farmacêutico, você podia dar uma rápida folheada nas páginas. Era uma operação aflitiva, pois a estante das revistas era vista de muitos cantos da loja. Além disso, ficava logo na entrada e visível da rua através de uma grande vidraça, o que o deixava vulnerável em todas as frentes. Uma das amigas da sua mãe podia passar, vê-lo e dar o alarme — havia uma linha para a polícia num orelhão bem na frente, talvez colocado ali com esse objetivo. Ou um empacotador de supermercado espinhento segurar seu ombro por trás e denunciá-lo em alto e

bom som. Ou seu próprio pai alcançá-lo de forma inesperada, enquanto você estava distraído, tentando freneticamente localizar as páginas em que Kim Novak era vista relaxando num tapete felpudo — então, na prática, havia quase nenhum prazer e pouquíssimo esclarecimento nesse exercício. Essa era uma época, não se esqueça, na qual se podia ser preso por carregar cerveja embaixo da camisa ou cometer um crime inespecífico contra a natureza. Inconcebíveis, então, as consequências de te pegarem segurando fotografias de mulher pelada numa drogaria de família, mas você podia ter certeza de que envolveria o espocar de *flashes*, manchetes no jornal e muitos milhares de horas de serviço comunitário.

No geral, portanto, era preciso se virar com propagandas de roupa íntima, ou com anúncios lustrosos em revistas. Maideform, um fabricante de sutiãs, divulgou nos anos 1950 uma série bem conhecida de anúncios, nos quais mulheres se imaginavam semivestidas em lugares públicos. “Sonhei que estava em uma joalheria vestindo o meu sutiã Maidenform”, dizia o cabeçalho de um, acompanhado por uma foto mostrando uma mulher que usava chapéu, saia, sapatos, joias e um sutiã Maidenform — tudo, em suma, menos uma blusa — numa vitrine da Tiffany, ou um lugar desses. Havia algo profundamente erótico — e, suponho, nada saudável — nessas fotos. Era lamentável, mas Maidenform tinha um instinto infalível para escolher modelos um tanto entradas em anos e não superatraentes, e, em todo caso, os sutiãs da época estavam mais para utensílios cirúrgicos do que para incitações à fantasia. O desperdício de um conceito erótico tão promissor dava desespero.

Apesar das deficiências, a proposta era muitíssimo imitada. Sarong, um fabricante de cintas tão pesadas que pareciam à prova de bala, seguiu linha similar com uma série de anúncios mostrando mulheres apanhadas por golpes de vento inesperados, revelando suas cintas *in situ* (no local), para espanto horrorizado delas, mas para deleite furtivo de todos os machos num raio de cinquenta metros. Tenho um anúncio de

1956, mostrando uma mulher que acaba de desembarcar de um voo da Northwest Airlines, e cujo casaco de pele se abriu de forma inconveniente com uma lufada e revelou-a vestindo um modelo 124 da cinta Sarong em náilon (disponível em todas as casas do ramo por 13,95 dólares). Mas — e eis o que me perturba, desde 1956 — a mulher claramente não usa saia ou nenhuma outra coisa entre a cinta e o casaco, o que levanta questões prementes relativas ao modo como estava vestida quando embarcou no avião. Terá voado sem saia todo o trajeto de (digamos, para fins de argumentação) Tulsa a Minneapolis, ou terá tirado a saia no caminho — e por quê?

Por acaso, tínhamos em Des Moines a estátua mais erótica do país. Fazia parte do grande monumento estadual à Guerra Civil. Chamada Iowa, mostrava uma mulher sentada, segurando os seios desnudos nas mãos, colhidos por baixo, de um jeito espantosamente provocante. Diziam que o gesto procurava representar um oferecimento simbólico de alimento, mas o que ela faz mesmo é convidar todo homem que passa a ter vontade de escalar a mulher e agarrá-la. Às vezes íamos de bicicleta até lá nos sábados para encará-la por baixo. “Erguida em 1890”, dizia uma placa na estátua. “E os deixando erguidos desde então”, costumávamos zombar.

A outra única opção era espionar as pessoas. Um menino chamado Rocky Koppell, cuja família fora transferida de Columbus para Des Moines, morou um tempo num apartamento do Hotel Commodore. Ele descobriu, nos fundos do quarto de dormir, um buraco na parede, através do qual ele podia observar a empregada no cômodo ao lado se vestindo e, vez por outra, participando de uma honesta troca de fluidos com um dos zeladores. Koppell cobrava 25 centavos para espiar pelo buraco.

Um lugar onde, sabia-se, nunca se veria carne feminina nua era nos filmes. As mulheres se despiam nos filmes de tempos em tempos, mas elas sempre passavam para trás de um biombo para fazê-lo, ou vagavam para outro quarto depois de tirar os brincos e, distraídas, soltar o botão de cima da blusa.

REFLEXÕES XXVI

Mesmo se a câmera acompanhasse a mulher, sempre baixava o enquadramento timidamente no momento crítico, daí tudo o que se via era um roupão caindo pelos tornozelos e um pé entrando na banheira. Não dá sequer para dizer que era decepcionante, porque não havia expectativas a serem decepcionadas.

Quem tinha irmãos mais velhos, ouvira falar de um filme chamado Mau Mau, lançado em 1955. Era um documentário respeitável sobre o levante Mau Mau, no Quênia. Mas o distribuidor decidiu que o filme não era comercial o bastante. Contratou um time de atores e técnicos locais, e filmou cenas adicionais num laranjal, do sul da Califórnia. Elas mostravam mulheres “nativas” de topless, esquivando-se de homens com facões. Ele emendou as cenas extras mais ou menos a esmo na fita. O resultado foi uma sensação comercial, particularmente entre os garotos de 12 a 15 anos. Infelizmente, eu só tinha 4 anos, em 1955.

Certa vez, quando eu tinha uns 9 anos, construímos uma casa na árvore dentro do bosque e mais ou menos automaticamente, a usamos para tirar tudo, na frente uns dos outros. Isso não era lá muito excitante, visto que o grupo consistia em uns 24 menininhos e só uma garota, Patty Hefferman, que já aos 7 anos pesava mais que uma escavadeira das grandes, e não era a ideia de Madame Eros de ninguém. Ainda assim, por uns biscoitos Oreo, estava disposta a ser examinada, de qualquer ângulo, pelo tempo que qualquer um quisesse, o que lhe conferia certo valor antropológico.

A única garota na vizinhança que todos queriam ver nua era Mary O’Leary. Era a criança mais linda em milhões de milhões de galáxias, mas não tirava a roupa. Brincava conosco alegremente na casa da árvore enquanto a diversão fosse saudável, mas, quando as coisas ficavam suculentas, partia escada abaixo e dizia, com uma fúria contida, que era quase de chorar, que éramos grosseiros e odiosos. Isso me fez admirá-la muito, muito mesmo. Com frequência, eu largava a

REFLEXÕES XXVI

brincadeira também (pois, na verdade, não dava para encarar a Patty Hefferman muito tempo e depois ainda comer a comida da minha mãe) e a acompanhava até em casa, louvando-a com ênfase por sua virtude e modéstia.

“Esses caras são nojentos”, eu dizia, convenientemente, não admitindo que eu mesmo era um desses caras.

A recusa dela em participar era, dum jeito esquisito, a coisa mais estimulante em toda aquela experiência. Eu adorava, venerava Mary O’Leary. Costumava sentar ao seu lado no sofá quando ela assistia à tevê e encará-la em segredo. Era a coisa mais perfeita que eu já tinha visto — tão macia, limpa, sorriso em flor, cheia de luz rósea. E não havia nada mais perfeito e jubiloso na natureza do que aquele rosto no microinstante anterior à sua risada.

Naquele verão, minha família foi passar o Quatro de Julho na casa dos meus avós, onde mais uma vez eu viveria a experiência desanimadora de observar tio Dee transformar comida em reboco voador. Pior ainda, a televisão dos meus avós estava fora de combate, aguardando uma peça nova — o bobo-alegre do homem do conserto dali era incapaz de ver lógica em manter válvulas sobressalentes no estoque — então eu tive de passar o longo fim de semana lendo na modesta biblioteca dos meus avós, que consistia, na maior parte, de Seleções, romances de Warwick Deeping e uma caixona de papelão cheia de Ladies’ Home Journals. Foi um fim de semana árduo.

Quando voltei, Buddy Doberman e Arthur Bergen estavam esperando perto de casa. Mal cumprimentaram meus pais, tão ansiosos estavam para uma conversa particular comigo. Esbaforidos, disseram que na minha ausência a Mary O’Leary fora para a casa da árvore e tirara a roupa — cada pedaço de pano. Fizera-o livremente, até mesmo com uma espécie de despojamento sonhador.

— Foi como se ela estivesse em transe — disse Bergen, carinhosamente.

REFLEXÕES XXVI

— Um transe feliz — acrescentou Buddy.

— Foi legal mesmo — disse Bergen, com seu estoque de memórias carinhosas nem de longe esgotado.

É claro que me recusei a acreditar numa palavra sequer. Tiveram de jurar por Deus uma dúzia de vezes, e pela morte da mãe, em uma pilha de bíblias, antes que eu estivesse preparado para suspender um pouquinho a minha descrença natural. Acima de tudo, tiveram de descrever cada etapa do acontecimento, algo que Bergen foi capaz de fazer com clareza admirável. (Ele tinha, como se gabaria anos depois, uma memória pornográfica.)

— Ora, vamos pegá-la e fazer de novo, disse eu.

— Ah, não, Buddy explicou. Ela disse que não iria fazer mais. Tivemos de jurar que nunca pediríamos de novo. Esse foi o trato.

— Mas isso não é justo, eu disse, espumando e horrorizado.

— O “engraçado”, continuou Bergen, é que ela disse que vinha pensando em fazer isso há um tempão, mas um dia em que você não estivesse, porque não queria te ver zangado.

— Zangado? Zangado? Você está de gozação? Zangado? Tá de gozação? Tá de gozação?

Fiel à palavra, Mary O’Leary nunca mais chegou perto da casa da árvore.

Pouco depois, num momento inspirado, tirei todas as gavetas do armário do meu pai para ver o que havia, se é que havia, nos fundos. Eu costumava dismantelar seu quarto duas vezes por ano — quando ele ia para o treinamento de primavera e para o Campeonato Mundial — à cata de cigarros perdidos, dinheiro solto e provas de que eu era mesmo do planeta Electro; talvez uma carta do Rei Volton ou do Congresso de Electro, prometendo alguma recompensa polpuda por me criar em segurança e confirmando que meus menores caprichos deveriam ser realizados.

REFLEXÕES XXVI

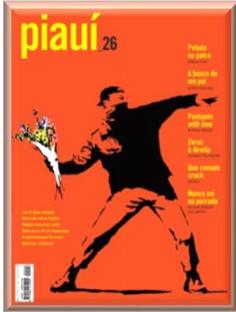
Nessa ocasião, como eu tinha mais tempo disponível que de hábito, tirei as gavetas até o fim para ver se havia algo embaixo ou atrás, e então achei a modesta muamba de mulhas do meu pai, compreendendo duas revistas finas, uma chamada *Dude*, a outra *Nugget*. Eram superbregas. As mulheres pareciam Pat Nixon ou Mamie Eisenhower — o tipo de mulher que você paga para não ver pelada. Fiquei horrorizado, não porque meu pai tivesse revistas masculinas — um progresso completamente bem-vindo, a ser encorajado de todas as maneiras possíveis —, mas porque escolhera muito mal.

Ainda assim, eram melhores do que nada e mostravam, afinal, mulheres despidas. Levei-as à casa da árvore, onde, na ausência de Mary O'Leary, foram muito valorizadas. Quando as devolvi ao lugar de origem, dez dias depois, logo antes que ele voltasse para casa, estavam visivelmente manuseadas. Era difícil não perceber que haviam sido desfrutadas por um público mais amplo. Faltava a página de uma, e quase todas as ilustrações agora traziam comentários à margem ou balõezinhos, muitos de natureza cândida, feitos por uma multiplicidade de mãos jovens. Nos anos que se seguiram, muitas vezes imaginei o que meu pai fazia com essas emendas espirituosas, mas, por alguma razão, nunca parecia a hora certa para perguntar. ●

Bill Bryson: escritor americano, é autor de **BREVE HISTÓRIA DE QUASE TUDO**.
Artigo publicado na *Revista PIAUÍ*, edição 10, julho de 2007

Pelada no palco

Diablo Cody



Eu nunca havia andado de moto nem feito aborto, terminara a faculdade em oito semestres certinhos e jamais roubara batom numa loja bacana. Eu era um saco, queridos. Podia sentir meu fogo apagando. Minha crise dos 25 anos pesou no estômago como um cheeseburger duplo. Essa é uma das razões para ter me dedicado ao strip-tease

Em janeiro de 2003, quando tinha 24 anos e estava cheia da cidade grande, mudei-me de Chicago para Minneapolis. Como muitos corações solitários, tinha conhecido meu namorado Jonny na “perda de tempo mundial”, ou seja, na internet (especificamente num *site* sobre a fase psicodélica dos Beach Boys e a subsequente derrocada do Brian Wilson rumo à terapia radical e todo aquele drama). Nosso namoro floresceu para o mundo real quando Jonny, do nada, me mandou um *e-mail* bastante curioso. Ele tinha uma maravilhosa gravação pirata dos Beach Boys, um raro fragmento instrumental da música *I’m in Great Shape*, do final de 1966. Apenas uma elite de gordos que não compartilha nada com ninguém tivera acesso à gravação, mas Jonny galantemente a ofereceu para mim como se fosse uma gardênia sonora. Como uma virgem poderia resistir àquele vinil? Aceitei o símbolo de amor *nerd* com um desmaio devidamente criptografado e protegido de vírus cibernéticos, e um romance acabava de nascer.

Imediatamente, atirei meu namorado da época no fundo do poço com a força de um tiro de bazuca. Logo, enviávamos um ao outro fitas de músicas extremamente confessionais (nada simboliza melhor o amor verdadeiro do que fitas cassetes cinzentas com os nomes das músicas escritos à mão). Atendendo aos pedidos, Jonny mandou-me fotos dele, com

REFLEXÕES XXVI

sua esposa simpaticamente retirada de cada uma por meio do *Photoshop*. Eu juntava contas de telefone que se desdobravam longamente como a Carta Magna e tocavam o chão da mesma forma que o meu queixo caído de espanto.

Quando um encontro ao vivo pareceu urgente, decidimos viajar separadamente para Los Angeles e nos encontrar no Whisky a Go Go, como verdadeiros roqueiros metidos a besta. Em pânico, tive uma crise de coceira segundos antes do horário marcado para o nosso encontro. Felizmente, Jonny nem ligou para o meu rosto coçando e cheio de bolinhas e olhou direto para os meus peitos. Passamos o resto do dia passeando por Hollywood, entornando cerveja mexicana, de mãos dadas, nossas palmas pegajosas grudadas de suor. Foi um primeiro encontro para entrar na história, culminando com os dois pelados e frenéticos na cama de um quarto de hotel em Marina del Rey.

Minha mãe, justificadamente neurótica com a ideia de que eu ia cruzar o país para me encontrar com um estranho, previu que receberia em casa um corpo morto num saco. Mas eu trouxe de volta um corpo, simplesmente um corpo muito bom no que fazia. Jonny era incrível, legal, nota dez, material de primeira. Meu coração e meus órgãos genitais emitiram um decreto determinando que eu me mudasse imediatamente para onde Jonny morava, Minnesota.

Assim, eu logo estava dirigindo uma van por vários estados, parando só para comer galinha frita engordurada em restaurantes de beira de estrada. Não estava deixando muita coisa para trás, a não ser um emprego de baixo nível num escritório de advocacia prestes a falir, no qual uma mulher reprimida chamada Louanne me fazia arquivar coisas. Meus pais ficaram desconcertados com a mudança, mas eu tinha que me mandar. O amor é misterioso e foda, como dizia o vocalista do Journey, Steve Perry.

Quando cheguei, mudei-me para o condomínio de subúrbio em estilo colonial de Jonny, que parecia uma Casa Branca em

REFLEXÕES XXVI

versão piorada. No apartamento, as paredes eram brancas, os eletrodomésticos eram brancos, os ruídos eram brancos e o carpete era da cor de areia virgem. Em Chicago, eu vivia num prédio zoneado e sem elevador, perto de um bar e de um centro de recuperação de jovens assassinos. Minha nova locação, ao contrário, era tão silenciosa que dava para ouvir uma agulha caindo.

Em Minnesota eu poderia ser a garota mais anônima do mundo. Se quisesse, poderia me reinventar e virar campeã de hóquei. Poderia usar gravatas como as dos mafiosos e carregar um cachorrinho de madame pela cidade. Poderia mudar meu nome para Lynn, ficar bulímica e vomitar barras de cereal dietéticas nas latas de lixo. Parecia mágica! Eu tinha me apagado, como aquela cantora Lisa Loeb faz naquele *clip supergay*.

Depois de passar dois dias vagando pela cidade sem falar com ninguém, consegui trabalho como digitadora numa agência de publicidade que parecia o cenário de um filme do Kubrick, com paredes cobertas de aço escovado e aparelhos de televisão. Enquanto preenchia pilhas de papel com roteiros de propagandas de rádio imbecis (correções eram proibidas), via a neve caindo pela minha janela no 26º andar. Os flocos caíam tão rapidamente da camada cinzenta de nuvens que eles não pareciam subir ou descer. Apelidei Minneapolis de “Cidade Branca”.

Eu até gostava da agência de publicidade. Alguns dos benefícios de se trabalhar lá eram: grande variedade de chás normais e descafeinados, incluindo os sabores maçã e chá preto com laranja; conexão de internet de primeira, rápida como um coelho; um excelente Porn Shui.

Meu amor da internet, Jonny, tinha grandes esperanças de que eu fosse bem-sucedida em Minneapolis. Por isso, senti-me meio mal quando peguei uma espécie de gripe mutante letal depois de apenas uma semana na Cidade Branca. Como o vírus atacou minhas pernas, tinha que me arrastar com a

ajuda dos braços pelo nosso apartamento alugado e vazio. Quando finalmente voltei ao trabalho, ainda não tinha parado de mancar. Enquanto capengava da minha mesa até a copiadora, as pessoas me olhavam como se perguntassem: “Quem contratou a aleijada?”

Por outro lado, as primeiras semanas na minha nova casa foram radiantes e recompensadoras. Eu fazia jantares cafonas, como *fondue* ou carne assada queimada, enquanto Jonny (um velho *habitué* do rock local) tirava sons estridentes de sua guitarra Epiphone vermelha. A filha de três anos de Jonny, uma larva precoce com covinhas de celebridade infantil, dormia lá em casa algumas noites por semana e, no começo, parecia tranquila com a minha repentina inclusão em sua família partida. Quando eu estava sozinha em casa, tentava obstinadamente terminar o terrível romance que estava escrevendo desde o começo da faculdade.

Inspirada pelos talentos musicais de Jonny, tentei aprender a tocar baixo, mas, quando finalmente fiz um teste para uma banda de eletropop, os membros do grupo me olharam como se eu estivesse peidando o tema de *Mahogany*, aquele filme brega com a Diana Ross. Fiquei chateada com a rejeição, e meu baixo rapidamente adquiriu uma grossa camada de poeira, o que foi realmente uma merda, porque eu queria ter uma presença de palco como a da Kim Gordon, do *Sonic Youth*, ou da Kim Deal, dos *Pixies*, ou de qualquer baixista de cabelos lisos escorridos chamada Kim que tenha sido minha heroína na adolescência. Naquela época, não sabia que acabaria mostrando o dedo do meio para o público inúmeras vezes, ainda que em circunstâncias diferentes das que eu imaginara.

Olhando para trás, eu tive uma bela vida. Foi uma existência digamos nota oito (dois pontos a menos pelo clima de merda e pela gripe mortal). Ainda assim, me sentia inquieta, procurando agitação desesperadamente, como uma criança que rouba um gole do vinho da mãe. Estava chegando ao lado negro dos meus 20 anos, mas não parava de me mexer, ainda

me sentia uma adolescente com formigas na calcinha. A grande mudança para Minneapolis tinha provocado uma espécie de azia psicológica, e sentia como se me tivessem oferecido uma última oportunidade de fazer uma loucura sem ter que lidar com as consequências da vida adulta.

Eu disse “última” porque sempre fui um ser humano do sexo feminino bem-comportado. As provas: nunca havia andado de moto, nem naquelas japonesas fraquinhas. Nunca havia engravidado por acidente ou feito um aborto. Recebi cada um dos sacramentos, com exceção do matrimônio e da extrema-unção. Terminei a faculdade em oito semestres certinhos (com uma crise nervosa em cada um). Nunca joguei bebida na cara de alguém no meio de um porre. Nunca furtei batom numa loja bacana. Eu era um saco, queridos. Podia sentir meu fogo apagando. Minha crise dos 25 anos pesou no estômago como um *cheeseburger* duplo. Acho que essa é uma das razões por ter acabado seminua numa boate como a Skyway Lounge.

Uma noite, no finalzinho do inverno, estava me arrastando para o ponto de ônibus depois de mais um dia entediante na agência como uma esplêndida digitadorazinha de merda. Passei por um desses bares enfurnados em que as garçonetes trabalham com os peitos de fora, e prestei atenção na marquise, onde normalmente estava escrito: “Noite Amadora \$200” (e, às vezes, “cidade da diversão”, do que eu discordava). Eu tinha a tendência a passar correndo em frente ao Skyway Lounge, como se sua aura molecular pudesse me contaminar incuravelmente com piolhos genitais.

A frase “Noite Amadora” (relacionada ao *strip-tease*) sempre formou uma imagem específica na minha cabeça: eu via uma bêbada de pernas tortas cambaleando pelo palco da boate, com sapatos altos e surrados de dama de honra, enquanto o marido a estimula com um maço de cigarros *light*: “Vamos lá, querida! Seus cigarros estão aqui! Só mais uns passos e as duzentas pratas são nossas!” *Stripper* é uma profissão que parece superglamorosa, mas a ideia de tirar a roupa no circuito amador me desesperava tanto quanto uma

cidadezinha do interior do Texas. Ainda assim, eu estava curiosa.

Só havia entrado num bar de *strip* uma vez, em Chicago. Era um estabelecimento que não podia vender bebidas alcoólicas, sombrio e sem graça, dirigido pela máfia russa. Senti pena das garotas perambulando de mesa em mesa, suas bocas abertas em semissorrisos, como belos cadáveres. Meu companheiro e eu compramos uma *lap dance* cada um, aquele lance em que as garotas dançam e se esfregam diretamente no cliente, e trocamos cômicos olhares de animação e pânico enquanto as *strippers* giravam passivamente sobre nossas virilhas. Minha *stripper*, uma garota andrógina de cabelos raspados e vestido de vinil, era uma fonte indiferente e ineficiente de calor. Quando ela se inclinou para a frente e abriu a bunda para me mostrar o olho do cu, eu disse: “Gostei das suas botas.” Desde então, a experiência ficou gravada na minha tenra cabecinha, e tentei me imaginar nua naquele salão cheio de espelhos e com cheiro de bunda. Eu não conseguia. Eu era uma legítima idiota.

Suponha que eu conseguisse reunir um pouco de desembaraço e entrasse no Skyway Lounge: mesmo se tivesse coragem para tirar a roupa por diversão, sabia que teria que dar satisfações a um pequeno, mas reprovador círculo social feminino. A maioria das garotas que eu conhecia odiava *strippers* com a mesma fúria reservada a estupradores em série. Elas usavam *stripper* como um adjetivo para desprezar qualquer coisa estúpida, nojenta ou repugnante. Por exemplo: “Esses sapatos são coisa de *stripper*, Jen.” Ou: “Kyle me dispensou por alguma puta *stripper* que faz compras em lojas de varejo.” Uma garota típica do meu grupo preferiria tirar as cutículas com gilete a permitir que seu parceiro fosse associado a garotas peladas. Essa paranoia era reforçada por histórias sensacionais de namorados que tiveram seus membros emporcalhados por *strippers*. Pouco importava se aquilo fora pago, e feito de livre e espontânea vontade: era culpa exclusiva da *stripper* ousar divertir um pênis que havia sido tão difícil

de ser conquistado por outra garota.

Nunca tive essa hostilidade em relação às *strippers*. Elas eram simplesmente as dançarinas de outrora, as garotas dos bares de hoje em dia, com superpeitos. Como ouvira falar que as *strippers* eram bem pagas, achava difícil acreditar que tivessem interesse em roubar o namorado, o marido ou o caso de alguém. Para mim, as *strippers*, mesmo as mais safadas, que faziam boquetes, só estavam faturando uma grana extra. Além disso, eu secretamente imaginava todas as *strippers* como membros de uma irmandade muito unida, que compartilhavam piadas picantes engraçadíssimas, trocavam fantasias, bebiam gim e cuidavam dos bebês das outras nas noites de folga. Elas deviam ser muito apegadas umas às outras por causa de sua vulnerabilidade: de que outro jeito poderiam sobreviver em meio às mandíbulas salivantes de homens estranhos?

Parada na frente do Skyway Lounge, meu coração batia nas costelas como um *rock* rápido e pesado. Eu queria estar lá, fazer parte daquele grupo brilhante de mulheres que sabiam o que as aguardava, mas metiam a cara de qualquer jeito. Não me importava se eu era namorada, filha ou quase madrasta de alguém, ou mesmo se era a porra da digitadora de alguém. Eu queria me abrigar na escuridão úmida e quente, a salvo da claridade ofuscante da neve, da papelada do trabalho e das pastas de arquivo que cortavam a palma de minhas mãos. Queria marchar rumo à espelunca e me expor aos seguranças sombrios, invernais em seus casacões e capuzes assustadores, que entravam e saíam em intervalos regulares.

Então, respirei fundo várias vezes e entrei lá como uma perfeita idiota. Sinceramente, não consigo ler uma autobiografia sem ter uma visão clara de como o autor era fisicamente em cada estágio da narrativa. Então, aqui vai: uma garota entra num bar enfiada em roupas de lã, como qualquer habitante equilibrado de um estado que faz fronteira com o Canadá, e onde chove granizo em qualquer cabeça descoberta. Eu era magricela (nós neuróticas geralmente somos assim),

REFLEXÕES XXVI

pálida e molenga como alguém que gosta de computadores e não de esportes pesados. Meu cabelo escuro estava cortado como uma cuia, minhas unhas eram luas minguantes roídas, e minha maquiagem já tinha saído horas antes. Estava a 2 mil anos-luz de uma Pamela Anderson no que diz respeito a ser uma *stripper* chique convencional.

– Oi – disse o porteiro, um cara velho, gordo e grisalho, do tipo que você espera ver como vigia de um bar de *strip*. Parecia que ele tinha administrado uma loja de consertos de barcos até Betty Anne se divorciar dele e, bem, você sabe como essas coisas são...

– O que você quer? – perguntou-me por entre seus bigodes cinzentos. Seus beijos deviam ter gosto de batata frita sabor bacon ou de cabeça de camarão. Algo grosseiro e salgado.

– Eu queria me inscrever para a Noite Amadora.

– Ah, é? – respondeu ele, completamente incrédulo. Essa foi a primeira vez (mas definitivamente não a última) que alguém deixou claro que eu não parecia nada com uma *stripper*.

– É – repliquei, desafiando-o. O Grisalho olhou para minha saia longa de retalhos e para meus sapatos acolchoados furrecas. Eu parecia a professora convidada de uma faculdade para mulheres do interior.

– Você realmente acha que pode subir aqui e tirar a roupa? – Ele apontou para o palco, onde uma latina gostosona se pendurava num poste de ferro, girando para mostrar uma cicatriz de cesariana vermelha como um salmão. Olhei a dançarina durante um tempo e admirei seus sapatos de plataforma salto 12, sólidos o suficiente para abrigar um cardume de peixes em cada uma de suas solas transparentes. Lição número um: até uma garota que acabou de parir pode ser glamorosa com os sapatos certos.

– É claro – eu disse. – É óbvio. Sou exatamente o tipo que você está procurando.

REFLEXÕES XXVI

– Você pode me mostrar o seu corpo? – perguntou o Grisalho de um jeito sacana. Suspirei, deixando para trás a primeira de muitas barreiras do meu ego, enquanto tirava o casaco de inverno comprido e revelava o meu (totalmente vestido) corpo. Eu era uma garota riponga, com o corpo parecido com um baixo, mas aceitável. Não tinha nenhuma cicatriz recente ou um cromossomo Y, e o sorriso perfeito era testemunha de anos de aparelhos dentários durante os meus puros e inocentes tempos de menina. O Grisalho continuava em dúvida: – Você pode me mostrar? – repetiu ele enfaticamente, os mamilos masculinos sacudindo como tofu macio.

– Tipo um teste? Não tenho nada para vestir – murmurei.

Ele esperava que eu trepasse com ele? Quer dizer, eu tinha visto milhares de filmes pornô com cenas de “testes”. Sabia como a banda tocava e eu não ia montar no Grisalhinho em nenhum depósito isolado. O rosto enrugado do Grisalho ficou ainda mais enrugado, como uma máscara de Carnaval vagabunda. Ele parecia profundamente irritado com a minha relutância de mulherzinha em tirar a roupa e cavalgá-lo como um cavalo campeão.

– Sim, como um teste.

– Eu não trouxe uma roupa de apresentação – repeti. – Não tenho nenhuma roupa especial. Só queria me inscrever na Noite Amadora. É na quinta, não é?

– É – disse o Grisalho, resignado. – Apareça, então.

Saí do bar desestimulada pela conversa cheia de indiretas do Grisalho, mas comprometida com o meu plano bobo e idiota. Em casa, anunciei meu plano a Jonny. Ele ficou surpreso com a ideia inesperada, mas gostou na hora. Sério, o cara não hesitou. Como se eu tivesse sugerido tomar sopa no abrigo para mulheres pobres ou praticar ioga, e não fazer *strip* num bar a menos de dois quarteirões de nossos locais de trabalho. Amo esse cara porque ele é bem porra-louca.

– Você vai à Noite Amadora do Skyway? Acho legal,

sinceramente – disse Jonny. – Você tem que ensaiar na minha frente. Preciso ver que tipo de movimentos pretende fazer.

– É uma pena que você não possa estar lá: é na quinta.

Geralmente, a filha dele dormia lá em casa às quintas, e eu não achava que meu *showzinho* deveria ser mais importante do que o tempo dele como pai. É o tipo de negligência paterna que pode resultar em terapia quinzenal.

– É... – disse Jonny, frustrado.

– Não se preocupe. Consigo fazer isso sozinha – tranquilizei-o.

Sinceramente, eu queria fazer aquilo sozinha. O *strip*, apesar de público, me parecia algo estranhamente particular. Além do mais, se eu ficasse nervosa, escorregasse e caísse no palco, não queria fazer isso na frente do meu namorado gostoso da internet.

Na noite seguinte, me arrastei pela neve até uma loja de roupas de *strip*. Contrariando a imagem de cidade das galochas fedidas, camisetas de banda e luvas acolchoadas, Minneapolis é o lar de pelo menos quatro lojas que atendem a sua população curiosamente grande de *strippers*. Essa em particular, cuja dona é uma ex-dançarina com tino para os negócios, não fingia ser uma loja de lingerie; era estritamente para *strippers*. Eu havia passado por lá algumas vezes, a caminho de uma lanchonete, e olhado a vitrine com as caixas de plataformas Ellie, as correntes pseudoturcas de colocar no quadril e vendedores *gays* vestidos com redes, tipo meias arrastão, que iam da cabeça aos pés.

Suando em bicas no meu casacão, me dignei a entrar. As araras eram uma confusão de peças de lycra fluorescente, lantejoulas e estampas de animais; cordinhas, correntes e vários tipos de franjas pendiam das roupas. Naquele lugar, uma garota podia ser tudo o que quisesse, da Cher à Cheetara dos **Thundercats**. Havia biquínis tão absolutamente mínimos que ocupavam um espaço negativo. Havia vestidos de preços exorbitantes em preto, rosa e laranja berrante para

aqueelas que tiravam a roupa em cabarés e bares chiques. Havia tanguinhas e fios dentais que combinavam com o modelo de roupa mais horrível. Inventei nomes para os conjuntos mais chamativos: “Tigresa com lantejoulas”, “Sinfonia em verde e ocre” e “Brilho de diamante falso”.

Tudo era incrivelmente pequeno. Senti que minha bunda gorda podia estragar mais aqueles trajes do que uma tesoura. Os vestidos já eram ruins o suficiente, mas as calças de poliéster para *strippers* eram liliputianas². Juro que tive uma boneca chamada Cricket que usava calças maiores do que as daquela loja. Infelizmente, eu precisava de algo maior do que PP para cobrir minha bunda gorda e flácida. Pretendia usar um *top* preto normal e uma minissaia de vinil que já tinha, então minha roupa de palco estava pronta, apesar de meio capenga. Mas comprei uma tranquilizadora calcinha preta resistente a puxões, um boá preto de plumas e plataformas rosa choque de salto fino dez, com lantejoulas. Quando paguei os 45 dólares e saí da loja, me senti uma puta qualquer. Foi o melhor dia da minha vida.

Voltei para casa, coloquei o disco *Hysteria*, do Def Leppard (um presente de Dia dos Namorados para *strippers*, se houvesse um), e ensaiei um caminhar *sexy* pelo apartamento. Não sabia qual era o jeito ideal de uma *stripper* se movimentar, então tentei visualizar uma participante de concurso de modelos e a estrela da propaganda Bobbi Brown. No vídeo *Cherry Pie*, Bobbi balança sua cortina de cabelo louro platinado, franze os lábios vermelhos, que parecem recheados com gordura de cadáver, e pega um pedaço de torta de cereja que caiu bem entre suas pernas. O cabelo, os lábios e o jeito espetacular de pegar a torta me faltavam, mas eu podia fazer beicinho, desfilas e bater as asas como o Mick Jagger, graças a anos de prática escondida.

Um *site* que eu lia secretamente no trabalho me informou que

² **Liliputiana**: diminuta.

as *strippers* deveriam se mover lentamente, mas eu tinha certeza de que os homens preferiam movimentos frenéticos sobre saltos altos à animação de um peixe em estado de coma. Inocentemente, me assegurei de que sabia que era *sexy*. Ainda assim, senti que a falta de coordenação motora que me acompanhara durante toda a vida seria difícil de superar. Enquanto me sacudia da cozinha até a sala, meus tornozelos trepidavam sobre os saltos estratosféricos, e apenas o carpete fofo parecia segurar meus passos. Perguntei-me se sobreviveria à Noite Amadora sem esmagar meu cóccix e passar o resto da minha carreira de digitadora sentada numa almofada inflável em forma de anel.

A quinta-feira chegou rápido. Depois do trabalho, parei em casa e peguei meus apetrechos de *stripper* com as mãos tremendo. Voltei para o centro da cidade cedo demais e tentei matar o tempo numa megalivraria, me arrastando junto com velhos solitários e estudantes estrangeiros. Como tudo no centro de Minneapolis, a livraria apagou as luzes e fechou às 21 horas, e fui forçada a me dirigir ao bar. Dentro do Skyway Lounge, o ar esfumaçado dava ao ambiente a cor de um hematoma feio na canela.

O turno da noite estava a pleno vapor. Uma *stripper* subiu no palco com um biquíni que brilhava no escuro, fazendo caretas para qualquer um que ousasse olhar para outra direção. Todo o lugar exalava indiferença. Apresentei-me na porta e fiquei aliviada ao ver que o Grisalho não estava lá.

– Estou aqui para a Noite Amadora – disse ao rapaz com pinta de gerente na chapelaria. Ele foi o primeiro dos homens perturbadoramente bem apessoados que encontrei na indústria. Verdadeiros homens de terno e gravata, os garotos de ouro do comércio de corpos. Não faço a menor ideia de como esses mauricinhos acabam trabalhando no *bas-fond* (***Bas-fond*** = bairros mais miseráveis de uma cidade). O que aconteceu com os empregos para iniciantes nas firmas de venda de copiadoras?

REFLEXÕES XXVI

– Ótimo – respondeu o garotão, me dando uma prancheta. – Escreva seu nome de guerra na lista. Pensei um pouco e escrevi “Docinho”. Achei bem engraçado.

– Okay, Docinho. A gente avisa quando estiver na hora de se vestir – disse o garotão. – Sinta-se à vontade para pegar um drinque se já tiver idade.

Mais *bien sûr!* Enquanto o *barman* checava minha identidade, percebi um bando tranquilizador de *strippers* com jeito de meninas bebendo refrigerante e fumando. Uma delas usava calcinhas de algodão e marias-chiquinhas meio tortas. Ela se encolhia e chiava cada vez que um cliente passava e apertava seus peitos.

De repente, ocorreu-me que eu seria uma das garotas mais velhas na competição, talvez a veterana naquele desfile de criancinhas. Aos 24 anos, aqui estava eu, cercada por adolescentes cobertas de lycra e exalando nuvens mentoladas na escuridão. Elas olhavam minha sacola com um misto de hostilidade e interesse. Estava na cara que eu não era uma profissional. Acenei para elas e olhei em volta do salão para detectar outras rivais em potencial. Houve uma rajada de ar gelado, e uma garota entrou no bar carregando uma mala do tamanho de uma banheira. Ela tinha cabelo ralo, num tom vermelho-ketchup, cara de coelhinho da Páscoa e dentes estragados. Não sei por que, mas ela era interessante de um jeito decadente. Deu um *show* ao arrastar sua mala estufada até uma mesa e se mandou para o bar.

– Tem um cigarro? – perguntou ela.

– Não fumo – desculpei-me. – Só bebo. Muito.

– Eu ainda não posso beber – disse a garota, sorrindo como a foto do “antes” num consultório de dentista. – Só tenho 19 anos. – Ela notou minha sacola. – Você também veio para a Noite Amadora?

– É – disse eu, esperando me solidarizar com uma

REFLEXÕES XXVI

companheira iniciante. – Estou tão nervosa. Estou entrando em pânico. E você?

– Que nada, eu não. Faço *strip* há dois anos e nunca perdi uma Noite Amadora – disse a garota, com as gengivas inflamadas brilhando.

A *stripper* que estava no palco tinha tirado o sutiã e lançava insultos à multidão indiferente.

– Eu estou pelada, porra! – gritou ela. – Vocês podiam pelo menos olhar para mim!

Um sujeito meio careca caiu numa gargalhada que mais parecia um *milk-shake* de nicotina sendo batido no liquidificador. Logo apareceu uma mulher com uma prancheta no pé da escada que levava ao camarim.

– Todas as participantes da Noite Amadora subam e se arrumem – gritou ela, com as mãos na cintura. Éramos sete. Fomos reunidas numa sala mal iluminada, com teto baixo e do tamanho de uma caixa de lenços de papel. A mulher que segurava a prancheta se apresentou como a “mãezona”, uma putinha violenta e louca por grana, vestindo jeans desbotados e com cara amarrada que, de algum jeito, parecia ter 15 e 50 anos ao mesmo tempo. A mãezona nos analisou rapidamente e disparou as regras da competição:

1. Não tocar nos clientes durante a *performance*. (Não que eu estivesse tentada a fazer isso, já que a maioria dos caras no bar parecia ter os ombros atrofiados e ser bem desprezível, como se vivessem à base de cigarro, conhaque barato e batatas fritas).

2. Não tirar a calcinha para mostrar o patrimônio. (Ah, droga... Eu queria tanto dar uma amostra grátis da minha perereca).

A mãezona nos deu o que era eufemisticamente chamado de “arquivos pessoais”: formulários em branco, com perguntas sucintas sobre nossos *hobbies* (crochê? colagem?) e posições

sexuais favoritas (cachorrinho? frango assado?).

Deveríamos preencher as fichas e entregá-las ao DJ. Ele então compartilharia esses perturbadores detalhes pessoais com o público enquanto fazíamos nossas *performances*.

Uma das competidoras, apelidada de Destinée, que lembrava a tenista Venus Williams bêbada, parecia perplexa com seu perfil pessoal. Visivelmente menstruada, semivestida com uma camisola rendada, ela olhava para as perguntas.

– Não consigo ler isso. Alguém pode me ajudar a preencher? – perguntou ela, usando um bolo de papel higiênico para absorver o sangue que transbordava como uma enchente mexicana. Li as perguntas, mas ela não escutava. Seus olhos estavam inexpressivos e evasivos enquanto o sangue viscoso enchia suas mãos frouxamente transformadas em recipiente. Apressadamente, preenchi seu formulário com respostas inventadas. Acho que escrevi que ela queria ser harpista.

Kayla, a ruiva com quem eu havia falado, agora estava nua em frente ao espelho, apertando orgulhosamente seus seios pequeninos. Parecia pesar uns 40 quilos, os dois conjuntos de costelas visíveis através de sua carne translúcida. Ela me lembrou da mulher de vidro do Museu de Ciência de Chicago, cujos sistemas vasculares e o tecido do peito acendiam com um aperto de botão.

– Acabei de ter um filho e olha como estou bem! – berrou Kayla, batendo na sua barriga côncava. As outras garotas a ignoraram e se enfiaram em suas velhas *lingeries*. Uma negra estonteante e sensual, reluzente como uma peça de xadrez, se gabava dos 3 mil dólares que ganhara fazendo *strip* na semana anterior. Ela me examinou friamente enquanto eu ajeitava meu boá preto nos ombros.

– Você tem classe – declarou ela. – Deveria dançar num lugar sofisticado.

Murmurei um “obrigada” por entre meu boá e uma pena entrou na minha boca. Depois de umas rápidas perguntas,

descobri que havia apenas duas autênticas amadoras na nossa equipe: eu e uma adolescente do Sudeste Asiático que havia trazido pelo menos quinze amigos para dar apoio moral. As outras faziam parte do circuito de *strip* da cidade e entraram no concurso pelos 200 dólares fáceis. Estava fodida! Sem coordenação motora, sozinha e obviamente meio passada, senti que não tinha chance.

Ainda assim, estava surpresa com o fato de que as garotas eram comuns. Sempre imaginei as *strippers* como as jezebéis dos quadros, vigorosas e perfeitamente pintadas, embelezadas pela genética e cheirando a perfumes doces como Passion. Mas ali, na luz amarelada do camarim, vi unhas roídas com voracidade, vulvas mal depiladas, peitos que pendiam como velhas meias esportivas e corpos de todos os feitios e modelos, da Ferrari ao Ferrado. Certo, eu estava num bar de *strip* de segunda categoria num dos estados menos glamorosos do país, mas mesmo assim... Se essas garotas podiam ficar peladas sem assustar a clientela, eu certamente podia tirar a roupa sem medo de ser expulsa do palco por uma multidão histérica. Minha confiança aumentou sensivelmente.

Entregamos nossos arquivos pessoais ao DJ e desci a perigosa escada rumo ao andar principal. Aquele concurso duvidoso estava para começar e os frequentadores estavam inquietos. Tudo aconteceu muito rápido: fui a segunda, depois da surpreendentemente equilibrada Destinée (que parecia bem-sucedida em estancar seu sangramento). Respirei fundo e galopei para o palco ao som de Rag Doll, do Aerosmith. Estava preocupada com o meu equilíbrio sobre as mortíferas muletas cor-de-rosa, então me pendurei no poste e girei como uma cigana. Arranquei logo meu *top* para acabar de vez com aquilo.

O público parecia estar se divertindo, o tipo de reação esperada dos que olham para peitos, e alguns deles jogavam dinheiro no palco. Enquanto eu balançava entusiasmada o boá sobre a cabeça, olhei para meus seios nus, quase sem acreditar que ainda estavam ali. Meio que tinha esperado que eles se desintegrassem com a exposição, como vampiros retirados de

REFLEXÕES XXVI

seus caixões em pleno dia. Saltei para fora da minissaia de vinil com alguma dificuldade, chutei-a e então caminhei pela passarela vestindo nada mais do que minha calcinha super-resistente.

– Conheçam Docinho! – gritou o DJ por cima da música. – Aqui diz que seus *hobbies* são ir para balada e fazer boquete! Suas posições sexuais preferidas são todas!

Sorri envergonhada para a multidão, que me olhava maliciosamente, e dei de ombros como se dissesse: “O que posso dizer? Sou uma ninfomaníaca excêntrica!” Um cara malvestido botou uma nota de 5 dólares no palco.

– Você tem que ganhar! – disse ele, e assobiou através da barba comprida à la ZZ Top.

Com a coragem renovada pelo cumprimento amistoso, decidi tentar um truque com o poste. Tinha visto *strippers* veteranas fazerem movimentos voadores, e presumi que não devia ser tão difícil. No entanto, como você deve lembrar-se, às vezes elas caem do cavalo — ou do poste. Quando tentei passar uma perna em volta dele e rodar, um dos meus sapatos de salto fino prendeu, e o poste ficou no espaço entre o salto e a sola. Passei os desesperadores segundos seguintes (que na verdade pareceram um ano) tentando me desprender enquanto o público e as outras concorrentes gargalhavam. Oh, diabos!

Finalmente consegui libertar meu salto do poste e terminei a apresentação com o rosto rosa de alívio. Foi bizarríssimo ficar no palco quase pelada, já que sempre fui o tipo de garota que transa no escuro. Houve um leve pipocar de aplausos mornos e corri para fora do palco, protegendo meus seios dos olhares curiosos como se fossem filhos de celebridades.

Enquanto olhava as outras garotas, percebi que havia ignorado as modas no *strip-tease*. Em primeiro lugar, elas reclinavam as costas e abriam as pernas o suficiente para personificar um daqueles filmes educativos sobre os órgãos reprodutivos femininos. Chamavam isso de “trabalho de chão”

(um termo que parecia inapropriadamente olímpico para um espetáculo tão pouco qualificado), o que provocava assobios de admiração da galera de pênis. Além disso, nenhuma sorria no palco, optando por expressões que iam da semi-inconsciência causada por soníferos a uma raiva abrasadora.

O julgamento foi feito com decepcionante falta de cerimônia (havia me imaginado com os braços cheios de rosas, uma coroa com diamante falso encarapitada no meu cabelo fedendo a fumaça). A gente se alinhou no palco, e o DJ mandou o público aplaudir a garota que queriam que ganhasse. (Diante dos aplausos fracos, dei um passo à frente e fiz um golpe de *kung fu*, em busca de redenção). A asiática que parecia um cisne ganhou facilmente, já que havia trazido uma torcida organizada digna de um grande time de futebol. As outras garotas fizeram beicinho e marcharam para fora do palco sem grande alarde.

Não me importei muito com a derrota. Só queria botar minha roupa e ir para um lugar que não cheirasse mal. No camarim, a jovem Kayla estava puta. O rosto da garota estava vermelho, fervendo, e ela batia seus cascos de plástico como um cavalo treinado para contar.

– Nunca perdi uma Noite Amadora – bufou ela. – Deveria ter feito mais trabalho de chão. Normalmente enrosco minhas pernas em volta da cabeça e lambo meu cu. Os caras amam. Mas como hoje não tomei meu analgésico, não deu para fazer.

– Não se preocupe. Você poderá lambar seu cu da próxima vez – disse eu.

Pus de volta meu uniforme diário de trabalho, saí e chamei um táxi. Quando voltei ao útero bege do apartamento, Jonny e sua filha estavam dormindo em seus respectivos quartos. Podia ouvir a respiração irregular da criancinha e o ronco alto dele. Brinquedos de menina se amontoavam no tapete da sala, incluindo uma orgia de Barbies nuas, que terminara com um desmembramento parcial das bonecas. Uma caixa de suco vazia e amassada estava largada na mesa da cozinha, o

REFLEXÕES XXVI

perfeito símbolo da inocência. Eu me sentia abalada, mas segura, como se tivesse saído de um abrigo subterrâneo depois de uma explosão no atol de Bikini.

O Skyway Lounge nunca havia sido real para mim. Agora que eu havia estado lá e visto a vida real daquelas garotas, andando e conversando, sobrevivendo e fumando cigarros mentolados, o universo do *strip* não era mais tão distante quanto o Brasil (apesar de esses dois mundos terem em comum o estilo de depilação). Eu sabia que ia voltar. ●

Diablo Cody escritora americana, ganhou no ano passado o Oscar de melhor roteiro original pelo filme *Juno*.

Artigo publicado na Revista PIAUÍ, edição 26, novembro de 2008

Uma breve história do sexo

Marcia Kedouk



Desenhos, pinturas e objetos antigos revelam que não há nada de moderno em querer ter o máximo de prazer

Eles já tinham encontrado 13 pedaços. Faltava um.

E então, em 2005, o fragmento de rocha completou o quebra-cabeça daquele objeto *sui generis*: um falo de 20 centímetros de comprimento e 3 de espessura, altamente polido e com anéis talhados na base da

glande. É o primeiro consolo da humanidade encontrado até agora, que pode ter sido usado como instrumento de prazer 28 mil anos atrás.

O local em que o acessório estava, a caverna de Hohle Fels, na Alemanha, é um dos mais importantes sítios arqueológicos do mundo. Foi lá também que a equipe liderada pelo americano Nicholas John Conard, da Universidade de Tübingen, achou em setembro de 2008 os seis

Close up of a man holding a woman's arms down in bed

fragmentos de uma escultura feminina de pelo menos 35 mil anos de idade. Com 6 centímetros de altura e feita com marfim da presa de um mamute, a Vênus de Hohle Fels, como foi apelidada, tem enormes seios, uma fenda profunda que vai do bumbum avantajado até a vulva e pernas entreabertas, por onde se veem generosos grandes lábios.



Outra Vênus, a de Willendorf, vila na Áustria onde foi desenterrada, mede 10 centímetros, tem 24 mil anos de idade

e também exibe peitão, bundão e genitais exuberantes. A diferença em relação à de Hohle Fels é que ela tem cabeça. A outra, não. Em vez disso, o que existe acima do tronco é um anel, indicando que ela pode ter sido usada suspensa por um cordão. Um amuleto, um enfeite.

Referências sexuais da Pré-História não são raras. Existem cerca de 200 Vênus, que receberam dos arqueólogos esse nome em homenagem à deusa da beleza e do amor na mitologia romana. Não faltam também desenhos e esculturas com conotação erótica. Na França, encontraram uma rocha com vulvas talhadas há aproximadamente 35 mil anos e um pênis de 25 centímetros, moldado 36 mil anos atrás em um chifre de bisão. Na caverna de La Marche, também em terras francesas, há paredes cheias de desenhos de posições sexuais feitas há 14 mil anos.

O Brasil é outro país rico em registros pré-históricos. No Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, pinturas rupestres tomam mais de 700 sítios arqueológicos. Entre os quatro temas que mais aparecem nos grafismos estão as práticas de sexo, ao lado de representações de dança, caça e rituais em torno de árvores. E tem de tudo: em dupla, a três, em grupo, com animais, em posições mirabolantes.

Segundo a arqueóloga paulista Niède Guidon, alguns achados da Serra da Capivara datam de 50 mil anos atrás, tese que contraria a teoria mais aceita sobre a chegada do homem à América pelo estreito de Behring, entre a Sibéria e o Alasca, há 13 mil anos.

Como não dá para dizer ao certo quando e como nossos antepassados trocavam carícias e fluidos, as esculturas, os desenhos, as pinturas e os utensílios são apenas pistas que os arqueólogos seguem para entender os primórdios da sexualidade humana. E aí as conclusões podem mudar de acordo com a interpretação do freguês.

Uma parte dos pesquisadores defende que as cenas de sexo são apenas artísticas, as representações dos genitais são

objetos em homenagem a deuses da fertilidade e as várias estatuetas femininas são fruto de uma era em que as mulheres eram veneradas como a Mãe Terra. Isso explicaria o fato de aparecerem tão voluptuosas, porque estariam grávidas, prestes a dar à luz uma nova vida.

Por outro lado, existe quem alerte para esse tipo de interpretação, considerada moralista por alguns arqueólogos, como o americano Timothy Taylor. Para ele, vulvas destacadas, pênis cuidadosamente polidos e desenhos eróticos falam por si próprios, indicando que a pré-história do sexo era livre de monotonia. A Antiguidade também.

Sex in the city- Receber dinheiro em troca de sexo era uma atividade regulamentada em Roma e na Grécia antigas. Os preços eram controlados e os serviços taxados para o pagamento de impostos. Há documentos mostrando que não só as mulheres se prostituíam, mas homens também, geralmente para o mesmo público-alvo: a clientela masculina. Na Grécia, existiam duas classes principais de prostituição. As pornais, que atendiam em bordéis ou nas ruas e eram escravas, pobres ou adolescentes rejeitadas pelos pais, e as hetaeras, cortesãs bem educadas que serviam de acompanhantes de homens da classe alta.

Em Roma, as profissionais do sexo também recebiam nomes diferentes de acordo com o lugar em que se exibiam e a classe social. As fornicatrices (do latim fornix, que significa arco), por exemplo, ficavam nas ruas sob arcos ou espaços abobadados. Mas havia um termo para definir todas elas: lupas (lobas), possivelmente uma alusão à loba que, na lenda da criação de Roma, amamentou os gêmeos Rômulo e Remo – Rômulo foi o fundador da cidade. Os bordéis romanos eram chamados de lupanares (casa das lobas). O mais famoso deles, com dez quartos e dois andares, é o de Pompeia, um dos sítios arqueológicos mais preservados do mundo.

Pompeia foi destruída com a erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., que petrificou e manteve intactos vários objetos, obras de

REFLEXÕES XXVI

arte e até corpos de vítimas na posição em que morreram. As escavações revelaram esculturas, pinturas e desenhos considerados um tapa na cara da sociedade. Como as imagens de Príapo, deus greco-romano da fertilidade, representado com um falo gigantesco e sempre ereto. O termo priapismo, distúrbio em que a ereção se prolonga e causa dor, foi originado dele. A mitologia egípcia também tem um deus da fertilidade, Min, retratado com um pênis igualmente enorme e em riste.

Mas o objeto que mais arregalou os olhos foi a escultura em mármore de uma figura metade humana, metade bode penetrando uma cabra. Trata-se de Pã, deus grego da natureza associado a Fauno pelos romanos. Pã é responsável por multiplicar os rebanhos.

O culto aos deuses era comum entre os romanos. Só em Pompeia existiam quatro templos dedicados a eles e decorados com imagens que traduziam suas sagas no céu e na Terra.

Interpretações menos divinas mereceram as pinturas que adornavam as paredes dos lupanares, das casas de banho e, dizem os arqueólogos, de residências comuns. Essas mostram claramente duas, três ou quatro pessoas transando em posições variadas. Canecas e lamparinas enfeitadas com imagens eróticas, sinos de vento com falos pendurados e amuletos de pênis também despertaram interjeições de espanto. Sem contar as moedas de bronze que, de um lado, exibem um número – de I a XVI – e, de outro, uma cena de sexo explícito.

Essas fichas povoam o imaginário do homem moderno que habita laboratórios. Alguns dizem que eram usadas nos bordéis de acordo com o serviço que o cliente queria e o número do quarto em que ele receberia. Ou quem sabe o número gravado ali significava o preço pago pelo pedido. Outros acreditam que, da mesma forma que canecas com peitos, bundas e falos são apenas canecas – de gosto duvidoso, diga-se de passagem –, as moedas seriam *souvenires*

decorativos.

Vários achados de Pompeia e da cidade vizinha Herculano vieram à tona no século XVIII. Foram considerados tão pornográficos que só saíram do porão para a exibição pública no ano 2000, no Museu Arqueológico Nacional, em Nápoles, onde elas se exibem, com discrição, até hoje. O acervo com 250 peças fica no reservado “Gabinete Secreto”. Quem quer visitá-lo precisa mencionar isso na hora de comprar o *ticket* na entrada do museu. O período máximo de permanência na sala é de 45 minutos e menores de 14 anos só entram com o acompanhamento dos pais ou professores.

Mas nem só de lupanaria vivia Roma. O amor romântico era celebrado nas palavras do mais famoso poeta da época, Ovídio, que viveu entre os séculos 1 a.C. e 1 d.C. Ovídio era bastante respeitado quando decidiu escrever uma trilogia chamada *A Arte de Amar*, um manual de sedução para homens e mulheres: “O amor é como a guerra. A covardia é inútil nos serviços do amor. A noite, o inverno, as longas marchas, o sofrimento cruel, o trabalho árduo, todas essas coisas têm de ser suportadas por aqueles que lutam nas campanhas do amor. Você precisa colocar o orgulho de lado. Se o acesso à sua amada for negado, se a porta dela se fechar contra você, suba pelo telhado e entre pela chaminé, ou pela claraboia. Como ela vai ficar encantada ao saber dos riscos que você correu por ela!”

Apesar das odes ao amor, a obra não foi bem recebida. O imperador Augusto, que governou entre 27 a.C. e 14 d.C., mandou o poeta para o exílio no ano 8 e, segundo sugerem relatos do próprio Ovídio, um dos motivos para esse triste desfecho pode ter sido uma de suas obras. Augusto queria restabelecer a moral romana e criou leis que incentivavam o casamento, a geração de filhos e a monogamia. *A Arte de Amar* seria um incentivo ao adultério.

Enquanto isso, do outro lado do Mediterrâneo...

Por baixo dos panos- Os egípcios acreditavam que o

coração era o centro do corpo e da alma. E que dele partiam todas as veias rumo às extremidades. A principal delas terminava no dedo anular da mão esquerda, motivo que explicaria, na visão deles, o fato de o órgão ser deslocado para esse lado. Os casais deveriam usar naquele dedo um aro de metal para prender o coração do outro – e nós adotamos essa tradição também. O material do anel variava de acordo com as condições econômicas da família. O importante dessa história é que o círculo, que não tem começo nem fim, simboliza a eternidade. Portanto, a aliança é uma união para todo o sempre.

Existem poucos indícios de poligamia entre aquele povo, a não ser nos haréns dos faraós. O adultério era moralmente condenável para ambos os sexos. Só que nem todos os amores duravam para sempre. Há registros de divisão de bens e de divórcios pedidos por homens e mulheres, que tinham os mesmos direitos perante a lei, embora socialmente as esposas fossem submetidas às vontades do marido, e as solteiras, dos pais e dos irmãos.

Sobre os achados egípcios, não se conhecem muitos artefatos que escancaram a intimidade a dois, nem a três, nem a quatro. Os adornos e pinturas são mais simbólicos e fazem alusões à fertilidade e aos deuses. Por exemplo, naqueles tempos havia a crença de que o sexo levava ao renascimento depois da morte. Como eles precisariam do corpo na vida eterna, há múmias com pênis ou mamilos de metal anexados, para que pudessem usá-los no além.

Não significa que o povo por lá só fizesse sexo para a procriação. Indicativo disso são as fórmulas contraceptivas encontradas no Papiro Ebers, um dos mais antigos tratados médicos preservados até os dias de hoje. O documento data de 1552 a.C. e reúne 700 registros de um conhecimento que pode ser ainda mais antigo. Estudiosos acreditam que o tratado tem compilações de práticas feitas desde 3000 a.C.

Outro papiro, o Kahun, foi elaborado em 1825 a.C e é um

compêndio ginecológico de 34 parágrafos, dois deles dedicados a fórmulas para evitar a gravidez. Entre os ingredientes da geleia para aplicação íntima estava o mel, possivelmente eficiente porque reduziria a mobilidade dos espermatozoides, e o leite azedo, por liberar ácido láctico, ingrediente que altera o pH da vagina e torna o ambiente nocivo às células sexuais masculinas. Sobre a eficácia das técnicas, não há nada comprovado.

Os primeiros testes de gravidez da história também podem ter sido invenções egípcias. Nos papiros estão documentadas práticas como a de urinar durante alguns dias sobre duas bolsinhas de tecido, uma contendo sementes de trigo e outra, de cevada. Se a de trigo germinasse, a mulher estava grávida de uma menina. Se a de cevada germinasse, era menino. Se nenhuma vingasse, ela não estava grávida, e se as duas fossem para a frente, haveria dúvida em relação ao sexo.

Trigo e cevada contêm fitoestrógenos, que atuam nos vegetais de forma semelhante aos hormônios sexuais humanos. Na gravidez, os níveis de estrogênio disparam. Pode ter aí uma relação entre a ação da substância encontrada em abundância na urina das gestantes e a germinação dos grãos. Sobre o sexo do bebê, segundo uma pesquisa da Universidade de Tel Aviv, em Israel, os níveis do hormônio HCG, produzido somente na gravidez e responsável pela elevação de estrogênio e progesterona no organismo, são em média 25% maiores na presença do feto feminino do que no masculino. Isso sugere que é possível existirem diferenças entre a composição bioquímica da urina das grávidas de meninos e de meninas. Agora, se isso faz brotar trigo em vez de cevada, a ciência ainda não investigou.

Mas voltando à sacanagem... Entre quatro paredes, o negócio esquentava. É o que se vê no papiro mais erótico encontrado na região até agora, pintado entre 1292 e 1075 a.C. e exposto em Turim, na Itália. O documento é conhecido desde 1822, mas só em 1970 teve o conteúdo principal divulgado: 12 cenas em que homens com membros enormes transam com

mulheres em posições acrobáticas. O papiro ganhou o apelido de Kama Sutra egípcio. Mas é fichinha perto do famoso livro indiano.

Como enlouquecer uma romana na cama- Os conselhos do poeta romano Ovídio para homens apaixonados se saírem bem na conquista.

1. Não forceis a barra se ela não tiver vontade.

“O prazer que me é concedido por dever não me agrada; eu não quero que uma mulher me deva prazer. Quero ouvir palavras que traduzam a alegria que ela sente, me pedindo para ir mais devagar e me conter. Gosto de ver o olhar lânguido de uma amante que desfalece e que, esgotada, não quer ser tocada por um bom tempo.”

2. Não vos apresseis.

“Cria-me, não te apresses para atingir os limites do teu prazer. Aprendes a chegar ao objetivo gentilmente, com uma excitação progressiva.”

3. Aprendei, de uma vez por todas, onde fica o clitóris.

“Quando tiver encontrado o santuário da bem-aventurança, não deixes nenhum pudor tolo prender tua mão. E então verás a luz do amor trepidar nos olhos dela, assim como raios de sol brilhando em ondas dançantes. Depois se seguirão suaves gemidos misturados com murmúrios de amor, grunhidos e suspiros macios e palavras sussurradas que incitam o desejo.”

4. Não chegueis primeiro.

“Tenha cuidado! Observai que, se aprofundar demais tua vela, deixarás para trás tua amada. Também não deixes que te tome a dianteira. Deveis alcançar juntos o prazer prometido. A plenitude da volúpia é quando, vencidos os dois, homem e mulher jazem extenuados.”

5. Apagai algumas luzes.

REFLEXÕES XXVI

“Não deixes que a luz inunde de todo teu quarto: há muitas partes do corpo que são favorecidas pela meia-luz.”

Este conteúdo foi originalmente publicado no Livro Proibido do Sexo: o amor, o prazer e a sacanagem, da jornalista Marcia Kedouk. ●

Marcia Kedouk

Artigo publicado na Revista SUPERINTERESSANTE, edição 385, em fevereiro de 2018